

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde

Alessandra Rosa

**“Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as idéias de
Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia
(1929-1933)”**

Rio de Janeiro

2005

ALESSANDRA ROSA SANTOS

“Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Robert Wegner

Rio de Janeiro

2005

R789q ROSA, Alessandra
Quando a Eugenia se distancia do Saneamento:
as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no
Boletim de Eugenia (1929-1933)/ Alessandra Rosa. - Rio de
Janeiro: 2005.
126f. ; 30cm.

da Dissertação (Mestrado em História das Ciências
Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2005.
Bibliografia: f.119-126.

Saneamento. 1. Eugenia. 2. História das ciências 3.
Domingues, 4.Publicações Periódicas. 5. Kehl, Renato. 6.
Octávio. 7. Brasil

CDD 509

ALESSANDRA ROSA SANTOS

“Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Aprovada em junho de 2005.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robert Wegner - Orientador
Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Prof. Dr. Marcos Chor Maio
Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Prof. Dr. Ricardo Ventura Santos
ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública
Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Cristiana Facchinetti (suplente)
Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Rio de Janeiro
2005

Dedicatórias

A DEUS, o único que sabia desde o início que tudo seria desta forma.

Aos meus pais, Roberto e Evelyn, minha eterna gratidão. Seu amor incondicional me acalenta a alma e acalma o coração. Nunca estarei à altura de vocês, mas espero honrá-los sempre. Agradeço a bênção de ter vocês como meus amigos, exemplos de fé, caridade, honestidade e perseverança inspirando meus projetos e sendo a fonte da minha vida. Sem vocês, eu jamais teria chegado aqui.

Ao meu irmão, Roberto Jr., esperança. Que sua vida seja linda! Você pode contar comigo sempre que quiser e precisar. Seu talento permitirá um futuro de sucesso por sua seriedade e porque você sabe valorizar este dom que DEUS lhe deu. Me orgulho muito de você porque em várias situações, mostrou-se maduro e me apoiou com firmeza e amor.

Ao meu companheiro, Décio, agradeço pela imensa compreensão. Agradeço pelos inúmeros “nãos” que você ouviu e aceitou: “não posso”, “não dá”, “não posso ir”, “não tenho tempo”, “não consigo”... Obrigada por ter compreendido que neste momento, o mestrado era muito importante para mim sem duvidar, um instante sequer, do imenso amor que sinto por você.

AGRADECIMENTOS

A **Robert Wegner** – meu orientador de fato, pela paciência e principalmente por acreditar em mim quando eu menos demonstrei capacidade.

Aos **professores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde** que, com suas discussões me alimentaram com informações imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Aos professores **Cristiana Facchinetti** e **Marcos Chor Maio**, membros de minha banca de qualificação pelas orientações, críticas e sugestões.

Aos colegas de minha turma por contribuírem com suas idéias para meu trabalho, com conselhos para minhas dúvidas e com bom humor para superar as dificuldades. Em especial, agradeço a **Maria Cláudia** (lá da encantadora cidade de Diamantina por suas colocações filosóficas e por transmitir a tranqüilidade de quem espera da vida desafios e dissabores com o mesmo entusiasmo), **Marcio Rangel** (bom humor, objetividade esclarecedora e equilibrada permitindo comentários precisos e extremamente necessários), **Cláudia Teixeira** (sabedoria típica de quem viveu muito bem as experiências pelas quais passou e é generosa o suficiente para dividi-las) e **Patrícia Jacques** (perspicácia, companheirismo e acima de tudo, convicta de suas opiniões), pelas conversas ora informativas ora de puro apoio moral.

Às colegas de turma **Arlene** e **Paula** por não desistirem e superarem as “surpresas” que o destino lhes conferiu com coragem, fé e principalmente, competência. Inspiraram-me muito a superar dificuldades que encontrei, mas que não eram nada perto do que vocês passaram. **PARABÉNS!**

A amiga **Ana Cláudia Vazquez**, companheira de muitos anos, pela confiança em minha competência, pela paciência na espera da realização de um projeto profissional em conjunto comigo, pela colaboração em minhas realizações e por me lembrar sempre que DEUS sabe o que faz.

À **Danyelle, Karla** e **Valesca** por me agüentarem no auge do *stress* e compreenderem que nem sempre eu era capaz de ser a referência que esperavam e precisavam. Ainda me sinto responsável por vocês mesmo que hoje, sejam minhas amigas de profissão. Contudo, as amo como filhas.

Agradeço à **Cláudia** e **Ariane** pelo apoio que sempre me deram em todas as vezes que precisei. Vocês são minhas “anjas-da-guarda”. Aos **funcionários da biblioteca da COC** pelo atendimento sempre atencioso e eficiente.

Aos amigos que se acostumaram com a minha ausência desde que entrei no mestrado em quase todos os compromissos a que fui convidada, mas que souberam compreender que apesar da ausência física, meu coração permanecia com vocês.

A **FAPERJ** pelo patrocínio de mais uma etapa da minha vida acadêmica e até este momento, meu maior desafio.

RESUMO

Este trabalho analisa as discussões publicadas no periódico intitulado Boletim de Eugenia (1929-1933) acerca dos propósitos eugênicos no Brasil. O primeiro número desta publicação circulou em Janeiro de 1929 e seu editor, Renato Kehl, definiu que seu objetivo com a publicação do referido periódico era auxiliar a campanha em prol da Eugenia para os elementos que compunham a intelectualidade brasileira e demais cidadãos preocupados com o destino nacional. Os contextos político e intelectual interferiram diretamente na constituição do movimento eugênico no Brasil implicando peculiaridades na apresentação de orientações teóricas diferentes sobre o aprimoramento humano alimentando discussões sobre os meios adequados para a promoção da regeneração dos indivíduos na promoção de uma identidade nacional que permitisse o progresso do Brasil. Entre as iniciativas realizadas para promover a regeneração da população brasileira foi a campanha sanitária que além de contrariar teses racialistas que consideravam o Brasil um país inviável pela constituição de seus indivíduos, configurou uma tradição de práticas saneadoras para promover a melhoria das condições de saúde da população permitindo que os indivíduos perpetuassem estas melhorias através de seus descendentes. À partir da convicção que estas ações empreendidas eram concordantes com os propósitos eugênicos, uma afirmação foi propagada: “Sanear era Eugenizar”. O Boletim de Eugenia foi um veículo que permitiu a propagação de idéias sobre a ciência do aperfeiçoamento humano (eugenia) através de discussões produzidas pela coexistência de teorias diferentes sobre a forma pela qual o aprimoramento era perpetuado. Em especial, a discussão privilegiada por este trabalho refere-se a um “dilema”. A partir deste dilema, atores sociais se apresentam pouco a pouco demonstrando que suas idéias eram resultado de fatores políticos, sociais e culturais. Cada idéia defendida possuía uma base teórica e implicava definições de progresso, julgamento de indivíduos aptos e inaptos e principalmente, definiam que ações eram eficazes e seus responsáveis para administrá-las.

ABSTRACT

The present work analyzes discussions published in a periodic named *Boletim de Eugenia* (1929-1933) about eugenics` purpose in Brazil. This publication had its first number published in 1929 January; its publisher, Renato Kehl, defined that the objective were to help to promote the eugenics advertising among brazilian intellectuals and worried citizens about national destiny. Political and intellectual contexts influence directly the brazilian eugenics movement constitution to promote a peculiar theoretical orientation exposition about human improvement allowed discussions that explain adequate ways to promote the population regeneration due to criate great conditions for a defined national identity that could allowed Brazil`s progress. The actions to get the brazilian population regeneration were important but among these actions, it`s possible to identify the sanitarist movement in a different way because were against racialist thesis that considered Brazil as a infeasible country because its citizens constitution and the tradition to promote the health improvement was the sanitarist that allowed people to perpetuate qualities through the descent. The certainty that sanitary actions were eugenics actions to constitute an assertive: "To sanitate were to eugenize". *Boletim de Eugenia* was a vehicle to disseminate human improvement science ideas (eugenics) because discussions were produced due to the theories variety about the right way to get the improvement and to perpetuate. This work privileged an especial discussion that suggested a "dilemma" whose social actors allowed to consider that their ideas were a result of political, social and cultural factors. It was possible to see that each idea means a theoretic base, a definition of progress, the way to identify capable and unable to define strategic actions and the adequate people to manage them.

SUMÁRIO

Dedicatórias	IV
Agradecimentos	V
Resumo	VI
Abstract	VII
Apresentação	01
Capítulo 1 – Ciência e Sociedade	05
Capítulo 2 – Eugenia, contextos internacionais e o caso brasileiro	11
Introdução	11
2.1 – Discussões sobre raça	12
2.2 – A ciência eugênica	18
2.2.1 – Eugenia: ciência e política	18
2.2.2 – A Eugenia como movimento social	21
2.3 – Projetos nacionais e suas demandas	25
2.4 – Sanear é Eugenizar	31
2.4.1 – Sanitarismo	31
2.4.2 - Eugenia	37
2.5 – A eugenia se organiza	40
2.5.1 – Sociedade Eugênica de São Paulo	40
2.5.2 – Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)	42
2.5.3 – I Congresso Brasileiro de Eugenia	46
Capítulo 3 – O Boletim de Eugenia (1929 – 1933)	50
Introdução	50
3.1 – Apresentando o Boletim de Eugenia	53
3.1.1 – Renato Kehl e o Boletim de Eugenia	53
3.1.2 – Formato e Temas	54
3.2 – Sanear é Eugenizar?	61
Introdução	61
3.2.1 – Neolamarckismo e Mendelismo no I Congresso Brasileiro de Eugenia	61
3.2.2 – Renato Kehl e o “impasse”	68
Capítulo 4 – Sanear não é Eugenizar	75
4.1 – Renato Kehl e Belisário Penna	75
4.2 – Octávio Domingues	95
Conclusão	113
Bibliografia	114
Anexo I – Lista de artigos do Boletim de Eugenia e referidos autores	
Anexo II – Artigos de colaboradores nacionais e internacionais do Boletim de Eugenia	
Anexo III – Outros artigos de Renato Kehl publicados no Boletim de Eugenia	

Apresentação

Nesta pesquisa pretendo investigar o movimento eugênico brasileiro através das idéias divulgadas no periódico intitulado Boletim de Eugenia. Meu contato com o tema começou com uma pesquisa de iniciação científica que realizei com uma equipe multiprofissional da COC / FIOCRUZ cujo objetivo era a elaboração de um guia de fontes sobre a psiquiatria no Brasil. Entre as publicações relacionadas, o Boletim de Eugenia despertou meu interesse porque divulgava uma ciência cujo propósito principal consistia na regeneração da população brasileira como solução para o contexto de atraso e decadência identificado pela elite do país e reforçada por uma série de teorias racialistas e racistas que identificavam na miscigenação intensa do Brasil, a fonte de degeneração e a impossibilidade de desenvolvimento e de constituição de uma nação organizada e próspera. Interessei-me especificamente pelas idéias veiculadas no periódico e a mobilização de alguns intelectuais brasileiros em prol da campanha que disseminava a necessidade de melhoria progressiva da saúde da população através do incentivo e promoção da transmissão de boas características por herança para as gerações seguintes.

Em fins do século XIX e começo do século XX, identificava-se no Brasil um estado geral de enfermidade e de condições de vida insatisfatórias da população que inviabilizavam a constituição de uma identidade nacional. O movimento sanitário promovido por médicos e profissionais de saúde representou uma reação à afirmação da inviabilidade do Brasil como nação por suas condições raciais e climáticas porque afirmavam que a população brasileira não era doente; estava doente, ou seja, com um discurso otimista, propunha reverter a degeneração identificada no Brasil por ações de saneamento e higiene mostrando que as condições de saúde determinavam a fraqueza da população brasileira e não os fatores deterministas propostos pelas teorias racialistas estrangeiras. Para tal, o Estado representava o apoio necessário para que as deficiências causadas pela descentralização da saúde pública fossem reparadas com uma administração centralizada e direcionada para as regiões mais carentes do país cujas ações de urbanização não haviam alcançado.

Alguns atores serão destacados por sua importância para o movimento eugênico brasileiro: Belisário Penna, sanitaria identificado e citado em trabalhos sobre o movimento sanitário no Brasil; Renato Kehl (genro de Belisário Penna), identificado como um dos eugenistas que mais se dedicou à propagação da eugenia no Brasil, Octávio Domingues, principal divulgador das idéias mendelistas no Brasil e Nancy Stepan, autora de livros sobre o movimento eugênico na América Latina e em especial, dedicou trabalhos que tratam especificamente do movimento eugênico brasileiro.

Entre as muitas iniciativas empreendidas no Brasil para que a eugenia fosse compreendida e embasasse ações de promoção de aprimoramento humano, o Boletim de Eugenia, publicação que se iniciou em 1929, propunha-se a dedicar seus artigos em prol da campanha que defendia a eugenia como a ciência que oferecia soluções para os problemas nacionais brasileiros de degeneração. Mesmo convivendo com os profissionais que desenvolveram o movimento sanitaria e participando de muitas iniciativas empreendidas por eles, Renato Kehl, em 1929, publicou um artigo no Boletim de Eugenia, expressando a necessidade de alguns esclarecimentos sobre a eugenia e as práticas de melhoria das condições de vida denominadas pelo autor como eugenismo. Este artigo é o ponto de partida da minha investigação porque pode sugerir um rompimento do eugenista com o movimento sanitário ou um posicionamento de Renato Kehl assumindo que embora importante e constituindo-se numa tradição, o movimento sanitaria possuía limitações e a eugenia apresentava uma perspectiva mais adequada para solucionar, de fato, os problemas de degeneração da população brasileira.

Dividi minha pesquisa em quatro capítulos. No primeiro, apresento uma breve discussão sobre produção de conhecimento e sua relação com a sociedade. Dentro das possibilidades de aquisição de conhecimento, destaco o ponto de vista que relaciona a ciência e suas produções com a sociedade e seus valores. A idéia é mostrar que a ciência relaciona-se com o contexto em que está inserida, contrariando algumas teorias que afirmam a capacidade do conhecimento científico ser produzido sem qualquer interferência social ou sem qualquer relação com o contexto. Se é um processo social, a ciência relaciona-se com a estrutura e os valores da sociedade; além disto, os cientistas e intelectuais são membros da sociedade, significando que trazem consigo, influências de sua criação sendo impossível desvincular sua prática do fato de pertencer à sociedade.

No segundo capítulo, apresento as origens da eugenia, seus propósitos e principais conceitos. Registro algumas teorias racialistas formuladas na Europa e nos Estados Unidos que identificava na raça uma fonte de saúde ou degeneração. Destaco a particularidade conferida a ciência eugênica que também se constituiu como movimento social permitindo a discussão sobre as possíveis interdependências da ciência com a sociedade. Aspectos políticos e sociais orientavam o uso das teorias que definiam boas e más condições além de orientar as ações que deveriam ser realizadas. Para ilustrar, cito contextos internacionais que adotaram a eugenia procurando delimitar as demandas sociais próprias de cada um em relação a aplicação das ações eugênicas. A reação da intelectualidade brasileira na afirmação das qualidades de seus indivíduos em detrimento do diagnóstico de inviabilidade do Brasil determinado pelas teorias racialistas mostra as iniciativas das campanhas de saneamento, a introdução da eugenia no Brasil e alguns exemplos de institucionalização da ciência do aprimoramento humano no Brasil.

O terceiro capítulo dedica-se a apresentação da fonte principal deste trabalho: o Boletim de Eugenia. Numa primeira parte, apresento o periódico de forma descritiva assim como me refiro a seu editor, Renato Kehl; seu formato, propósitos e principais temas publicados são apresentados para que o leitor tenha uma idéia das características do periódico. Algumas discussões serão destacadas porque evidenciam a relação da eugenia com o contexto brasileiro e suas demandas específicas. Um debate iniciado no I Congresso Brasileiro de Eugenia (descrito no capítulo 2) é retomado neste capítulo porque mostra sua dimensão e importância para a trajetória do movimento eugênico brasileiro uma vez que, teorias de hereditariedade diferentes coexistiam e promoviam orientações para a realização de práticas de aprimoramento diferentes e em alguns pontos, divergentes e incompatíveis. Renato Kehl publica um artigo no Boletim de Eugenia que dá continuidade ao debate iniciado no Congresso de Eugenia no mês seguinte à sua realização. Este artigo é minha peça chave para investigar o que representou o conteúdo deste artigo para o movimento eugênico brasileiro. Identifico um impasse ou como preferi chamar, um “dilema” que relaciona eugenia e sanitarismo.

O quarto e último capítulo é dedicado às discussões promovidas começando pelo artigo publicado por Renato Kehl além de uma análise dos artigos de atores considerados importantes para o movimento eugênico publicados no Boletim de Eugenia e que

tratavam do dilema identificado por mim na relação entre as práticas de saneamento e as práticas eugênicas. Renato Kehl, Belisário Penna e Octávio Domingues foram destacados como defensores de idéias que contribuíram muito para a conformação do movimento eugênico brasileiro e responsáveis por muitos fatores identificados pela autora Nancy Stepan, pesquisadora privilegiada neste trabalho como base teórica para a compreensão dos caminhos do movimento e do direcionamento das práticas promovidas no Brasil com o intuito de regeneração da sua população.

Na conclusão, procuro responder aos meus questionamentos e oferecer informações que propiciem novas investigações sobre o movimento eugênico no Brasil e o projeto de formação da identidade nacional a partir da recuperação da saúde da população.

Capítulo 1: Ciência e Sociedade

Michael Mulkay¹, num texto de 1994, apresenta uma discussão sobre a relação da ciência com o contexto social. Suas idéias se contrapõem, por exemplo, àquelas defendidas por Robert Merton² que num texto de 1942, afirmava que a ciência era uma atividade que se relacionava com a sociedade, mas deveria ser à parte da mesma sob pena de que as descobertas científicas servissem a interesses individuais podendo ser manipuladas ou inúteis para o desenvolvimento do conhecimento.

Michael Mulkay³ discute o processo de constituição do saber científico enfocando a relação entre texto e contexto, ou seja, entre produções científicas e contextos sociais. A ciência é entendida como um campo inserido no meio social e legitimada pela sociedade como um campo de conhecimento, esclarecimento e intelectualidade. Este diálogo entre ciência e sociedade é um caminho de mão dupla em que cada elemento alimenta o outro com reconhecimento, legitimidade e visibilidade, garantindo sua existência e determinando o status ocupado por cada um deles.

Ainda no texto “La ciencia y el contexto social”, Mulkay⁴ descreve a visão sobre a ciência que considera tradicional, onde ao conhecimento científico é conferido um status epistemológico diferenciado e privilegiado constituindo-se num caso especial dentro do campo de investigação. O autor identifica que a sociologia do conhecimento reluta em aceitar que fatores externos à comunidade de investigação científica possam influenciar o conteúdo do pensamento científico. Com esta idéia, Mulkay relaciona conceitos, descobertas e interpretações com possíveis influências de elementos presentes num contexto social, ou seja, configura uma permeabilidade que promove troca de elementos entre dois meios que, para teóricos como Merton, deveriam manter uma distância capaz de preservar à ciência processos motivados apenas por critérios técnicos e impessoais.

¹ Mulkay, Michael. “La ciencia y el contexto social” In Olivé, Leon (comp). La explicación social del conocimiento. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, pp. 329-365.

² Robert K., Merton. “A ciência e a estrutura social democrática” In Sociologia – Teoria e Estrutura (trad. Miguel Maillat). São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970, pp. 651-662.

³ Mulkay, Michael. “La ciencia y el contexto social” In Olivé, Leon (comp). La explicación social del conocimiento. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, p. 330.

⁴ Ibidem.

Mulkay desenvolve seu raciocínio para explicar a referida relutância da sociologia do conhecimento em assumir a relação de “intimidade” entre a ciência e a sociedade. Na teoria que confere ao pensamento científico um status de produtor da representação objetiva do mundo físico, o peso da influência da esfera social sobre a produção do conhecimento era reduzido. Esta idéia concebe que a ciência utiliza-se de critérios objetivos eliminando qualquer subjetivismo na interpretação dos fatos que se apresentam ao cientista para sua análise. Usando como definição para ethos científico “um espaço de produção da única explicação correta do mundo físico”⁵, o autor conclui que a realização desta definição só seria possível considerando um vazio social (local em que as influências sociais não são capazes de incidir sobre o que é produzido). Do ponto de vista do autor, a concepção de ciência como politicamente neutra, intelectualmente aberta, universalista e campo independente do contexto social acabaria por considerar os cientistas como ocupantes de uma posição privilegiada dentro da vida política já que suas normas vigentes orientariam a produção do conhecimento em direção à neutralidade política. Por isso, Mulkay refere-se à tese do “fim da ideologia”⁶, utilizada para definir o avanço e a prevalência do conhecimento científico desinteressado e neutro sobre o político⁷.

Contudo, Michael Mulkay afirma que as normas científicas não representam prescrições claras e inquestionáveis da realidade como é proposto pela visão tradicional sobre a ciência. Esta não representa um caminho direto para a verdade porque varia assim como as peculiaridades dos contextos sociais. Mulkay identifica nas ações dos cientistas a motivação para obter visibilidade e aprovação social através de suas descobertas e

⁵ Ibidem.

⁶ O autor refere-se ao fato de que a ideologia apresenta bases que permitem a interferência do subjetivo no julgamento de um fato. Esta afirmação ia de encontro aos imperativos nomeados por Robert Merton que afirmava ser possível o predomínio da objetividade sobre os subjetivismos assim como defendia que os interesses coletivos (universais) deveriam estar em evidência em detrimento de qualquer preferência e/ou orientação pessoal do cientista. Merton afirmava que o conteúdo da produção de conhecimento deveria ser claro e objetivo para não dar qualquer margem a interpretações particularizadas e favoráveis a interesses pessoais. Para maior compreensão do termo, ler Mulkay, Michael.

⁷ Mulkay, Michael. “*La ciencia y el contexto social*” In Olivé, Leon (comp). *La explicación social del conocimiento*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, p. 349.

conhecimentos produzidos. A relação da ciência com o contexto social⁸ é o tema principal do texto de Mulkay, que afirma a influência de compromissos sociais sobre o olhar que o cientista dirige para o problema analisado; esta influência estende-se, segundo Mulkay, ao processo que o cientista desenvolve para a formulação de definições e conceituações. Esta influência ocorreria, entre outros motivos, porque o cientista possui uma posição na sociedade, promovendo a interseção do campo dos valores e direcionamento político-ideológico com o campo da produção de conhecimento⁹. Esta permeabilidade, para o autor, a meu ver, é inevitável, mas não descaracteriza a particularidade e a importância do processo. Ou seja, Mulkay não expressa nenhuma intenção de menosprezar o processo de produção do conhecimento ou minimizar a importância da ciência e suas formulações. De fato, esta permeabilidade confere importância à análise de tal processo e seus resultados para as sociedades.

Mulkay contrapõe-se a visão tradicional da ciência afirmando que as dificuldades interpretativas presentes no campo científico comprovam que nem sempre é possível chegar a uma conclusão científica clara. A negação dos cientistas em admitir tal limitação deve-se ao lugar conferido a eles e ao seu saber, uma vez que, em troca de um lugar privilegiado no contexto político, a ciência deveria oferecer um conhecimento certificado, ou seja, o cientista deveria ser um provedor de certezas. Sobre tal negociação da qual nem a ciência escapa, diz o autor:

“Todas as áreas de investigação científica se caracterizam por situações em que a cultura técnica estabelecida permite formular várias alternativas racionais, sendo que nenhuma delas pode ser demonstrada conclusivamente mais correta do que a outra. Ao eleger entre as alternativas, seja ao nível de definições amplas ou ao nível de análises detalhadas, os compromissos políticos dos cientistas

⁸ O conceito de contexto social utilizado por Michael Mulkay é amplo comportando política, ideologia, *status* social, legitimação profissional e conhecimento técnico. Esta complexidade, para o autor, justifica as muitas possibilidades de recepção de um conhecimento pela sociedade assim como os processos de produção de conhecimento através das influências do contexto social.

⁹ Mulkay, Michael. *“La ciencia y el contexto social”* In Olivé, Leon (comp). La explicación social del conocimiento. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, p. 348.

e as pressões do contexto político entram em jogo com maior clareza”¹⁰.

Mulkay insiste que sua intenção é discutir o fato de que a ciência não deveria ser vista como um campo especial ou privilegiado como que isolado das interferências sociais. Em outras palavras, deve-se concluir que o mundo físico não é o principal nem único determinante das conclusões científicas. Com a adoção desta análise, é possível investigar de que forma os cientistas elaboram suas explicações sobre o mundo e de que maneira as mudanças no contexto social incidem sobre a formação de conceitos e sua aceitação. A recepção das descobertas científicas pela sociedade constitui-se como uma das faces existentes no contexto amplo e diverso das negociações sociais e Mulkay procura relacionar os processos de negociação no campo científico com os processos de negociação no campo social¹¹.

Mulkay constata que discussões sobre a negociação social do conhecimento dentro dos variados contextos científicos de investigação representam um tema legítimo embora pouco explorado pela sociologia do conhecimento. Segundo ele, a ciência é uma área de produção cultural e possui proposições instáveis e reinterpretáveis de acordo com o contexto social. Se as pretensões do conhecimento dos cientistas são afetadas pela posição que estes ocupam num contexto político, afirmações científicas sobre o mundo natural podem interferir na constituição de elementos políticos, levando o autor a caracterizar o campo científico como tão permeável quanto os demais campos sociais. Mulkay conclui sobre este assunto:

“Propõe-se que o conteúdo factual da ciência não seja tratado como uma reflexão cultural sem mediação de um mundo externo estável. Fato e teoria, observação e pressuposição estão inter-relacionados de uma maneira complexa; as conclusões empíricas da ciência devem ser vistas como construções interpretativas cujo significado

¹⁰ Idem, p. 358.

¹¹ Idem, p. 359.

depende e está limitado pelos recursos culturais disponíveis de um grupo social particular num momento particular. De forma semelhante, os critérios gerais para avaliar as pretensões do conhecimento científico não podem ser aplicados universalmente, independentemente do contexto social...”¹²

Associo as idéias discutidas até aqui neste capítulo sobre a permeabilidade do campo científico ao social e vice-versa com as idéias discutidas acerca de evolução, degeneração, progresso e civilização no final do século XIX e começo do século XX. Estes assuntos estavam presentes em discussões de vários contextos nacionais, implicando, desta forma, a análise de cada contexto e sua capacidade de adaptação aos textos existentes, influenciando também a produção de novos textos que apresentassem contribuições para as situações que representavam problemas ou impasses na sociedade. A partir das discussões que afirmam a interação entre ciência e sociedade expostas na primeira parte deste capítulo, elejo a eugenia como o texto de minha análise.

Nancy Stepan afirma que como ciência, a eugenia baseou-se nas leis da hereditariedade para promover o aprimoramento humano; como movimento social, apresentou propostas que permitiam à sociedade a melhoria constante da população pelo controle da reprodução dos aptos e evitando a reprodução dos inaptos¹³. A autora afirma ainda que a ciência eugênica permite analisar as relações estabelecidas entre a ciência e a vida social porque compreende que a vida social pode estruturar ou influenciar o desenvolvimento da ciência da hereditariedade e os usos que podem ser dados a esta ciência¹⁴.

Referindo-se especialmente à América Latina, Nancy Stepan analisou a eugenia como a ciência da hereditariedade conformada por fatores políticos, institucionais e culturais

¹² Idem, p. 360.

¹³ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin América*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991, p. 01.

¹⁴ Idem, p. 06.

particulares do momento histórico e do local em que surgiu; como movimento social, havia um conjunto de propostas políticas. A hipótese da autora é a de que a eugenia foi uma ciência que produziu percepções e técnicas que conformaram interpretações culturais que levaram ao desenvolvimento de estratégias sociais¹⁵. Entre os países da América Latina que se propôs a analisar, Nancy Stepan considera a história da eugenia no Brasil o caso mais complexo¹⁶.

Para compreender melhor do que se trata esta complexidade identificada na eugenia divulgada no Brasil, escolhi um periódico dedicado a propaganda desta ciência no país como ponto de análise das idéias difundidas e que discussões foram desenvolvidas para adequar estas idéias às necessidades da sociedade brasileira no que se referia a questão da melhoria progressiva da população brasileira por meio da transmissão de bons caracteres de uma geração para outra. Mas que ciência era essa que levou seus adeptos a acreditarem que poderiam regenerar a população brasileira? No que consistia a ciência do aprimoramento humano?

¹⁵ Idem, pp. 10-11.

¹⁶ Idem, p. 35.

Capítulo 2: Eugenia, Contextos Internacionais e o Caso Brasileiro

Introdução

Nancy Stepan¹⁷ destaca o Brasil entre os demais países da América Latina. Segundo a autora, esta região deveria ser melhor explorada pelos historiadores porque fontes mostram a presença de movimentos eugênicos na região justificando investigações e análises; não estudar este fenômeno nesta região que a autora afirma ser praticamente ignorada pelos historiadores significa empobrecer muito a compreensão de suas origens e de seus significados sociais. O Brasil foi o primeiro país do continente sul-americano a desenvolver um movimento eugênico organizado, contrariando, segundo a autora, qualquer interpretação reducionista que considerasse o Brasil como periferia para o conhecimento científico e um mero consumidor de teorias estrangeiras.

Neste capítulo, serão descritas informações sobre contextos nacionais em que a eugenia foi desenvolvida; grande parte das nações mencionadas apresentava um panorama com problemas sociais advindos do processo intenso de industrialização. No Brasil, Nancy Stepan identificou, contudo, que a grande preocupação estava na constituição racial de sua população uma vez que o clima tropical e os efeitos da mestiçagem eram apontados como duas grandes influências para uma população doente e frágil.¹⁸

A condição da população brasileira era um grande obstáculo que segundo Nancy Stepan¹⁹, era afirmada por teorias racialistas que começaram a ser divulgadas em fins do século XIX e tomaram força e proporção no século XX. O Brasil representava tudo o que era definido como disgênico²⁰, ou seja, tudo o que não era eugênico. Sem condições

¹⁷ Stepan, Nancy Leys. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 111.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ O termo eugênico refere-se a tudo que favorece o aprimoramento de um indivíduo e conseqüentemente, a promoção do aprimoramento de sua prole e gerações futuras. O termo disgênico era usado para todos os fatores considerados prejudiciais a este aprimoramento. O clima tropical e a população majoritariamente mestiça compunha uma combinação que os eugenistas europeus consideravam inadequada para o

eugênicas, a população não seria composta de indivíduos fortes e saudáveis; sem saúde, não havia transmissão destes caracteres para as gerações seguintes; sem uma continuidade de caracteres adequados, não havia boas condições para o desenvolvimento de uma nação.

2.1 – Discussões sobre raça

Nancy Stepan²¹ refere-se a um contexto em que teorias européias e americanas descreviam o Brasil como um país considerado disgênico; tais teorias procuravam explicar as diferenças entre os indivíduos adotando de forma clara o critério racial. Thomas Skidmore²² afirma que a raça foi uma questão polêmica no Brasil nos primeiros anos da República. O autor afirma que o determinismo racial imposto por teorias de pensadores como Gobineau e Louis Agassiz foi recebido por pensadores brasileiros que adotaram, alguns, a postura de concordância com a inviabilidade da população brasileira por sua constituição racial; por outro lado, contudo, o autor identifica um outro grupo de pensadores que procuraram contrariar este pensamento e desvincular qualquer ação determinista das condições apresentadas pela população brasileira.

Thomas Skidmore²³ afirma ainda que a questão da raça foi relacionada diretamente a falta de sucesso do Brasil como nação mencionando que um dos critérios que permitiam medir o sentimento de identidade nacional no começo do século XX era a estabilidade política. A estrutura brasileira contrariava este critério por configurar-se numa administração descentralizada e dispersa prejudicando as tentativas de centralização do poder.

desenvolvimento de uma população sadia e forte; em função disto, o Brasil era considerado um país disgênico.

²¹ Stepan, Nancy Leys. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 114.

²² Skidmore, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976, p. 95.

²³ Idem, pp. 95-96.

Skidmore²⁴ aponta que no século XIX, os Estados Unidos e a Europa presenciaram a formulação de várias teorias racialistas e o Brasil, um país multiracial, recebeu-as de forma a adaptá-las à sua realidade. O mestiço era uma realidade na sociedade brasileira e desafiava os autores nacionais. Vera Beltrão Marques²⁵ recorre a Skidmore descrevendo estas teorias racialistas e identificando a preocupação que existia em fins do século XIX com a constituição do Estado Nacional uma vez que a civilização brasileira seria constituída a partir dos indivíduos em grande parte mestiços e, segundo as teorias raciais européias, inferiorizados e inviáveis porque possuíam a herança de defeitos e taras. Essas teorias, continua a autora, relativizavam as igualdades políticas e sociais com argumentos científicos, conferindo um predomínio branco europeu sem conflito com os ideais liberais e democráticos porque esta superioridade era conferida por um caráter biológico e cientificamente constatado, inclusive, usando elementos da teoria darwiniana no que se referia a sobrevivência dos mais capazes.²⁶

Desde o final do século XIX, o comportamento dos indivíduos era analisado como o resultado de determinações biológicas e naturais, já predominando a idéia de que heranças físicas e permanentes caracterizavam e hierarquizavam os indivíduos. Os fatores físicos definiram tendências à criminalidade (Cesare Lombroso²⁷ era um defensor desta tese), assim como inclinações para a genialidade e até mesmo para a loucura. As teorias raciais eram presença de grande importância nas discussões da intelectualidade brasileira questionando o papel da mestiçagem na condição de atraso atribuída ao Brasil.

²⁴ Idem, p. 65.

²⁵ Marques, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 33.

²⁶ O Darwinismo social, para a autora, corroborava a hierarquização dos indivíduos a partir de suas características biologicamente determinadas. Tanto a craniometria (o tamanho do cérebro em relação direta com a evolução e a inteligência) quanto o índice de mortalidade (os grupos com maiores índices de mortalidade eram identificados como menos aptos) contribuíam para a hierarquização dos indivíduos.

²⁷ Médico italiano cuja teoria do “homem delinqüente” é descrita por Stephen Jay Gould como “*provavelmente a doutrina mais influente jamais produzida pela tradição antropométrica*”. O médico defendia a idéia da criminalidade inata afirmando não apenas o caráter hereditário do crime como também uma teoria baseada em dados antropométricos (medidas de partes do corpo humano). Diante disto, o médico propunha tratamentos diferenciados em função da raça porque as características antropométricas eram diferentes e cada indivíduo deveria receber o tratamento adequado para sua composição física e consequentes características. Ver mais em Gould, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, pp. 122-123.

Ainda utilizando-se da análise feita por Thomas Skidmore, a autora descreve autores que usavam argumentos racistas: Gobineau (a construção da civilização estava intrinsecamente relacionada à raça, sendo a ariana a etnia superior e antepassada de todas as raças. Em sua hierarquia racial, o negro ocuparia a parte inferior da escala juntamente com os chineses e asiáticos); Gustave Le Bon e Vacher de Lapouge também influenciaram pensamento racial brasileiro ao atribuírem aos brasileiros características de inconstância e explosão guiadas pela emoção; assim como Renan e Taine (o primeiro afirmava a impossibilidade de desenvolvimento de povos inferiores pela incapacidade de serem civilizados. O segundo afirmava o poder do determinismo da constituição e a impossibilidade de qualquer possibilidade de mudança por parte do indivíduo)²⁸

Lilia Schwarcz afirma que o Brasil, no fim do século XIX, era apontado como uma ilustração única e singular de uma miscigenação racial extremada. Esta imagem era veiculada pelo mundo de várias formas, entre elas, segundo a autora, através dos relatos dos naturalistas que testemunharam o “espetáculo” da mistura das raças no Brasil²⁹. Os autores consideravam a mestiçagem como o indicador de atraso e da inviabilidade da nação brasileira. Desse modo, Schwarcz destaca que apesar de um discurso de cunho liberal, o que se podia observar era um modelo racial de análise. Percebendo a grande incidência de teorias que priorizavam o tema racial na análise de temas locais, a autora optou por discutir a relevância e as variações apresentadas na utilização dessas teorias no Brasil desde os fins do século XIX até a década de 30 do século XX³⁰.

Lilia Schwarcz opta por compreender como foi feita a construção política e histórica do argumento racial enfatizando a dinâmica de reconstrução dos conceitos e modelos e também os contextos em que essas teorias, ao se inserirem, recebiam novos significados. O conceito de raça, para a autora, apresentou uma definição biológica e uma interpretação social.³¹ A raça tornou-se uma questão preocupante no Brasil e os

²⁸ Marques, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, pp. 36-37.

²⁹ Schwarcz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 1993, pp. 11-12.

³⁰ *Idem*, pp. 13-14.

³¹ *Idem*, p. 17.

pensadores brasileiros foram motivados a encontrar argumentos que rebatessem as afirmações de inviabilidade do Brasil expostas pelas teorias racistas européias e americanas. Uma escola determinista destacada por Schwarcz é o darwinismo social, definido pela autora como um determinismo de cunho racial que considerava a miscigenação um prejuízo racial e social.³² Este determinismo racial não favorecia o Brasil, mas para ser combatido, era preciso a apresentação de argumentos viáveis e coerentes; a intelectualidade brasileira reconhecia que a solução seria apresentar soluções brasileiras para os “problemas brasileiros”, ou seja, não era preciso recorrer a teorias formuladas por pensadores de outros países e sim produzir, a partir da realidade brasileira, soluções para os problemas identificados. Thomas Skidmore³³ considera a tese do branqueamento como uma das soluções apresentadas por alguns intelectuais brasileiros. Grande parte da elite brasileira, segundo o autor, aceitava esta teoria desde o século XIX permanecendo, no século XX, ainda como uma possibilidade otimista da melhoria da população brasileira. A mestiçagem não era, necessariamente, produtora de degenerados. O autor afirma que a crença na superioridade branca indicava que os cruzamentos sucessivos produziriam proles cada vez mais claras.

Lilia Schwarcz localiza no debate médico, uma das instâncias cujo propósito era justificar soluções que tornassem a população brasileira viável. Segundo a autora, apesar das diversas escolas médicas, era unânime a conclusão de que era preciso cuidar da raça (da nação) e aos médicos cabia tal tarefa.³⁴ A raça permaneceria como um tema central no pensamento social brasileiro em fins da década de 20 e começo da década de 1930, mas a autora identifica que com um novo significado: não mais como fator de desalento, mas como uma especificidade positiva. Uma nova identidade deveria ser criada para a nação brasileira e a autora mostra que médicos, juristas, historiadores e naturalistas empenharam-se para este objetivo. A identidade brasileira e a busca de uma singularidade que contrariasse as teorias de inviabilidade era a conquista desejada pela intelectualidade brasileira.³⁵

³² Idem, p. 58.

³³ Skidmore, Thomas E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976, p. 81.

³⁴ Schwarcz, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das letras, 1993, p. 235.

³⁵ Idem, pp. 249-250

Raquel Peláez destaca que na busca de uma definição da identidade nacional, ocorre um diálogo entre a biologia e ciência social; a autora chama a atenção para um fato em fins do século XIX:

*“A biologia começaria a penetrar na nascente ciência social e as regenerações seriam buscadas não apenas nas condições higiênicas e sociais, econômicas e políticas, mas também nas condições biológicas dessas sociedades. Poderia-se pensar em melhorar as condições de vida das populações mas também através da nova teoria evolucionista proposta por Darwin e Wallace e o conhecimento da existência da herança permitindo a alguns pensarem que as características biológicas transmitidas de pai para filhos eram determinantes do nível de qualidade das populações”.*³⁶

As teorias raciais que chegaram ao Brasil foram recebidas pelos intelectuais brasileiros que compartilhavam da preocupação dos efeitos da mestiçagem sobre a identidade nacional. Nancy Stepan³⁷ cita dois destes intelectuais: Raimundo Nina Rodrigues, que compreendia a população brasileira como mestiça, instável e indefinida etnicamente e Euclides da Cunha, que considerava o mestiço como um desequilibrado e identificava na mestiçagem o prejuízo às qualidades dos mais fortes mantendo e/ou revivendo o caráter primitivo dos mais fracos.

³⁶ Peláez, Raquel Álvarez. “Introdução” In ASCLEPIO – Revista de História de la medicina y de la ciencia. Madri. vol 51, fascículo 2, 1999, p. 05.

³⁷ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 114.

Ricardo Santos³⁸ mostra que, se por um lado, alguns intelectuais brasileiros concordavam com as teorias racistas disseminadas pelo mundo, outros estavam preocupados em demonstrar uma idéia contrária afirmando a viabilidade do indivíduo brasileiro. Para o autor, a história da Antropologia mostra que no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, proliferaram várias explicações que afirmavam a desigualdade entre as raças, a dominância do biológico sobre o cultural, o intelectual e a moral além da constatação de conseqüências negativas dos cruzamentos inter-raciais.

O autor propõe em seu texto, analisar a produção em antropologia no Brasil no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX enfocando as investigações dos antropólogos do Museu Nacional³⁹ que, para o autor, representava “*indubitavelmente um dos mais influentes centros de produção antropológica no período de 1870-1930 no país*”⁴⁰. Os antropólogos, em especial Roquette-Pinto na década de 1920, comungavam com idéias nacionalistas, procurando romper com o determinismo imposto ao Brasil pelas teorias raciais que afirmavam que as proles com características consideradas pouco desenvolvidas destinavam a nação brasileira a uma posição de inferioridade em relação a outras nações no que diz respeito a ordem social e ao progresso. A raça era o elemento determinante da viabilidade ou não de uma nação; no Brasil, a presença de uma população negra e mulata contrastava com uma elite intelectual que, segundo Nancy Stepan⁴¹, estava convencida do poder da ciência para gerar ordem e progresso e demonstrava grande preocupação com a situação social do país.

³⁸ Santos, Ricardo Ventura. “Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930)” In Pena, Sérgio D. J. (org) *Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002, pp 113-114.

³⁹ O museu foi criado em 1818 por D. João VI com o objetivo de estudo e propagação na área das ciências naturais. A partir da década de 1870, começam a impulsionar as pesquisas em antropologia física. Ricardo Santos afirma que a trajetória da antropologia física no Museu Nacional entre 1870 e 1930 divide-se em dois períodos: o primeiro, ocorrido nas últimas décadas do século XIX com os trabalhos do médico João Baptista de Lacerda sobre a craniologia dos indígenas; e um segundo período, entre 1910 e 1930, com as pesquisas de Roquette-Pinto, que inicialmente investigou a temática indígena e voltou-se, posteriormente, para a temática da mestiçagem no Brasil.

⁴⁰ Santos, Ricardo Ventura. “Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930)” In Pena, Sérgio D. J. (org) *Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002, p. 115.

⁴¹ Stepan, Nancy Leys. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 114-115.

Em 1911, durante o Primeiro Congresso Universal das Raças, realizado na cidade de Londres, médico João Baptista de Lacerda expressou sua esperança na viabilidade da população brasileira, afirmando que o Brasil era um país racialmente viável. A tese do médico, segundo Ricardo Santos⁴², foi apresentada no trabalho intitulado "Sobre os mestiços do Brasil" e afirmava que o país caminhava para o branqueamento uma vez que, com a tendência dos mestiços, geração após geração, de terem filhos com indivíduos brancos, promoviam uma "seleção sexual". O processo de embranquecimento era favorecido pela fragilidade da constituição biológica dos mestiços, promovendo assim o desaparecimento gradativo desta população pelo predomínio das características consideradas fortes, logo, dominantes do branco europeu.

Diante da apresentação de teorias que defendiam a melhoria da constituição da população brasileira, destaco o movimento das idéias que contrariam a tese de inviabilidade do país, seja defendendo a miscigenação como instrumento de branqueamento, seja identificando a importância de impedir que a mestiçagem se perpetuasse. O ponto de concordância entre as idéias produzidas neste período, em meu entendimento, relacionava-se com a percepção da intelectualidade brasileira da necessidade de buscar afirmações e meios que adequando as teorias biológicas em vigor, viabilizassem a melhoria e a recuperação do estado da população brasileira descartando efeitos de um determinismo racial.

2.2 – A ciência eugênica

2.2.1 – Eugenia: ciência e política

Nancy Stepan⁴³ apresenta o contexto do aparecimento da eugenia: a Inglaterra da década de 1880, definida pela autora como um período caracterizado pela depressão

⁴² Santos, Ricardo Ventura. "Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930)" In Pena, Sérgio D. J. (org) *Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002, p. 117.

⁴³ Stepan, Nancy Leys. "*Eugenics in Brazil: 1917-1940*" In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 117.

econômica, pelo desemprego, por greves e pelo crescimento do radicalismo político. Apesar de décadas sob uma legislação social que objetivava o bem-estar da população, ainda mantinha-se o cenário de pobreza, da ocorrência do alcoolismo e da incidência de doenças na população. O Estado e seu aparato de promoção do bem-estar da população obteve resultados inócuos, promovendo discussões que questionavam a eficácia desta participação e sugerindo a necessidade do surgimento de alternativas às práticas realizadas até então. A preocupação com a continuidade de uma conformação social em que predominasse o “mal-estar” era constante e este foi, segundo a autora, um contexto facilitador para o surgimento de uma ciência como a eugenia.

Sobre Francis Galton, o primeiro a usar a palavra eugenia, William Tucker⁴⁴ afirma que tratava-se de um cientista diletante que na primeira metade de sua vida contribuiu com seus estudos para a geografia, a meteorologia e aperfeiçoou a aplicação de métodos estatísticos. Francis Galton era um colecionador obsessivo de dados, classificando-os, organizando-os, mensurando e tabulando, mantendo um grande interesse pela precisão dos dados produzidos e inovando os métodos estatísticos. Contudo, seu interesse mudou em certa altura de sua vida voltando-se para o estudo da hereditariedade e motivando-se ainda mais com a divulgação da teoria da evolução de Charles Darwin, seu primo, porque discutia a origem das variações das espécies e investigava de que forma estas variações eram transmitidas para as gerações seguintes.

William Tucker⁴⁵ explica os antecedentes do uso do termo eugenia por Francis Galton que publicou sobre hereditariedade inicialmente em 1865 e, em 1869, ao publicar “Hereditary Genius”, utilizou-se do termo viricultura para definir a ciência que estava cunhando. O termo eugenia, palavra grega que significa bem-nascido, foi definido por Francis Galton como uma ciência que objetivava a melhoria dos recursos humanos através de influências que promoviam chances maiores ou menores de prevalência, classificando, em função do patrimônio genético, as pessoas em aptas e não aptas.

⁴⁴ Tucker, William H. The science and politics of racial research. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1996, p. 37.

⁴⁵ Idem, p. 45.

Galton concentrou suas investigações na análise da capacidade de contribuição das classes consideradas mais valorosas à sociedade (aptas), assim como a melhor forma de impedir que as classes definidas como inaptas transmitissem às gerações futuras suas características, identificadas como barreiras ao desenvolvimento do patrimônio genético da espécie humana. Conhecer os princípios da hereditariedade era fundamental para Galton porque permitiria o esclarecimento do mecanismo de herança de caracteres favorecendo a determinação da melhor forma de aplicar soluções práticas em prol do aprimoramento genético da população. Num contexto como o britânico em que o mal-estar era predominante, o grande objetivo da sociedade constituía-se na reparação de tal estado; a eugenia adequava-se a este contexto porque era uma ciência com propósitos de proporcionar à população uma melhoria contínua de sua conformação a cada nova geração.

Apesar de ser uma ciência que aparentemente atendia às demandas sociais britânicas para a promoção do bem-estar da população, Nancy Stepan⁴⁶ esclarece que até 1901 a eugenia não conseguiu atrair muita atenção apesar dos esforços de Galton que, juntamente com seu discípulo Karl Pearson (físico e matemático) e o zoólogo Walter Frank Weldon, publicou a revista “*Biometrika*”, discutindo temas como técnicas estatísticas, herança humana e eugenia. Em 1905, Galton fundou a 1ª instituição de pesquisa em eugenia e, em 1907, fundou um laboratório de eugenia na *College University*. Um processo de institucionalização ocorreu e em 1908 estabeleceu-se a Sociedade de Educação Eugênica que organizou, em 1912, o 1º Congresso Internacional de Eugenia que contou com participantes vindos de várias partes do mundo e que, em 1914, já contava com mais de 600 membros.

Analisando as origens da ciência de Francis Galton, Nancy Stepan⁴⁷ sinaliza que a eugenia é uma ilustração da possibilidade de diálogo entre o campo científico e a vida social afirmando que, como movimento social e ciência, pode permitir discussões sobre a geração social do conhecimento científico. Discutindo uma das peculiaridades da propagação da eugenia em contextos nacionais diferentes, a autora destaca a influência

⁴⁶ Stepan, Nancy Leys. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 118.

⁴⁷ *Idem*, p. 110.

das estruturas da vida social sobre a ciência da hereditariedade e o aparecimento dos princípios desta ciência no corpo social. A eugenia foi uma ciência muito influenciada por fatores políticos, institucionais e culturais que variavam de acordo com o contexto nacional em que se desenvolvia.

Considerando o trabalho dos historiadores da ciência nas últimas duas décadas, Mark Adams⁴⁸ identifica uma tentativa de integração de uma descrição internalista da evolução das idéias científicas com uma descrição externalista de seu contexto social; a eugenia - misto de ciência e política, disciplina e movimento social – ocupou um local de interface entre a ciência biológica e a sociedade. Num contexto em que a validade científica e as implicações éticas, legais, sociais e políticas têm recebido a atenção da sociedade, o autor ressalta que a história da eugenia desperta um interesse diferente expresso numa nova literatura histórica refletindo o interesse contemporâneo sobre as possíveis relações entre ciência e sociedade.

2.2.2 – A eugenia como movimento social

Uma das peculiaridades da eugenia registrada por Nancy Stepan⁴⁹ é caracterizar-se como um movimento social e científico ao mesmo tempo. Esta ciência orientou e foi orientada por discussões sobre temas diversos como nacionalismo, racismo, sexualidade, gênero, higiene social e genética. Na Inglaterra, contexto em que Francis Galton cunhou a ciência eugênica, segundo William Tucker⁵⁰, demandas sociais foram criadas em função do quadro de ineficiência estatal que Galton identificou na legislação do bem-estar existente à época. Entre os vários propósitos de sua ciência, Francis Galton expressou grande preocupação em promover o aprimoramento dos indivíduos incentivando aqueles considerados aptos a contribuir com a sociedade através da transmissão de seus bons caracteres e por outro lado, impedir a todo custo que os

⁴⁸ Adams, Mark. B. “Eugenics in the history of science” In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 03.

⁴⁹ Stepan, Nancy Leys. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 118.

⁵⁰ Tucker, William H. *The science and politics of racial research*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1996, p. 45.

inaptos, logo, incapazes de contribuir com seus caracteres de forma positiva para a sociedade, se fortalecessem e procriassem.

Nancy Stepan⁵¹ identifica que a conformação da eugenia como movimento social foi realizada, efetivamente, com o desenvolvimento e a convergência cada vez maior da idéia de que a sociedade deveria reconhecer o poder da hereditariedade nas leis sociais de modo a favorecer a reprodução dos fisicamente e moralmente eugênicos em detrimento dos não-eugênicos. Era preciso que ações sociais fossem desenvolvidas para a promoção de uma geração forte e sadia que pudesse transmitir a seus descendentes as mesmas características consideradas positivas, evitando ao máximo a ocorrência de indivíduos portadores das fraquezas e degenerações identificadas como obstáculo ao crescimento e desenvolvimento nacional.

Retomando neste capítulo um conceito discutido e contestado por Michael Mulkey⁵² no capítulo anterior, podemos identificar que o conceito nomeado pelo autor como o de “fim da ideologia”⁵³ também pode ser negado tomando-se a eugenia como exemplo; a peculiaridade apontada por Nancy Stepan mostra que o movimento eugênico ampliou o espaço da produção de conhecimento científico e, ao contrário de eliminar ou neutralizar o poder e os efeitos do campo político, mobilizou-o e forneceu elementos que alimentaram propostas de intervenção na sociedade para atingir a meta do progresso.

Ou seja, apresentando-se como conhecimento objetivo e, portanto, politicamente neutro, a eugenia pretendia exatamente acionar a política e a legislação. A ciência galtoniana adequou-se a contextos sociais com demandas variadas determinando ações específicas para atender estas demandas. A eugenia, em meu entendimento, permite analisar sob um ponto de vista, a forma pela qual a ciência buscou visibilidade na sociedade e como os

⁵¹ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin America*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991, p. 26.

⁵² Mulkey, Michael. “*La ciencia y el contexto social*” In Olivé, Leon (comp). *La explicación social del conocimiento*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, p. 349.

⁵³ Para o autor, segundo o conceito do fim da ideologia, quanto mais o espaço da ideologia ampliar-se, menos o da política se desenvolveria por serem excludentes.

eugenistas lidaram com esta crescente inserção e com as demandas criadas em função dos propósitos que a ciência expressava atender.

Michael Mulkay⁵⁴, ao analisar as relações entre a produção do conhecimento e o contexto social questiona os ideais de neutralidade da ciência que segundo ele estão presentes no que denominou de concepção tradicional. O autor critica claramente a idéia de que a ciência reproduz, sem mediação, o mundo físico, produzindo, como resultado, “a verdade”. Sem o uso de um tom maniqueísta, o autor esclarece que em sua concepção, o diálogo da sociedade com a ciência é amplo e apresenta interdependência.

A eugenia surge num contexto em que a vida humana era interpretada como resultado de leis biológicas. Teorias formuladas serão discutidas adiante neste trabalho para a compreensão das tentativas de explicação das formas de ação destas leis. Observa-se, contudo, que cada teoria apresentada supunha mecanismos de funcionamento da hereditariedade diferentes, implicando ações diferentes para aprimorar a espécie humana, variando também de acordo com seus contextos e demandas sociais.

Nancy Stepan⁵⁵ cita alguns teóricos como, por exemplo, o biólogo August Weismann, que, em 1890, demonstrou sua teoria da continuidade do plasma germinativo que, independente do resto da célula, era herdado continuamente de geração em geração sem alterações promovidas por influências externas. Esta teoria contrariava qualquer possibilidade da ocorrência de herança de caracteres adquiridos. Weismann concluiu ainda que havia uma substância chamada plasma germinativo presente nas células germinativas reprodutivas que não era formada espontaneamente, mas transmitida de uma célula germinativa de uma geração para as células germinativas da geração seguinte. As células sexuais eram independentes das células somáticas e daí a impossibilidade da herança de caracteres adquiridos.

⁵⁴ Mulkay, Michael. “*La ciencia y el contexto social*” In Olivé, Leon (comp). *La explicación social del conocimiento*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, p. 349..

⁵⁵ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin America*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991, p. 24.

Poucos anos após o aparecimento do trabalho de Weismann ocorre, como lembra Nancy Stepan⁵⁶, a redescoberta das leis de Mendel (formuladas no século XIX) sobre a recombinação e a variação genética. Mendel afirmava que a estabilidade dos elementos durante os cruzamentos genéticos era confirmada pelo seu reaparecimento em muitas gerações seguintes sem qualquer mudança e em proporções numéricas bem definidas. Mendel confirmava a teoria de Weismann sobre a autonomia e a inviolabilidade do plasma germinativo que carregava o material hereditário a ser transmitido para as gerações seguinte, embora apresentasse algumas diferenças no que dizia respeito à variabilidade dos caracteres a serem transmitidos. Apesar disto, para a autora, o mendelismo representou um marco no desenvolvimento da biologia moderna.

Nancy Stepan reúne Weismann e Mendel no grupo dos estudiosos que afirmavam o predomínio da hereditariedade sobre o ambiente, ou seja, não tinham dúvidas quanto a impossibilidade da transmissão de caracteres adquiridos; William Tucker⁵⁷ afirma que Galton apresentava dúvidas sobre o mecanismo de hereditariedade, mas, que mesmo assim, sempre declarou certeza da inviabilidade de transmissão de caracteres adquiridos. Estes teóricos influenciaram novos estudos e contrapunham-se, de acordo com a autora, a teoria do francês Lamarck. O referido teórico considerava que a evolução era um processo de adaptação lenta a influências externas capazes de alterar o plasma germinativo e perpetuar-se nas gerações seguintes promovendo aprimoramento constante da espécie. Esquemáticamente, os lamarckistas identificavam as características adquiridas como mudanças sutis, lentas, internas e adaptativas do organismo ao ambiente. O lamarckismo não reconhecia a capacidade de influência de forças materiais cegas e/ou aleatórias.

Com as crescentes discussões a partir de teorias como a de Weissman e Mendel, Nancy Stepan⁵⁸ identifica um movimento que denomina neolamarckista afirmando que suas inflexões sobre a hereditariedade envolveram em destaque fatores de cultura e política.

⁵⁶ Idem, p. 25.

⁵⁷ Tucker, William H. *The science and politics of racial research*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1996, p. 45.

⁵⁸ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin America*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991, p. 74.

A autora⁵⁹ prossegue afirmando que os neolamarckistas consideravam que a seleção natural não promovia variações consideradas aptas, ao contrário dos resultados da herança de caracteres adquiridos que representavam a origem de indivíduos mais aptos. Este raciocínio mostra que havia uma preocupação com a velocidade de ação da seleção natural afirmando a necessidade de presteza na transmissão das mudanças ocorridas numa geração que seriam transmitidas às gerações seguintes.

Politicamente, estas idéias justificavam a crença nos esforços humanos e na capacidade dos descendentes adquirirem as melhorias dos antepassados. Para os estudiosos que identificavam na teoria de Mendel e Weissman a explicação para os mecanismos de hereditariedade, as práticas eugênicas (em benefício do aprimoramento dos indivíduos) envolveram procedimentos que valorizavam os princípios da genética como, por exemplo, a prática de esterilização de inaptos e o controle de casamentos através de exames pré-nupciais que podiam identificar possíveis moléstias em um dos cônjuges, desaconselhando, assim, a reprodução sob pena de transmissão da referida moléstia e promovendo uma sociedade cuja geração não trazia e seu patrimônio o aprimoramento desejado pelos propósitos eugênicos. Por outro lado, os estudiosos que consideravam a transmissão de caracteres adquiridos como um processo lento, porém, objetivo, direto e muito mais eficaz, adotavam procedimentos que atendiam às orientações lamarckistas promovendo ações de saneamento, implantação de programas de educação física nas escolas, cursos e divulgação de informações sobre higiene corporal além de mecanismos de controle dos vícios (o alcoolismo era o principal vício a ser atacado) e das doenças (em especial, as doenças venéreas). A prática da eugenia e seu propósito principal de fornecer condições para que os aptos se reproduzissem originando gerações cada vez mais aprimoradas variou segundo o contexto nacional em que foi adotada porque os indicadores de degeneração variavam mostrando que as nações identificavam elementos diferentes como causadores do mal-estar da população, logo, obstáculos ao progresso e ao desenvolvimento.

2.3 – Projetos nacionais e suas demandas

⁵⁹ Idem, p. 75.

Nancy Stepan⁶⁰ destaca que o medo da degeneração social existente na Europa e nos Estados Unidos era um reflexo de alterações conferidas aos efeitos da industrialização, da migração e do impacto da imigração; entre muitas conclusões estava a de que a pobreza produzia inaptos. Muitas propostas surgiram na Europa e nos Estados Unidos com o objetivo de atacar e neutralizar os efeitos maléficos do processo de desenvolvimento promovido pela revolução industrial. Entre as propostas, o controle de nascimentos, a esterilização voluntária nas classes trabalhadoras, a esterilização compulsória para grupos de insanos, mentalmente retardados e de criminosos para que o estoque de incapazes presentes na sociedade fosse reduzido ao máximo e conseqüentemente, sua capacidade de reprodução e perpetuação do quadro de caos social identificado. Cada contexto nacional, entretanto, aplicou os métodos eugênicos de acordo com suas demandas.

Sheila Weiss⁶¹ analisa a adoção da eugenia no contexto alemão e afirma que apesar da associação direta entre eugenia alemã e nazismo, a história da ciência galtoniana na Alemanha é mais vasta tendo sido o nazismo uma perversão da teoria de Francis Galton mas não a única aplicação da referida teoria. Ainda segundo a autora⁶² o contexto em que desenvolveu-se a eugenia alemã apresentava problemas sociais advindos da rápida industrialização, de uma forte tradição profissional da comunidade médica e da existência dos chamados selecionistas (variação do Darwinismo Social⁶³). Num contexto de conflitos e tensões, crescia o número de atividades criminosas, a prostituição alastrou-se, registrava-se muitos casos de suicídio, o consumo de álcool era significativo e o número de insanos cresceu consideravelmente.

⁶⁰ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin America*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991, p. 27.

⁶¹ Weiss, Sheila Faith "The race hygiene movement in Germany" In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 08.

⁶² *Idem*, p. 11.

⁶³ Adaptação da teoria evolucionista de Charles Darwin ao contexto social cujo papel da seleção natural consistiria na promoção da sobrevivência dos indivíduos mais fortes, logo, mais aptos. Socialmente, era possível acelerar os efeitos da seleção natural através de ações na sociedade e sobre a população identificada como portadora de hábitos, vícios e características prejudiciais às normas sociais e ao progresso. De forma orientada e objetiva, o darwinismo social prometia acelerar os efeitos que a natureza produziria de forma lenta e com níveis de eficácia considerados baixos.

Com as questões sociais descritas acima como foco de preocupação, determinou-se a necessidade da criação de uma política social que atendesse às demandas existentes (higiene da raça) através de uma solução biomédica para os problemas sociais e políticos. Algumas ações empreendidas foram registradas pela autora: programas de encorajamento aos aptos para formarem famílias numerosas; políticas e práticas para evitar a reprodução dos inaptos pelo isolamento em instituições apropriadas e pela restrição de casamentos a partir de exames pré-nupciais; combate às doenças definidas como “os venenos do plasma” (sífilis, tuberculose e alcoolismo); controle da imigração para identificar indivíduos cuja constituição fosse identificada como inferior impedindo sua entrada no país; campanhas e ações de preservação e aumento da população rural porque não estavam em contato com os venenos da cidade podendo representar uma grande “reserva” de indivíduos de constituição preservada; promoção de condições higiênicas favoráveis para a população industrial e urbana; realização da esterilização de incapazes e no auge do nazismo, a adoção da chamada solução final que consistia no extermínio dos indivíduos considerados inaptos representando ameaça à integridade do povo alemão⁶⁴.

William Schneider⁶⁵ analisa a recepção dos propósitos eugênicos na França afirmando que “*a eugenia foi uma reação a percepção de que a sociedade estava num estado de declínio e degeneração*”. Embora ações como a realização de esterilizações, medidas de controle de casamentos e vigilância em relação à imigração tenham sido praticadas na França, a ênfase identificada pelo autor, era reverter o contexto de quedas significativas de nascimentos através de ações que promovessem o incentivo à reprodução dos aptos e uma atenção especial à puericultura com o objetivo de manter as crianças saudáveis e aptas a reproduzirem-se para garantir o crescimento desejado da população francesa. O autor complementa que o peso da tradição neolamarckista no país favoreceu os programas de higiene social alimentando a esperança de que as melhorias adquiridas pela população fossem transmitidas a seus descendentes.

⁶⁴ Weiss, Sheila Faith “The race hygiene movement in Germany” In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p.23.

⁶⁵ Schneider, William H. “The eugenics movement in France: 1890-1940” In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 69.

Mark Adams⁶⁶ relata que a origem da eugenia na Rússia foi resultado da relação entre ciência e sociedade num país em fase pré-revolucionária. Entre muitas realizações presentes na agenda pré-revolucionária, a grande preocupação era desenvolver uma base que proporcionasse a viabilidade e a legitimidade da identidade russa por indivíduos cujas carreiras desenvolveriam-se em direção à ciência. Entre os cientistas, o autor destaca o grande envolvimento de biólogos experimentais, geneticistas animais e físicos nos estudos eugênicos assim como de psicólogos e psiquiatras. Para o autor⁶⁷ é significativo destacar algumas áreas de interesse destes cientistas: identificação e estudo da genealogia de talentos individuais e familiares; investigação dos mecanismos de hereditariedade de doenças nervosas, doenças mentais ou os distúrbios de comportamento; compreensão dos mecanismos de hereditariedade das várias doenças físicas existentes; análise do impacto dos efeitos da guerra, do casamento, da lei, da educação, dos costumes e da raça sobre os índices de fertilidade e mortalidade. Apesar do caráter “científico” e político, o autor afirma que práticas como a esterilização e ações para promover a higiene da população também foram realizadas⁶⁸.

Nancy Stepan⁶⁹ reconhece a diversidade de contextos em que a eugenia se desenvolveu, mas destaca a importância de manter o foco na América Latina porque estudar os seus aspectos culturais raramente acontece embora o estudo da história da eugenia na América latina altere, em sua compreensão, a visão geral da referida ciência por constituir-se num tipo especial de conhecimento social produzido e modelado por variáveis políticas, históricas e culturais específicas. Uma vez que a eugenia não foi unitária, a autora defende que sejam feitos estudos nos contextos nacionais em que a eugenia desenvolveu-se para registrar as variadas formas de recepção da ciência da hereditariedade de Francis Galton e as ações empreendidas em consequência desta recepção. Nancy Stepan confere um destaque especial ao movimento eugênico latino americano mostrando que muito mais do que um mero consumidor, contribuiu-se muito

⁶⁶ Adams, Mark B. “Eugenics in Russia: 1900-1940 In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 155.

⁶⁷ Idem, pp. 168-169.

⁶⁸ Idem, p. 174.

⁶⁹ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin America*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991, p. 27.

com idéias que compuseram um complexo sócio-político diferente destacando o movimento eugênico no Brasil.

O contexto brasileiro é o eleito por este trabalho como foco de análise. Segundo José Roberto Reis⁷⁰ a questão racial era a grande preocupação da intelectualidade brasileira num contexto em que a degeneração racial era considerada um obstáculo para a civilização. Jurandir Freire Costa⁷¹ também escreve sobre o contexto brasileiro identificando, especialmente, nas décadas de 20 e 30 do século XX, um período em que a eugenia foi bem recepcionada e desenvolvida com grande entusiasmo pela intelectualidade brasileira no mesmo contexto em que modificações políticas, econômicas e sociais influenciavam diretamente a cultura brasileira, que recém-modificada, influenciou também o campo de investigação científica.

Ângela de Castro Gomes também fala do contexto brasileiro analisando as causas da pobreza e suas conseqüências para a sociedade brasileira identificando uma origem econômica e outra cultural para o panorama vislumbrado. O significado da pobreza para as aspirações nacionais de progresso representa um grande obstáculo ainda mais fortalecido pela ignorância da dimensão da questão social e pelo imobilismo do Estado. A pobreza já não era mais compreendida como um estímulo ao trabalho que supriria as necessidades que gerava. A pobreza adquiriu uma conotação de perigo porque ameaçava a ordem nacional e o progresso. O fortalecimento do Estado, por si só, não era mais suficiente implicando a constituição de uma nação que conduzisse o Brasil para o posto de um país civilizado e moderno:

“O meio por excelência de superação dos graves problemas sócio-econômicos do país, cujas causas mais profundas radicavam-se no abandono da população, seria justamente o de assegurar a essa população uma forma digna de vida. Promover o homem brasileiro, defender o desenvolvimento

⁷⁰ Reis, José Roberto Franco. Higiene Mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade de Campinas, 1994, p.137.

⁷¹ Costa, Jurandir Freire Costa. História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1989, p. 117.

*econômico e a paz social do país eram objetivos que se unificavam em uma mesma grande meta: transformar o homem em cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza individual e também pela riqueza do conjunto da nação”.*⁷²

Diante do contexto apresentado por José Roberto Franco Reis, Jurandir Freire Costa e Ângela de Castro Gomes, era importante a associação de uma legislação social e de uma legislação sanitária relacionadas com o ideal de progresso nacional. Apenas com as condições de vida da população cada vez melhores, os cidadãos seriam saudáveis, fortes e possuiriam a capacidade produtiva necessária para a promoção do progresso brasileiro; para esta realização, a participação do Estado deveria ser efetiva e com um escopo centralizado para aumentar sua capacidade intervencionista e reguladora. Tanto a busca pela identidade nacional quanto a configuração de um Estado centralizado e forte justificaram as escolhas de determinadas práticas e não de outras assim como determinou caminhos a serem seguidos pela nação brasileira. A eugenia foi identificada como a ciência capaz de unir uma ideologia de unificação nacional com práticas de aprimoramento da população que permitiriam intervenções na sociedade legitimadas pelo ideal maior do progresso. O texto e o contexto desta dissertação estão delimitados inicialmente: eugenia e Brasil. Analisemos mais profundamente de que forma as demandas nacionais brasileiras foram formuladas, que meios foram adotados para satisfazê-las e que conseqüências políticas e sociais foram decorrentes através de um veículo de informação sobre a eugenia: o periódico “Boletim de Eugenia”.

As idéias introduzidas pelos autores que citei até este momento são importantes para as discussões que pretendo desenvolver nesta dissertação a partir da análise de um periódico cujo objetivo expresso por seu editor era a propagação das idéias eugênicas na sociedade brasileira; o conteúdo dos artigos me possibilitará analisar a forma com que as idéias foram expressas e as discussões que despertaram. Suponho, com as informações que pretendo apresentar, que o contexto político brasileiro influenciou os caminhos ideológicos a serem seguidos pela intelectualidade da mesma forma e com o mesmo peso que as produções intelectuais foram relevantes para a composição do

⁷² Gomes, Angela de Castro. “Ideologia e trabalho no Estado Novo” In Pandolfi, Dulce Chaves (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 55.

contexto sócio-político brasileiro com fins de legitimação de suas idéias e ações. A íntima relação entre a produção de idéias e as práticas sociais mostram que a eugenia produziu conceitos que implicaram práticas sociais. A produção intelectual permitiu uma dimensão de atuação e intervenção sobre o corpo social brasileiro com o objetivo de promover a conformação social considerada necessária para a construção da identidade nacional. Este processo, contudo, não foi homogêneo e unânime porque apesar do objetivo comum de regeneração nacional, os meios para atingir este fim variaram dividindo os atores em grupos diferentes, mas não menos importantes.

Como é possível depreender das afirmações de Michael Mulkey citadas anteriormente, se os cientistas originam-se da sociedade, como esperar que valores culturais, políticos e ideológicos permaneçam fora dos meios de produção de seus conhecimentos? Esta produção é um processo de interpretação, logo, demanda parâmetros e indicadores específicos. No Brasil não foi diferente...

2.4 – Sanear é Eugenizar

2.4.1 – Sanitarismo

A partir de uma interpretação de que o Brasil era um país doente, Nísia Trindade e Gilberto Hochman⁷³ discutem as formulações de um movimento pela reforma da saúde pública na Primeira República. Os autores afirmam a importância deste movimento na reconstrução da identidade nacional com a identificação da doença como o elemento que determinava a condição desfavorável do brasileiro. Os conhecimentos adquiridos e propagados pelos médicos higienistas na década de 1910 afirmavam a necessidade de sanear e higienizar o Brasil rejeitando o determinismo racial e climático imposto à população brasileira pelas teses raciais desenvolvidas desde o século XIX.

⁷³ Lima, Nísia Trindade e Hochman, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República” In Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura (orgs) Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996, cap. 2, p. 23.

Luiz de Castro Santos⁷⁴ privilegia em seu trabalho, o sanitarismo rural enfocando a ação de políticas públicas de saúde no interior do país. Segundo o autor, até 1915 as políticas públicas de saúde limitavam-se às capitais e centros urbanos considerados de importância capital para o desenvolvimento e o progresso. A importância de um movimento que promovesse o saneamento no Brasil também incluía um cunho ideológico por relacionar a melhoria das condições de vida com a possibilidade de promover o progresso do país. Outro dado importante para o autor é o aumento do poder de intervenção do Estado na área da saúde no período da Primeira República como constatação de que a promoção do bem-estar da população dependia muito da participação ativa do Estado.

O olhar sanitário voltou-se para o interior porque com um cunho nacionalista, era fundamental a valorização das particularidades nacionais; este raciocínio permitiria ações que promovessem a identidade nacional. Retomando as afirmações advindas das teorias raciais discutidas anteriormente neste trabalho, prevalecia a certeza de que o Brasil era um país disgênico⁷⁵ tanto pelo clima quente quanto pela constituição de seus indivíduos (degenerada e fraca). A grande pergunta feita no Brasil dizia respeito à sua identidade; para que esta resposta fosse uma realidade, era preciso identificar os elementos que comporiam esta identidade.

Luiz de Castro Santos⁷⁶ identifica duas vertentes que procuravam discutir e identificar formas de solucionar a questão brasileira relacionada com sua identidade. Uma vertente identificava que o caminho para a modernidade estava no crescimento das cidades expressando a conquista da civilização. Iniciativas de saneamento, pavimentação e todas as ações possíveis para a urbanização das cidades deveriam ser empreendidas. A outra

⁷⁴ Santos, Luiz A. de Castro. “O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade” In Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora Campus, vol 28, nº 2, 1985, p. 137.

⁷⁵ Lembrando que o termo disgênico relaciona-se com todas as situações que não permitem o aprimoramento dos indivíduos através das gerações. O Brasil era um exemplo recorrente do determinismo imposto pelas teorias raciais desde o século XIX. Diante desta constatação, o Brasil seria inviável como nação descaracterizando qualquer tentativa de progresso e evolução. A resposta encontrada pela elite brasileira foi pensar soluções brasileiras para problemas brasileiros, ou seja, a identidade nacional seria determinada por fatores presentes no país cuja conotação seria de pontos a melhorar e desenvolver tirando o peso do determinismo e criando perspectivas para a nação brasileira.

⁷⁶ Santos, Luiz A. de Castro. “O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade” In Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora Campus, vol 28, nº 2, 1985, p. 194.

vertente identificava que a integração do sertanejo ao projeto de construção nacional permitiria a recuperação das raízes nacionalistas; no interior era possível encontrar peculiaridades da brasilidade do povo e com isto, a identidade nacional ganhava elementos próprios da cultura e da constituição da nação.

Apesar das discussões nacionalistas e prol da formação de uma identidade brasileira, Luiz de Castro Santos⁷⁷ comenta que era possível observar contradições apresentadas pelas correntes nacionalistas existentes no país. O autor afirma que apesar de um grande número de adeptos do racismo científico entre os profissionais de saúde pública no Brasil e da defesa da modernidade nas cidades, nem todos os intelectuais simpáticos à civilização européia, concordavam com a tese de que o embranquecimento era a solução esperada para a melhoria da população brasileira. Entre os intelectuais que defendiam a atenção ao interior estava Artur Neiva. Também era possível, segundo o autor, encontrar intelectuais que procuravam uma composição dos ideais de ambas as correntes nacionalistas: Oliveira Viana defendia a arianização da população brasileira por um lado, e por outro, concordava com a integração dos sertões ao projeto nacional.

Luiz de Castro Santos⁷⁸ privilegia em sua análise, a corrente nacionalista que defendia o resgate dos sertões mostrando que a situação de isolamento e abandono do sertanejo era divulgada por obras de escritores como Monteiro Lobato⁷⁹, Vicente Licínio Cardoso⁸⁰ e Alberto Torres⁸¹. O pensamento ruralista foi uma tradição que recebeu contribuição das idéias defendidas por estes intelectuais citados pelo autor por identificarem como

⁷⁷ Idem, p. 195.

⁷⁸ Idem, p. 196.

⁷⁹ O autor escreveu muito sobre o interior paulista apontando as deficiências da raça como responsáveis pelas características de apatia, indolência e incapacidade para o trabalho da população brasileira. Jeca Tatu foi o personagem criado para ilustrar o resultado da incapacidade racial brasileira. Contudo, em 1918, após a revisão de algumas de suas posições, o autor confere ao personagem Jeca Tatu outro papel porque não era mais culpado por seu comportamento, estava doente. O problema brasileiro não estava na raça e no determinismo que isto implicava e sim nas doenças endêmicas que assolavam o país em função do abandono das autoridades ao povo do interior brasileiro.

⁸⁰ Este intelectual priorizava as regiões do território em detrimento das condições de vida da população porque considerava muito importante que houvesse a ocupação territorial e a promoção da unidade política do país.

⁸¹ O autor defendia que os males sociais deveriam ser eliminados por obras de saneamento cuja ação governamental era imprescindível para esta realização.

vocação do Brasil, a valorização da atividade agrícola e do homem do campo; daí a preocupação com as condições de vida desta população.

Luiz de Castro Santos⁸², identifica um fortalecimento e uma ampliação da idéia de reforma sanitária ao transformar-se numa aspiração nacional nos últimos quinze anos da Primeira República. Uma missão do Instituto Oswaldo Cruz realizada em 1912 por estados do nordeste e por Goiás, denunciou as péssimas condições de vida da população do interior do país e marcou a superação da ênfase urbana do movimento sanitarista. O relatório desta missão, de autoria de Artur Neiva e Belisário Penna, forneceu uma visão clara das condições médico-sanitárias e sociais da população sertaneja e conclamou a intervenção do Estado e seu aparato de assistência em prol de uma população doente e abandonada.

Estas incursões dos sanitaristas brasileiros pelo interior do país resultaram em descrições de um quadro que desmistificava as afirmações feitas por teorias biológicas e racistas que apontavam a inviabilidade do Brasil como nação pelas condições de seus recursos humanos. Os brasileiros, segundo as constatações dos sanitaristas, eram vítimas das condições de vida e não de sua constituição racial negando qualquer hipótese determinista. A inviabilidade identificada pelas teorias biológicas baseava-se no determinismo racial e a visão dos sanitaristas brasileiros questionou esta afirmação deslocando a causa desta inviabilidade da população brasileira da raça para as condições ambientais. Estas experiências e constatações trazidas do interior do país pelos sanitaristas afirmavam a possibilidade real de regeneração da população brasileira através da promoção de mudanças nas suas condições de vida. A higiene, segundo Nísia Trindade e Gilberto Hochman⁸³, na visão do movimento pelo saneamento, representava o instrumento que viabilizaria a remoção da doença, atributo identificado como aquele que desqualificava a população brasileira.

⁸² Santos, Luiz A. de Castro. “O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade” In Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora Campus, vol 28, nº 2, 1985, p. 198.

⁸³ Lima, Nísia Trindade e Hochman, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República” In Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura (orgs) Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996, cap. 2, p. 33.

Quando as expedições médicas chegaram ao interior do Brasil, as condições precárias de vida da população saltaram aos olhos e ofereceram uma alternativa à questão racial até então considerada a causadora de incapacidade e do atraso nacional; a doença atingia qualquer raça desde que submetida às condições presenciadas. As expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz percorreram o Brasil nas duas primeiras décadas do século XX e seus componentes puderam constatar a incidência de doenças que se relacionavam com os problemas nacionais identificados na época. O relatório da expedição dirigida pelos médicos Belisário Penna e Arthur Neiva causou uma grande repercussão e foi resultado de sete meses de viagem a regiões assoladas pela seca realizando um amplo levantamento das condições climáticas, socioeconômicas e nosológicas documentando-as também por registro fotográfico. Era possível constatar a descrição das doenças que afetavam os homens e a atividade pecuária.

A repercussão deste relatório de Artur Neiva e Belisário Pena é destacada por Luiz de Castro Santos⁸⁴ pela vertente política adotada principalmente por Belisário Penna. Esta vertente acentua-se ainda mais quando Neiva retira-se da linha de frente do movimento e começa a publicar sozinho. Castro Santos destaca no discurso de Belisário Penna, a conclamação à sociedade e principalmente ao Estado para contribuírem com a assistência aos sertanejos. As populações desassistidas do interior só seriam favorecidas quando os serviços de saúde fossem centralizados e unificados. Belisário Pena responsabiliza a sociedade e entende que sem a participação efetiva de um Estado nacional forte (unificado) as iniciativas de promoção da saúde da população brasileira seriam isoladas. O sanitarista faz da recuperação da saúde da população brasileira um dever social e obrigação do Estado.

Esta reivindicação de Belisário Pena acompanhou seus pronunciamentos e orientou suas iniciativas culminando na fundação da Liga Pró-Saneamento do Brasil em 1918 com o intuito de cuidar das ações de promoção da saúde pública com o aval do Estado e com a ação dos médicos que se especializaram na assistência para a promoção da saúde

⁸⁴ Santos, Luiz A. de Castro. “O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade” In Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora Campus, vol 28, nº 2, 1985, p. 200.

pública brasileira. Nísia Trindade e Gilberto Hochman⁸⁵ registram que o tema do saneamento ocupou artigos em diversas publicações entre os anos de 1916 e 1918 tornando a saúde um elemento central no debate político nacional. Os argumentos dos militantes deste movimento contribuíram e influenciaram muito o debate sobre a importância política da saúde pública no Brasil. Os anos 20 são marcados por um impulso do papel intervencionista do Estado na política e na economia. Nísia Trindade e Gilberto Hochman⁸⁶ identificam o começo da nacionalização das políticas de saúde e saneamento definindo o surgimento de uma identidade profissional própria dos médicos e profissionais de saúde vinculados à administração pública. Ainda segundo os autores, a ação destes profissionais ajudou a legitimar a presença do Estado na saúde pública e a constatação da importância sociológica da doença no contexto brasileiro.

Luiz de Castro Santos⁸⁷ também destaca a participação do Estado nas políticas de saúde pública analisando comparativamente a diferença do movimento cunhado em território brasileiro em comparação aos exemplos britânico e norte-americano que encorajaram a participação da população e a descentralização administrativa retirando do Estado a direção das ações de saúde pública.. No Brasil, o Estado era o apoio que faltava para proporcionar condições de ação em saúde pública principalmente com a criação de políticas que regulamentassem as práticas. Se recordarmos discussões anteriores realizadas neste trabalho, a Inglaterra foi um país cujo movimento foi contrário porque o Estado e seu aparato para a promoção do bem-estar não foram eficazes.

O autor afirma ainda que Belisário Pena representou um caso isolado entre os sanitaristas pelo cunho político empregado em seu discurso ao referir-se a promoção de políticas de saúde. A elite era conclamada a desviar seu olhar de encantamento para a Europa e voltar-se para a realidade das endemias que assolavam o sertão para que com isso, pudessem promover a esperada construção da nacionalidade. Era dever da

⁸⁵ Lima, Nísia Trindade e Hochman, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da Primeira República” In Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura (orgs) Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996, cap. 2, p. 33.

⁸⁶ Idem, pp. 36-37.

⁸⁷ Santos, Luiz A. de Castro. “O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade” In Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora Campus, vol 28, nº 2, 1985, p. 202.

sociedade empenhar-se voltar seu olhar para os problemas brasileiros a fim de criar soluções próprias para tais problemas e não praticar ações empreendidas em sociedades completamente diferentes do Brasil. Este aspecto ideológico marca, para Luiz de Castro Santos⁸⁸, a relevância do movimento sanitário mesmo que algumas realizações práticas não tenham logrado o êxito esperado. A ênfase na intensificação da centralização do Estado nas ações de saúde pública permaneceu e no final da República Velha, Luiz de Castro Santos afirma que apesar da diminuição da atenção do poder estatal, permaneceu a consciência sanitária com sua força ideológica. O Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) foi criado extinguindo assim a necessidade de existência da Liga Pró-saneamento já que o Departamento era a realização dos esforços empreendidos pela Liga. Com a criação de um órgão governamental para cuidar de assuntos relacionados às condições de vida da população e a promoção de seu bem-estar, a conclamação da participação efetiva do Estado se concretizava, ao menos em tese.

2.4.2- Eugenia

O contexto brasileiro das primeiras décadas do século XX buscava, socialmente, meios para a obtenção da identidade nacional brasileira; politicamente, o Estado precisava ser o grande articulador e principal patrocinador das iniciativas do aprimoramento das condições de vida dos brasileiros. A busca pela determinação da identidade brasileira era o grande desafio da intelectualidade com um otimismo causado pela perspectiva de cuidar de doenças e não depender do determinismo racial anteriormente identificado como obstáculo ao desenvolvimento do país.

A eugenia foi identificada como uma ciência que poderia auxiliar as práticas já existentes e orientadas pelas idéias higiênicas. Como a eugenia afirmava que era possível aperfeiçoar a espécie humana pela transmissão de características que tornavam o ser humano apto à vida social, considerou-se a possibilidade de composição com a higiene porque esta se propunha a promover iniciativas que proporcionavam a melhoria das condições de vida da população brasileira permitindo que esta melhoria fosse estendida às gerações futuras. Esta íntima relação entre a eugenia e a higiene foi

⁸⁸ Idem, p. 204.

identificada numa frase insistentemente repetida pelos profissionais da saúde pública: "Sanear é eugenizar".

Nancy Stepan⁸⁹ afirma que estruturalmente e cientificamente, a eugenia brasileira apresentava congruências com as ciências sanitárias e foi interpretada, por muitos, como uma variação da higiene e por isso a afirmação constante de que sanear era sinônimo de eugenizar. A década de 1920 tem o estilo otimista da eugenia que propunha a melhoria constante e progressiva dos indivíduos, mas com uma orientação lamarckista. Citando Olegário de Moura (vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo) a autora demonstra a íntima relação estabelecida entre a eugenia e a higiene afirmando que saneamento era o mesmo que eugenia embora para a compreensão do público, seria melhor insistir no termo saneamento mesmo que eugenia fosse o termo cientificamente melhor.

O objetivo principal parecia ser, em meu entendimento, à idéia de melhoria e aprimoramento da população não importando a nomeação dada às práticas empreendidas. O interesse em popularizar a ciência eugênica e suas práticas contribuiu para que a eugenia e a higiene fossem termos cujos conceitos confundiram-se entre si pelo menos no discurso dos intelectuais que discutiram os meios para proporcionar o aprimoramento da população brasileira. Nancy Stepan⁹⁰ observa a peculiaridade da melhor adaptação da teoria neolamarckista ao contexto brasileiro. A autora afirma ainda que o estilo neolamarckista de eugenia era congruente com a moralidade tradicional existente no Brasil assim como suas ações para a remoção dos venenos sociais existentes. A pobreza, as doenças venéreas e o alcoolismo poderiam ser considerados como produtos tanto das condições sociais quanto uma escolha moral. Era preciso a recuperação da saúde dos indivíduos associada a mudanças de hábito pela introdução de uma nova cultura que direcionasse as ações para o progresso e a civilização.

⁸⁹ Stepan, Nancy Leys. "Eugenics in Brazil: 1917-1940" In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 121.

⁹⁰ *Ibidem*.

Nancy Stepan⁹¹ afirma que no Brasil não ocorreu qualquer confronto entre o movimento eugênico e o movimento sanitário ao contrário do que ocorreu na Inglaterra. A cooperação entre eugenia e saneamento caracterizou o Brasil como um contexto de particularidades em seu projeto nacional. Muitos membros do movimento sanitário rural participaram ativamente das discussões eugênicas por entenderem que suas práticas promoviam a melhoria das condições de vida e conseqüentemente, promoviam a possibilidade de gerações mais sadias, logo, eugênicas⁹². Não havia a percepção de uma incompatibilidade dos ideais de aprimoramento do ser humano (eugenia) com as idéias de regeneração nacional (práticas higiênicas). Natureza e educação não costumavam ser elementos separados pelos eugenistas brasileiros permitindo com isso, muitas iniciativas de reforma sanitária como formas de melhoria da aptidão hereditária, logo, eugênicas.

Embora não haja registro de incompatibilidades entre higiene e eugenia no contexto brasileiro, Nancy Stepan⁹³ refere-se a grupos de orientação neolamarckista convivendo e dialogando com grupos de orientação mendelista. Estes grupos dividiram o cenário científico brasileiro no campo das discussões embora com longa vantagem para a tradição neolamarckista tanto em relação ao número de adeptos quanto ao tempo em que esta orientação perdurou como guia das ações promovidas no Brasil em prol da melhoria da população. Mesmo que houvesse uma aparente congruência e até sintonia entre as duas teorias citadas, as lógicas de cada estilo eram diferentes implicando, freqüentemente, conclusões distintas e até mesmo opostas. As práticas sanitaristas, segundo seus defensores, promoviam a melhoria das condições de vida porque estas eram identificadas como a causa da degeneração observada na população. A mobilização pelo ideal sanitário que incluía a participação efetiva do Estado não era compatível com os princípios mendelistas que contrariavam a possibilidade de transmissão de caracteres adquiridos assim como desqualificavam o ambiente como passível de interferência na estrutura e conteúdo do plasma germinativo. Os sanitaristas

⁹¹ Idem, p. 122.

⁹² Assim como o termo disgênico foi definido para referir-se às condições consideradas inapropriadas pelo ideal eugênico, seu eugênico significava possuir caracteres considerados adequados tornando seus portadores aptos, logo, prontos para transmitir esta herança positiva para as gerações futuras promovendo a melhoria constante e permanente da população.

⁹³ Stepan, Nancy Leys. "Eugenics in Brazil: 1917-1940" In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 122.

participavam das discussões eugênicas porque também defendiam o aprimoramento humano pelo controle dos caracteres considerados inaptos impedindo-os de propagarem-se.

Esta peculiaridade já citada por Nancy Stepan neste trabalho sobre o movimento eugênico no Brasil será discutida com maiores detalhes posteriormente. Cabe, contudo, registrar as iniciativas promovidas pelos cidadãos preocupados e comprometidos com o bem-estar da população. A eugenia foi uma ciência que mereceu atenção e esforços da sociedade brasileira em várias ocasiões em que a institucionalização da ciência galtoniana foi considerada importante para o fortalecimento de seus propósitos e para fornecer apoio às iniciativas empreendidas.

2.5 – A Eugenia se organiza

Nancy Stepan⁹⁴ afirma a importância de análise do movimento eugênico no Brasil identificando, entre 1900 e 1940 um período de mudanças sociais e políticas ocorridas no Brasil em decorrência de um processo de industrialização tardio e dependente, pelos efeitos da urbanização e pela intensa imigração européia. O Brasil é descrito pela autora como um país subdesenvolvido, de população de maioria católica, rural, racialmente mista e analfabeta. Que demandas o movimento eugênico teria num país com este contexto?

Nancy Stepan⁹⁵ afirma a preocupação com a melhoria da população brasileira já era uma realidade no Brasil do século XIX; contudo, o termo eugenia teve seu 1º registro de uso em solo brasileiro numa tese de 1914 apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro intitulada "Eugenia" de Alexandre Tepedino como requisito para a obtenção do título de graduação em medicina; nela, o autor expõe a doutrina eugênica. Em 1917, uma conferência intitulada "Eugenia" foi proferida pelo médico e farmacêutico Renato Kehl na Associação Cristã de Moços que apresentou os fundamentos da doutrina eugênica expressando o propósito da criação de uma associação onde médicos,

⁹⁴ Idem, p. 111.

⁹⁵ Idem, p. 112.

advogados e demais interessados em discutir assuntos como nacionalidade, biologia e sociedade pudessem ter um espaço.

As iniciativas de institucionalização da eugenia ocorreram no Brasil e foram significativas por seus membros, pelas idéias que discutiram, pelas ações que empreenderam, pelo papel social de suas intervenções e pelas discussões que promoveram em relação á ciência do aprimoramento humano.

2.5.1 – Sociedade Eugênica de São Paulo

Em 15 de janeiro de 1918 foi inaugurada a Sociedade Eugênica de São Paulo no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia (mesmo local em que se realizavam as reuniões da Sociedade de Medicina e Cirurgia). Seu presidente era Arnaldo Vieira de Carvalho (diretor da Escola de Medicina de São Paulo fundada em 1913) além de três vice-presidentes honorários designados: os professores A. de Souza Lima, Amâncio de Carvalho e Belisário Penna⁹⁶.

Entre os 140 membros da instituição havia bacteriologistas, microbiologistas, médicos, psiquiatras, professores universitários e diretores de instituições médicas. Stepan⁹⁷ cita membros que considera importantes e dignos de registro para demarcar a importância das questões eugênicas para a intelectualidade brasileira, definida pela autora como restrita em número de membros embora significativa em função de suas iniciativas em discutir as questões nacionais: Vital Brasil (bacteriologista do Instituto Butantã), Artur Neiva (microbiologista que deixara o Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro incorporando-se ao de São Paulo com a finalidade de recuperar e remodelar os serviços sanitários do estado), Luís Pereira Barreto (médico e positivista), A. Austregesilo (psiquiatra e professor da Escola de Medicina do Rio de Janeiro), Fernando de Azevedo (educador) e Juliano Moreira (diretor do Asilo Nacional localizado no Rio de Janeiro).

⁹⁶ Stepan afirma que o convite feito a Belisário Penna objetivava a projeção da instituição fora do estado de São Paulo pela trajetória conhecida e respeitada do sanitarista.

⁹⁷ Stepan, Nancy Leys. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 115.

As reuniões da Sociedade Eugênica eram realizadas no saguão da Santa Casa de Misericórdia, local de reunião científica tradicionalmente conhecido uma vez que a Sociedade de Medicina e Cirurgia também realizava ali suas reuniões. Nancy Stepan⁹⁸ mostra que a definição referente à instituição era a de uma organização informada e científica que realizaria estudos científicos, conferências e propaganda sobre o fortalecimento físico e moral do povo brasileiro. Além de sessões regulares, a Sociedade promoveu palestras que apresentavam a eugenia e cujo registro era feito num veículo publicado pela própria sociedade intitulado “Annaes de Eugenia”.

Nancy Stepan⁹⁹ registra que entre as discussões e reuniões promovidas pela Sociedade Eugênica de São Paulo, seus membros haviam dividido a eugenia em três tipos: a *eugenia positiva*, que preocupava-se com o incentivo da procriação sadia (dos indivíduos aptos); a *eugenia preventiva*, que lidava com o controle de fatores disgênicos no ambiente através de práticas de saneamento, por exemplo; e a *eugenia negativa*, que preocupava-se em impedir a procriação dos inaptos. Ainda segundo a autora, na década de 1920, o interesse pela eugenia preventiva que privilegiava as atividades de sanitarismo predominava sobre os outros dois tipos (positiva e negativa). Apesar disto, discussões foram realizadas sobre aborto, controle de nascimentos e até mesmo prática de esterilização como instrumentos de controle dos incapazes. A autora afirma que a classe médica brasileira era muito conservadora sobre o tema da reprodução e tendia a opor-se à esterilização independente da causa.

A Sociedade tinha como seu secretário, o médico Renato Kehl, definido por Nancy Stepan como “principal propagandista da eugenia no Brasil e que a vida inteira seria identificado com o movimento”¹⁰⁰. Organizando as reuniões da Sociedade, Kehl também expressava suas idéias sobre o caminho que um movimento eugênico deveria tomar no Brasil afirmando que o país precisava inteirar-se dos avanços ocorridos na Europa sobre o tema da eugenia e desenvolver seus estudos sobre hereditariedade, evolução e possíveis influências do meio ambiente, das condições econômicas, da legislação, dos costumes e dos hábitos sobre a raça brasileira. Mesmo tendo um começo

⁹⁸ Idem, p. 116.

⁹⁹ Idem, p. 124.

¹⁰⁰ Idem, p. 116.

promissor, Nancy Stepan¹⁰¹ afirma que a Sociedade Eugênica de São Paulo encerrou suas atividades no fim de 1919 em função da morte de seu presidente e pela mudança de seu secretário (Renato Kehl) para o Rio de Janeiro. Isto não representou, contudo, o fim das aspirações eugênicas no Brasil nem a desmotivação para a criação de novas instituições que reunissem os interessados nas discussões da ciência galtoniana.

2.5.2 – Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)

Jurandir Costa¹⁰² registra a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) em 1923, no Rio de Janeiro pelo psiquiatra Gustavo Riedel (psiquiatra, criador de um ambulatório de profilaxia das doenças mentais anexo à da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro da qual era diretor). Os membros da Liga eram definidos pelo autor como "a elite psiquiátrica do Rio de Janeiro e provavelmente do Brasil"¹⁰³. Segundo José Roberto Franco Reis¹⁰⁴, além dos psiquiatras, a Liga recebeu como membros diversos médicos, educadores, juristas, intelectuais, empresários e políticos. O objetivo principal da Liga era melhorar a assistência existente aos doentes mentais principalmente pela renovação do quadro profissional e melhoria dos estabelecimentos psiquiátricos. Entidade civil, a Liga foi reconhecida como de utilidade pública funcionando, inicialmente com uma subvenção federal e ajuda de filantropos; posteriormente, já em 1925, contava também com a renda de anúncios publicados em sua revista intitulada "Archivos Brasileiros de Higiene Mental".

O contexto em que a Liga foi criada é descrito por José Roberto Reis¹⁰⁵ como de reavivamento do nacionalismo após um período de guerra; combater os males do país era uma prioridade e a necessidade de busca de soluções independentes e originais, uma realidade. Neste contexto de mobilização social, surge a Liga Brasileira de Higiene

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² Costa, Jurandir Freire Costa. História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1989, pp. 77-78.

¹⁰³ Idem, p. 78.

¹⁰⁴ Reis, José Roberto Franco. Higiene Mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade de Campinas, 1994, p. 49.

¹⁰⁵ Idem, p. 51.

Mental. Até 1925, Jurandir Freire Costa¹⁰⁶ afirma que o objetivo da criação da instituição foi obedecido embora a partir de 1926, outras elaborações começassem a fazer parte das discussões dos membros da Liga como, por exemplo, a educação da população e uma direção para a prevenção utilizando-se dos princípios eugênicos. Isto representou uma mudança de foco uma vez que, garantindo a assistência aos alienados e promovendo a melhoria de suas condições de atendimento, os psiquiatras praticavam ações cujo foco eram os indivíduos doentes. Com o intuito da prevenção, o foco passa a ser o indivíduo saudável porque este deveria ser acompanhado como fazia a medicina orgânica com seus pacientes: no período pré-patogênico, ou seja, antes do aparecimento dos sinais clínicos.

Nancy Stepan¹⁰⁷ recupera a trajetória de Renato Kehl após sua mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro e a extinção da Sociedade Eugênica de São Paulo encontrando-o como membro ativo da Liga Brasileira de Higiene Mental em 1925. A autora também destaca que em 1929, indivíduos proeminentes da sociedade brasileira eram sócios da Liga: Juliano Moreira (diretor do Hospital Nacional dos Alienados), Miguel Couto (presidente da Academia Nacional de Medicina), Fernando Magalhães (professor de ginecologia e obstetrícia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), Carlos Chagas (protozoólogo, descobridor da doença de Chagas e diretor do Instituto Oswaldo Cruz), Roquette-Pinto (antropólogo, médico e diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro), Afrânio Peixoto (higienista e médico legal), Henrique Roxo e A Austregésilo (ambos especialistas em doenças mentais).

Jurandir Freire Costa¹⁰⁸ registra reformulações nos estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental em 1928, privilegiando a intervenção preventiva dos psiquiatras no meio escolar, profissional e social promovendo assim um distanciamento dos psiquiatras de sua teoria e prática correntes. Cada vez mais os psiquiatras definiam-se como higienistas e justificavam sua nova prática apoiando-se na teoria eugênica, recurso conceitual usado pelos médicos para ampliar as fronteiras da psiquiatria abrangendo o

¹⁰⁶ Costa, Jurandir Freire Costa. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1989, pp. 78-79.

¹⁰⁷ Stepan, Nancy Leys. *"Eugenics in Brazil: 1917-1940"* In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 118.

¹⁰⁸ Costa, Jurandir Freire Costa. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1989, pp. 79-80.

terreno social. De 1929 até 1934 o papel da eugenia nos programas de higiene mental tornou-se o objetivo principal. O autor identifica a presença de princípios eugênicos no discurso psiquiátrico relacionando-os e concluindo a importância da compreensão do mecanismo de hereditariedade nas discussões sobre a prevenção das proles contra as doenças mentais advindas de seus ascendentes porque afirmavam que os transtornos mentais eram passíveis de transmissão de uma geração para outra¹⁰⁹.

José Roberto Franco Reis¹¹⁰ discute que os serviços oferecidos à população pela Liga Brasileira de Higiene Mental marcavam, efetivamente, a intervenção do saber psiquiátrico na sociedade brasileira. Entre as muitas iniciativas para desenvolver os propósitos discutidos e inspirados pelo ideal eugênico, a LBHM montou laboratórios de psicologia aplicada, construiu ambulatórios de psiquiatria e consultórios gratuitos de psicanálise. Testes psicológicos foram aplicados nos alunos de escolas públicas e nas fábricas. Semanas denominadas antialcoólicas ocorreram nos anos de 1927, 1928, 1929 e 1931 e foram organizadas porque o alcoolismo¹¹¹ era um fator considerado debilitante da raça. Como referência, a teoria da degenerescência de Morel¹¹² e sua aplicação para identificar fatores que causavam uma herança degenerada:

“Esse desvio, por mais simples que o suponhamos em sua origem, encerra, não obstante, elementos de transmissibilidade de tal natureza que aquele que carrega seu germe torna-se cada vez mais incapaz de cumprir sua função na humanidade, e o progresso intelectual, já suspenso

¹⁰⁹ Idem, p. 90.

¹¹⁰ Reis, José Roberto Franco. Higiene Mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade de Campinas, 1994, pp.49- 50.

¹¹¹ Entre os chamados “venenos sociais”, o álcool foi considerado um inimigo da raça tornando sua eliminação um objetivo eugênico visando a defesa nacional.

¹¹² Em 1857, publica “O Tratado das degenerescências” afirmando que o homem foi criado segundo um tipo primitivo perfeito e qualquer desvio era uma degradação (degenerescência). As circunstâncias externas nocivas podiam causar este desvio. Para Morel, a essência desse tipo primitivo era a dominação do aspecto moral sobre o físico; a doença mental invertia essa hierarquia.

em sua pessoa, vê-se ainda mais ameaçado na de seus descendentes”¹¹³

Apesar de posicionamentos que indicavam a importância do controle dos mecanismos de hereditariedade, as idéias consideradas moderadas e com ênfase na educação mantiveram um espaço privilegiado nas publicações e nos espaços de discussão porque permitiam a ampliação do campo de ação dos médicos pela criação da necessidade de intervenção direta e efetiva nos vários grupos sociais e nas instituições existentes. A radicalidade da eugenia negativa era reconhecida como necessária por muitos, mas, poucos estavam dispostos a defender abertamente propostas tão polêmicas. Os debates sobre as questões nacionais aumentavam em importância assim como o peso das demandas direcionadas à ciência do aprimoramento humano refletia a parceria identificada pela sociedade com fins de promover o progresso nacional. Acompanhando as discussões desenvolvidas no Brasil, as atenções para o desenvolvimento dos ideais eugênicos voltaram-se para as expectativas da realização do primeiro evento de grande porte direcionado exclusivamente para as discussões de temas eugênicos e aguardado com grande expectativa pela intelectualidade interessada no assunto: O I Congresso Brasileiro de Eugenia.

2.5.3 – O I Congresso Brasileiro de Eugenia

Nas atas do I Congresso Brasileiro de Eugenia¹¹⁴, é possível encontrar um pequeno histórico dos antecedentes do evento. Em 30 de junho de 1928, por ocasião do 99º aniversário da Academia Nacional de Medicina, o presidente da instituição, Miguel Couto, expressou interesse pelas questões nacionais mencionando o esforço dos profissionais e o apoio da ciência em prol das gerações futuras que ocupariam o país. Como parte das celebrações do centenário de fundação da Academia Nacional de Medicina, Miguel Couto propôs a convocação do I Congresso Brasileiro de Eugenia,

¹¹³ Bercherie, Paul. Os Fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980, p. 110.

¹¹⁴ Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, p. 07.

presidido, no ano seguinte por Roquette-Pinto do dia 01 ao dia 06 de julho no Rio de Janeiro (edifício da Faculdade de Medicina e Instituto dos Advogados)¹¹⁵.

Segundo o regimento interno do Congresso¹¹⁶, seriam considerados como membros, médicos, farmacêuticos, químicos, biólogos, educadores, sociólogos e associações congêneres. Os alunos das escolas superiores eram considerados convidados. Nancy Stepan¹¹⁷ registra que o evento definido por ela como “*a mais importante manifestação pública da eugenia brasileira na década de 1920...*” reuniu cerca de 200 profissionais entre clínicos, representantes oficiais da psiquiatria estatal e das instituições de higiene, especialistas médico-legais, jornalistas e deputados federais. O evento contou com a presença de delegados da Argentina, Peru e Paraguai.

O I Congresso Brasileiro de Eugenia recebeu eugenistas de muitos países não apenas latino-americanos, mas também europeus. Entre os muitos temas discutidos no Congresso, Nancy Stepan¹¹⁸ destaca casamento e eugenia, educação eugênica, proteção da nacionalidade, tipos raciais, arquivos genealógicos e sua importância, imigração japonesa, campanhas antivenéreas, intoxicantes e eugenia, tratamento da doença mental e proteção à infância e à maternidade. A imigração e a necessidade de sua regulamentação ocupou um grande espaço no congresso rendendo acaloradas discussões. Defendia-se um controle rígido dos imigrantes que entravam no Brasil sob pena de trazer para solo nacional degenerados de outras nacionalidades aumentando ainda mais o problema já existente na população brasileira quanto à sua qualidade genética a ser transmitida para as gerações futuras. A intenção era produzir um documento que encaminhado para as autoridades competentes, corroboraria a criação de

¹¹⁵ O presidente do congresso foi Roquette-Pinto e o secretário geral, Renato Kehl. A primeira seção do congresso (antropologia) tinha como presidente Fróes da Fonseca e como secretário, Fernando R. da Silveira. A segunda seção (genética) tinha como presidente Álvaro Osório de Almeida e como secretário, O. B. Couto Silva. A terceira seção (educação e legislação) tinha como presidente Levi Carneiro e como secretária, D. Celina Padilha.

¹¹⁶ Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, p. 08.

¹¹⁷ Brasil Médico, 1929, nº 43, pp. 842-845 apud Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 118-119.

¹¹⁸ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, p. 119, 1990.

uma legislação específica que regulamentasse a entrada dos imigrantes em solo brasileiro.

Lendo as atas dos trabalhos apresentados, identifiquei alguns debates que apontavam vozes dissonantes em relação à compreensão de práticas de saneamento como práticas eugênicas. A genética mendeliana, redescoberta no começo do século XX, também foi discutida em algumas sessões e conferências com a descrição do mecanismo da hereditariedade negando, com isto, qualquer possibilidade de defesa para a existência de um mecanismo de transmissão de caracteres adquiridos e mostrando ainda, a herança como resultado de cálculos probabilísticos. As práticas higiênicas foram elogiadas como iniciativas necessárias para a ordem social embora distintas das medidas eugênicas.

Na sessão inaugural do Congresso, Roquette-Pinto¹¹⁹ discursa com um tom que mostra que nem tudo é unânime no movimento eugênico brasileiro mesmo que todos os esforços da época fossem em prol do aprimoramento constante da população brasileira. Afirmou que a herança recebida dos antepassados era muito importante para compreender as condições de saúde da população e embora reconhecesse que num determinado tempo a medicina e a higiene se propuseram a resolver os problemas de saúde no Brasil, a ciência mostrou que um elemento independia da higiene: a semente, ou seja, a herança; e nisto residia a importância e ao que parece, a especificidade da eugenia. Roquette-Pinto seguiu em seu raciocínio afirmando que a eugenia era importante porque o Brasil precisava aproveitar melhor os braços que possuía assim como deveria prover condições de aperfeiçoamento para as gerações futuras. O patrimônio biológico do povo brasileiro constituía-se num problema e numa grande preocupação para aqueles que almejavam a identidade nacional tornando imprescindível, ações para promover a recuperação da constituição da população brasileira.

Nancy Stepan¹²⁰ identifica entre as discussões desenvolvidas no I Congresso Brasileiro de Eugenia, o posicionamento neolamarckista como teoria para corroborar as ações de

¹¹⁹ Roquette-Pinto, E. “Acta da sessão inaugural” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, p. 11.

¹²⁰ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 119.

melhoria dos indivíduos por práticas de saneamento e higiene. Um outro grupo, contudo, identifica no mendelismo a base para ações efetivas de melhoria do patrimônio biológico dos indivíduos negando a transmissão de caracteres adquiridos. A autora afirma que neolamarckistas e mendelistas não representavam apenas grupos científicos com teorias diferentes, mas também apresentavam orientações ideológicas diferentes. Os neolamarckistas enfatizavam a importância do ambiente na hereditariedade. Os mendelistas, por sua vez, afirmavam que o poder da genética era soberano conferindo à herança do plasma germinativo a soberania na determinação das características a serem herdadas.

Vale perguntar diante das informações colhidas até então porque as práticas higiênicas perduraram por tanto tempo como a melhor forma de sanar as deficiências dos brasileiros. Que tradição fortaleceu o saneamento e a educação em detrimento da esterilização ou do controle de casamentos? Mais uma vez, o contexto político pode oferecer elementos de análise para tal conjuntura. Os anseios da população esclarecida no Brasil relacionavam-se com a esperança de fazerem parte de uma nação desenvolvida e próspera apesar da massa populacional mestiça e doente. A preocupação com os vícios morais era evidente e o estilo de vida conferia tal constatação necessitando mudanças de hábito e costumes além de modificação biológica. As campanhas promovidas pela administração pública conferiram a segurança de que o Estado estaria presente demonstrando a preocupação com o futuro da população assim como promoveria uma conjuntura mais "digerível" (sem a visão de delinquentes, prostitutas, bêbados e sífilíticos no corpo social brasileiro). Os venenos sociais deveriam ser removidos para que a população brasileira se tornasse sadia. Como estas idéias foram veiculadas na sociedade brasileira e que discussões foram desenvolvidas em prol da busca das melhores condições para a população brasileira? Que atores participaram deste debate e como se posicionaram politicamente, ideologicamente e cientificamente? Sanear era eugenizar?

Capítulo 3: O BOLETIM DE EUGENIA (1929-1933)

Introdução

“Têm os leitores o primeiro número do Boletim de Eugenia. Aparece modestamente: pequeno formato, poucas páginas. Promete pouco. Deseja, apenas, auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos que, embora de mediana cultura, desejam, também, orientar-se sobre o momentoso assunto. Apresentará, para atender a todos, pequenos artigos científicos, ao lado de outros, de simples vulgarização. Tudo resumidamente, tudo em linguagem simples e clara”¹²¹

Estas são as primeiras palavras publicadas no primeiro número do periódico intitulado Boletim de Eugenia. O texto apresenta o veículo que este trabalho utilizará como fonte principal para analisar uma das formas pelas quais as idéias eugênicas circularam no Brasil. Além da propriedade, o Boletim de Eugenia estava sob a direção de Renato Kehl e entre seus objetivos, procurava preparar um terreno propício para a criação do Instituto Brasileiro de Eugenia. Este era considerado fundamental para o fortalecimento das idéias sobre eugenia no Brasil. Para Renato Kehl, uma instituição deste tipo garantiria não apenas a propagação de idéias eugênicas como seria uma instituição que reuniria os interessados pela ciência para debates e discussões; a idéia era que funcionasse como um local em que ações de cunho eugênico pudessem ser formuladas, incentivadas e apoiadas.

Na apresentação do periódico, o editor, ao falar do público-alvo do periódico, refere-se a elementos que apesar da mediana cultura se interessariam pela eugenia. O editor parece interessado em atender um público-alvo vasto ao afirmar que procuraria publicar não apenas artigos científicos (podemos depreender que estes estariam direcionados a

¹²¹ Kehl, Renato. “O nosso boletim: Instituto Brasileiro de Eugenia” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 1, janeiro, 1929, p. 1

comunidade científica existente ou a estudiosos do assunto), mas também publicaria artigos de vulgarização preocupando-se em usar uma linguagem definida por ele como clara e simples (está evidente para mim que o editor divide seu público-alvo em pelo menos dois grupos bem definidos pelas colocações dos tipos de artigos que pretendia publicar no periódico). Lílian Denise Mai¹²² considera o Boletim de Eugenia uma das iniciativas individuais que existiram no Brasil com o intuito de difundir a ciência eugênica. A autora identifica referências de publicações sobre o assunto anteriores ao Boletim de Eugenia, destacando os Anais de Eugenia como a publicação que mais se aproximava daquele. Na verdade, os Anais consistiam em um volume organizado por Renato Kehl para registrar as atividades da Sociedade Eugênica de São Paulo durante seus anos de existência (1918-1920).

Em relação ao público-alvo para o qual o periódico foi direcionado, Lílian Denise Mai afirma que havia a comunidade científica, os políticos, os advogados, os legisladores, os intelectuais, os professores, os pais e as mães; a autora compreende que estes elementos eram conclamados a assumir a responsabilidade da administração pública e com os conhecimentos e propósitos da eugenia, conseguiriam dirigir os caminhos do país. Para a autora, este grupo representaria pessoas que, com um certo nível de educação e instrução, poderiam compreender os propósitos da eugenia e promover o planejamento e a aplicação de ações que promovessem o aprimoramento dos indivíduos no Brasil. Politicamente, a autora sugere que são as pessoas que estariam em cargos públicos responsáveis pelo apoio estatal já conclamado desde as excursões sanitárias de Belisário Pena e Artur Neiva pelo interior do país, assim como representariam um grupo que formaria opinião na sociedade e poderia obter o apoio necessário para que as ações eugênicas fossem realizadas e fossem eficazes¹²³.

Para ressaltar o tom propagandístico, quase de missão, destaco algumas frases que eram publicadas em destaque nos números do Boletim para conclamar a participação da sociedade na propagação dos ideais eugênicos deixando claro o quanto a eugenia

¹²² Mai, Denise Lílian. Boletim de Eugenia (1929-1931): um estudo sobre forças educativas no Brasil. Dissertação de Mestrado. Maringá: 1999, p. 13.

¹²³ Idem, p. 16.

relacionava-se com a nacionalidade e com o dever dos cidadãos brasileiros. Alguns exemplos a seguir:

“Prestarão um bom serviço ao Brasil os jornais e revistas que auxiliarem a propaganda da eugenia transcrevendo em suas colunas os artigos, tópicos e notícias deste Boletim”¹²⁴.

“Jornais que noticiaram o 1º número do Boletim e compreenderam os intuitos de propagar conhecimentos eugênicos a fim de concorrer para o progresso físico, psico, mental e moral: O Correio da Manhã, O Estado de São Paulo, O Globo, A Noite, Brasil Médico, Diário de Minas, Minas Gerais, Diário Nacional”¹²⁵

Este tom de afirmação da nacionalidade brasileira estava presente em todos os volumes do Boletim de Eugenia. A identidade nacional era viável e a eugenia proporcionaria esta conquista. A propaganda da eugenia feita pelo periódico consistia não apenas em artigos que esclareciam termos referentes a eugenia e suas práticas mas também referiam-se a experiências internacionais. A preocupação que identifiquei era a de mostrar que a ciência eugênica era viável e que o Brasil poderia beneficiar-se de seus propósitos. Segundo o editorial de apresentação¹²⁶, o Boletim de Eugenia representaria a primeira publicação especializada em eugenia de caráter periódico. Mesmo precedendo a fundação do Instituto Brasileiro de Eugenia, o periódico propunha-se a propagar a ciência de Francis Galton e, para tal realização, o editorial encerrava-se registrando que pequenos trabalhos e notas seriam recebidos pelo editor que afirmava que as colunas da publicação estariam abertas a todas as idéias em prol da propaganda dos ideais eugênicos no Brasil.

¹²⁴ Boletim de Eugenia. Volume 1, nº 2, Janeiro de 1929, p. 4.

¹²⁵ Boletim de Eugenia. Volume 1, nº 3, Janeiro de 1929, p. 3.

¹²⁶ Kehl, Renato. “O nosso boletim: Instituto Brasileiro de Eugenia” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 1, Janeiro, 1929, p. 1.

3.1- Apresentando o Boletim de Eugenia

3.1.1 – Renato Kehl e o Boletim de Eugenia

Renato Kehl, editor e proprietário do Boletim de Eugenia é um ator muito presente nos textos que se referem à eugenia e é citado em grande parte destes textos como um incentivador e empreendedor da propaganda em prol da eugenia, assim como uma propaganda chave nas tentativas de institucionalização da eugenia no Brasil. Conforme discussão no capítulo 2, Renato Kehl teve participação ativa na criação da Sociedade Eugênica de São Paulo, participou das atividades da Liga Brasileira de Higiene Mental e foi secretário-geral do I Congresso Brasileiro de Eugenia. Além da edição do Boletim de Eugenia, fundou a Comissão Central Brasileira de Eugenia além, de ter escrito livros, publicado artigos e ter sido membro de instituições eugênicas internacionais.

Renato Ferraz Kehl nasceu em Limeira (São Paulo) em 1889; formou-se aos vinte anos na Escola de Farmácia em São Paulo, doutorando-se médico, em 1915, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Publicou "Blastomicose" e, em colaboração com o Dr. Eduardo Monteiro, publicou "Dicionário Popular de Medicina de Urgência". Em 1917, proferiu a primeira conferência sobre eugenia na Associação Cristã de Moços. Participou da Fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918. Publicou, em 1919, os "Annaes de Eugenia" reunindo os discursos, conferências e trabalhos realizados na Sociedade Eugênica de São Paulo. Em 1923, publicou "Eugenia e medicina social" e "A cura da fealdade". Em 1924, publicou "Melhoremos e prolonguemos a vida – a valorização eugênica do homem" e "Como escolher um bom marido – conselhos às moças". Em 1925, publicou "Como escolher uma boa esposa – amor experimental" e "A Fada Hygia" – 1º livro de higiene para uso das escolas primárias". Em 1926, publicou "Bíblia da saúde – higiene para todos" e, em 1927, "Formulário da beleza". Em 1929, além de editar o Boletim de Eugenia, publicou "Lições de Eugenia". Em 1933, publicou "Aparas eugênicas: sexo e civilização". Já em 1942, publicou "Catecismo para adultos (ciência e moral eugênicas)". Exerceu o cargo de Inspetor Sanitário Rural do Departamento Nacional de Saúde Pública onde organizou um serviço de educação sanitária (ligado a Inspeção da lepra e das doenças venéreas) e criou também um Museu de higiene com a exposição de uma campanha educativa e

sanitária a ser instalada no país com exibição de objetos e fotos mostrando habitações típicas das áreas rurais com insetos transmissores de doenças. Foi funcionário da Bayer entre 1923 e 1944 como farmacêutico responsável e, depois, como diretor-médico, elaborando propagandas de medicamentos e dirigindo publicações de circulação entre médicos.

3.1.2 – Formato e temas

Publicado entre 1929 e 1933, o Boletim de Eugenia circulou mensalmente nos três primeiros anos e passou a ter circulação trimestral em 1932. Tornou-se um suplemento da revista médica intitulada "Medicamenta" na edição Junho/Julho de 1929 (nº 6-7) por convite de Theophilo de Almeida (amigo de faculdade de Renato Kehl e diretor da publicação médica). A tiragem do Boletim de Eugenia começou com 1000 exemplares distribuídos gratuitamente mediante solicitação enviada para a caixa postal anunciada no periódico em nome de Renato Kehl; ao se tornar suplemento da Medicamenta, sua tiragem aumentou porque o periódico também chegaria aos leitores da Medicamenta que circulava por todo o Brasil. Para Kehl, isto representou a dilatação dos horizontes da propaganda em prol da Eugenia acreditando que aumentariam as contribuições sobre o assunto em função da clientela informada e seleta da Medicamenta. A notícia foi veiculada através de um editorial de Renato Kehl:

“Aceitando o oferecimento amável e generoso de Theophilo de Almeida, colega ilustre e dos mais distintos com o qual tenho a honra e o prazer de manter as melhores relações de amizade desde os tempos acadêmicos, não hesitei em incorporar o meu modesto “Boletim” como suplemento da “Medicamenta”, uma das mais acatadas e apreciadas revistas médicas brasileiras.

Dilatam-se, assim, os horizontes visados pela nossa propaganda em prol da ciência de Galton porque além da tiragem independente e habitual de mil exemplares, o “Boletim” incorporado à “Medicamenta” irá alcançar todos

os leitores deste órgão de publicidade que se espalham de norte ao sul do país.

O “Boletim de Eugenia” continuará de propriedade e sob a responsabilidade do seu fundador, o qual agradece o nobre gesto de Théo de Almeida, antigo prosélito e agora um dos beneméritos da cruzada eugênica no Brasil”¹²⁷

Em relação a formatação do periódico, suas edições iniciais (antes de se tornar suplemento), continham 4 páginas; após tornar-se um suplemento, passou a conter 8 páginas, duplicando seu espaço. Todos os espaços do periódico eram ocupados com editoriais, artigos, notas, traduções de textos estrangeiros e reprodução de reportagens publicadas em outros veículos de comunicação escrita. Em relação a natureza do que era publicado no Boletim de Eugenia, estabeleci algumas categorias na tentativa de elaborar um mapeamento do periódico. Ressalto que é um recorte entre tantos possíveis e, quiçá, o mais adequado às questões que eu pretendo discutir.

Para melhor compreensão destas categorias, além de citá-las, procurarei delimitar do que se tratavam. Havia artigos que discutiam temas como **genética** (estudos de caso, apresentação de discussões teóricas e defesa de sua importância para a compreensão dos mecanismos de hereditariedade), **eugenia** (apresentação dos propósitos, referências ao fundador da ciência, estudos de caso que corroborassem a importância de ações eugênicas, referências a decisões tomadas em outros países com base na eugenia e apresentação de suas principais características diferenciando-a de outras práticas e teorias que não atendiam aos propósitos definidos como eugênicos), **eugenismo** (costumeiramente usado por Renato Kehl e outros eugenistas para definir as práticas que promoviam a melhoria das condições de vida da população sem que com isso promovessem o aparecimento de caracteres a serem transmitidos de uma geração para outra), **eventos internacionais** (congressos, cursos, conferências e palestras) eram registrados sempre com antecedência e com a descrição da data, local, participantes e em algumas situações, resumos dos trabalhos a serem apresentados. **Concursos** realizados no exterior mereciam registro assim como seus ganhadores; no Brasil, havia

¹²⁷ Kehl, Renato. “Boletim de Eugenia e “Medicamenta” In Boletim de Eugenia. Volume 1, nº 6-7, junho-julho, 1929, p. 2.

uma descrição completa das regras, comissão julgadora, critérios analisados e destaque para os vencedores.

Outro assunto muito presente nas páginas do Boletim de Eugenia, era a discussão sobre a necessidade da **criação de uma instituição eugênica no Brasil**, semelhante às existentes no exterior (em especial os Institutos de Eugenia) com referências constantes ao Instituto de Eugenia de Berlim e ao seu presidente Dr. Muckermann. O papel deste instituto para a nacionalidade alemã era descrito por Renato Kehl como imprescindível por seu empenho e dedicação à nacionalidade alemã; algumas ações realizadas pelo instituto alemão com o objetivo de intervir sobre os fatores disgênicos, como por exemplo, esterilização dos incapazes e controle por meio do exame pré-nupcial, eram consideradas adequadas também para a realidade brasileira.

Como assuntos afins, notas e artigos sobre **legislações** identificadas como eugênicas ou em prol dos propósitos eugênicos eram publicados; procurava-se, em alguns destes artigos ou notas, a descrição das implicações da legislação para propósitos de melhoria da população e de sua prole. Outros artigos lembram a importância da existência de uma legislação eugênica que obrigasse a execução de procedimentos considerados fundamentais para o cumprimento das metas de aperfeiçoamento da população brasileira. Uma das reivindicações que mais aparece era a do estabelecimento de uma regulamentação do exame pré-nupcial. Alguns artigos descreviam exemplos de países que possuíam tal regulamentação e mostravam sua contribuição para o controle de casamentos inadequados; outros artigos descreviam ainda as vantagens da existência desta regulamentação tanto para o controle, quanto para o auxílio à orientação de jovens casais que pretendiam casar-se, mas não apresentavam a consciência necessária da importância de um casamento eugênico.

Os **artigos em língua estrangeira** (inglês, francês e alemão) eram, segundo o editor do periódico, uma indicação de que o Boletim de Eugenia avançava por fronteiras que demandavam a publicação de alguns artigos em língua estrangeira (não há nenhum número do Boletim de Eugenia inteiramente publicado em língua estrangeira); além de artigos que descreviam o histórico do movimento eugênico no Brasil, propósitos e realizações desenvolvidas, alguns artigos eram publicados na íntegra e no idioma original de publicação, sendo grande parte deles em inglês.

As **obras enviadas ao editor do Boletim de Eugenia** (tanto as obras nacionais quanto as estrangeiras) originavam-se de países da América Latina, da Europa e da América do Norte. Algumas obras eram citadas com o registro do título e do autor; outras publicações eram apresentadas com os dados referidos anteriormente e com um pequeno resumo. Algumas publicações foram apresentadas por meio de uma resenha.

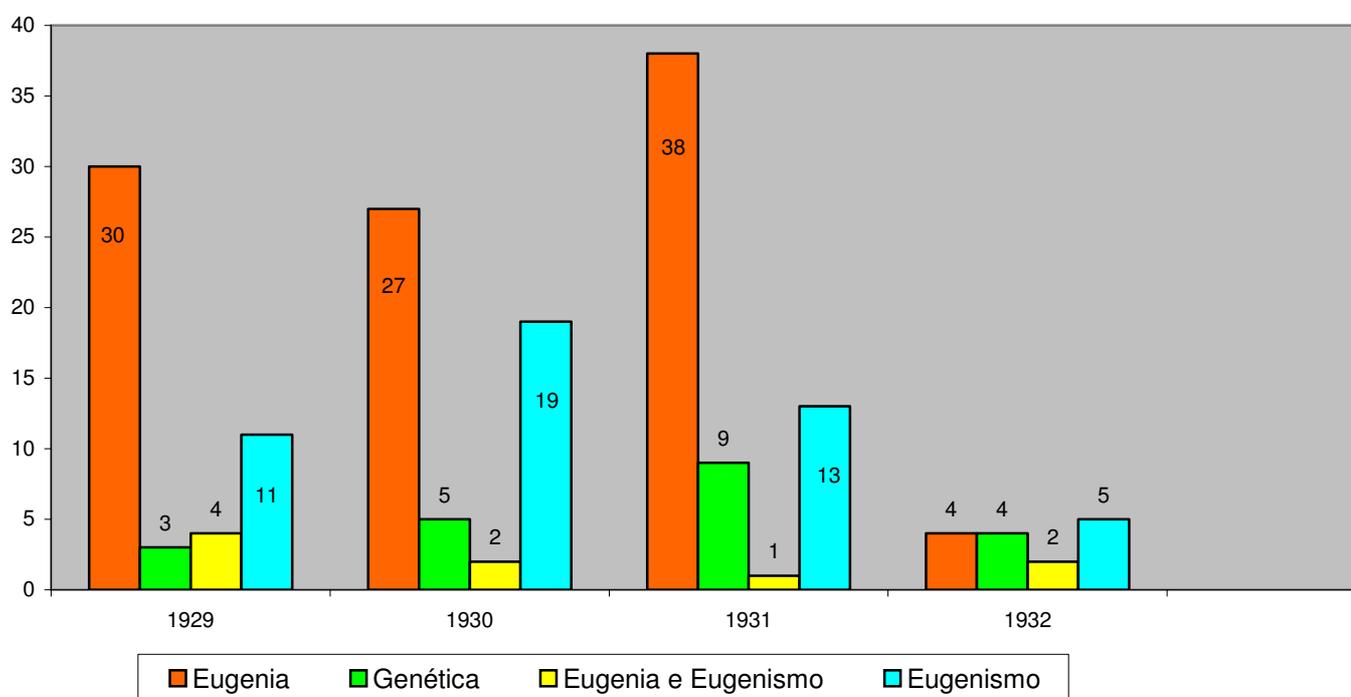
Estas categorias foram definidas por mim com o intuito de mostrar a diversidade de assuntos discutidos no Boletim de Eugenia de uma forma mais ampla para posteriormente aprofundar-me em alguns conteúdos que, em meu entendimento, são importantes para caracterizar o veículo que escolhi como fonte principal de minha análise. Embora intitulado Boletim de Eugenia e trazendo de forma clara o principal conteúdo a ser veiculado pelo periódico, destaco o crescente número de artigos que traziam, como destaque, assuntos referentes à genética e seus propósitos em prol da eugenia assim como um grande número de artigos que enfatizava a discussão sobre as práticas definidas como próprias do eugenismo¹²⁸.

Eugenia e eugenismo foram os conceitos discutidos em grande parte dos artigos publicados no Boletim de Eugenia. A tônica destes artigos era definir conceitos, esclarecer propósitos, ilustrar possíveis ações, variando de acordo com o objetivo: eugênico, com medidas que negavam a transmissão dos caracteres adquiridos. No eugenismo, a promoção de atividades preventivas prevalecia. É preciso destacar, contudo, que o número de artigos que tratavam da genética cresceram ano a ano, mostrando que o assunto era considerado cada vez mais importante. É claro que um boletim intitulado eugênico deveria privilegiar este tema; contudo, destaco o crescente número de artigos que trazem assuntos sobre genética e o grande número de artigos cujas práticas de eugenismo sobressaem.

Os textos que discutem a eugenia destacam-se numericamente como já era esperado em relação a um veículo que se propunha a propagar estes princípios; apesar disto, artigos que defendiam os propósitos e objetivos das práticas de eugenismo também aparecem

¹²⁸ O eugenismo era usado em grande parte dos artigos como definição de qualquer ação que proporcionasse melhoria das condições de vida das pessoas, mas que não necessariamente interfeririam nas características a serem transmitidas para gerações futuras pelo mecanismo da hereditariedade. Também era possível observar que o termo era usado por outros autores como práticas eugênicas.

(mesmo que em quantidade inferior) mostrando uma possibilidade de diálogo ou discussão sobre as práticas elaboradas em prol da promoção da saúde e do desenvolvimento progressivo das condições físicas e mentais dos indivíduos. Não se pode deixar de registrar que poucos artigos tratavam da genética, mas se considerarmos que a ciência mendeliana era uma novidade dominada por poucos estudiosos, o fato de artigos sobre esta ciência estarem presentes no Boletim indica que a discussão sobre eugenia e eugenismo ganhava subsídios com as teorias sobre hereditariedade e variabilidade trazidas pela genética. Um gráfico¹²⁹ ilustra, ano a ano, a publicação dos números de artigos identificados e classificados por mim em categorias que considere dominantes entre as outras já apresentadas para referir-me ao conteúdo do Boletim de Eugenia:



Este debate é o mesmo que já foi referido por Nancy Stepan anteriormente neste trabalho e que mostra que o movimento eugênico no Brasil não apresentava unanimidade quando o assunto era eugenia e práticas eugênicas. Destaco, contudo, que em 1929, ano do Congresso Brasileiro de Eugenia, e em 1930 os artigos em que há a defesa ou apresentação de propósitos da eugenia e do eugenismo sugere um diálogo entre grupos com opiniões diferentes sobre os caminhos que as práticas eugênicas

¹²⁹ Os dados referentes a publicação do Boletim de Eugenia no ano de 1932 (ano em que o Boletim tornou-se trimestral) referem-se apenas ao ano IV, número 39 (Julho-setembro) e número 40 (Outubro-Dezembro). Não foi possível achar os volumes referentes ao ano de 1933.

deveriam tomar. Os artigos sobre genética, embora em proporção menor, representam, por outro lado, uma veiculação mais constante, no Boletim, da ciência de Mendel considerando que poucos estudiosos no Brasil dedicavam-se e dominavam este assunto.

Nancy Stepan afirma que no Brasil a eugenia foi uma ciência que sempre apresentou confusão com o sanitarismo, ou seja, os termos eram usados, em muitas situações, como sinônimos. Por outro lado, o que podemos perceber ao analisar o gráfico apresentado acima é que os artigos publicados no Boletim de Eugenia consistiram em uma tentativa de diferenciar estes conceitos: a eugenia, sem conotações sanitaristas, era o assunto principal de grande parte dos artigos publicados no periódico. Por sua vez, os artigos que tratavam da “eugenia e eugenismo” procuravam exatamente distinguir os propósitos eugênicos do sanitarismo. Retomarei este ponto de discussão no capítulo 4, embora com uma análise mais qualitativa, quando estiver apresentando e discutindo o conteúdo dos artigos de Renato Kehl e Octávio Domingues.

Em relação aos colaboradores do periódico é importante explicar que alguns artigos eram publicados sem autoria, outros apresentavam apenas iniciais do autor, e os que possuíam identificação, costumavam vir não apenas com o nome, mas a identificação seja da formação ou de que instituição pertencia o autor. No anexo 1 é possível ver número a número, os artigos e seus autores (quando registrados). Outros artigos eram transcrições de publicações realizadas em outros veículos de comunicação (jornais, por exemplo) ou traduções de artigos publicados em revistas internacionais ou escritos especialmente para o Boletim de Eugenia.

Entre os colaboradores do Boletim de Eugenia, Renato Kehl apresentou o maior número de contribuições (46 artigos), discorrendo sobre assuntos relacionados aos propósitos da eugenia, conclamando a sociedade e formadores de opinião a propagarem a eugenia e defendendo as práticas eugênicas em detrimento de outras práticas, que embora visassem a melhoria das condições de vida, não eram capazes de agir sobre os caracteres transmissíveis de geração para geração. Octávio Domingues publicou 13 artigos em que descrevia a genética e procurava demonstrar o quanto era importante compreender a teoria de Mendel para planejar e empreender ações que, segundo o autor, promoveriam, efetivamente, a melhoria eugênica preconizada e desejada. Em alguns

artigos observa-se também críticas ao pouco esforço da sociedade e do Estado para que ações eugênicas de fato fossem realizadas.

João Ribeiro escreveu 3 artigos em que promovia discussões sobre a etimologia da palavra “eugenia”. Sylvia Serafim foi uma das poucas mulheres que contribuiu com artigos e/ou notas para o Boletim de Eugenia (2 artigos). Alguns destaques devem ser feitos em função dos autores que publicaram ou foram referidos no Boletim de Eugenia: Oliveira Vianna (2 artigos), J. Porto Carrero (2 artigos), Cunha Lopes (2 artigos), Murillo de Campos (1 artigo) e Rui Barbosa (1 artigo). Alguns colaboradores eram responsáveis pelas traduções de textos publicados originalmente em outros idiomas e transcritos no Boletim de Eugenia; curiosamente, costumavam assinar apenas com iniciais: W. F. K. (traduziu 4 artigos), C. C. (traduziu 11 artigos), M. S. (traduziu 2 artigos) e E. R. (traduziu 22 artigos).

A forma escolhida por mim para obter uma melhor compreensão da forma pela qual as idéias eugênicas foram expostas no Boletim de Eugenia, faz-se necessário analisar artigos publicados cujas temáticas possam oferecer informações sobre a natureza das informações propagadas nos artigos. O que pretendo é destacar as discussões que eu identificar como importantes e recorrentes assim como identificar os atores participantes dos referidos debates de idéias. Desta forma, será possível conhecer as formas pelas quais as idéias sobre o aprimoramento dos indivíduos poderiam ocorrer no Brasil e investigar os motivos pelos quais o consenso não foi alcançado no movimento eugênico brasileiro; como já foi discutido anteriormente, o consenso não foi comum em movimentos eugênicos de outros países importando mais para minha investigação as causas dos debates existentes no contexto brasileiro entre os interessados nas questões eugênicas.

3.2 – Sanear é Eugenizar?

Introdução

O Boletim de Eugenia foi um veículo de propagação da eugenia e seus propósitos. Muitas idéias foram difundidas nos números do periódico e muitos artigos promoveram discussões e conclamavam parcelas da sociedade a engajarem-se na campanha em prol da eugenia como um dever cívico. Contudo, antes de analisar mais atentamente algumas idéias presentes no periódico, é preciso que voltemos ao I Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929 e que Nancy Stepan¹³⁰ considera como o marco de uma nova fase de atividade da eugenia dado o sucesso do evento e sua repercussão na sociedade brasileira.

Esta nova fase ainda seguiria, sob o ponto de vista da autora, uma orientação sanitarista, pois, apesar das sessões em que a genética mendeliana foi apresentada como uma teoria importante e adequada para orientar as ações eugênicas, permaneceu, em grande parte dos presentes ao congresso, a convicção de que os caracteres adquiridos poderiam ser transmitidos para as gerações futuras compondo a higidez desejada pelo projeto de regeneração nacional. Apesar disto, o I Congresso Brasileiro de Eugenia foi um evento em que a genética mendeliana foi apresentada e defendida como a representação de uma nova forma de compreensão dos mecanismos de hereditariedade e, conseqüentemente, implicava novas ações que surtisses o efeito da regeneração constante da população preconizada pela eugenia.

3.2.1 – Neolamarckismo e Mendelismo no I Congresso Brasileiro de Eugenia

A divisão do movimento eugênico brasileiro foi constatada por Nancy Stepan no I Congresso Brasileiro de Eugenia: entre os conferencistas, era possível encontrar defensores da genética mendeliana. Algumas conferências proferidas e trabalhos

¹³⁰ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p.118.

apresentados serão expostos aqui de forma resumida para que possamos compreender o conteúdo das idéias apresentadas.

Na sessão inaugural, Roquette-Pinto¹³¹, presidente do congresso, destaca a grande preocupação da sociedade brasileira com as questões eugênicas salientando a presença no congresso não apenas de médicos, mas de sociólogos, educadores e outros interessados na eugenia. Continua seu raciocínio declarando que as condições de saúde de um indivíduo recebidas de um antepassado constituía-se num processo importante e admitido pela medicina; contudo, apesar de anos de suposição do domínio do meio ambiente sobre os organismos, a medicina e a higiene já não podiam resolver o problema da saúde da população porque um elemento independia de ambas as práticas: a semente (herança) cuja responsabilidade cabia à eugenia e suas práticas. Para conferir a importância que pretendia conferir à eugenia, Roquette-Pinto cita a discussão referente à falta de braços fortes e produtivos no Brasil para afirmar que era preciso aproveitá-los melhor aprimorando os já existentes e promovendo condições de aperfeiçoamento para a raça futura pela melhoria do patrimônio biológico da população.

A. Fróes da Fonseca proferiu a conferência “Os grandes problemas da antropologia”¹³² destacando a importância de trabalhar em prol do futuro. O conferencista registra os avanços da antropologia e descreve estudos aliados com as descobertas da biologia sobre o desenvolvimento humano, enfatizando que as leis de Mendel eram importantes para a compreensão da herança humana. Para informar aos que recebem tais idéias como uma negação do criacionismo bíblico, cita Muckermann, diretor da seção de eugenia do Instituto Antropológico de Berlim, sendo jesuíta, conduzia as questões da higiene racial com “independência científica”. O conferencista afirma que a raça não é o elemento de degeneração do povo brasileiro assim como a mestiçagem não deve ser identificada como condição de inferioridade. Encerrando, registra sua discordância com as conclusões presentes no livro de Renato Kehl, “Lições de eugenia”, que fora distribuído no Congresso. Para Fonseca, o tema raça deveria exaltar a atenção aos indivíduos e seus caracteres, e não para definir aptos e inaptos.

¹³¹ Roquette-Pinto, E. “*Actas da Sessão Inaugural*” In *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 11.

¹³² Fonseca, A. Fróes da. “Os grandes problemas da antropologia” In *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 63-86.

André Dreyfus¹³³ proferiu uma conferência intitulada “O estado atual do problema de hereditariedade”¹³⁴, apresentando a importância da genética mendeliana para a compreensão do mecanismo da hereditariedade e descrevendo com detalhes os experimentos realizados por Mendel. O conferencista afirma que os estudos realizados comprovavam que as leis de Mendel eram passíveis de aplicação aos seres humanos. Critica a posição de eugenistas que relacionam um meio ambiente favorável, uma boa alimentação e a aquisição de instrução com o patrimônio hereditário, ou seja, afirma que caracteres adquiridos não são transmitidos para gerações seguintes. Para André Dreyfus, a hipótese de Lamarck apresenta problemas e ficam frágeis diante dos resultados obtidos por Mendel, pois as práticas que promoviam a melhoria dos indivíduos não modificam a espécie porque não alteram fatores hereditários.

Nancy Stepan¹³⁵ afirma que, embora a crítica ao neolamarckismo fosse familiar aos biólogos, muitos delegados presentes no I Congresso Brasileiro de Eugenia foram surpreendidos com as apresentações que defendiam esta posição. Ao afirmar que mudanças nas condições ambientais não produziriam caracteres passíveis de transmissão para gerações seguintes, a genética mendeliana colocava em dúvida a eficácia das campanhas anti-alcoólicas e o combate às doenças venéreas como meios de aprimoramento da população. A autora¹³⁶ identifica no congresso, disputas políticas e científicas presentes no movimento eugênico brasileiro. A raça e o ambiente disputaram o posto de responsável pelo estado de degeneração da população, o que determinava políticas e ações diferentes, assim como variava a definição de aptos e inaptos. Embora identifique que o saldo final do congresso foi favorável à tradição neolamarckista¹³⁷, a autora registra a importância dos debates que questionaram o peso conferido ao

¹³³ Nancy Stepan considera André Dreyfus um exemplo do que chama de novo mendeliano. Transferido da Escola de Medicina de São Paulo para a primeira universidade considerada “moderna” do Brasil (Universidade de São Paulo) esta instituição foi, segundo a autora, o principal centro brasileiro de pesquisas genéticas na década de 1940.

¹³⁴ Dreyfus, Andre. “*O estado atual da hereditariedade*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 87-98.

¹³⁵ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 133.

¹³⁶ Idem, p. 140.

¹³⁷ A autora afirma que, cientificamente, o neolamarckismo predominou nos círculos médicos até 1940.

ambiente na constituição da população, sugerindo que a genética mendeliana vinha ganhando importância na compreensão do mecanismo de hereditariedade.

Ricardo Santos¹³⁸ também destaca este debate, explorando as concepções de Roquette-Pinto. Este combinou elementos comuns à uma vertente da eugenia que poderia ser definida como negativa, de cunho mais mendeliano, e elementos que se relacionavam à eugenia definida como preventiva (medidas relacionadas ao sanitarismo e à educação).

Em sua conferência no I Congresso Brasileiro de Eugenia, intitulada “A eugenia no Brasil – esboço histórico e bibliográfico”, Renato Kehl afirmava a importância de evitar a degeneração dos homens. Nesta conferência, o autor expressa sua compreensão sobre o papel da hereditariedade:

*“(...) Estes fatos demonstram que a educação e as injunções religiosas não bastaram para moderar as paixões, para tornar a humanidade melhor, mais equilibrada, mais filantrópica. Isto porque o homem continuou escravo de sua natureza particularíssima, indelével a simples influências morais e mentais, preso a uma força que o subjuga biologicamente que lhe imprime o temperamento, o caráter, de modo inexorável – a hereditariedade”.*¹³⁹

Nesta conferência, Renato Kehl afirma que o homem permaneceu escravo da hereditariedade, minimizando as ações educacionais e religiosas para tornar a população mais equilibrada. Era importante separar o progresso social, no qual a educação era indispensável, porém, insuficiente, do progresso biológico, que deveria consistir em aplicações da lei da hereditariedade conforme os preceitos da eugenia. A regeneração humana era fundamentalmente um processo biológico, o que já vinha sendo

¹³⁸ Santos, Ricardo Ventura. “Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930)” In Pena, Sérgio D. J. (org) Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002, pp 126-127.

¹³⁹ Kehl, Renato. “A eugenia no Brasil” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929, pp. 45-62.

compreendido, segundo Kehl, por países como Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha, que já tomavam medidas para assegurar a ação da hereditariedade nos indivíduos considerados aptos. Citando Virchow (nome relacionado a prática da medicina social), Renato Kehl afirmava que a medicina era política, pois, para promover o bem-estar dos indivíduos, os interesses nacionais deveriam prevalecer.

Kehl expressou claramente que a hereditariedade definia a constituição dos indivíduos não sendo passível de mudança por práticas educacionais e morais. A biologia superava a cultura em poder. O que fazer para promover a tão desejada melhoria da população brasileira? Kehl segue em sua conferência afirmando que os processos postos em prática até então não eram capazes de promover as melhorias desejadas para a população brasileira. Defendeu, então, a distinção entre progresso social e progresso biológico; para o primeiro, a educação fazia-se necessária; contudo, para o segundo, as leis da hereditariedade eram indispensáveis. Se o progresso biológico não fosse uma realidade, o problema da regeneração humana permaneceria sem solução efetiva.

Configurando as conseqüências do processo de abolição da escravatura que não contou com qualquer tipo de apoio para os libertos, Renato Kehl constatava a falta de empenho para a constituição da nacionalidade brasileira. Neste contexto, citou suas lembranças do esforço para iniciar a campanha eugênica no Brasil. Registrou intelectuais que estudavam a regeneração racial e também a recusa de alguns intelectuais em participar da fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo. Kehl fez uma descrição da trajetória da eugenia no Brasil até a realização do I Congresso Brasileiro de Eugenia, visto por ele como um evento de grande importância para os caminhos da eugenia no Brasil dali em diante.

Levi Carneiro¹⁴⁰, em sua conferência¹⁴¹, procura colocar a eugenia e a educação como parceiras e não como adversárias; fala de como a hereditariedade tornou-se um mecanismo importante para compreender o desenvolvimento humano e cita Semon e Charles Richet, que admitem a possibilidade da hereditariedade dos caracteres

¹⁴⁰ Presidente da terceira seção do I Congresso Brasileiro de Eugenia: Educação e Legislação.

¹⁴¹ Carneiro, Levi. “Educação e eugenia” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929, pp. 107-116

adquiridos de forma lenta e após longa repetição. Estes autores, para Levi Carneiro, aumentam a relevância social da educação que teria o papel de manter sua continuidade através das gerações. A todo instante, mesmo quando refere-se às discussões empreendidas no Congresso em defesa da hereditariedade segundo os preceitos mendelianos (ou pelo menos minimizando o papel de ações educativas no aprimoramento dos indivíduos), Levi Carneiro entende que grande parte do que compromete a raça (alcoolismo, doenças venéreas e pauperismo) resulta da ignorância (falta de educação).

O conferencista afirma que a educação possibilita a compreensão dos propósitos do aperfeiçoamento e da importância da saúde da população:

“O ensinamento da Eugenia é, afinal, o mesmo da Educação; a defesa da raça depende, como a do indivíduo – da Educação. Só a educação completa a obra estrita da Eugenia. Dá à semente o campo, o ambiente em que se desenvolva, floresça e frutifique. A Eugenia é uma colaboradora da Educação, não uma adversária. Aproveitemo-nos dela”¹⁴²

Ainda defendendo a “parceria” entre eugenia e educação, o conferencista constata que o território brasileiro foi ocupado por povos diferentes que formaram o povo brasileiro (portugueses, africanos, mamelucos e mestiços). Ressaltando a peculiaridade da feição da nação brasileira, afirma que a educação representará um papel fundamental para que este povo torne-se a nação desejada pela sociedade brasileira:

“Tanto mais importante há de ser aqui o papel da Educação, sua parte na formação do nosso povo, quanto mais graves se considerem os erros havidos pela transgressão ou pela inobservância das normas de Eugenia. Amolentados mas tenazes e intrépidos; feios mas rijos; incultos mas sagazes e inteligentes – esses indivíduos hão de constituir o povo

¹⁴² Idem, p. 116.

verdadeiramente digno de seu habitat prodigioso, quando a Educação se houver disseminado largamente, continuamente, durante algumas gerações de todos eles. É a obra em que se está empenhado, cada vez mais, triunfalmente, o Brasil de hoje”¹⁴³.

Como já afirmou Nancy Stepan os debates iniciados no congresso não se encerraram com o fim do evento, mas para este trabalho, era muito importante mostrar que o Congresso já havia apresentado uma ampla discussão sobre os mecanismos de hereditariedade. Neste sentido, o Congresso pode ser considerado um antecedente do Boletim de Eugenia. Esta variedade de idéias na compreensão do mecanismo de hereditariedade e na determinação do tipo de caracteres transmissíveis esteve presente nos artigos publicados no Boletim de Eugenia. De que forma estas informações foram veiculadas num periódico dedicado à ciência eugênica?

O I Congresso Brasileiro de Eugenia foi anunciado:

“Em comemoração ao primeiro centenário da Academia Nacional de Medicina foi convocado o 1º Congresso Nacional de Eugenia para reunir-se no Rio de Janeiro nos primeiros dias de junho do corrente ano. Na mesma data terão lugar dois outros congressos, todos eles sob os auspícios do Sr. Presidente da República e patrocínio das altas autoridades do país, conforme se lê no regimento interno, redigido pela comissão organizadora. No próximo número daremos a relação dos temas”¹⁴⁴

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ “I Congresso Brasileiro de Eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 1, Janeiro, 1929, p. 3

3.2.2 – Renato Kehl e o “impasse”

"Tem-se registrado grande confusão em torno da Eugenia que para muitas pessoas mesmo cultas, é considerada uma doutrina sem fronteiras, envolvendo tudo quanto se refere ao melhoramento do gênero humano. Nós mesmos, no início da campanha de propaganda em prol dessa ciência, não fomos muito claros na delimitação das suas bases e de seus propósitos! Visando despertar a atenção pública para o assunto inteiramente novo e, portanto, desconhecido no nosso meio, dissemos muitas vezes que “educar é eugenizar”, “sanear é eugenizar”, sem esclarecer a razão dessas afirmativas breves e incisivas. Atualmente, porém, já é tempo de colocar os termos nos seus devidos lugares evitando que se repitam confusões inconfessáveis”¹⁴⁵

Este artigo de Renato Kehl chamou minha atenção e despertou a curiosidade de investigar a razão da publicação de um artigo em 1929, no mês seguinte a realização do I Congresso Brasileiro de Eugenia, em que procura distinguir de forma mais enfática a eugenia do sanitarismo. Este é o ponto de partida de minha análise. De forma breve, o capítulo anterior já demonstrava que muitas discussões empreendidas no Congresso traziam em seu bojo a divergência quanto a orientação teórica para explicar o mecanismo de hereditariedade e principalmente para determinar que ações promoveriam os caracteres passíveis de transmissão de uma geração para outra.

O artigo parece indicar um aumento do incômodo de Renato Kehl com a equivalência entre eugenia e higiene. Publicado pelo autor no mês seguinte ao I Congresso Brasileiro de Eugenia, parece uma constatação de que, apesar da apresentação de argumentos da importância de incorporarem os propósitos da genética nas práticas de aprimoramento humano, poucos compreenderam que isto significava promover alterações nas práticas até então realizadas em nome da eugenia. Sanear não era eugenizar. Este tom permeia os números do Boletim de Eugenia em diversos artigos escritos não apenas por Renato Kehl, mas por outros colaboradores que consideravam que a hora da eugenia havia chegado.

¹⁴⁵ Kehl, Renato. “*Eugenia e Eugenismo*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 8, Agosto, 1929, p. 1.

Nancy Stepan¹⁴⁶ identifica na eugenia propagada no Brasil da década de 1920 uma associação com um grande esforço de membros da elite brasileira com o objetivo de reverter a situação de degeneração racial e decadência tropical identificada no Brasil por teorias raciais produzidas, em sua maioria, na Europa. Este sentimento nacionalista, segundo a autora¹⁴⁷, foi o motor para mudanças que começaram com uma rejeição dos conceitos e valores europeus em favor da busca de formas próprias (nacionais) de reinterpretação das condições climáticas e raciais brasileiras que valorizassem as particularidades brasileiras. Nancy Stepan¹⁴⁸ identificou a higiene pública e as ciências do saneamento como a alternativa eleita por ser esta elite nacionalista. A forte relação, no Brasil, entre eugenia e saneamento configura, para a autora, a importância dada à saúde nos trópicos. A eugenia preventiva era o caminho para um Brasil saudável contemplando as práticas de saneamento e higiene.

Outra observação feita pela autora¹⁴⁹ diz respeito a presença dos temas classe e raça nas discussões desenvolvidas pela eugenia em outros contextos nacionais. No caso da Grã-Bretanha, por exemplo, a classe era o alvo da propaganda eugênica, pois enquanto encorajava o crescimento das classes médias, consideradas mais eugênicas, procurava controlar a reprodução da população das classes identificadas como inferiores.

O caso brasileiro, contudo, é definido por Nancy Stepan como “*um caso particularmente interessante de estudo da ciência e ideologia social*”¹⁵⁰, porque estruturou-se pela composição racial e as preocupações advindas dela; embora afirme que a eugenia referia-se à raça negra, a autora não infere que o movimento eugênico brasileiro constituiu-se numa higiene racial. Embora a raça tenha sido identificada inicialmente como fonte de degeneração, o movimento eugênico brasileiro não assumiu práticas de higiene racial como seria esperado. Para Stepan¹⁵¹, a elite brasileira não

¹⁴⁶ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 126.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 127.

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ *Idem*, p. 126.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ *Ibidem*.

estava segura o suficiente para assegurar-se de sua pureza, uma vez que as relações raciais no Brasil eram diferenciadas das existentes nos Estados Unidos onde a segregação racial era legal e prevalecia. A classe média brasileira se expandia e a autora constata que muitos mestiços educados faziam parte desta classe média¹⁵². Neste contexto, a miscigenação teve seu significado revertido de fonte de degeneração para possibilidade de regeneração através do branqueamento progressivo.

Além disso, conforme discussão no capítulo anterior, o movimento sanitário representou a possibilidade de recuperação da viabilidade do povo brasileiro porque eram as doenças, e não a raça, que incapacitavam a população brasileira. Entre os atores deste movimento, Nancy Stepan¹⁵³ destaca Belisario Penna, que criticava a descentralização política, entendendo que apenas com um aparato político forte as mudanças necessárias para a promoção da saúde pública seriam efetivas. O saneamento promoveria a regeneração econômica e social do Brasil e, identificado com os ideais da eugenia, Penna afirmava que sanear era eugenzar.

Após a realização das campanhas sanitárias no interior do Brasil no começo do século XX descritas anteriormente neste trabalho, a intelectualidade brasileira permanecia discutindo a viabilidade da promoção de regeneração da população brasileira discutindo práticas e ações a serem realizadas para este fim. Nancy Stepan¹⁵⁴ observa que, no fim da década de 1920, o movimento eugênico brasileiro possuía, por um lado, condições de expansão e, por outro lado, apresentava sinais de divisão. A autora identifica uma primeira divisão (científica) que opunha o neolamarckismo ao mendelismo; a outra divisão, colocava a raça como elemento principal da questão eugênica. Se nos anos vinte, afirma a autora, a eugenia identificou-se com o saneamento, adotando uma linguagem de reforma da saúde pública em detrimento da seleção e da genética, as políticas sociais decorrentes da ciência galtoniana conformaram-se, para a autora, de forma peculiar no Brasil. Para compreender o que chamou de cisma científico, Nancy

¹⁵² Nancy Stepan cita o escritor Antônio Machado e Juliano Moreira, diretor do Hospital Nacional dos Alienados.

¹⁵³ Stepan, Nancy Leys. "Eugenics in Brazil: 1917-1940" In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 129.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 130.

Stepan¹⁵⁵ recorre ao fato de que grande parte dos eugenistas era composta de médicos e não de cientistas, ou seja, a prática clínica era o caminho para a obtenção de status profissional e não as atividades de pesquisa (ainda insipientes). Contudo, a autora constata o aparecimento, na segunda metade da década de 1920, de uma geração de cientistas biólogos que trouxeram um conhecimento mais apropriado da genética mendeliana. A genética trouxe conceitos que explicavam com maior clareza o mecanismo de hereditariedade assim como diferenciavam os caracteres congênitos e os hereditários, ou seja, definiam que os caracteres adquiridos poderiam ser modificados e aprimorados, mas apenas os caracteres hereditários eram passíveis de tornarem-se herança para gerações futuras.

Insisto, contudo, em afirmar que, apesar das contribuições trazidas pelos estudiosos da genética, isto não significou uma mudança imediata de posição daqueles que defendiam a transmissão de caracteres adquiridos. A importância dada à genética é muito mais como a adição de novos elementos na discussão sobre os caminhos da regeneração humana do que a constatação de uma mudança imediata de tradição na saúde pública brasileira. Um exemplo disto é o I Congresso Brasileiro de Eugenia, comentado há pouco no qual, por exemplo, Roquette-Pinto defendia a impossibilidade da transmissibilidade de caracteres adquiridos e conclamava que a medicina e a higiene admitissem o lugar da eugenia no aprimoramento humano. De qualquer modo o movimento sanitário foi afirmado e fortalecido pelos membros do Congresso promovendo a criação de um documento que seria encaminhado ao governo com o objetivo de conseguir maior apoio às ações preventivas já realizadas e consideradas “de sucesso” como as campanhas anti-alcoólicas e o combate às doenças venéreas.

O artigo de Renato Kehl é o ponto de partida de minha análise. O texto foi publicado no mês seguinte a realização do I Congresso Brasileiro de Eugenia (realizado em Julho de 1929) onde havia de um lado, um grupo que defendia o papel principal da hereditariedade na promoção do aperfeiçoamento da população; de outro lado, um grupo que insistia no fato de que a intervenção no meio ambiente através de ações preventivas era a solução para promover a regeneração da população. As medidas preventivas, segundo a autora, foram exaltadas e um clima de otimismo retornou ao

¹⁵⁵ Ibidem.

meio intelectual motivando a continuação e a intensificação de campanhas como as semanas antialcoólicas e de combate às doenças venéreas (venenos sociais que a eugenia poderia eliminar sem, contudo, eliminar as pessoas).¹⁵⁶

Nancy Stepan¹⁵⁷ afirma que os eugenistas lamarckistas e mendelistas dividiam-se tanto por questão ideológica quanto pela direção que a eugenia deveria seguir segundo orientações políticas. O I Congresso Brasileiro de Eugenia foi um evento em que temas como eugenia e higiene já apareciam como conceitos separados e foi considerado pela autora como o marco de uma nova fase de atividade da eugenia dado o sucesso do evento e sua repercussão. Esta nova fase seguiria a orientação sanitarista mantendo a tradição das práticas já desenvolvidas no Brasil, pois, apesar das sessões que trouxeram a genética mendeliana como importante e adequada para orientar as ações eugênicas, permaneceu a convicção de que caracteres adquiridos poderiam ser transmitidos compondo a higidez desejada pelo projeto de regeneração nacional.¹⁵⁸

Diante desta afirmação de Nancy Stepan, o artigo de Renato Kehl publicado no mês seguinte ao I Congresso Brasileiro de Eugenia poderia ser interpretado como uma declaração de ruptura do eugenista com o movimento higiênico. Em 1929, quando Renato Kehl declarava que a eugenia não deveria ser confundida com higiene e ações semelhantes sugerindo uma compreensão do quanto o tema eugenia era estrito, o eugenista britânico K. E. Trounson, afirmaria, segundo Nancy Stepan¹⁵⁹ em 1931, que a eugenia no Brasil era mais ampla em sua abrangência do que costumava ocorrer em outras sociedades. De fato, esta resposta do eugenista britânico foi dada a partir do envio de um material feito pelo próprio Renato Kehl. Nancy Stepan destaca o comentário do eugenista britânico sobre o material enviado por Renato Kehl:

¹⁵⁶ Ao deslocar o foco da degeneração da raça para as condições sociais, a doença e não doente deveria ser o alvo das ações de saúde pública.

¹⁵⁷ Stepan, Nancy Leys. "Eugenics in Brazil: 1917-1940" In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 134.

¹⁵⁸ *Idem*, p.118.

¹⁵⁹ *Idem*, p. 119.

“Aparentemente os brasileiros interpretam a palavra (eugenia) de forma menos estrita que nós e fazem-na cobrir muitas coisas que chamaríamos higiene e sexologia elementar; e não se traça uma distinção muito clara entre condições congênitas devidas a acidentes pré-natais e doenças estritamente genéticas”¹⁶⁰

Como teria o eugenista brasileiro recebido as discordâncias de um eugenista da mesma nacionalidade do fundador da ciência galtoniana para suas afirmações de que a eugenia era mal interpretada no Brasil, incluindo sua própria interpretação da ciência galtoniana? A afirmação do eugenista inglês expressava o debate iniciado no Congresso de Eugenia em que as práticas preventivas e higiênicas eram associadas a práticas eugênicas. O eugenista britânico continuava sua análise sobre a eugenia no Brasil ilustrando seu argumento de que a abordagem da eugenia no Brasil diferia daquela realizada na Inglaterra:

“Conflitos familiares, educação sexual e exames e atestados pré-nupciais parecem ser os assuntos que mais interessam aos eugenistas brasileiros, enquanto a genética e a seleção natural e social são bastante negligenciadas. A abordagem é mais sociológica que biológica”¹⁶¹

Segundo Nancy Stepan¹⁶², a eugenia brasileira parecia aos olhos do eugenista britânico, um pensamento científico errôneo ou descuidado. Contudo, o movimento brasileiro representou uma variante do movimento mundial. A autora chama a atenção para o fato de que o eugenista britânico não foi capaz de perceber que o movimento brasileiro derivou-se das idéias neolamarckistas e não das concepções mendelianas. A autora

¹⁶⁰ Trounson, Q. E. “The Literature Reviewed” In *Eugenics Review*, nº 13, 1931, p. 236 apud Idem, 1990, p. 119.

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 119.

descreve então a vasta literatura produzida pelos neolamarckistas sobre a hereditariedade dos caracteres adquiridos, demonstrando o quanto esta teoria alimentou a convicção dos eugenistas brasileiros.

Contudo, se Renato Kehl expressava seu incômodo com a confusão entre os termos eugenia e eugenismo e deixava claro que medidas paliativas não eram capazes de mudar o conteúdo das sementes, será correta a afirmação de Nancy Stepan¹⁶³ de que os fundamentos da visão eugênica de Renato Kehl eram neolamarckistas e, freqüentemente, disfarçados por referências a Galton e a Mendel e quase nenhuma a Lamarck? Para a autora, Renato Kehl considerava o neolamarckismo e o mendelismo como variações compatíveis da mesma ciência da hereditariedade. Por que então Renato Kehl afirmava que sanear não era eugenizar?

Seria o artigo um *mea culpa* de Kehl por ter permitido a propagação da tradição neolamarckista em detrimento dos propósitos eugênicos?¹⁶⁴ Estaria Kehl negando a eficácia do movimento sanitarista? Proponho analisar os artigos escritos por Renato Kehl no Boletim de Eugenia para compreender que diálogo foi estabelecido com a intelectualidade interessada nos assuntos eugênicos assim como apresentar outros artigos identificados por mim como importantes para entender o ideário defendido pelo Boletim de Eugenia¹⁶⁵.

¹⁶³ Idem, p. 119.

¹⁶⁴ Nancy Stepan afirma que alguns cientistas mantiveram a crença no neolamarckismo e seu mecanismo de hereditariedade de caracteres adquiridos até a década de 40 apesar da crescente presença da genética mendeliana nos círculos de discussão científica.

¹⁶⁵ Stepan, Nancy Leys. "Eugenics in Brazil: 1917-1940" In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 120.

Capítulo 4: Sanear não é Eugenizar

4.1- Renato Kehl e Belisário Penna

Em um artigo publicado em Março de 1929, Renato Kehl referia-se à ação dos médicos recordando as campanhas sanitaristas realizadas no interior do país e relacionando o sucesso de tais práticas com a formação dos profissionais que se dispuseram a recuperar a saúde abalada da população brasileira. Como registro, Renato Kehl identificou a existência de 10.000 médicos no Brasil afirmando que os números representavam grande importância por sugerirem progresso (eram números referentes a uma nação civilizada). O autor expressou grande preocupação com a ação de curandeiros presentes na sociedade e comparou a ação destes em relação à conduta dos médicos; enquanto os primeiros faziam promessas sem base científica em sua formação ou compromisso com a saúde dos cidadãos, os médicos, por outro lado, eram cultos e apresentavam-se melhor aparelhados para preservar a vida e disseminar o progresso através do conhecimento adquirido. No que dizia respeito às ações de cunho eugênico, o autor destacava o papel de grande importância dos médicos para a afirmação e a garantia da perpetuação de caracteres eugênicos nos descendentes:

“O médico constitui uma das alavancas nobres da evolução. No exercício de sua profissão entra em todos os lares, tanto dos pobres como dos ricos, fazendo por isso, juízo mais seguro do que seja a vida de um povo, seus hábitos e costumes. Representam, a vista deste fato, os mais preciosos elementos para exercer funções legislativas e administração de um país¹⁶⁶”.

Pode-se observar que o compromisso coletivo com a saúde da população surgia como um ponto importante na estratégia da aplicação das ações eugênicas. Renato Kehl mostrou neste artigo o quanto a estrutura oficial (Estatal) era importante para que as

¹⁶⁶ Kehl, Renato. “Médicos, curandeiros e charlatões” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 3, Março, 1929, pp. 1-2.

condições dos profissionais envolvidos nas práticas de promoção do aprimoramento humano pudessem realizar as ações necessárias com o apoio necessário e o conhecimento bem desenvolvido e bem realizado. Outra referência feita pelo autor e considerada importante era o fato da formação dos médicos ser não apenas específica para lidar com as mazelas da população, mas principalmente porque tinham acesso a todos os níveis da sociedade. Renato Kehl fez referência aos médicos que participaram da campanha sanitária afirmando a especificidade de suas ações, referindo-se às ações sanitárias em prol da saúde da população e da formação de uma identidade nacional.

Este ponto pode nos remeter à análise de Nísia Trindade e Gilberto Hochman¹⁶⁷ que observaram, no movimento sanitário, o surgimento de uma identidade profissional própria dos médicos e dos demais profissionais de saúde vinculados à administração pública. Neste contexto, como promotor de campanhas sanitárias, o Estado legitimava-se como elemento vital na promoção da saúde pública, enquanto a doença passava a ser relacionada a questões até então impensadas no contexto brasileiro: política e sociedade. Política, porque a promoção da saúde dos indivíduos representava a formação de uma população passível de conferir identidade à nação porque a sociedade foi conclamada a participar, seja na administração pública, seja na promoção de gerações saudáveis seguindo as orientações sanitárias¹⁶⁸.

Alguns meses após o artigo publicado no Boletim de Eugenia que exaltava o papel dos médicos e das ações sanitárias e um mês após o I Congresso Brasileiro de Eugenia, Renato Kehl voltaria a tratar do movimento sanitário sob uma perspectiva diferente. Renato Kehl começava seu artigo publicado em Agosto de 1919¹⁶⁹ expressando uma grande preocupação em delimitar os princípios de aprimoramento humano segundo a ciência eugênica. Reconhecendo que em favor da propagação da ciência de Galton, alguns esclarecimentos foram pouco explorados, Renato Kehl afirmava o quanto era importante que, naquele momento, a especificidade da eugenia fosse compreendida. O autor procurou delimitar a ciência eugênica afirmando que, para promover o

¹⁶⁷ Lima, Nísia Trindade e Hochman, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República” In Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura (orgs) Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996, cap. 2, p. 23.

¹⁶⁸ Idem, pp. 36-37.

¹⁶⁹ Kehl, Renato. “Eugenia e Eugenismo” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 8, Agosto, 1929, p. 1.

BOLETIM DE EUGENIA

MENSAL

EDITADO
em propaganda do
Instituto Brasileiro de Eugenia
Caixa Postal 2926 — Rio de Janeiro — Brasil

MAIO DE 1929

VOL. I — NUM. 5

Direcção e Propriedade
DR. REAYTO KEHL
Rua Smith Vasconcellos, 63 — (Aguas Ferras)
CAIXA POSTAL 2926 — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade

A 1.ª Brasileira Eugenizada

Convidado pelo Dr. Waldomiro de Oliveira, director do Serviço Sanitário de São Paulo, fui assistir á entrega dos premios aos vencedores do primeiro Concurso de Eugenia, pela primeira vez realizado no Brasil e, talvez, em todas as Americas.

Coube-me a honra de entregar o galardão destinado á primeira brasileira considerada oficialmente eugenizada.

Como disse em entrevista concedida ao «O Estado de São Paulo», a São Paulo coube a primazia na fundação da primeira Sociedade Eugénica criada no continente sul-americano e a prioridade na cruzada em prol da sciencia de Galton. Era natural, portanto, que em São Paulo tivesse logar o primeiro Concurso de Eugenia. Exultei com a sua realização. Ella tem alta significação como exemplo e emulação para o fomento da paternidade digna e como testemunho de que a propaganda do aperfeiçoamento eugenico está dando resultados evidentes e valiosos para a nossa terra e para a nossa gente.

Um dos mais importantes problemas da sciencia de Galton consiste na selecção dos «bem dotados», isto é, na escolha dos melhor preparados physica, psychica e mentalmente. Dessa selecção derivam varias consequências de valor: em primeiro logar, concorre para augmentar o interesse publico, fazendo com que os paes se esclareçam no tocante á constituição de proles sadias e bellas; em segundo logar, serve para a organização de um ensaio de patronagem da futura elite nacional de eugenizados; finalmente, contribue com preciosos elementos para importantissimos estudos relativos á hereditariedade, ao meio social e familiar, ao cruzamento de raças, etc.

No presente concurso evidenciou-se o alto interesse dos paes, que se preocupavam em discernir as pos-

sibilidades de victoria apresentadas pelos filhos; pesando os elementos individuais e hereditarios com que contavam os filhos para o concurso; discutindo, em familia, os «pros» e os «contra»; estudando os antepassados, procedendo a uma devassa na vida de cada um, orgulhando-se ou revoltando-se contra as suas qualidades ou defeitos physicos, psychicos e mentaes.

Este interesse, por si, bastaria para justificar a repetição do certamen



Ademar — 3 annos — 1.º Premio do 1.º Concurso de Eugenia realizado em São Paulo, sob a orientação do Serviço Sanitário do Estado.

referido.

O julgamento foi executado com todas as regras. Uma comissão escolhida pelo Dr. Waldomiro de Oliveira e composta dos Drs. Cantídio de Moura Campos, Clemente Ferreira F. Figueira de Mello, Garcia Braga, Dalmacio Azevedo e Octavio Gonzaga observou o maximo rigor na

Cuidar do aperfeiçoamento eugenico é cultivar as bases da feicida de do povo e fortalecimento integral do país.

Para a alma humana, um corpo sadio é um asylo; um corpo doente é um carcere. — Bacon.

A Eugeniação é um capital posto a juros a longo prazo pelos patriotas esclarecidos, de vistas largas e de espirito atilado.

selecção dos concorrentes inscriptos. Obedecem ella o seguinte criterio: a) organizada a lista dos candidatos, menores dos dois sexos, de 3 a 5 annos, foram os mesmos fichados (ficha especialmente preparada para esse fim) e examinados, não só em relação ás enfermidades physicas, como mentaes, abrangendo a syndicança a ascendencia dos inscriptos;

b) na primeira selecção foram classificados 70 candidatos, os quaes foram, novamente, submetidos a uma segunda selecção, sendo eliminados 40, por varios motivos. Submettidos a um cuidadoso exame os 30 escolhidos foram retirados 7, dos quaes, finalmente, a comissão classificou os seguintes: 1.º premio Ademar Ferreira de Carvalho, 2.º Ruth de Carvalho Lopes, 3.º Rachel Celeste Bonaro.

A Ademar conta 3 annos, tem 8 irmãos vivos, 6 tíos maternos e 7 paternos, todos sadios.

Como disse na entrevista supra citada, a idade estipulada não me pareceu muito feliz. Seria melhor que o concurso fosse para crianças na idade escolar. Uma verdadeira selecção eugenica deveria comprehender somente individuos em completo desenvolvimento somato-psychico. Entretanto, esta minha restricção em nada pretende diminuir o valor desse bello empreendimento, que teve de subordinar-se ás condições estipuladas pelos idealizadores do concurso e doadores dos premios.

Parabens á «primeira brasileira eugenizada» e a seus paes, que devem estar radiantes com a victoria da

Fac-símile da primeira página do *Boletim de Eugenia*, Acervo da Biblioteca Nacional.

(Foto 1) – Página do Boletim de Eugenia com a foto da vencedora do 1º Concurso de Eugenia.

aprimoramento dos indivíduos, era preciso proteger as boas sementes e seus portadores utilizando-se de ações de proteção da espécie. Recorrendo aos termos “Eugenia” e “Eugenismo” (termos que compunham o título do artigo), Renato Kehl passava a usar o argumento de que as práticas de eugenismo eram mais amplas por incluírem todas as ações cujo objetivo fosse a melhoria do indivíduo, enquanto a eugenia constituía-se numa prática mais específica. Claramente Renato Kehl ilustrava os termos em seu artigo: eugenismo era educação, saneamento, higiene, esporte, legislação e tudo que se revertia em melhoria para as condições de vida dos indivíduos. Contudo, a eugenia era uma ciência delimitada que promovia a melhoria dos indivíduos permitindo que estas fossem transmitidas aos descendentes:

“A eugenia é uma ciência de fronteiras perfeitamente delimitadas. Ela tem por fim melhorar e proteger a espécie, pelo melhoramento e pela proteção das boas sementes e de seus portadores. Sementes são as células germinais, são os espermatozóides (células reprodutoras masculinas) e óvulos (células reprodutoras femininas)”.

É muito interessante observar que Renato Kehl posicionou-se de forma clara a favor do que definia como eugenia referindo-se a princípios da genética ao falar de células germinativas. Neste artigo, o autor poderia ter trazido as controvérsias ocorridas no I Congresso Brasileiro de Eugenia, expressando uma certa confusão em relação às teorias de hereditariedade expostas em contraponto com a tradição neolamarckista que acabou prevalecendo nas conclusões do Congresso de Eugenia apesar das ponderações e das argumentações de intelectuais considerados e respeitados na sociedade como, por exemplo, Roquette-Pinto que era presidente do Congresso e emitiu opinião clara sobre o equívoco do raciocínio que creditava aos caracteres adquiridos o poder de transmissibilidade para descendentes. Contudo, quando Renato Kehl promoveu definições que classificavam ações como educação e higiene de forma diferente da classificação conferida às práticas eugênicas, não deixou dúvidas de que esta divisão já era uma realidade tornando-se mister difundir as diferenças de procedimentos dos conceitos analisados no artigo sob pena de equívocos provocarem ações inócuas que

não alcançariam os propósitos previstos pela eugenia. Este artigo inaugurou um ponto de discussão que se tornou recorrente nos artigos publicados no Boletim de Eugenia: a ciência de Galton possuía especificidades pouco compreendidas por aqueles que até então haviam se empenhado em tentativas de promover a melhoria da população brasileira. Se lembrarmos do gráfico apresentado no capítulo anterior, os artigos sobre eugenia eram a maioria destacando-se no Boletim de Eugenia demonstrando a importância conferida à ciência galtoniana e o propósito de privilegiar o assunto no periódico visando sua propagação apesar de toda a tradição sanitaria existente e já discutida neste trabalho.

A partir do artigo em que se posicionou consciente de que a eugenia não se constituía num sinônimo de eugenismo, Renato Kehl¹⁷⁰ publicou um artigo em que afirmava sua convicção usando a frase: “quem é bom já nasce feito”. A ideia principal deste artigo era mostrar as limitações da educação e das ações pedagógicas quando se deparavam com as características inatas dos indivíduos. Analisando o contexto brasileiro, Renato Kehl dividiu os indivíduos em 3 categorias: a primeira constituía-se de “gente doente ou indomável”; a segunda categoria incluía “gente domesticável”. Estas categorias, segundo o autor, prevaleciam na sociedade. A terceira categoria, contudo, continha “gente inata e intrinsecamente humana”. As condições inatas de cada indivíduo determinavam capacidade de adaptação, resistência para viver com as influências do meio e docilidade frente às influências educativas; se inatas, permaneceriam por toda a vida como era o caso dos indivíduos classificados na primeira categoria; a segunda categoria, poderia favorecer-se das ações educativas melhorando muito suas condições de vida. Por outro lado, era preciso preocupar-se com a descendência e com os caracteres que deveriam ser impedidos de se perpetuarem. Justificando seu posicionamento, o autor afirmava: “Eis porque a educação esbarra, importante, em muitos casos não conseguindo domesticar um indócil cuja constituição é resultante de um processo hereditário irremovível. Quem é bom já nasce feito!”¹⁷¹

Renato Kehl afirmava que o melhoramento da espécie humana sob o ponto de vista eugênico era o melhoramento genético dos indivíduos. O único caminho vislumbrado

¹⁷⁰ Kehl, Renato. “Educação e Eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 9, Setembro, 1929, pp. 1-2

¹⁷¹ Idem, p. 1.

pelo autor era incentivar a multiplicação das famílias eugênicas e restringir as não eugênicas; as práticas de eugenismo (educação, aumento do conforto das moradias e o progresso material) consistiam apenas em subsídios para a realização dos propósitos eugênicos. A ênfase na consciência da importância da procriação e no compromisso social dos indivíduos considerados aptos mostra que, para Renato Kehl, algumas ações que promoviam condições de vida melhores aos indivíduos, não eram capazes de possibilitar sua perpetuação através de seus descendentes porque não interferiam nas sementes que a eugenia deveria preservar. Embora não desconsiderasse a importância de oferecer bons subsídios para que os indivíduos pudessem se desenvolver e constituírem suas famílias, o ideal da eugenia seria privilegiar ações que aumentassem as possibilidades de vida dos indivíduos pertencentes a categoria de portadores de bons caracteres inatos, logo, transmissíveis, reduzindo, por outro lado, as possibilidades de procriação dos indivíduos pertencentes às categorias que possuíam caracteres degenerados (em especial aqueles considerados incompatíveis com a vida em sociedade).

Renato Kehl¹⁷² procurava manter em seus artigos a clareza da definição de eugenia e quais eram suas ações práticas para o aprimoramento dos indivíduos. Definindo a ciência galtoniana como “boa geração” ou “nobreza de nascimento”, a prática para a promoção do aprimoramento contínuo da população era comparada às ações já realizadas por criadores em seus rebanhos e as práticas dos agricultores com suas plantações. O importante, segundo o autor, era selecionar bem os elementos que se reproduziriam para que as proles fossem saudáveis e no caso da colheita, bem-sucedida. Para ilustrar sua idéia, Renato Kehl comparou a ação de dois lavradores: um que escolhia apenas as melhores sementes e, após a plantação, cuidava para que o terreno possuísse os meios favoráveis à plantação; o outro lavrador preocupava-se apenas em proteger sua plantação sem qualquer cuidado especial na seleção das sementes utilizadas. Segundo o autor, o primeiro lavrador estaria realizando o que nos humanos seria a ação eugênica; por outro lado, o segundo lavrador estaria realizando o eugenismo. Encerrando seu artigo, o autor destacava seu principal objetivo: “Assim a eugenia e o eugenismo são duas coisas diferentes que se complementam para o mesmo

¹⁷² Idem, “*Que é Eugenia?*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 10, Outubro, 1929, pp. 2-3.

fim”¹⁷³.

Esta declaração de Renato Kehl poderia supor ambigüidade ou até mesmo incoerência com o que ele mesmo havia pontuado no artigo em que se propôs a esclarecer as diferenças entre as práticas da eugenia e do eugenismo; contudo, analisando a forma pela qual o autor desenvolveu seus argumentos, pode-se perceber que procurou explicar, em termos de prioridade, que as práticas de eugenismo eram formas de proporcionar aos indivíduos as melhores condições de vida ao contrário da eugenia que tinha como principal objetivo controlar as sementes pelo incentivo de bons casamentos sob o ponto de vista eugênico e evitando (por persuasão ou coerção) as uniões capazes de gerarem indivíduos degenerados. Os inaptos deveriam receber orientações, no entender de Renato Kehl, para não transmitirem seus caracteres disgênicos evitando, portanto, procriarem. A eugenia representaria para os homens o que a genética representava para os vegetais (manipulação das sementes para a geração de plantas saudáveis que garantiriam boa colheita). Este discurso valorizava a importância do conhecimento das regras de hereditariedade para que as ações desenvolvidas permitissem este processo de geração em geração com sucesso. Para que um projeto de regeneração nacional ocorresse, era importante, para o autor, que houvesse o domínio do conhecimento sobre os princípios da eugenia, sobre as leis da genética e a definição clara do papel e da limitação das práticas de eugenismo.

Pode-se afirmar que Renato Kehl considerava a educação como uma ação válida? O autor reconheceria a tradição sanitarista? Estas perguntas podem ser feitas se a leitura das palavras de Renato Kehl for realizada com a idéia difundida no artigo em que propõe “colocar os pingos nos i” diferenciando eugenia de eugenismo por sugerir uma ruptura com as tradições de saúde pública existentes no país desde as primeiras décadas do século XX. Pode-se observar, contudo, que Renato Kehl reconhecia a importância da educação e demais práticas de eugenismo embora sua preocupação fosse delimitar a capacidade de interferência nos caracteres passíveis de transmissão hereditária. O autor procurava afirmar a teoria de que não adiantaria ter um bom terreno se não houvesse, anteriormente, uma boa seleção das sementes a serem plantadas. Preocupar-se em primeiro lugar com o meio ambiente não alterava as características que a semente trazia

¹⁷³ Idem, p. 3.

consigo e por isto as práticas educativas e higiênicas não eram capazes de garantir a transmissão da melhoria que promoveram nos indivíduos de uma geração para seus descendentes. Eugenizar era a prioridade para que, ao sanear, os indivíduos aptos pudessem usufruir os benefícios sociais favorecendo ainda mais suas condições de vida e permitindo a formação de famílias saudáveis pela herança de caracteres saudáveis. Sanear inicialmente não garantiria indivíduos aptos, uma vez que, os caracteres inatos não eram modificados por ações educativas e higiênicas. Ao priorizar o meio ambiente, o crescimento de todo tipo de semente seria favorecido e por isso Renato Kehl dedicou-se em grande parte de seus artigos a desenvolver críticas às práticas de eugenismo por possibilitarem as ações de contra-seleção; essas ações assistenciais eram fornecidas de forma igualitária permitindo assim que indivíduos aptos e até mesmo os inaptos vivessem e pudessem reproduzir, para seus descendentes, os caracteres que traziam consigo. O propósito eugênico de incentivar a procriação apenas dos aptos não era atingido observando-se, ao mesmo tempo, que era cada vez mais comum que os inaptos se fortalecessem e fossem incentivados por esta melhoria de vida a constituir família gerando descendentes.

A repercussão do artigo publicado por Renato Kehl enfatizando a necessidade de esclarecimento e diferenciação dos conceitos de eugenia e eugenismo foi significativa, merecendo inclusive uma resposta de Belisário Penna¹⁷⁴, personagem de destaque na

¹⁷⁴ Nascido em 1868 na cidade de Barbacena (MG), transferiu-se para o Rio de Janeiro onde iniciou seus estudos em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e doutorou-se em 1890 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foi vereador pelo município de Juiz de Fora (MG) até 1903 quando retornou ao Rio de Janeiro para prestar concurso para a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) onde obteve o segundo lugar e foi nomeado Inspetor Sanitário na 4ª Delegacia de Saúde onde conseguiu controlar um surto de febre amarela. Em 1905 foi designado para trabalhar na Inspetoria de Profilaxia Rural da Febre Amarela incorporando-se à campanha chefiada por Oswaldo Cruz para a erradicação da doença no Rio de Janeiro. Até 1913, dedicou-se ao combate de endemias rurais como a malária e a ancilostomíase. Em 1914 reassumiu o cargo de Inspetor Sanitário no Rio de Janeiro instalando, dois anos depois, o primeiro Posto de Profilaxia Rural do país no subúrbio carioca de Vigário Geral. Através do jornal *Correio da Manhã* iniciou uma campanha "pelo saneamento físico e moral do Brasil". Em 1918 publicou o livro *O Saneamento do Brasil*. Ainda neste ano, foi nomeado para dirigir o recém-criado Serviço de Profilaxia Rural assumindo o cargo de delegado de saúde. Entre 1920 e 1922 foi diretor de saneamento do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) instalando em 15 estados os serviços de profilaxia rural. Em 1924 foi preso em virtude de ser contra o governo do presidente Arthur Bernardes e suspenso de suas funções sendo reintegrado apenas em 1927. Em 1928 ocupou a chefia do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, percorrendo os estados de Minas Gerais, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte até ser requisitado pelo governo do Rio Grande do Sul para estudar as condições sanitárias daquele estado. Em 1930 assumiu a chefia do DNSP, em substituição a Clementino Fraga, exonerado com a vitória da Revolução de 30. Ocupou interinamente o Ministério de Educação e Saúde em setembro de 1931 e dezembro de 1932 e no final deste ano exonerou-se do DNSP. Nesta mesma época filiou-se à

sociedade brasileira por sua participação nas campanhas sanitárias realizadas no interior do Brasil nas décadas de 1910 e 1920 e por seu constante empenho em mobilizar o Estado para a resolução dos problemas sociais brasileiros conclamando o fortalecimento de uma administração pública das ações de promoção da saúde. Utilizando-se do mesmo título que Renato Kehl, Belisário Penna escreveu o artigo “Eugenia e Eugénismo”, publicado no nº 10 do Boletim de Eugenia (apenas dois números depois do artigo de Renato Kehl)¹⁷⁵.

O artigo iniciava-se com a constatação de que a campanha pelo saneamento implicou a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), organização de serviços sanitários nos estados que descentralizava a assistência embora mantivesse o Estado Federal como administrador das ações de saúde pública no país promovendo a crescente especialização de profissionais da área de saúde (médicos e enfermeiros) em questões referentes aos problemas de higiene existentes no país. A realização de congressos de higiene e o do I Congresso Brasileiro de Eugenia representou sinais de que a preocupação com a saúde da população era uma realidade no Brasil. Referindo-se a Renato Kehl, Belisário Penna enalteceu sua trajetória em prol da propaganda da higiene da raça e ressaltou a falta de interesse político ou de obtenção de um cargo público por parte do eugenista com estas ações. Apesar das menções honrosas às iniciativas de Renato Kehl, Belisário Penna se posicionou discordando dos argumentos defendidos por Renato Kehl em seu artigo expressando sua compreensão da relação entre eugenia e eugenismo:

“É que antes da aplicação dos preceitos de eugenia, é indispensável praticar o eugenismo, isto é, preparar o ambiente e o indivíduo para a boa geração, para a procriação de filhos física e psicologicamente hígidos. O saneamento, a higiene, a medicina social e a educação higiênica para implantação da consciência sanitária, constituem o alicerce da Eugenia sem o qual ela não poderá ser

Ação Integralista Brasileira (AIB) tornando-se membro da Câmara dos 40 (órgão supremo do integralismo). Morreu no dia 4 de novembro de 1939 no Rio de Janeiro.

¹⁷⁵ Penna, Belisário. “Eugenia e Eugénismo” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 10, Outubro, 1929, pp.3-4.

praticada senão de modo deficiente, em âmbito muito limitado”¹⁷⁶.

Belisário Penna enfatizou a importância do preparo do terreno antes de qualquer ação eugênica por entender que sem a conscientização da sociedade e sem o apoio do Estado, as ações eugênicas não seriam eficientes; esta base era considerada fundamental por Belisário Penna porque combater apenas efeitos não satisfazia o ideal de assistência expresso pelo sanitarista. Este posicionamento justifica-se por sua explicação logo a seguir: “Eis porque não me limitarei à verificação e identificação das doenças e dos vícios que degradam a nossa gente e degeneram a raça e tratei de perscrutar os fatores, que criaram, matam e incrementam esses flagelos”¹⁷⁷.

Belisário Penna chamava a atenção para um ponto pouco exposto nas idéias propagadas no Boletim de Eugenia: a importância dos fatores sociais num projeto de regeneração nacional. O sanitarista não se referia apenas ao meio ambiente e às condições de vida dos indivíduos procurando mostrar que os fatores sociais influenciavam mentalidades e geravam costumes. Belisário estava referindo-se ao peso da cultura, ou como estou usando neste trabalho, destacava o peso do contexto como elemento vital para a compreensão da realidade social e das causas dos males do país. Belisário Penna considerava os fatores sociais em sua relação com a eugenia e o eugenismo como Renato Kehl considerava a importância da eugenia em relação ao eugenismo: se a sociedade não passasse por mudanças estruturais, nenhuma ação teria legitimidade e possibilidade de permanência com eficácia. A formação política daqueles que empreenderiam ações de promoção da saúde da população era fundamental para que equívocos não fossem cometidos por uma falsa idéia de que os efeitos visíveis da degeneração eram passíveis de eliminação apenas com medidas restritivas como o controle de casamentos, a prática da esterilização e o acompanhamento e controle da imigração:

“Ao higienista não cabe apenas o papel de indicar as medidas profiláticas e técnicas de prevenção e

¹⁷⁶ Idem, p.3.

¹⁷⁷ Idem, p. 4.

combate às doenças e aos vícios e o de propagar ensinamentos de higiene e eugenia, mas, sobretudo, o de perscrutar os fatores sociais que fertilizam ou esterilizam o terreno tornando-o refratário ou propício ao desenvolvimento de pragas e ervas daninhas”¹⁷⁸.

De fato, o posicionamento de Belisário Penna era ímpar ao enfatizar os fatores sociais e a influência da cultura na determinação de boas ou más condições de realização de um programa de regeneração. Além disso, o texto de Belisário Penna é muito importante para a discussão que pretendo investigar, pois o posicionamento do sanitарista traz um dilema para o movimento eugênico brasileiro: era preciso sanear para eugenizar ou eugenizar para sanear?

Se Renato Kehl, por um lado, argumentava que de nada adiantaria ter um bom solo se as sementes fossem ruins, Belisário Penna, por outro lado, defendia que de nada adiantaria ter boas sementes se o solo não fosse propício para recebê-las. A participação política dos reformadores sociais era a estratégia identificada por Belisário Penna para a realização do projeto de regeneração nacional com sucesso. Considero esta discussão como um dilema que certamente influenciou os caminhos e as decisões para as ações de promoção de aprimoramento dos indivíduos brasileiros. Este dilema, em meu entendimento, é o tema principal presente nas discussões publicadas nos artigos do Boletim de Eugenia, refletindo o clima do meio intelectual brasileiro e influenciando as decisões sobre as práticas a serem realizadas na sociedade que deveriam ser privilegiadas pela administração pública. A força do movimento sanitário mantinha a idéia de que as práticas do sanitарismo eram fundamentais e até mesmo anteriores a qualquer tentativa eugênica. No entanto, de um ponto de vista de uma prática eugênica mais radical, as práticas de eugenismo proporcionavam a melhoria do que os mendelistas definiam como fenótipo¹⁷⁹; com isto, a cada geração, todo o trabalho

¹⁷⁸ Ibidem.

¹⁷⁹ Características visíveis embora fruto do genótipo, ou seja, da informação genética. Na prática, mesmo que uma intervenção pudesse mudar os caracteres que aparecem e que eram considerados como passíveis de mudança, esta não seria transmitida a um descendente porque não houve mudança na fonte causadora de tais caracteres, ou seja, a informação genética permanece intacta mesmo com influência de fatores

educacional e sanitário deveria ser feito, pois as mudanças e melhorias não interferiam no patrimônio genético a ser herdado pelas gerações futuras. Atuar diretamente sobre o genótipo permitiria que os caracteres transmissíveis fossem perpetuados através das gerações usando as ações de eugenismo para proporcionar uma qualidade de vida que permitisse aos indivíduos aptos viverem com equilíbrio, conforto e segurança à sua integridade (especialmente a genética).

Ao recorrer às definições de eugenia e eugenismo, Renato Kehl diferenciava suas práticas e seus propósitos evidenciando a necessidade de diminuição da ênfase nas práticas de eugenismo (adoção de práticas higiênicas e educacionais) em benefício de ações eugênicas, como controle de casamentos (para impedir que indivíduos disgênicos pudessem reproduzir-se), controle da imigração (cuidar para que imigrantes saudáveis pudessem contribuir com o crescimento do Brasil) e a prática da esterilização em casos considerados necessários. Enquanto o eugenismo proporcionava a melhoria das condições de vida da população, a eugenia visava o nascimento de pessoas cada vez melhores física e mentalmente. Renato Kehl argumentava que o eugenismo só seria útil se a população que vivesse em condições favoráveis fosse eugenicamente viável. Caso contrário, o eugenismo reforçaria a conformação populacional existente e funcionaria como um obstáculo ao progresso nacional e à seleção dos bem-dotados (melhor adaptados), favorecendo não apenas o fortalecimento dos inaptos como incentivando sua reprodução.

Embora o que eu tenha denominado dilema não seja um termo utilizado pela autora, Nancy Stepan¹⁸⁰ se refere à íntima relação, no Brasil, da tradição sanitarista com as práticas eugênicas. Traduzindo as teorias, o neolamarckismo, no Brasil, relacionava-se com os propósitos eugênicos com grande proximidade e não como um equívoco de seus praticantes. Esta é uma diferença já discutida neste trabalho, mas que precisa ser retomada para contextualizar a seguinte afirmação da autora: ao contrário do que ocorreu em seu país de origem (a Inglaterra), a eugenia, no Brasil, foi considerada uma ciência capaz de mobilizar o Estado promovendo sua centralização para administrar as

externos. A melhoria seria uma característica adquirida e estas não são passíveis de transmissibilidade segundo a teoria genética de Mendel.

¹⁸⁰ Stepan, Nancy Leys. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 120.

políticas públicas de saúde como também as práticas de assistência e a promoção do bem-estar privilegiando-as no contexto brasileiro. O movimento eugênico no Brasil, com esta informação, demonstrava particularidades; este argumento ganha novos elementos quando observamos a tradição sanitarista promovendo ações de assistência com fins de extrair os venenos sociais identificados como causas da degeneração da população brasileira enfatizando que a doença e não a constituição dos indivíduos representava um obstáculo ao progresso nacional.

Citando Leonard Darwin (Presidente da Sociedade Eugênica da Inglaterra), Nancy Stepan afirma que mesmo acreditando na participação dos eugenistas no combate aos males sociais, estes não deveriam ser considerados como questões eugênicas porque em grande parte dos casos, não promoviam a alteração do plasma germinativo (semente). A autora continua analisando este ponto de distinção entre a eugenia praticada na Inglaterra e o movimento eugênico na América Latina e em especial, no Brasil justificando que uma das explicações para a peculiaridade observada no movimento brasileiro tratava-se de uma conseqüência da não distinção entre os termos natureza (nature) e cultura (nurture). Com isto, as reformas sanitárias eram pensadas como meios para a melhor adequação hereditária dos indivíduos. Belisario Penna ia além da discussão sobre a promoção da melhoria do meio ambiente porque se referia aos problemas sociais como elementos principais de análise. Para ele, mais do que a conscientização daqueles que deveriam gerar proles mais sadias, a organização política era fundamental e indispensável para o sucesso de um projeto nacional¹⁸¹.

Renato Kehl expressou em diversos artigos a mesma preocupação que eugenistas de sociedades de outros países apresentaram, como foi demonstrado e discutido no capítulo 2 deste trabalho: o crescimento da população definida como inapta por conta dos efeitos bem-sucedidos das ações de assistência e promoção da melhoria de sua qualidade de vida. Os artigos sugerem um certo descaso e até mesmo a pouca preocupação com a condição dos aptos (indivíduos que garantiriam o aprimoramento da população por possuírem características consideradas saudáveis e passíveis de transmissão a seus descendentes). Usar outros países como ilustração foi a forma encontrada por Renato Kehl para defender medidas iam da conscientização coletiva da necessidade de

¹⁸¹ Idem, p. 122.

limitação da natalidade para os inaptos até a manutenção da saúde e dos bons caracteres para perpetuação em seus descendentes. Outras ações poderiam ser realizadas, como a esterilização para alguns grupos sociais sempre com o cuidado de esclarecer que a eugenia não pretendia eliminar os indivíduos e sim os venenos; daí a possibilidade de oferecer assistência aos inaptos, mas conscientizá-los que, como cidadãos, deveriam abdicar da procriação para não perpetuarem características degeneradas atrapalhando o desenvolvimento nacional.

Pode-se perceber, então, que Renato Kehl enfatizava mais a “espécie” em detrimento dos indivíduos e estes eram levados em consideração como portadores de boas ou más sementes. Desse modo, pode-se compreender que uma parte das frentes de propaganda de Kehl era fazer com que os indivíduos compreendessem que eram integrantes da espécie e tinham um compromisso com a coletividade acima de qualquer aspiração individual porque a promoção do aprimoramento dos indivíduos era uma responsabilidade coletiva em relação à nação brasileira. Em Fevereiro de 1930, Renato Kehl escreveu um artigo¹⁸² em que conclamava os indivíduos a analisarem sua linhagem (ascendentes) procurando enfatizar a importância da maternidade consciente como promotora de boas linhagens:

“(...) Lembre-se, então, que você representa um anel de uma longa cadeia hereditária; que os caracteres físicos, psíquicos e mentais que lhe são próprios tais como o talhe, a corpulência, a cor dos cabelos e olhos, a vivacidade espiritual, as aptidões, a inteligência, são transmitidos segundo leis fixas e que diversos caracteres, normalmente correlativos ou ligados nas linhagens puras, podem, misturando-se a linhagens bastardas ou degeneradas, formar combinações desarmônicas dando nascimento a entes feios, desequilibrados ou doentes...”

¹⁸² Kehl, Renato. “Linhagens pais e avós” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 14, Fevereiro, 1930, p.1

Não por acaso, num longo artigo¹⁸³ sobre o criador da ciência eugênica, Renato Kehl fez uma comparação entre eugenia e religião:

“ (...) Galton simplificou e encontrou os caminhos para atingir o maior bem que é a saúde integral, o equilíbrio somatopsíquico. Criou uma verdadeira religião cujo desígnio é unir os homens para alcançar um ideal realizável ao mesmo tempo que favorece o desenvolvimento dos sentimentos altruísticos e humanitários. Galton criou a religião dos amigos da normalidade que apresenta um único dogma: o da fé na regeneração dos homens pela seleção de suas sementes”¹⁸⁴.

Neste artigo, Renato Kehl destacou pontos importantes para as análises que me propus a realizar neste trabalho. Inicialmente, o autor destacava a relevância do foco na hereditariedade, mecanismo que permitiria manter um elo entre as gerações dos indivíduos considerados aptos (em referência às células sexuais como “células que ligam as gerações do passado, do presente e do futuro”). A idéia defendida por Mendel de que células específicas eram responsáveis pela transmissão de caracteres para os descendentes foi explicitada por Renato Kehl. Ao falar de um objetivo cujo caráter era coletivo, o autor registrava não apenas a necessidade da participação da sociedade, mas demonstrava que a eugenia não se tratava de uma ciência utópica ou impraticável; mais uma vez, a convicção de que as práticas eugênicas eram possíveis eram destacadas no discurso de Renato Kehl. O tom usado para encerrar o artigo era de otimismo porque a eugenia constituía-se numa realidade alcançável e eficiente além de ser a ciência apropriada para tratar da maior preocupação da sociedade brasileira na década de 1930: a obtenção de uma identidade nacional que permitisse progresso e mudanças a partir de um contexto em que a população fosse preparada e possuísse capacidades adequadas para realizações e conquistas nacionais.

¹⁸³ Kehl, Renato. “Galton – sábio construtor” In Boletim de Eugenia, Vol. 2, nº 20, Agosto, 1930, pp. 1-3.

¹⁸⁴ Idem, p. 3.

Em dois números seguidos do Boletim de Eugenia, Renato Kehl destacou a importância da genealogia para os propósitos da eugenia. Conhecer os indivíduos que compunham as famílias permitia aos eugenistas identificar as características de cada indivíduo e determinar um quadro que classificasse o nível de contribuição de cada família a partir dos caracteres transmissíveis observados. No primeiro artigo, criticou a cultura de cultivarem apenas nomes e títulos de nobreza porque o autor esclarecia que as informações relevantes referiam-se ao registro de dados biológicos e sociais de cada membro das famílias porque à partir deles, peculiaridades observadas e os problemas eugênicos, se necessários, eram administrados por ações que impediam a procriação para evitar a perpetuação de características disgênicas. O interesse que deveria prevalecer na sociedade era o que se relacionava com os aspectos sanitários e genéticos das famílias para que futuramente não fossem denominadas “famílias sem passado”, logo, sem contribuição ao processo de aprimoramento humano por falta de informação sobre a constituição de seus membros e o nível de contribuição que poderiam oferecer ao projeto de regeneração nacional através da perpetuação de caracteres nas gerações seguintes.¹⁸⁵

O outro artigo publicado no número seguinte¹⁸⁶, aprofundava o assunto tratado no artigo anterior sob a perspectiva do dever coletivo e o longo prazo do projeto de regeneração dos indivíduos em sua contribuição à realização dos propósitos eugênicos. Utilizando-se de uma metáfora, Renato Kehl criticava a mentalidade presente na sociedade brasileira que privilegiava a esfera individual em detrimento da coletiva; segundo o autor, um morador de uma casa alugada que pensava em não plantar um limoeiro porque não pretendia demorar-se no imóvel estava pensando apenas em si porque teria trabalho e não tiraria proveito do resultado. A mentalidade que Renato Kehl criticava era um ponto considerado como grande desafio porque aquisição de informações e a promoção de conscientização deveriam ser feitas embora sem a garantia da mudança da mentalidade. O autor também se referia a outro grupo que expressava certa desconfiança perguntando-se qual seria o verdadeiro benefício das práticas eugênicas. Considerando que a genealogia oferecia informações primordiais para o melhoramento progressivo, Renato Kehl defendia que a genealogia deveria ser bem organizada não importando se

¹⁸⁵ Idem, “Família sem passado” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 21, Setembro, 1930, p. 1

¹⁸⁶ Idem, “Nobreza Eugênica” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 22, Outubro, 1930, p. 1

tratava-se de uma família nobre ou plebéia e sim a possibilidade de favorecer aos ascendentes dados corretos e objetivos: “(...) “plantar para os outros?” Sim; como deixar de plantar se ele servirá para os próprios descendentes?”¹⁸⁷

Renato Kehl mostrava em seus artigos a sua compreensão dos propósitos eugênicos e procurava esclarecer formas eficazes de promover a herança inata que definia a constituição dos indivíduos. A diferenciação do inato e do adquirido estava sendo explicitada sempre que possível para que os leitores do Boletim pudessem compreender o quanto era importante privilegiar as práticas que com eficácia permitiam aos indivíduos aptos transmitirem sua herança para seus descendentes e diferenciava o efeito (benéfico, admitia o autor) das práticas sanitárias que promoviam a aquisição de caracteres, úteis para a melhoria das condições de vida dos indivíduos, mas inócuo para as gerações futuras porque não eram transmissíveis.

Apesar disto, Nancy Stepan cita o eugenista britânico K. E. Trounson, que em 1931, analisou e comentou o material sobre eugenia recebido pelo British Eugenics Review (publicação da qual era o editor) de eugenistas brasileiros. Segundo a autora, o britânico publicou para seus leitores a opinião de que no Brasil, a eugenia era mais sociológica do que biológica; sua interpretação baseou-se em duas observações: a palavra eugenia era considerada pelos brasileiros um termo amplo que englobava higiene e sexologia elementar (referia-se às práticas de saneamento e higiene assim como destacava a grande preocupação com os exames pré-nupciais); o outro ponto, para Trounson era a falta de clareza para diferenciar os fatores congênitos (adquiridos) dos genéticos. Nancy Stepan afirma que ao contrário de considerar ignorância e equívoco dos brasileiros, a linha de raciocínio era diferente e fundamentalmente não Mendeliana¹⁸⁸.

Após afirmar que apesar das diferenças, o raciocínio desenvolvido pelos eugenistas brasileiros deveria ser considerado uma variante do movimento eugênico, Nancy Stepan discute a representação de adotar o Mendelismo como teoria da hereditariedade; os países que usaram o mendelismo como base de seu programa eugênico, recorreram a

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin América*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991, p. 64.

reformas biológicas em detrimento as sociais por estarem convictos da limitação dos efeitos de fatores sociais numa geração. Esta rejeição ao mecanismo lamarckista de herança dos caracteres adquiridos implicava na adoção de ações que controlavam as gerações ao invés de controlar o meio social. Na América Latina, outra teoria subsidiava as ações em prol do aprimoramento dos indivíduos: a tradição lamarckista. A autora afirma ainda que o neolamarckismo (orientação lamarckista) permaneceu no meio médico e científico até a década de 1940. Por que na América Latina isto foi uma realidade?¹⁸⁹

Nancy Stepan procura fazer um pequeno histórico da tradição lamarckista. Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet, o Chevalier de Lamarck foi o biólogo francês que produziu o que considerou-se a primeira teoria científica e sistemática da evolução das espécies. Como ponto principal de sua teoria, a capacidade de transmissão para os descendentes de caracteres adquiridos pelos ascendentes¹⁹⁰. A autora afirma ainda que a teoria lamarckista fortaleceu-se ainda mais com a publicação do livro *A origem das espécies*, da autoria de Charles Darwin porque este parecia afirmar com sua teoria que as mudanças ocorriam de forma brusca, randômica e como resultado de sobrevivência. Contrariando a impressão de que o desenvolvimento humano era um resultado da modelagem do “universo” (impressão da teoria de Darwin), a teoria lamarckista sugeria um processo de evolução menos brutal e menos impessoal porque resultava de adaptações de uma geração que preparava a seguinte para as transformações do meio¹⁹¹.

Apesar das críticas recebidas, Stepan afirma que o lamarckismo permanecia como teoria de evolução, mas Alphonse Packard, em 1885, utiliza o termo neolamarckismo para estreitar a ampla teoria transformista do século XIX denominada lamarckismo. Com a redescoberta de Mendel e sua teoria, o campo científico assistia mais um período de coexistência de teorias sobre as leis da hereditariedade. A autora sugere que o neolamarckismo garantia uma certeza maior do resultado do processo hereditário enquanto o mendelismo tratava de variações e probabilidades que eram compreendidas

¹⁸⁹ Idem, p. 65.

¹⁹⁰ Idem, p. 67.

¹⁹¹ Idem, p. 68.

como incertezas ou incapacidade de controle das variáveis¹⁹². O neolamarckismo envolvia, segundo Nancy Stepan, muito mais fatores culturais e políticos do que lógicos e na América Latina, predominou por anos enquanto o mendelismo tendia à marginalidade embora fosse bem aceito e desenvolvido na agricultura e na pecuária¹⁹³.

A grande questão apresentada por Nancy Stepan sobre o movimento eugênico no Brasil referia-se aos motivos que privilegiaram uma tradição neolamarckista. Esta teoria não propunha o determinismo que era identificado no mendelismo; com isto, o neolamarckismo permitia que ações para o desenvolvimento da sociedade fossem realizadas assim como afirmava que a vontade individual contava muito para que as mudanças acontecessem. Politicamente, as reformas sociais eram vistas com otimismo e como passíveis de se tornarem permanentes coincidindo com a tradição sanitarista já existente no Brasil e com muitos defensores. Até mesmo em relação a fatores religiosos a autora afirma que o neolamarckismo mostrava-se mais coerente; a idéia de uma evolução que resulta da vontade e da escolha das mudanças necessárias para o desenvolvimento eram mais bem aceitas do que o ponto de vista materialista conferido a teoria de Darwin em que a evolução resultava de forças materiais que pareciam não possuir lógica ou objetividade¹⁹⁴.

O último ponto citado pela autora e relação aos motivos favoráveis ao neolamarckismo está o fato de que o neolamarckismo não permite dúvidas em relação ao mecanismo de hereditariedade uma vez que, os esforços empreendidos para a melhoria das condições de um indivíduo serão recompensados porque poderiam ser geneticamente absorvidos. Unindo um processo de evolução que sugeria objetividade e harmonia, o neolamarckismo atendeu aos propósitos sociais deixando para trás a possibilidade de que outra teoria fosse considerada melhor do que o neolamarckismo até aquele momento¹⁹⁵.

Nancy Stepan discute a eugenia preventiva como uma entre várias manifestações na

¹⁹² Idem, p. 69.

¹⁹³ Idem, p. 71.

¹⁹⁴ Idem, pp. 73-74.

¹⁹⁵ Idem, p. 74.

América Latina. Contudo, a associação da eugenia com sanitarianismo, higiene social, higiene mental ou higiene das células reprodutivas mostram que a tradição presente no continente permanecia. Um termo identificado e definido pelos eugenistas sob a perspectiva lamarckista, os venenos raciais referiam-se a elementos como álcool, nicotina, morfina, doenças venéreas e demais drogas e infecções. Os venenos estavam relacionados com a raça porque o raciocínio desenvolvido mostrava que hábitos e doenças eram inicialmente adquiridos ou experimentados por um indivíduo que ao longo da sua trajetória, poderia afetar populações inteiras ou nações. Ainda segundo a autora, os historiadores costumam dar pouca importância ao termo ou a ideia de venenos raciais porque grande parte dos movimentos eugênicos rejeitava o raciocínio lamarckista. Contudo, na América Latina, o controle dos venenos raciais era uma característica estratégica que conferia identidade ao movimento¹⁹⁶.

Em meu entendimento, esta particularidade conferida ao movimento eugênico latino americano é exatamente o que Renato Kehl procura mostrar em seus artigos quando destaca a diferença entre práticas eugênicas e de eugenismo. Se houve uma confusão inicial, a todo o momento, em seus artigos, o eugenista mostrava que eugenia relacionava-se com genótipo, características inatas; por outro lado, criticava as ações de tradição educativa e assistencialista porque não se preocupava em identificar os indivíduos inaptos e tomar atitudes que impedissem sua reprodução. Este posicionamento de Renato Kehl representa sua intenção em mostrar que o eugenismo era importante para auxiliar os indivíduos aptos a terem boas condições de vida embora esta diferenciação ainda não fosse feita. Esta crítica mostra que Renato Kehl privilegiava as atividades eugênicas e os indivíduos que delas resultassem, poderiam ser beneficiadas com as medidas de saneamento. Em outras palavras, Renato Kehl afirmava que sanear não era eugenizar e defendia que as sementes deveriam ser escolhidas antes de qualquer intervenção no terreno.

Neste sentido, se a avaliação geral de Nancy Stepan sobre a obra de Renato Kehl parece correta, pode merecer, contudo, um reparo quando nos referimos especificamente ao período em que edita o Boletim de Eugenia. Na visão de Stepan:

¹⁹⁶ Stepan, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin America*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991, p. 86.

“A eugenia de Kehl fora sempre mais negativa e racista que a da maioria de seus colegas, mas ele camuflara seu negativismo pela necessidade de atrair para o movimento eugênico aliados dos campos do saneamento e da clínica médica, poucos dos quais tinham, de início, conhecimento, seja de genética, seja de eugenia. A existência de uma tradição de discurso polido, não racista, também cerceou a expressão pública de um racismo declarado”¹⁹⁷.

No Boletim de Eugenia, a partir do momento em que procura enfatizar a diferença entre eugenia e sanitarismo, Renato Kehl começou a dar uma expressão mais pública à sua eugenia negativa. O autor procurava afirmar sempre que possível que mesmo tendo condições ambientais favoráveis, o mais importante era observar que caracteres estariam presentes nas sementes que originariam uma nova geração. Renato Kehl procurou delimitar o eugenismo e conferir as atribuições da eugenia para o projeto de regeneração nacional. O conhecimento da genética e de seus propósitos era muito importante e fundamental para o sucesso deste projeto. Exatamente por isso privilegiei como o segundo colaborador de destaque deste trabalho, Octávio Domingues.

4.3.2 – Octávio Domingues

Nancy Stepan afirma que na segunda metade da década de 1920, apesar de uma forte influência lamarckista no pensamento social brasileiro, alguns grupos já discutiam a genética mendeliana e recusavam qualquer raciocínio que supusesse a herança de caracteres adquiridos. Uma nova geração de biólogos surgia naquele momento e a autora afirma que os estudos desenvolvidos por eles deixavam muito claro a diferença

¹⁹⁷ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 134.

entre o mendelismo anglo-saxão e o neolamarckismo latino¹⁹⁸.

A autora afirma que a declaração mais importante feita em defesa do mendelismo no Brasil foi a de Roquette-Pinto, diretor do Museu Nacional de Antropologia e Presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia onde registrou, segundo a autora, seu endosso à genética mendeliana opondo-se às premissas neolamarckistas apresentadas e defendidas por participantes do Congresso que defendiam a importância de maior incentivo às ações de saneamento como solução para promover o projeto de aprimoramento humano. Nancy Stepan afirma que alguns centros de estudo no Brasil já possuíam estudiosos dedicados à ciência mendeliana. A autora destaca a Escola de Agricultura de Piracicaba, fundada em 1901 com o objetivo de promover a melhoria do valor comercial de animais e vegetais. Octávio Domingues¹⁹⁹, diretor do Departamento de Zootecnia foi definido por Nancy Stepan como “o principal disseminador da genética mendeliana no Brasil”²⁰⁰.

Nancy Stepan cita duas entidades às quais Domingues era associado: American Genetical Association (Associação Americana de Genética) e Eugenics Society of London (Sociedade de Eugenia de Londres). A autora afirma que “Domingues seguia estritamente a genética mendeliana” e que seus textos sobre eugenia estiveram entre os primeiros a revisarem sistematicamente e de forma atualizada, a genética norte-americana, a britânica e a européia. Domingues criticava com veemência o neolamarckismo porque, segundo Stepan, considerava uma deturpação da ciência, ressaltando que mesmo na tradição francesa já havia críticos à genética neolamarckista²⁰¹.

A crítica feita a tradição neolamarckista pelos mendelistas causou um efeito interessante segundo a análise de Nancy Stepan. Ela afirma que Renato Kehl começou a expressar sua frustração pela confusão feita pela opinião pública em relação a eugenia e ao

¹⁹⁸ Idem, p. 130.

¹⁹⁹ Professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e da Faculdade de Farmácia e de Odontologia Washington Luís em Piracicaba (interior de São Paulo) e presidente da Sociedade Brasileira de Zootecnia de 1951 a 1968.

²⁰⁰ Stepan, Nancy Leys. “Eugenics in Brazil: 1917-1940” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 131.

²⁰¹ Idem, pp. 131-132.

sanitarismo citando uma publicação do eugenista em 1937 onde o eugenista declarava que em fins de 1930 não estava claro até mesmo para ele a distinção entre saneamento e eugenia²⁰². Em meu entendimento, a partir das leituras e da análise dos artigos publicados por Renato Kehl desde o I Congresso Brasileiro de Eugenia realizado em 1929, o eugenista já demonstrava um certo incômodo com a interpretação feita e cujos conceitos apresentavam-se confusos em suas descrições e propósitos. A publicação de seu artigo no Boletim de Eugenia um mês após a realização do congresso afirmava o quanto era importante esclarecer a diferença entre os termos sob pena dos esforços em prol do aprimoramento humano serem inócuos. Nancy Stepan comenta ainda que foi muito difícil para Renato Kehl abrir mão da lógica baseada no neolamarckismo porque havia dominado seu raciocínio por muito tempo²⁰³. Esta não é minha percepção e acredito que com a análise dos artigos de Octávio Domingues publicados no Boletim de Eugenia ficará mais claro o quanto Renato Kehl valorizava colaboradores que pudessem confirmar sua tese de que caracteres adquiridos não eram iguais aos caracteres inatos no que dizia respeito a capacidade de serem transmitidos aos seus descendentes além de afirmar a importância da genética para a melhor compreensão do mecanismo de hereditariedade.

Nancy Stepan afirma que um dos opositores mendelianos do neolamarckista Renato Kehl era Octávio Domingues:

*“Um dos opositores mendelianos de Kehl foi Domingues, que, em 1929, referiu-se ao mulato brasileiro dizendo que ele era produto de hibridização mendeliana normal e saudável e que o Brasil era um exemplo “especial e precioso” de miscigenação racial”*²⁰⁴.

Se o mendelista considerava a miscigenação como algo normal no Brasil e não problematizava esta situação como fazia Renato Kehl, isto não corrobora,

²⁰² Idem, p. 133.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Idem, p. 139.

necessariamente, uma oposição de idéias ou até rivalidade. O mendelista, por outro lado, também defendia o valor eugênico do controle de nascimentos e até mesmo da esterilização com base na individualidade e não na raça, segundo uma publicação do autor de 1936²⁰⁵ citada por Nancy Stepan. A autora afirmava que o mendelista preferia uma eugenia positiva, defendendo, numa publicação de 1929, a conscientização dos indivíduos a respeito de defeitos hereditários que poderiam perpetuar-se nos descendentes discordando de qualquer controle do Estado sobre a reprodução dos indivíduos²⁰⁶. O que se pode perceber é que, em 1929, Domingues parece estar expondo uma idéia diferente destas que expressaria mais adiante. Acompanhando os artigos publicados pelo mendelista no Boletim de Eugenia, poderemos analisar e compreender o que provocou a aceitação de ações de cunho mais negativo ao longo dos anos. A autora afirma ainda que Domingues era mendeliano e menos racialmente inclinado do que Renato Kehl porque não interpretava a miscigenação racial como causa de degeneração e sim como um processo biológico adaptativo que permitiria o desenvolvimento da civilização nos trópicos²⁰⁷. As publicações de Octávio Domingues no Boletim de Eugenia podem apontar não apenas as idéias que defendia assim como observar seu diálogo com outras teorias de hereditariedade. Antes de contribuir para o Boletim de Eugenia Octávio Domingues foi citado por ocasião de uma conferência que proferiu na sede do Centro Agrícola Luis de Queiroz tendo os seguintes pontos como os principais a serem apresentados: eugenia e agronomia; histórico das idéias eugênicas na humanidade; Galton, o pai espiritual da eugenia; Renato Kehl e a eugenia no Brasil; que é eugenia; pontos nos ii; eugenia e catolicismo; eugenia e materialismo²⁰⁸.

Octávio Domingues contribuiu com o Boletim de Eugenia escrevendo e traduzindo artigos publicados no periódico. Sua primeira contribuição no Boletim de Eugenia²⁰⁹

²⁰⁵ Domingues, Octávio. Hereditariedade e eugenia, suas bases, teorias, suas aplicações práticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

²⁰⁶ Stepan, Nancy Leys. "Eugenics in Brazil: 1917-1940" In Adams, Mark B. The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 139.

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ "De Piracicaba. Conferência sobre a eugenia (pelo Prof. Domingues)" In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 12, Dezembro, 1929, p. 5.

²⁰⁹ Domingues, Octávio. "Os programas de ensino e a genética" In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 13, Janeiro, 1930, pp.2-3.

tinha como tema a importância do ensino da genética na política de educação nacional para que fosse possível falar de eugenia e convencer as pessoas das vantagens da aplicação das medidas eugênicas a partir de um conhecimento ensinado nas escolas desde cedo permitindo uma melhor compreensão do que se tratava e de como era importante adotar e seguir os propósitos eugênicos. Segundo o mendelista, a genética era mais conhecida nos meios relacionados com a melhoria de plantas e gados, mas era preciso ampliar os conhecimentos básicos dos indivíduos para a melhor compreensão da eugenia e seus propósitos. O mecanismo de hereditariedade era visto com muitos preconceitos oriundos do pouco conhecimento da teoria genética dificultando muito o seu entendimento. Reconhecendo que poucos dominavam o conhecimento biológico (alicerce e razão da eugenia), o autor conclamava a esses intelectuais que divulgassem os princípios da hereditariedade ao máximo para que houvessem herdeiros com o melhor sangue e a melhor educação.

Após defender que o domínio do conhecimento sobre biologia (em especial a genética) facilitaria a conscientização dos intelectuais sobre a importância da hereditariedade, Domingues colaborou com um artigo publicado no Boletim de Eugenia²¹⁰ em que discutiu outro assunto muito comum entre os eugenistas: a influência do meio sobre os indivíduos. Para ilustrar sua afirmação de que o meio não criava formas novas, o autor usou a imagem de uma chapa fotográfica que sem ser revelada nada diz, mas quando revelada, mostra a imagem que fixou; a revelação não criou a imagem, mostrou-a. O meio revelava o que havia no genótipo dos indivíduos, ou seja, revelava uma herança inata que cada indivíduo possuía.

A higiene, a educação e as demais iniciativas de eugenismo poderiam ser realizadas, mas estava claro para Octávio Domingues que não eram capazes, com seu resultado, de interferir no plasma germinativo. Em outras palavras, as melhorias proporcionadas pelo eugenismo não eram transmissíveis. A genética explicitava a necessidade de separar o eugenismo da eugenia assim como também afirmava Renato Kehl. Octávio Domingues registrava que o eugenismo poderia conferir melhores condições de vida às pessoas, mas jamais torná-las pessoas melhores do ponto de vista eugênico. Ao contrário, o

²¹⁰ Idem. "O meio revela" In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 16, Abril, 1930, pp. 1. In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 13, Janeiro, 1930, pp. 1.

eugenismo propunha ações como higiene individual e social, ginástica e prática de esportes que, embora se relacionassem com a ciência galtoniana sob a perspectiva de melhoria de condições de vida e saúde, não eram propriamente ações eugênicas porque não interferiam nas sementes.

Octávio Domingues percebia o quanto o desejo de regeneração da população brasileira estava disseminado, mas o quanto, por outro lado, parecia gerar dúvidas quanto a melhor forma de realizar tal projeto. A eugenia configurava-se como a ciência adequada para referenciar os planos e as práticas de regeneração, mas seu princípio fundamental (hereditariedade) provocava dúvidas nos intelectuais brasileiros. Para Domingues era o momento de demonstrar inteligência e disposição em relação ao movimento eugênico, que em todo o mundo já era intenso e que, no Brasil, apresentava-se com novo ânimo.

Octávio Domingues não ignorava o lugar da higiene nos projetos de regeneração, embora tenha demonstrado em um artigo²¹¹ resultante de uma palestra proferida na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, que constituía prática diferente da eugênica. A saúde era um bem valorizado porque garantia aos indivíduos a capacidade produtiva e uma função social. Era possível adoecer por herança ou por fatores externos e daí a convergência entre eugenia e higiene; contudo, a higiene provocava resultados que contrariavam os propósitos da ciência galtoniana, uma vez que os descendentes só herdavam de seus antepassados inteligência, equilíbrio mental, beleza ou feiúra, resistência ou debilidade orgânica e demais elementos de uma constituição orgânica. Afirmava o autor sobre a limitação da higiene:

“Ora, supondo um indivíduo que herdasse dos seus maiores uma constituição orgânica má. A higiene, com todos os seus esplêndidos recursos é capaz de enrubestecer tal indivíduo e torná-lo praticamente um homem de saúde. Mas desgraçadamente essa conquista preciosa é efêmera porque todos os caracteres que se adquirem não passam à descendência. E o nosso homem transmitirá sexualmente à sua prole não o que a higiene lhe

²¹¹ Idem. “Saúde, higiene e eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 18, Junho, 1930, pp. 3-4.

deu, mas o que ele herdou, isto é, uma constituição orgânica débil. A higiene tem, portanto, de ser novamente chamada para fazer desse indivíduo nasciturno, um tipo sadio e isso, imagine-se, em cada nova geração dessa linhagem humana”²¹².

O autor encerrava seu artigo afirmando que, com as práticas de higiene, a seleção natural não ocorria, permitindo que indivíduos de boa e má constituição nascessem, crescessem e procriassem trazendo, com isso, um grande prejuízo social que deveria preocupar a toda a comunidade e o Estado. Assim, Octávio Domingues afirmava que apesar de útil, a higiene não ofereceria meios para que os indivíduos conquistassem a saúde que pudessem transmitir a seus descendentes; apenas a eugenia seria capaz de realizar tal intento. Para esclarecer ainda mais os objetivos eugênicos, o autor definiu a eugenia positiva como as iniciativas que incentivavam a reprodução dos aptos enquanto a eugenia negativa constituía-se em esforços para impedir que os inaptos perpetuassem suas degenerações²¹³.

A higiene, para Domingues, não possibilitava a conquista da saúde como fazia a eugenia (tanto positiva quanto negativa), pois apenas esta última apresentava como objetivo primar pela propagação e continuidade de bons caracteres pelo impedimento da propagação dos caracteres doentios. Domingues caracterizou, de um ponto de vista mendeliano, a limitação das ações higiênicas. Portanto, Renato Kehl não estava sozinho no dilema que defini anteriormente. Renato Kehl e Octávio Domingues, em meu entendimento, comungavam da mesma opinião sobre as definições de eugenia e eugenismo, assim como identificavam limitações da higiene em relação ao aperfeiçoamento dos indivíduos. Para ambos estava explicitado a necessidade de diferenciar ações circunstanciais e superficiais (higiene) das ações que promoviam a manutenção de características inatas através das gerações (eugenia).

Octávio Domingues traduziu e fez algumas anotações sobre um artigo de H. de Varigny. Neste artigo o autor registrava o lançamento do livro de Leonard Darwin, intitulado

²¹² Ibidem.

²¹³ Idem, pp. 3-4.

“What is Eugenics”, registrando os esforços já empreendidos pelos homens para a melhoria da colheita e dos animais; o autor não demonstrava dúvidas de que era possível que o mesmo ocorresse com os homens, aprimorando seu vigor, a saúde e as qualidades intelectuais. Para evitar má compreensão, o autor afirmava que não seria preciso fazer com os homens as muitas experiências feitas com os animais por meio de cruzamentos. O objetivo era claro:

“É possível dizer o que se almeja ver desaparecer das sociedades humanas, o que nestas é mais nocivo. Nossos eugenistas não pretendem criar o super-homem por judiciosos regulamentos relativos ao casamento: contentam-se para começar, a indicar quais as sortes de uniões que devem ser evitadas em razão dos males dela decorrentes à comunidade pelo número de indivíduos inferiores que dariam origem”²¹⁴.

Octávio Domingues continuava com seus comentários e, em meu entendimento, expressou uma radicalização de seu discurso quando pormenorizou os objetivos eugênicos que mesmo imbuídos de ética e respeito ao ser humano, deveriam prever medidas duras em relação aos inaptos:

“(...) Diversas categorias humanas existem que não deviam ser autorizadas a reproduzir-se porque elas fornecem geralmente, uma progênese decaída de indivíduos mal-nascidos fisicamente e mentalmente tarados. Tais indivíduos seriam bois ou batatas que seriam eliminadas simplesmente; em eugenia humana é necessário somente uma oposição à sua procriação”²¹⁵.

Domingues expressou a mesma preocupação que Renato Kehl em alguns de seus artigos

²¹⁴ Idem. “Da Eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 25, Janeiro, 1931, pp. 1-4.

²¹⁵ Idem, p. 1.

já citados neste trabalho. O autor procurava colocar a eugenia como uma ciência racional, porém “humana”, que não previa a eliminação de indivíduos inaptos como sugeria a ideologia nazista. Ainda assim, com o dever de proteger a sociedade de heranças inadequadas, a eugenia deveria promover o impedimento da reprodução dos inaptos por persuasão (Domingues acreditava nesta possibilidade) ou não (Domingues ilustrava um caso com alienados que por motivos óbvios não seriam consultados). Quando a persuasão não atingisse seus objetivos, o autor afirmava que vários países utilizavam-se de leis que eram aplicadas favorecendo a proteção da sociedade e autorizando, por exemplo, a prática da esterilização. Era preciso compreender que, contra a hereditariedade biológica, nada poderia ser feito a não ser impedir a reprodução²¹⁶. Em paralelo à hereditariedade biológica, afirmada pela genética como mecanismo de transmissão de caracteres presentes na semente, Octávio Domingues definiu a “hereditariedade social”, transmitida pela educação, e descreveu os custos e o ônus de uma sociedade de inaptos de toda ordem (alienados, débeis mentais e delinqüentes). Estes custos, para Domingues, certamente poderiam ser mais bem utilizados em prol daqueles que efetivamente poderiam contribuir positivamente com a sociedade brasileira. Impedir a reprodução dos inaptos diminuiria o número de assistidos que não ofereciam qualquer retorno à sociedade e a esterilização apresentava-se como um método adequado para tal fim, já que era definitiva a impossibilidade de melhorar a humanidade por meio da melhoria do meio ambiente.

Para encerrar seus comentários, Octávio Domingues preocupou-se em esclarecer que a eugenia não pretendia empreender um projeto impossível ou um milagre:

“O super-homem não é o que procuram os eugenistas; é simplesmente o homem são, robusto, normal de corpo e de espírito, e que, num meio também são e sólido, adquirirá uma hereditariedade social desejável, útil e desempenhará seu papel de elemento social eficiente”²¹⁷.

²¹⁶ Idem, pp. 2-3.

²¹⁷ Idem, p. 4.

Para o autor, o ideal de uma população sadia e próspera que contrariasse a condição doente e inútil socialmente era um objetivo que a eugenia poderia proporcionar aos intelectuais brasileiros desde que houvesse clareza de que medidas diferentes deveriam existir para aptos e inaptos. Em outras palavras, as práticas de eugenia positiva deveriam ser aplicadas aos indivíduos cuja herança era definida como sã e adequada; por outro lado, apenas a eugenia negativa seria capaz de promover a diminuição da proliferação de caracteres pouco sadios. A eugenia preventiva, em meu entendimento, era considerada, tanto por Domingues como por Kehl, muito mais um paliativo ou mesmo um obstáculo a regeneração da população brasileira.

Esta posição me parece coerente com o contexto descrito pelas teorias que afirmavam que o dilema brasileiro não repousava na constituição da população e sim, na numerosa população sem saúde. Para que um projeto de recuperação da saúde pública pudesse desenvolver-se, a reversão, mesmo que parcial e gradativa deste quadro deveria ser rápida segundo o entendimento de eugenistas como Renato Kehl e Octávio Domingues. Estes autores demonstravam uma grande preocupação com a ênfase nas práticas educacionais, cujos resultados ampliavam o quadro desfavorável, e não o contrário, conforme esperado. Identifico nestes eugenistas citados uma certa urgência para que os primeiros resultados benéficos da eugenia surgissem nas gerações brasileiras. Esta urgência não implicou um negativismo como afirmava Nancy Stepan em relação a Renato Kehl (e que, se for o caso, também identifico em Octávio Domingues). Em meu entendimento, eugenistas como Kehl e Domingues concordavam que, para combater a ignorância e a desinformação sobre os propósitos eugênicos, algumas medidas deveriam ser tomadas e depois esclarecidas. Se a educação pudesse criar frutos, descaracterizaria uma postura tirânica ou de imposição das atitudes dos eugenistas; caso contrário, o mal seria reparado e gradativamente a informação poderia interferir nas práticas proporcionando a cada indivíduo, a capacidade de avaliar seu papel na sociedade e sua capacidade de contribuição. Acredito, contudo, que Kehl e Domingues vislumbravam um contexto em que a ignorância dos propósitos eugênicos afetava, inclusive, àqueles que deveriam conduzir as práticas de melhoria da população brasileira.

Os "super-homens" que Domingues afirmava que a eugenia não pretendia criar são

destaque em outro artigo do autor publicado no Boletim de Eugenia²¹⁸. Referindo-se a Dewey como “o filósofo da educação”, Domingues citava a conclusão do educador que afirmava que a origem de todos os males em geral estava em erros na concepção biológica ou em erros na educação das crianças. Partindo desta constatação, o geneticista afirmava seu otimismo na possibilidade de melhoria futura dos indivíduos tanto geneticamente quanto socialmente. Embora afirmasse seu otimismo com a possibilidade de melhoria dos indivíduos, Domingues não reconhecia o livre arbítrio e pontuava o quanto o determinismo agia sobre os indivíduos:

“O homem age não como lhe apraz mas como lhe permite sua constituição biológica porque sua ação não é mais do que função de sua fisiologia. Isto é, função de seus órgãos que por sua vez estão sujeitos primeiramente a uma pré-determinação hereditária e a seguir a uma adaptação social. A pré-determinação hereditária é de tamanha importância que hoje ela é objeto de uma ciência ou ramo de ciência denominado Eugenia – Eugênica para outros. A adaptação social é a educação”²¹⁹.

Preocupado com a visão corrente de que a eugenia pretendia atingir um objetivo inalcançável, Octávio Domingues ressaltou em seu artigo que a sociedade primava por indivíduos normais e equilibrados, produzindo bem-estar para a humanidade e não super-homens. O autor constatava que a sociedade, embora procurasse o progresso, não cumpria bem seus objetivos: “O fim da humanidade não é correr aceleradamente atrás do progresso. Se este fosse mais lento e mais equilibrado, a humanidade hoje, talvez usufrísse um bem-estar de que ela está longe de alcançar pelo caminho que vai”²²⁰.

Ainda criticando o progresso desenfreado, Domingues afirmava que:

²¹⁸ Idem. “Poderemos ser melhores?” In Boletim de Eugenia, Vol, 3, nº 26, Fevereiro, 1931, pp. 1-2.

²¹⁹ Idem, p. 1.

²²⁰ Idem, pp. 1-2.

“Super-homens de um lado e sub-homens do outro só provocaram o desequilíbrio funesto em que vivemos: excesso de conquistas materiais, miséria de conquistas morais. Nada de super-homens. Homens normais é o que precisa a humanidade para viver melhor. Esse é o objetivo da eugenia. Objetivo sensato, modesto e realizável”²²¹.

Octávio Domingues publicou um artigo em que registrava três medidas possíveis para a promoção do aperfeiçoamento dos indivíduos:

“Birth-control é o regulamento de nascimentos para evitar famílias numerosas e sem recursos para subsistência e educação. Esterilização obrigatória para delinqüentes, tarados mentais e extensão aos portadores de males hereditários (diminuição destas castas que recebem a herança do berço). Pena de morte como extermínio imediato dos agentes de perturbação da vida social. A eugenia adota as duas primeiras medidas; na verdade, os eugenistas pedem e recomendam mas não exigem”²²².

As medidas citadas por Octávio Domingues representavam algumas possibilidades na busca de uma população sadia e eugênica. Os eugenistas pareciam "consultores" que ofereciam as melhores soluções, mas não as impunham. Era como se Octávio Domingues conferisse à sociedade a responsabilidade por seguir ou não os preceitos eugênicos. Além disto, a eugenia era definida como uma ciência que buscava a formação de uma população com características que a habilitasse para formar uma nação que pudesse progredir e desenvolver-se sem prejuízos à humanidade e usando meios éticos, prudentes e viáveis.

²²¹ Idem, p. 2.

²²² Idem. “Birth-control, esterilização e pena de morte” In Boletim de Eugenia, Vol. 3, nº 30, Junho, 1931, p.4

Um determinado contexto político ou um contexto de rechaço específico à eugenia poderiam explicar a mudança de atitude e de tom nos pronunciamentos de Octávio Domingues. Em uma entrevista concedida à Folha da Manhã e transcrita num artigo do Boletim de Eugenia²²³ por ocasião de receber o convite para fazer parte da Associação Americana de Genética, Octávio Domingues parecia indicar situações políticas difíceis. O autor preocupava-se com a entrevista declarando: "Uma entrevista? Não sabe que os funcionários da Secretaria da Agricultura e nós, professores da Escola Agrícola estamos expressamente proibidos de conceder entrevistas à imprensa?". Por insistência, a entrevista continuou e Domingues explicou os propósitos da Associação (estudo e propagação da genética) completando com a afirmação da importância da genética para o aprimoramento da espécie humana:

*"Tão grande é sua importância que desse estudo seus adeptos pretendem depender o melhoramento do próprio homem porque com ele já se há conseguido o aperfeiçoamento de espécies vegetais e animais úteis. É que essa pretensão dos eugenistas tem seu fundamento. É ela o reflexo ou a ilação natural do que se passa no mundo vegetal e no mundo dos animais domésticos. Por que não eliminarmos Caim da geração? E por que não multiplicar apenas Abel? O lavrador só planta o trigo e põe fora o joio. Só nós, humanos, é que vivemos misturados – joio e trigo (...) – na mais completa negação de inteligência"*²²⁴.

Octávio Domingues também expressou a atualidade das discussões eugênicas no Brasil destacando o nível de compreensão atingido pela intelectualidade brasileira:

"E agora, para finalizar esse meu exame de consciência, quero fazer um pedido à Folha da

²²³ "Dos jornais e revistas" In Boletim de Eugenia, Vol. 3, nº 33, Setembro, 1931, pp. 2-3.

²²⁴ Idem, p. 3.

*Manhã cuja espontaneidade desta entrevista muito me desvanece para ajudar a animar, em nosso meio, as cogitações em torno dos nossos problemas eugênicos. Esse pedido faço-o como um dos dez membros da Comissão Central Brasileira de Eugenia e agora como aderente à Associação Americana de Genética. A eugenia é tão mal compreendida e tão mal interpretada entre nós, que causa dó...*²²⁵

Este pedido de Octávio Domingues gerou uma outra reportagem na Folha da Manhã também transcrita num artigo neste mesmo número do Boletim de Eugenia²²⁶; o texto iniciava com uma constatação de que uma pequena minoria lutava, no Brasil, pelo aperfeiçoamento da raça e pela afirmação genética do homem brasileiro. Renato Kehl foi um ator muito importante para que os postulados eugênicos chegassem ao Brasil e encontrassem terreno propício para sua assimilação. O Brasil necessitava resguardar seu patrimônio étnico evitando um caos racial constantemente ameaçador; a reprodução dos indesejáveis era a grande ameaça à soberania nacional brasileira. Quanto a Octávio Domingues, o artigo referia-se em seu encerramento:

*"O apelo, portanto, formulado pelo Dr. Octávio Domingues, eugenista brasileiro para que o país cristalize um alto interesse social em torno do problema, é mais do que atual e reveste-se de uma transcendência máxima para a nossa própria razão de ser como receptáculos de uma humanidade que se renova sob a ambiência tropical e como aviventadores do sopro da latinidade, na terra quente e acalentadora do novo mundo"*²²⁷.

Este texto expressou a necessidade de soluções nacionais para os problemas nacionais, como já afirmou este trabalho quando discutiu as teses racialistas produzidas em países estrangeiros e que afirmavam a inviabilidade da população brasileira por suas condições climáticas e raciais. Houve uma reversão do que foi considerado como causa de

²²⁵ Ibidem.

²²⁶ "Eugeniização da raça" In Boletim de Eugenia, Vol. 3, nº 33, Setembro, 1931, p. 4.

²²⁷ Ibidem.

degeneração em elemento fundamental da regeneração nacional. Pelas lamentações de Kehl e de Domingues, pode-se perceber, em meu entendimento, que os propósitos eugênicos foram defendidos por um pequeno grupo de intelectuais e o quanto foi difícil para este grupo defender suas idéias. Neste caso vale á pena lembrar a hipótese de Nancy Stepan segundo a qual o contexto político (Estado pouco centralizado e muito liberal) e o contexto social (tradição católica) do Brasil representaram obstáculos à prática eugênica, em especial, as consideradas mais extremas ou negativas.

Nestas posturas mais radicais às quais Nancy Stepan faz referência, acredito que poderia ser incluído Octávio Domingues, pois este autor também criticava as práticas assistenciais, a proliferação de inaptos e concordava com iniciativas como esterilização opcional ou compulsória, assim como controle da natalidade dos inaptos. Ao contrário dos eugenistas que seguiram a tradição neolamarckista e sentiram-se confortáveis por causa da teoria que favorecia as práticas de higiene, Renato Kehl e Octávio Domingues apresentavam várias idéias que convergiam entre si. Acrescento, inclusive, que o tom de Domingues, nos artigos publicados no Boletim de Eugenia, era tão ou mais radical do que o de Renato Kehl, pela convicção com que afirmava a validade da esterilização e da imposição de normas aos alienados e a todos aqueles que a persuasão não alcançava.

Como solução à constatação de Renato Kehl e Octávio Domingues de que pouco se fazia de forma efetiva em prol da eugenia, um artigo publicado no Boletim de Eugenia²²⁸ era de Octávio Domingues defendendo a criação de núcleos do que chamava eugenismo²²⁹ para a propagação da eugenia apesar da extensão territorial brasileira. Em outro artigo, no mesmo número do Boletim de Eugenia, o autor referiu-se a dois partidos políticos que incluíram os propósitos eugênicos em seus programas, mas declarava que precisavam de ações do poder público. Octávio Domingues, neste artigo, expressava sua certeza em relação ao futuro da população brasileira:

“As defesas das nossas qualidades étnicas

²²⁸ D., O. “Núcleos de Eugenio” In Boletim de Eugenia, Vol. 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, p. 53.

²²⁹ O autor usa o termo eugenismo para caracterizar os núcleos em que informações sobre a eugenia seriam transmitidas. Não me parece uma discordância da diferenciação que Renato Kehl fez deste conceito com o de eugenia e sim porque a necessidade de aprimoramento da população seria tratada como um todo incluindo ações eugênicas propriamente ditas e ações de apoio educacional e de higiene.

superiores (que as temos) não devem ficar à mercê de uma seleção natural ou de uma seleção social. É mais do que tempo de intervirmos com os conhecimentos biológicos, até aqui adquiridos em matéria de hereditariedade para a proteção consciente desses atributos capazes de nos fazerem um povo digno da civilização que herdamos”²³⁰.

Octávio Domingues parecia conclamar os intelectuais a participarem de forma efetiva das ações de aprimoramento humano. O autor afirmava que os conhecimentos biológicos adquiridos deveriam ser usados para acelerar os efeitos que a natureza promoveria a longo prazo. Octávio Domingues escreveu um artigo no Boletim de Eugenia afirmando sua posição em relação às teorias da hereditariedade existentes. Criticando o Lamarckismo, o autor relativizou o papel da educação na determinação dos caracteres dos indivíduos negando veementemente que a ação continuada do meio ambiente e seus estímulos pudesse promover o surgimento de caracteres adquiridos transmissíveis; Octávio Domingues afirmava que não existia nenhuma prova de transmissão genética de um caráter adquirido.

Apesar deste trabalho mostrar atores e iniciativas em prol da eugenia e críticas ao sanitarismo e educadores, Nancy Stepan afirma que a tradição neolamarckista prevaleceu no Brasil até a década de 1940. Renato Kehl e Octávio Domingues tomaram partido da necessidade de medidas assertivas e enfáticas em relação aos inaptos, bem como avaliavam que a degeneração permanecia em curso, devido a medidas políticas que, embora conferissem saúde, não conferiam a garantia de uma geração seguinte saudável e menos custosa para os serviços públicos; o contexto que se apresentava era dominado por intelectuais sanitaristas.

Recorrendo ao capítulo 2, vale lembrar que o movimento eugênico britânico opunha-se ao aparato de políticas de bem-estar implementadas pelo Estado. O movimento eugênico propunha a descentralização destas ações e uma participação menor do Estado. No Brasil, o movimento sanitário citava os propósitos eugênicos e conclamava o Estado

²³⁰ Domingues, Octávio. “*Limalthas de um eugenista*” In Boletim de Eugenia, Vol. 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, p. 67.

a participar efetivamente das políticas públicas de saúde. Nancy Stepan²³¹ afirma que os eugenistas lamarckistas e mendelistas dividiam-se tanto por questão ideológica quanto pela direção que a eugenia deveria seguir. Se por um lado, havia um grupo que defendia o papel principal da hereditariedade na promoção do aperfeiçoamento da população, outro grupo insistia no fato de que a intervenção no meio ambiente de ações preventivas era a solução para promover a regeneração da população. As medidas preventivas, segundo a autora, foram exaltadas e um clima de otimismo retornou ao meio intelectual motivando a continuação e a intensificação de campanhas como as semanas antialcoólicas e de combate às doenças venéreas (venenos sociais que a eugenia poderia eliminar sem, contudo, eliminar as pessoas).²³²

Se Renato Kehl, por um lado, argumentava que de nada adiantaria ter um bom solo se as sementes fossem ruins, Belisário Pena, por outro, defendia que de nada adiantaria ter boas sementes se o solo não fosse propício para recebê-las. A participação política dos reformadores sociais era a estratégia identificada por Belisario Penna para a realização do projeto de regeneração nacional. Considero esta discussão como um dilema que certamente influenciou os caminhos e as decisões para ações com fins eugênicos. Este dilema parece ter acompanhado as discussões eugênicas e influenciado nas decisões sobre as práticas a serem realizadas. A força do movimento sanitário mantinha a idéia de que as práticas de eugenismo eram fundamentais e até mesmo anteriores a qualquer tentativa eugênica.

²³¹ Stepan, Nancy Leys. "Eugenics in Brazil: 1917-1940" In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 134.

²³² Ao deslocar o foco da degeneração da raça para as condições sociais, a doença e não doente deveria ser o alvo das ações de saúde pública.

CONCLUSÃO

O “Boletim de Eugenia” representou um veículo de disseminação de idéias sobre o aprimoramento humano privilegiando os propósitos eugênicos na maioria de seus artigos. Além das observações sobre as contribuições de intelectuais nacionais e internacionais que escreveram artigos discutindo a eugenia e suas práticas, é importante registrar a tiragem inicial do periódico (1.000 exemplares distribuídos gratuitamente mediante pedido dos interessados) aumentando ainda mais quando tornou-se suplemento da “Medicamenta”.

Um dos temas recorrentes no “Boletim de Eugenia” foi a discussão sobre os conceitos de eugenia e eugenismo. Como um veículo que propagava as discussões dos intelectuais preocupados com a situação disgênica da população brasileira, o periódico recebeu contribuições diversas, embora, a princípio, o interesse pela recuperação da saúde da população e a conseqüente conquista do progresso fosse comum, as formas pela qual este objetivo deveria ser atingido variou com especificidades que Nancy Stepan afirma em seu texto.

Como veículo de disseminação de idéias, o “Boletim de Eugenia”, apesar de permitir a publicação de artigos promovendo debates e discussões sobre os caminhos que as práticas para a promoção da saúde pública deveriam seguir, o enfoque era defender a eugenia e seus propósitos evitando que o movimento eugênico brasileiro se desviasse da preservação das sementes. As idéias veiculadas no periódico proporcionaram uma boa análise do que me propus: compreender o posicionamento de Renato Kehl ao declarar que sanear não era eugenizar num período em que esta frase representava contrariar a tradicional aliança existente entre eugenia e higiene para a promoção da regeneração dos indivíduos no Brasil.

A constatação de que o estado da maioria da população era decadente não parecia contrariar as impressões da intelectualidade brasileira; contudo, a ciência tornou-se um símbolo de modernidade que, segundo Nancy Stepan, explica o fato de que um discurso científico tenha feito parte da história do Brasil onde a eugenia, segundo a autora, representou uma relação entre a vertente científica e ideológica com uma agenda social específica. Se há a constatação, por um lado, segundo Stepan, de que os cientistas

brasileiros estavam em sintonia com os estudos científicos europeus, por outro lado, o quadro social implicou adaptações de teorias científicas ao contexto brasileiro. Com isto, a autora identifica alianças improváveis e a adoção de partes de teorias na tentativa de tornar viável o quadro apresentado pelos indivíduos pobres e marginalizados que contrastavam com uma pequena elite existente no país. Esta massa, em grande parte, constituía-se de negros e mulatos que viviam na miséria e não possuíam a saúde necessária para levar o Brasil em direção ao progresso.

Para combater um quadro de indivíduos degenerados, era preciso usar soluções próprias para o problema, logo, soluções nacionais. A procura por aproximar-se da realidade brasileira e buscar soluções nacionais motivou a intelectualidade apesar das teorias que definiam com determinismo a degeneração dos brasileiros por sua constituição física. Na década de 1920, o Brasil possuía uma classe médica ansiosa por especializar-se na resolução de problemas que afetavam a vida social dos brasileiros. A ciência era cada vez mais valorizada como ferramenta de explicação das condições sociais e raciais da população. No Brasil, a tradição sanitarista apresentava uma possibilidade de interpretar pela doença e não pela raça o estado de degeneração apresentado pelos indivíduos. Belisário Penna foi um ator importante neste movimento e ainda mais para o estudo deste período. Até este momento, era possível explicar a degeneração pela falência da raça ou pela escassez das condições de vida (saúde e meio); Belisário Penna traz uma terceira possibilidade: falta de consciência política. Penna insiste que sem a participação efetiva do Estado promovendo intervenções diretas sobre a vida social, nenhuma medida seria eficaz criticando o abandono e a liberalidade da administração pública defendendo que seria dever do Estado promover boas condições de vida à população e controlar a manutenção destas boas condições; para isso, hábitos e costumes deveriam ser modificados porque estes elementos influenciavam na melhor adaptação ou na maior dificuldade de adaptação dos indivíduos às mudanças e exigências feitas pelos propósitos eugênicos.

Na década seguinte, novas forças sociais começavam a surgir no Brasil com intensa crítica e a constatação de que a República Velha não fora capaz de promover as condições necessárias para que a população brasileira alcançasse o progresso. Os braços existentes no Brasil estavam fracos e doentes, principalmente pelo descuido do Estado com seus membros. Uma população doente não levaria o Brasil para a direção desejada.

Os propósitos eugênicos de melhoria contínua das gerações apresentava-se como uma ciência que trataria de fatores não contemplados até então pela medicina e pela higiene. Se estas práticas promoviam com certa eficácia a restauração da saúde dos brasileiros, a eugenia permitiria a melhoria do patrimônio biológico. Duas teorias apresentavam possibilidade de interpretação das melhores formas para promover o aprimoramento biológico desejado pela intelectualidade brasileira: o neolamarckismo e o mendelismo. Mais do que possibilidades teóricas, Nancy Stepan afirma que também havia uma divisão ideológica. Se por um lado, os neolamarckistas afirmavam que com a mudança das condições do meio, havia mudanças hereditárias que poderiam ser transmitidas, por outro lado, os mendelistas afirmavam que embora mudanças visíveis pudessem ser presenciadas nos indivíduos pela ação da higiene e suas práticas, tais mudanças não seriam transmitidas hereditariamente.

O primeiro grupo era favorável à idéia de que o indivíduo poderia melhorar seu estado de saúde e transmitir esta melhora aos seus descendentes. Se o meio era a causa, não havia determinismo; em tese, não considerava os efeitos da raça sobre o indivíduo. O segundo grupo, ao negar a possibilidade de melhoria dos indivíduos e a transmissão desta melhoria para as gerações futuras, afirmava um determinismo e ideologicamente, pareciam aproximar-se das teorias raciais porque afirmavam que a permanência dos caracteres inatos não era afetada por ações educacionais e sanitárias.

Considero que o “Boletim de Eugenia” possibilita a análise deste contexto e que discussões foram desenvolvidas sobre o assunto. O periódico, em meu entendimento, constituiu-se num espaço democrático em que eugenistas com idéias diferentes podiam expressar suas idéias nos artigos publicados, embora a ênfase fosse, a todo o momento, na afirmação de que a eugenia era uma ciência delimitada e objetiva. Há, contudo, artigos que discutiam ações de eugenismo, outros que destacavam os propósitos eugênicos e até mesmo os mendelistas divulgavam suas idéias num período em que a tradição sanitarista, identificada com a teoria neolamarckista, aparecia como um obstáculo para as práticas da eugenia, principalmente as ações denominadas da eugenia definida como negativa muito mais por fatores ideológicos (católicos) do que científicos. Contudo, nem todo neolamarckista era defensor das ações de higiene e nem todo mendelista defendia medidas negativas como a esterilização. Estas orientações teóricas não pareciam ter uma única vertente ideológica associada; em outras palavras,

não foi um movimento unânime nem científica nem ideologicamente semelhante a movimentos eugênicos de outros países.

Pode-se, contudo, perceber uma polarização no “Boletim de Eugenia”: os caracteres adquiridos eram capazes de promover a mudança da constituição dos indivíduos permitindo sua hereditariedade. Esta idéia estava associada aos intelectuais que seguiam a tradição do movimento sanitarista cujas ações, entre muitas, eram educativas e higiênicas. Para que o processo seja bem-sucedido, era preciso sanear para que o “terreno” fosse preparado e apresentasse as condições adequadas para o desenvolvimento das sementes. Belisário Penna concordava com este grupo, mas adicionava um elemento ainda mais complexo: o fator político. O sanitarista afirmava que a política sustentaria as ações de aprimoramento dos indivíduos orientados e conscientizados sobre a necessidade de mudar hábitos; este trabalho era mais complexo porque hábitos criam costumes e qualquer mudança, requer educação básica, constante e objetiva. Progressivamente, a conscientização renderia os efeitos esperados em prol da constituição de uma população forte e sadia.

Contudo, eugenistas como Renato Kehl e Octávio Domingues (este último privilegiando o conhecimento da genética para favorecer a aplicação eficaz de práticas de aprimoramento humano) procuravam demonstrar que as melhorias observadas nos indivíduos higienizados não mudavam sua constituição biológica (genética). Os caracteres considerados impróprios seriam transmitidos às gerações independente do trabalho sanitário. Ao contrário do grupo que defendia mudanças promovidas pelo meio, as sementes deveriam ser bem escolhidas antes da preocupação com o “terreno” porque más sementes em bom terreno originariam uma péssima colheita.

Mesmo que no começo do movimento eugênico brasileiro, esta oposição não tenha sido evidenciada, no contexto em que circulou o Boletim de Eugenia, era fundamental dar este destaque porque apenas o conhecimento do mecanismo da hereditariedade poderia garantir a prática correta da eugenia preservando as sementes e os bons caracteres presentes como seu conteúdo. O determinismo conferido à genética não correspondia aos ideais dos sanitaristas principalmente porque relativizava o peso das campanhas que removiam os venenos sociais como o alcoolismo e a sífilis. Para os estudiosos da genética, era uma prática útil embora pouco eficaz porque os efeitos de ambos os

“venenos” eram congênitos, ou seja, adquiridos. A genética colocava os esforços das práticas sanitaristas não como um *a priori* e sim como um *a posteriori* que só teria efeito se a população fosse bem constituída. Após promover a formação de uma população sadia e forte, ações educacionais informariam sobre as medidas a serem tomadas para garantir bons descendentes e a higiene poderia permitir aos indivíduos aptos, melhores condições de vida permitindo a formação de suas famílias e a perpetuação de seus caracteres eugênicos.

As teorias neolamarckista e mendelista coexistiram no movimento eugênico brasileiro embora tenham recebido pesos diferentes seja na visibilidade, seja no julgamento de sua viabilidade pela intelectualidade brasileira. Os artigos do “Boletim de Eugenia” sugerem que a tradição sanitarista impedia a apreensão de novas informações trazidas pela genética acerca do mecanismo de aprimoramento humano tornando os esforços da administração pública mal utilizados e funcionando como “autosabotagem” por incentivarem o aumento e a procriação dos inaptos favorecendo-os ao oferecer ações sanitárias. Tanto Renato Kehl quanto Octávio Domingues referiam-se às práticas educativas como empecilhos ao progresso sugerindo que o movimento brasileiro estava andando de costas. Esta marcha ré identificada por Kehl e Domingues mostra o quanto a direção dos propósitos mendelistas afastavam-se dos lamarckistas no que dizia respeito a definição do conteúdo que poderia constituir a herança passível de transmissão. Mesmo que parecesse rápida e eficiente, as medidas sanitárias eram identificadas como pouco eficazes.

Embora seja fato que o movimento eugênico brasileiro dividiu-se, algumas alianças são dignas de análise. Os artigos do “Boletim de Eugenia” mostram que Octávio Domingues, identificado como um seguidor da genética mendeliana (Ver Stepan), colaborou com alguns artigos para o periódico expressando idéias que aproximavam-se das defendidas por Renato Kehl em seus artigos na mesma publicação. Entre as principais preocupações, a tradição sanitarista porque impedia a propagação e a aplicação dos preceitos genéticos (definidos como próprios para explicar o mecanismo da hereditariedade) e conclamavam o Estado e os médicos a assumirem a responsabilidade pela administração pública.

As políticas de assistência aos inaptos cresceu e Stepan identifica que o começo do Estado Novo enfatizou a ampliação do poder conferido ao Estado com o objetivo de gerenciar e controlar os problemas sociais existentes. O sentimento de unidade nacional foi incentivado e para isto, o discurso racial saiu de cena para que os conflitos existentes não se acirrassem. Parece que algumas destas práticas são aquelas criticadas por Kehl e Domingues. Um artigo deste último, inclusive, traz informações de que a partir de um determinado período (1931) a possibilidade de expressão parece ter ficado diminuída.

O tom do “Boletim de Eugenia” fica forte, principalmente nos textos de Octávio Domingues. Este, em meu entendimento, também apresenta um discurso mais voltado para a adoção de práticas de eugenia negativa, defesa atribuída apenas a Renato Kehl em textos como de Nancy Stepan. Podemos concluir, portanto, que, no Boletim de Eugenia (1929-1933), especialmente nos artigos de Renato Kehl e Octávio Domingues, predominou uma eugenia que se distancia daquele que Nancy Stepan detectou no Brasil. Tanto Kehl quanto Domingues se distanciaram do sanitarismo e da eugenia preventiva, e o último autor foi bastante explícito na sua defesa do mendelismo.

Bibliografia

Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, p. 07.

ADAMS, Mark. B. "*Eugenics in the history of science*" In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 03-07.

_____ "*Eugenics in Russia: 1900-1940*" In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 153 - 216

BERCHERIE, Paul. *Os Fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.

CARNEIRO, Levi. "*Educação e eugenia*" In *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, pp. 107-116

"*Concurso de beleza: senhorita Brasil*" In *Boletim de Eugenia*, Vol 1, nº 5, Maio, 1929, p. 3.

"*I Congresso Brasileiro de Eugenia*" In *Boletim de Eugenia*, Vol 1, nº 1, Janeiro, 1929, p. 3

COSTA, Jurandir Freire Costa. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1989.

D., O. "*Núcleos de Eugenismo*" In *Boletim de Eugenia*, Vol. 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, p. 53.

"*De Piracicaba. Conferência sobre a eugenia (pelo Prof. Domingues)*" In *Boletim de Eugenia*, Vol 1, nº 12, Dezembro, 1929, p. 5.

DOMINGUES, Octávio. Hereditariedade e eugenia, suas bases, teorias, suas aplicações práticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1936.

_____. “*Núcleos de eugenismo*” In Boletim de Eugenia, vol. 4, nº 39, Julho – Setembro, 1932, p. 53.

_____. “*Limalkhas de um eugenista*” In Boletim de Eugenia, Vol. 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, p. 67.

_____. “*Birth-control, esterilização e pena de morte*” In Boletim de Eugenia, Vol. 3, nº 30, Junho, 1931, p. 4.

_____. “*Poderemos ser melhores?*” In Boletim de Eugenia, Vol, 3, nº 26, Fevereiro, 1931, pp. 1-2.

_____. (trad e comentários). “*Da eugenia*” In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 25, Janeiro, 1931.

_____. “*Saúde, higiene e eugenia*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 18, Junho, 1930, pp. 2-4.

_____. “*O meio revela*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 16, Abril, 1930, p.1.

_____. “*Os programas de ensino e a genética*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 13, Janeiro, 1930, pp.2-3.

_____. “*De Piracicaba – conferência sobre eugenia*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 12, Dezembro, 1929.

_____. “*Introdução ao estudo do melhoramento dos animais domésticos*”. Piracicaba, 1928.

“*Dos jornais e revistas*” In Boletim de Eugenia, Vol. 3, nº 33, Setembro, 1931, pp. 2-3.

DREYFUS, Andre. “*O estado atual da hereditariedade*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 87-98.

“*Eugenização da raça*” In Boletim de Eugenia, Vol. 3, nº 33, Setembro, 1931, p. 4.

FONSECA, A. Fróes da. “*Os grandes problemas da antropologia*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 63-86.

GOMES, Angela de Castro. “*Ideologia e trabalho no Estado Novo*” In Pandolfi, Dulce Chaves (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 53-72.

GOULD, Stephen Jay. A falsa medida do homem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

“*Inquérito eugênico*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 13, Janeiro, 1930, p. 3

K., R. “*Que é Eugenia?*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 10, Outubro, 1929, pp. 2-3.

KEHL, Renato. “*A eugenia na prática individual*” In Boletim de Eugenia, vol 4, nº 40, Outubro / Dezembro, 1932, pp. 80-82.

_____ “*Casamentos e natalidade nas classes média e inferior*” In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 35, Novembro, 1931, p.1.

_____ “*Medidas eugênicas*” In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 34, Outubro, 1931, pp. 7-8.

_____ “*A campanha da eugenia no Brasil*” In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 33, Setembro, 1931, pp. 1-2.

_____ “*Os erros da filantropia: filantropia contra-seletiva*” In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 32, Agosto, 1931, p. 1.

_____ “*Só há um caminho...*” In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 31, Julho, 1931, p. 1.

_____. “*The first eugenics movements in Brazil*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 5.

_____. “*O ensino da eugenia nas escolas secundárias*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 30, Junho, 1931, p. 5.

_____ “*A vitória da mediocridade*’ In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 28 Março, 1931, pp. 1-2

_____. “*Por que se fundou a C.C.B.E.*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 27, Março, 1931, p. 2.

_____ “*Tal Pai Tal Filho? Filhos de gordos e filhos de magros*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 26, Fevereiro, 1931, pp. 2-4.

_____. “*Nobreza Eugênica*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 22, Outubro, 1930, p. 1

_____. “*Família sem passado*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 21, Setembro, 1930, p. 1

_____. “*Galton – sábio construtor*” In Boletim de Eugenia, Vol. 2, nº 20, Agosto, 1930, pp. 1- 3.

_____ “*Crescei e multiplicai-vos*” In Boletim de Eugenia, vol 2, nº 18, Junho, 1930, pp. 1-2.

_____ “*Qual o mecanismo da hereditariedade normal e mórbida?*” In Boletim de Eugenia, vol 2, nº 16, Abril, 1930, p. 2..

_____. “*Linhagens pais e avós*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 14, Fevereiro, 1930, p.1

_____ “*Limitação da natalidade*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 12, Dezembro, 1929, pp. 1-2.

_____. “*Educação e Eugenia*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 9, Setembro, 1929, pp. 1-2

_____ “*A eugenia no Brasil*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929, pp. 45-62.

_____. “*Eugenia e Eugenismo*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 8, Agosto, 1929, p. 1.

_____ “*Hereditariedade e Inteligência*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 6-7, Junho/Julho, 1929, p. 8.

_____ “*Questões de raça*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 6-7, Junho / Julho, 1929, pp. 3-4.

_____. “*Boletim de Eugenia e “Medicamenta”*” In Boletim de Eugenia. Volume 1, nº 6-7, junho-julho, 1929, p. 1.

_____ “*Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade: a 1ª brasileira eugenizada*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 5, Maio, 1929, p. 1.

_____. “*Médicos, curandeiros e charlatões*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 3, Março, 1929,

_____ “*O Progresso Racial*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 2, Fevereiro, 1929, p. 3.

_____ “*Instituto Brasileiro de Eugenia*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 2, Fevereiro, 1929, p. 1.

_____. “*O nosso boletim: Instituto Brasileiro de Eugenia*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 1, janeiro, 1929, p. 1

_____. “*Propósitos*” In Boletim de Eugenia, vol 1, nº 1, Janeiro, 1929, p. 1.

_____. “*A eugenia no Brasil*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929, pp. 45-62.

LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. “*Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da Primeira República*” In Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura (orgs) Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996, cap. 2, pp. 23- 58.

MAI, Denise Lílian. Boletim de Eugenia (1929-1931): um estudo sobre forças educativas no Brasil. Dissertação de Mestrado. Maringá: 1999. 117 p.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MULKAY, Michael. “*La ciencia y el contexto social*” In Olivé, Leon (comp). La explicación social del conocimiento. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, pp. 329-365.

“*Não basta gritar: -Viva O Brasil!*” In Boletim de Eugenia. Ano II, nº 19, Julho, 1929, p.1.

PELÁEZ, Raquel Álvarez. “*Introdução*” In ASCLEPIO – Revista de História de la medicina y de la ciencia. Madri. vol 51, fascículo 2, 1999, pp. 05-09.

PENNA, Belisário. “*Eugenia e Eugenismo*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 10, Outubro, 1929, pp.3-4.

“*Que é eugenia?*” In Boletim de Eugenia. Ano III, nº 28, Abril, 1931, p.1.

“*Renato Kehl – Presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia*” In Boletim de Eugenia, Vol 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, pp. 54-55.

“*Regimento Interno*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929, pp. 08-10.

REIS, José Roberto Franco. Higiene Mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade de Campinas, 1994. 356 p.

ROBERT K., Merton. “*A ciência e a estrutura social democrática*” In Sociologia – Teoria e Estrutura (trad. Miguel Maillat). São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970, pp. 651-662.

ROQUETTE-PINTO, E. “*Acta da sessão inaugural*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929, pp. 11-42.

_____ “*Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil*” In Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Conferências. Rio de Janeiro, 1929, pp. 119-148.

“*Saibam todos...*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 36, Dezembro, 1931, p. 8.

SANTOS, Luiz A. de Castro. “*O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade*” In Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Editora Campus, vol 28, nº 2, 1985, pp. 193- 210.

SANTOS, Ricardo Ventura. “*Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930)*” In Pena, Sérgio D. J. (org) Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002, pp 113-129.

SCHNEIDER, William H. “*The eugenics movement in France: 1890-1940*” In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 69-109.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

STEPAN, Nancy Leys. *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin América*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991.

_____. “*Eugenics in Brazil: 1917-1940*” In Adams, Mark B. *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 110 – 152

TROUNSON, Q. E. “*The Literature Reviewed*” In *Eugenics Review*, nº 13, 1931, p. 236

TUCKER, William H. *The science and politics of racial research*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1996.

VARIGNY, H. de (Trad. de Octávio Domingues) “*Da Eugenia*” In *Boletim de Eugenia*, Vol 3, nº 25, Janeiro, 1931, pp. 1-4.

WEISS, Sheila Faith “*The race hygiene movement in Germany*” In Adams, Mark B. (ed) *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp 08- 68.

ANEXO 1 – Lista de artigos do Boletim de Eugenia e referidos autores

Janeiro de 1929, vol 1, nº 1

O nosso boletim: Instituto brasileiro de eugenia – Renato Kehl

Propósitos – Renato Kehl

O médico de família e a eugenia – Renato Kehl

Legislação eugênica – K.

Profilaxia das doenças mentais

I Congresso brasileiro de eugenia

Instituto de eugenia

O projeto sobre o delito de contágio

Concurso de eugenia

Do meu e do alheio – K.

As constituições em psiquiatria – K.

O exame médico pré-nupcial

Conferências escolares sobre eugenia

Fevereiro de 1929, vol 1, nº 2

Instituto Brasileiro de Eugenia – Renato Kehl

Um Instituto Americano de Eugenia

O problema eugênico da população – Tradução de C. C.

Entre primogênitos e caçulas

Questiúnculas – João Ribeiro

O progresso racial – Renato Kehl

Cenas deprimentes

Hereditariedade da epilepsia

Uma verdade – Dr. Peapeguara Bricio

Hemofilia

Petites Nouvelles

Março de 1929, vol 1, nº 3

Médicos, curandeiros e charlatões – Renato Kehl

Eugenia e patriotismo – Prof. John Edgar

Carta de um pai

Gêmeos

Primeiro curso eugênico espanhol

1º Congresso Pan-americano de eugenia e homocultura

Coeficiente da natalidade na Europa em 1926

O boletim de eugenia e a imprensa

Segunda lição de eugenia – Prof. A. Govaerts

Gravidez múltipla: o perigo da hereditariedade homóloga

1º Congresso Brasileiro de Eugenia

Publicações recebidas

Medicina social – Prof. Dr. Gonçalves Vianna

Abril de 1929, vol 1, nº 4

Eugenia e procriação – Tradução de C. C.

Sir Francis Galton

Eugenia e catolicismo

Eugenía ou Eugénica – João Ribeiro

Cruzamento de raças

1º Congresso Brasileiro de Eugenia

Os nossos avós

Exame pré-nupcial

Livros Novos

Maio de 1929, vol 1, nº 5

Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade: a 1ª brasileira eugenizada – Renato Kehl

Eugenia e catolicismo

Genealogia de homens eminentes – E. Kretschmer

A loucura homicida da velocidade

Federação Internacional de Organizações Eugênicas

Causas determinantes da prostituição

Eugenia e patriotismo

Herança e crime: os caracteres morais são hereditários? – Renato Kehl

Concurso de beleza “Senhorita Brazil” – Renato Kehl

Genética

Junho/Julho de 1929, vol 1, nº 6-7

Boletim de Eugenia e “Medicamenta” – Renato Kehl

Aspecto jurídico da maternidade consciente – Luiz Jiménez de Asua

A eugenia no Brasil: a couve e o carvalho – Rui Barbosa

Questões de raça – Renato Kehl

O ensino da biologia para os homens políticos

Congresso Italiano de Genética e Eugenia

Japoneses e Malthus

A natalidade na Itália e na Europa

Fundamentos hereditários e eugenia – Dr. Hermann Muckermann

Instituto de Eugenia

A eugenia e esterilização

Eugenia e casamento

Renato Kehl: lições de eugenia – João Ribeiro

1º Congresso Brasileiro de Eugenia

Exploração desumana de menores

Engénica (2ª ed) – Luiz Huerta

Educação social – A. Godoy

Hereditariedade e inteligência – Renato Kehl

A hereditariedade na epilepsia – Dr. K. Gerum

Agosto de 1929, vol 1, nº 8

Eugenia e eugenismo – Renato Kehl

Os fundamentos científicos da eugenia – Luiz Huerta

O Brasil e a raça – João do Norte

Imigração e eugenia

Eugenia e alcoolismo – Hermann Muckermann

O esporte na América do Norte

1º Congresso Brasileiro de Eugenia

Federação Internacional das Associações Eugênicas

Preconceitos e erros acerca da população: a ilusão do número – F. Nitti

Setembro de 1929, vol 1, nº 9

Educação e eugenia – Renato Kehl

A criminalidade na América do Norte – Medeiros e Albuquerque

A propósito de um livro – Prof. E. Fischer

Em defesa do capital “homem”

A Academia Nacional e os imigrantes japoneses

O Malthusianismo na Ásia – Dr. M. T. Nisot

Interessante documento

Uma opinião valiosa

A loucura dos automobilistas nos EUA

Biométrica

Reforma sexual

Outubro de 1929, vol 1, nº 10

A seleção dos bem-dotados – Prof. O. Decroly
Que é eugenia? – Renato Kehl
Talvez, quem sabe? – Renato Kehl
Eugenia e eugenismo – Belisário Penna
Cinco gerações de jóqueis
Um prêmio de 3500 dólares
A esterilização sob o ponto de vista eugênico na Inglaterra
O mal de muitos filhos

Novembro de 1929, vol 1, nº 11

A eugenia no Brasil – Renato Kehl
Cursos de eugenia: “As realizações da eugenia”
Aumentar a população ou diminuí-la? – Francisco Nitti
A imigração japonesa para o Brasil
O problema imigratório e o futuro do Brasil
O ensino da genética nas escolas primárias
Segundo Concurso de Eugenia
Livros novos

Dezembro de 1929, vol 1, nº 12

Limitação da natalidade – Renato Kehl
O atestado médico pré-nupcial – Prof. Dr. Victor Delfino
Esterilização para aperfeiçoamento humano
Em 23 estados
Observação na Califórnia
Resultados
Valor da esterilização
Medidas a tomar
Leis sobre a esterilização sexual
O exame pré-nupcial
De Piracicaba: conferência sobre a eugenia
A eugenia no 5º Congresso Brasileiro de Higiene
Revelação do gênio: ensaio de Edson
II concurso de eugenia
Três belos livros
Concepcionismo inconsciente e mortalidade infantil – Dr. Geraldo de Andrade

A propósito da esterilização – E. S. Gosney
O combate ao suicídio – Mirandolino Caldas

Janeiro de 1930, ano II, nº 13

Família de hemofílicos – Renato Kehl
Os programas de ensino e a genética – Octávio Domingues
Inquérito eugênico
Concepcionismo inconsciente e mortalidade infantil – Dr. Geraldo de Andrade
Conferências sobre eugenia

Fevereiro de 1930, ano II, nº 14

Linhagens: pais e avós – Renato Kehl
Maternidade consciente – Sylvia Serafim
Biologia racial: perspectivas e pontos de vista eugênicos – Prof. Dr. H. Lundborg
Primeiro consultório pré-nupcial do Chile
Diminuição dos matrimônios nos Estados Unidos
Resolução judiciousa
O horror da fome na China Central
Concepcionismo inconsciente e mortalidade infantil – Dr. Geraldo de Andrade
A psiquiatria em nossas leis penais
A ovulação e o sexo
Hereditariedade mórbida: o mongolismo em gêmeos
A biologia servindo ao direito – Almeida Magalhães
Francis Galton
Projeto do futuro Código Penal
O parentesco do gênio: um estudo sobre a família de grandes homens – W. T. J. Gun
Coelho Netto e o exame pré-nupcial – O. S. A

Março de 1930, ano II, nº 15

A eugenia como ciência e como ideal social – W. Schraenen
O aborto
Esterilização temporária
Os tipos eugênicos – Oliveira Vianna
A sífilis e o casamento: exame pré-nupcial – Dr. A Tepedino
O sexo feminino e a gripe

Abril de 1930, ano II, nº 16

A história da família e genealogia – Galton

O meio revela... – Octávio Domingues

Transmissão congênita da tuberculose – Octávio Domingues

Qual o mecanismo da hereditariedade normal e mórbida? – Renato Kehl

O animal homem – E. R.

Mai de 1930, ano II, nº 17

Emerson: o sábio de Concord – Renato Kehl

Eugenia: hereditariedade e meio – Prof. Lundborg

Puericultura e eugenia – Octávio Gonzaga

Dos jornais

Curso de eugenia e puericultura

A cultura e o filme

Sociedade Alemã de Eugenia e Hereditariedade

Suicídios

Cegueira

Junho de 1930, ano II, nº 18

Crescei e multiplicai-vos – Renato Kehl

Saúde, higiene e eugenia – Octávio Domingues

A propósito de eugenia: degenerados – Julio Dantas

O problema do casamento e a semana da previdência: sugestões modernas da eugenia

Dos jornais

Julho de 1930, ano II, nº 19

Não basta gritar: Viva o Brasil!

Causas da desorganização matrimonial: falhas da educação moderna – E. R.

Os tipos eugênicos – Oliveira Vianna

Aos nossos leitores

Gente sem profissão

Esterilização para fins eugênicos praticada nos Estados Unidos em instituições estaduais e sob leis estaduais até 1º de Janeiro de 1930 – E. R.

Assuntos eugênicos e paraeugênicos

A sífilis e o casamento: exame pré-nupcial – Dr. A Tepedino

Uma grande reunião científica na Inglaterra

Agosto de 1930, ano II, nº 20

Galton: sábio construtor – Renato Kehl

Doenças familiares e exame pré-nupcial – Dr. José de Albuquerque

Crescei e multiplicai-vos... – Antonio Leão Velloso

A prosperidade do Brasil: como cresce rapidamente a população

A limitação do nascimento

Livros novos

Setembro de 1930, ano II, nº 21

Famílias sem passado – Renato Kehl

A Hereditariedade em patologia – Dr. E. Apert

Uma família brasileira cujos elementos não possuem antebraços nem pernas – Herbert Hoover

Livros novos

A propósito de um livro sobre eugenia

1000% de dividendos

Outubro de 1930, ano II, nº 22

Nobreza eugênica – Renato Kehl

O lar e a educação sexual das crianças – E. R.

Frases soltas: o que se diz da eugenia

Os problemas eugênicos na Câmara dos deputados

Um moderno programa de política eugênica – Dr. John A Mjoen

Novembro 1930, ano II, nº 23

As leis mendelianas – Julius Bauer

Nova teoria sobre a hereditariedade – Renato Kehl

Une nouvelle théorie sur l'hérédité: résumé et conclusions

Exemplo a ser imitado: uma utilíssima instituição que todas as cidades deviam possuir – E. R.

Das revistas: o sexo à vontade?

A alergia em cinco gerações de uma família – Abigail Eliot Smith

Exame pré-nupcial

A vida humana

Segundo Congresso Italiano de Eugenia e Genética

Segundo Congresso da Liga Mundial para a reforma sexual

Livros, revistas e folhetos

Apelo aos pais e aos professores primários

Brazil's Sun – Renato Kehl

Conhece V. S. casais com mais de 15 e 20 filhos?

Malucos e criminosos – Renato Kehl

Dezembro de 1930, ano II, nº 24

Inquérito sobre educação sexual: algumas palavras

O problema da educação sexual – Renato Kehl

Educação sexual – Dr^a Paulina Luisi

Resposta de um especialista – J. Porto-Carrero

Resposta de uma mãe: a educação sexual da infância e da mocidade – E. R.

Leis de Mendel em relação aos homens

1º Congresso Brasileiro de Eugenia

Um bom livro sobre educação sexual – E. R.

Crime e debilidade mental

Diminuição dos nascimentos na Alemanha

Famílias sem filhos em Paris

Janeiro de 1931, ano III, nº 25

Da eugenia – H. de Varigny

As leis mendelianas

La race et les mœurs

Um inquérito interessante – Sylvia Serafim

Fevereiro de 1931, ano III, nº 26

Poderemos ser melhores? – Octávio Domingues

Tal pai, tal filho? Filhos de gordos e filhos de magros – Renato Kehl

O parentesco do gênio: um estudo sobre a família dos grandes homens – W. T. J. Gun

Hereditariedade do diabetes – P. J. Cammidge

Resposta de uma mãe ao inquérito sobre educação sexual – Madame João Sem Nome

Respondendo ao inquérito – Oswaldo Ayres da Silva

O papel da educação no combate às doenças venéreas – Lucien Viborel

O eugenismo na imprensa mundial

Mais um exemplo que confirma a importância da eugenia

Fertilidade assombrosa

Março de 1931, ano III, nº 27

Uma nova entidade científica que aparece: a Comissão Central Brasileira de Eugenia

Por que se fundou a C. C. B. E

Brasilianisches Zentral Komitee Fuer Eugenik

O problema da tuberculose do ponto de vista da eugenia – G. Giuliano Perondi

Pesquisas genealógicas – Cunha Lopes

O exame pré-nupcial e o voto da sociedade francesa de eugenia – E. R.

Os lobos das aldeias – Julio Dantas

A nação mais sã do mundo

As doenças e as crianças: cifras que falam por si mesmas

A tendência familiar para uma grande estatura: obesidade e diabetes

Excepcionais casos de fecundidade

Abril de 1931, ano III, nº 28

Que é eugenia?

A vitória da mediocridade – Renato Kehl

Campanha da Eugenia no Brasil: um interessante inquérito

Eugenische Umfrage

O problema da tuberculose do ponto de vista da eugenia – G. Giuliano Perondi

O vaticano condena a educação sexual

Legou 20 milhões de liras ao Papa

Campanha contra a nudez

Exame pré-nupcial

A vida humana

O controle da natalidade

A eugenia e a reforma do ensino

The first eugenics movements in Brazil – Renato Kehl

Eugenics in Brazil

Brazilian Institute of Eugenics

A new scientific association organized: Brazil Central Committee of Eugenics

Brazilian Central Committee for the study and propaganda of eugenics: Statutes

Fundamentos do exame médico pré-nupcial – Edgard Braga

Mai de 1931, ano III, nº 29

Serei um indivíduo normal? – Renato Kehl

O eugenismo das elites: fragmento de capítulo – Oliveira Vianna

Crime e debilidade mental

A educação dos sentimentos políticos e a eugenia – Macrobio

Terceiro congresso internacional de eugenia

Junho de 1931, ano III, nº 30

Uma nova explicação para a recombinação fatorial na Drosophila Melanogaster – S. de Toledo Piza Junior

Cruzamento do branco com o preto – Luiz L. da Silva

“Birth-control”, esterilização e pena de morte – Octávio Domingues

O ensino da eugenia nas escolas secundárias – Renato Kehl

Os progressos da eugenia: o congresso internacional para estudos sobre a população

Biometria

Grupos sangüíneos

Para a felicidade do lar: o decálogo do casamento

O predomínio feminino na Europa

O alcoolismo em São Paulo – R. Tavares

O alcoolismo infantil no Brasil

Julho de 1931, ano III, nº 31

Só há um caminho – Renato Kehl

A eugenia no futuro – Leonard Darwin

A surdez familiar e o casamento de surdos – G. de Parrel

Estudos genealógicos

Como e onde estudar eugenia? Livros sobre eugenia – Renato Kehl

Responsabilidade eugênica

Um pouco de humorismo – A Penna

Tratamento da hemofilia – M. S.

Agosto de 1931, ano III, nº 32

Os erros da filantropia: filantropia contra-seletiva – Renato Kehl

Cruzamento de raças – Jon Alfred Mjoen

Revelações do recenseamento nos Estados Unidos

Doença e degeneração

Mortalidade infantil no Rio

A eugenia no futuro – Leonard Darwin

Relação das associações eugênicas existentes no mundo

Setembro de 1931, ano III, nº 33

A campanha da eugenia no Brasil – Renato Kehl

Os principais propósitos de uma associação eugênica americana

Dos jornais e revistas

Eugenização da raça

Predisposição hereditária para as hérnias – Thales de Azevedo

Câncer e hereditariedade

O que todos precisam compreender – Dr. H. Werner Siemens

O novo código sanitário do Chile – E. R.

A hereditariedade do diabetes

Livros novos: a significação da eugenia e da genética para a higiene psíquica – E. Ruedin

Instituto de eugenia e maternidade – Vitor Delfino

Quem é o pai?

Hereditariedade como fator na asma e outras alergias – George W. Bray

Outubro de 1931, ano III, nº 34

Cruzamento de raças – Hermann Lundborg

Como evitar as proles degeneradas? – Alberto Farani

Medidas eugênicas – Renato Kehl

Prof Augusto Forel

A hereditariedade do câncer nos gêmeos: um inquérito alemão sobre o assunto

Protegendo as famílias numerosas: um prêmio de natalidade em Roma

Novembro de 1931, ano III, nº 35

Casamento e natalidade nas classes média e inferior – Renato Kehl

A eugenia na Inglaterra – Eldon Moore

Vinderen Biologiske Laboratorium B. Oslo

Curso das mãezinhas

Caso para aborto legal

Condenado pela ciência um noivado de sangue azul

O exame pré-nupcial na Turquia

A eugenia na 21ª Conferência Pan-americana de Diretores Nacionais de Saúde

3º Concurso de Eugenia

Campanha contra abortos e infanticídios

Existem na Suécia 30 pessoas com idade superior a cem anos

Como evitar as proles degeneradas? – Alberto Farani

Defeituosos mentais que passam despercebidos

Livros e folhetos recebidos pelo “Boletim de Eugenia”

Dezembro de 1931, ano III, nº 36

Consulta pré-nupcial

Consulta objetiva sobre um assunto de eugenia feita por D. X. pai da Srta B. Q. X.

É aconselhável um tal casamento? – J. P. Porto-Carrero

Parecer do Dr. Cunha Lopes

Importância da genética para a patologia humana – E. Bauer

Saibam todos

Julho / Setembro de 1932, ano IV, nº 39

Núcleos de eugenismo – O. D.

Eugenia e educação: as práticas da sociedade antiga, primitiva e medieval – R. Ruggles Gates

A hereditariedade da cor da pele no casamento branco-preto – S. de Toledo Piza Junior

Limalhas de um eugenista – Octávio Domingues

A pretensa hereditariedade alcoólica – O. D.

Mendel – O.

Resenha – A propósito do certificado pré-nupcial – Leopoldo Bard

Pesquisas médico-heredológicas e clínicas sobre oligofrenia numa população camponesa do norte da Suécia – Torsten Tjögren

6º Congresso Internacional de Genética

A sexualidade infantil – J. P. Porto-Carrero

Outubro – Dezembro de 1932, ano IV, nº 40

População e crime – K.

A eugenia na prática individual – Renato Kehl

Limalhas de um eugenista – Octávio Domingues

Amor e eugenia: notas de um precursor da ciência da boa geração – Arthur Schopenhauer

Principais conclusões aprovadas pelo Congresso Brasileiro de Eugenia

Darwin, uma das maiores figuras do século XIX – Archibald Henderson

A propósito da heredopatologia da esquizofrenia – Bruno Schulz

The race biologie of the swedish lapps

Medelismus – T. P.

Uma brilhante conferência pelo Dr. Renato Kehl na Universidade do Porto

III Congresso Internacional de Eugenia

Em benefício dos bem-dotados

Fecundidade

A lei da esterilização na Alemanha

Janeiro – Março de 1933, ano V, nº 41

A regularização da natalidade (Uma hipótese eugênica) – Dr. Ervin Wolfenbuttel

A hereditariedade da cor da pele no casamento branco-preto (conclusão) – Prof. S. de Toledo Piza Junior

Resenha: o perigo amarelo – João Ribeiro

Abril - Junho de 1933, ano V, nº 42

A redenção – J. P. Porto-Carrero

Um programa para a eugenia – Prof. S. de Toledo Piza Junior

Irmãos gêmeos – Renato Kehl

Resenha: A margem da higiene e da eugenia – profilaxia social – Dr. Edgard Braga

Doença hereditária – Dr. Oscar da Silva Araújo (inspetor de Profilaxia da Lepra e chefe de Clínica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro)

Notas: Primeiras jornadas eugênicas hespanholas

I – Colaboradores internacionais

Os artigos de colaboradores internacionais foram publicados em profusão no Boletim de Eugenia contando sempre com a tradução de um colaborador nacional. Os conteúdos variavam de agradecimentos pelo recebimento de publicações brasileiras e convites feitos a eugenistas brasileiros para participarem de eventos internacionais até discussões sobre práticas e propósitos eugênicos. O intercâmbio com intelectuais estrangeiros interessados na ciência de Galton enriquecia o debate nacional por um lado; ao mesmo tempo, significavam a ilustração de experiências consideradas bem-sucedidas sob o ponto de vista eugênico. Alguns colaboradores internacionais eram mais presentes no Boletim de Eugenia porque representavam instituições eugênicas internacionais e com suas ações e bons resultados corroboravam a defesa da necessidade da constituição de uma instituição eugênica no Brasil; outros colaboradores do Boletim de Eugenia contribuíram com discussões que alimentavam os debates existentes no Brasil.

*1. Hermann Muckermann*²³³

O diretor do Instituto de Eugenia de Berlim (Dr. Hermann Muckermann)²³⁴ recebeu destaque no primeiro número do periódico por ter enviado uma carta a Renato Kehl em que agradecia a referência de seu instituto num artigo publicado na Revista Terapêutica e também agradecia o envio de obras e artigos do eugenista brasileiro. O referido diretor completava seu agradecimento com a promessa de ler o material enviado, repassar para o diretor do Instituto do qual o seu fazia parte e prometia ainda o envio de um trabalho que considerava poder interessar a Renato Kehl²³⁵

²³³ Descrito no Boletim de Eugenia como “um dos mais notáveis eugenistas alemães”; a grande peculiaridade citada no periódico era o fato do eugenista ser padre jesuíta e médico. A partir do convite do Diretor do Instituto de Antropologia, Heredologia Humana e Eugenia, Prof. Eugen Fischer para assumir a direção da seção de eugenia, recebeu anuência do Papa para deixar a ordem dos jesuítas e dedicar-se inteiramente às funções atribuídas ao cargo para o qual foi convidado.

²³⁴ O Instituto de Eugenia de Berlim era uma das três seções do Kaiser Wilhelm Institut do qual o Dr. Fischer era o diretor.

²³⁵ Muckermann, Hermann. “*Instituto de Eugenia*” in Boletim de Eugenia, Vol. 1, nº 1, Janeiro, 1929, p. 3

Num artigo em que afirma que a eugenia não é incoerente com os propósitos eugênicos, o autor procura mostrar que o asilamento dos inaptos pode ser uma opção à esterilização e ao aborto embora concorde que em situações irremediáveis, a esterilização deveria ser praticada²³⁶. Em continuação ao artigo no número seguinte do Boletim de Eugenia, o autor mantém seu foco na importância da boa herança para que os propósitos eugênicos fossem bem-sucedidos e entre os cuidados e providências, também citou e defendeu que o exame pré-nupcial era importantíssimo²³⁷.

Em outro artigo, o Dr. Muckermann²³⁸ enfatizou que a eugenia e suas práticas estavam a serviço da conservação e do aperfeiçoamento dos fundamentos da descendência uma vez que constituía-se numa ciência destinada a defender os sadios. O desafio destacado pelo autor era preservar e melhorar predicados hereditários em contextos mestiços evitando contra-seleções²³⁹ que prejudicassem a evolução da humanidade. O Instituto de Eugenia de Berlim, criado em 15/09/1927 dedicou-se aos estudos da antropologia, teorias da hereditariedade e eugenia para esclarecer questões que permitissem o combate a degeneração e a seleção negativa garantindo que o povo alemão pudesse manter suas qualidades aumentando o número de indivíduos sadios e aptos para o trabalho. Embora discutisse o caráter da eugenia positiva e da eugenia negativa, privilegia a eugenia definida como negativa enfatizando o objetivo de remover inferioridades das heranças para o bem da população negando qualquer agressão ética mesmo suprimindo progressivamente os inferiores por meio da prática de esterilização para proteger a segurança do Estado. Por outro lado, era importante educar os jovens para que pudessem escolher cônjuges que não expusessem a prole futura ao perigo; o autor defendia que a obrigatoriedade de certificados de saúde antes do casamento era

²³⁶ Idem, “Eugenia e Catolicismo” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 4, Abril, 1929, p.p 2-3

²³⁷ Idem, Vol 1, nº 5, Maio, 1929, p. 2

²³⁸ Idem, “*Fundamentos hereditários e eugenia*” in Boletim de Eugenia, Vol. 1, nº 6-7, Junho/Julho, 1929, pp. 5-6

²³⁹ As contra-seleções eram definidas como práticas que contrariavam os propósitos eugênicos de melhoria progressiva da população; as ações que promoviam o fortalecimento dos inaptos oferecendo-lhes melhores condições de vida promoviam o incentivo a procriação perpetuando os caracteres que a eugenia definida como negativa propunha-se a eliminar. Se a intenção das práticas eugênicas era a realização da seleção dos bem-nascidos (termo já referido neste trabalho como uma tradução possível de eugenia), estas práticas promoviam uma contra-seleção porque não promoviam a prevalência apenas de aptos mas também dos considerados inaptos.

uma boa solução para evitar perpetuação de degenerações.

Em continuação ao artigo publicado no número anterior do Boletim de Eugenia, Hermann Muckermann²⁴⁰ defendeu que a eugenia positiva era muito importante e suplantava a eugenia negativa podendo conter em suas práticas, medidas de conservação de linhagens sadias apesar da mistura racial existente. As linhagens hereditárias deveriam constituir-se no foco dos propósitos eugênicos e as famílias sadias e aptas deveriam receber todas as condições necessárias para permanecerem com suas qualidades e poderem transmiti-las para seus descendentes. Mais uma vez o autor criticava as instituições que promoviam os indivíduos definidos como inferiores garantindo que a eugenia não promovia tais ações uma vez que o bem da coletividade deveria ser considerado em primeiro lugar.

2. Prof. Eugen Fischer²⁴¹

O Diretor do Kaiser Wilhelm Institut fuer Anthropologie und Eugenik, de Berlim enviou uma carta a Renato Kehl agradecendo o envio da sua publicação “Lições de Eugenia” e afirmando tratar-se de um grande serviço em prol da Eugenia num país como o Brasil e parabenizando Renato Kehl por ter tratado a ciência eugênica com “elevação e segurança”²⁴².

3. Prof. O. Decroly²⁴³

Em seu artigo publicado no Boletim de Eugenia²⁴⁴, o autor enfatizava a importância da

²⁴⁰ Muckermann, Hermann. “*Eugenia e Alcoolismo* (continuação e conclusão)” in Boletim de Eugenia, Vol. 1, nº 8, Agosto, 1929, pp. 5-6. Há uma observação de que foi feita uma tradução especial para o Boletim de Eugenia pelo Dr. W.F.K.

²⁴¹ Diretor do Instituto de Antropologia, Heredologia Humana e Eugenia.

²⁴² Fischer, Eugen. “*A propósito de um livro*” in Boletim de Eugenia, Vol. 1, nº 9, Setembro, 1929, p. 2.

²⁴³ Membro da Société Belge d’Eugénique.

²⁴⁴ Decroly, O. “*A seleção dos bem-dotados*” in Boletim de Eugenia, Vol. 1, nº 10, Outubro, 1929, pp. 1-2. Há uma observação de que o resumo foi feito sob os auspícios da Société Belge d’Eugénique e a tradução foi realizada por C.C.

seleção dos bem-dotados. Referindo-se às experiências já realizadas com vegetais e animais, Decroly afirmava a possibilidade da realização de seleção de indivíduos com o objetivo de criar, desenvolver e manter raças com boas heranças; contudo, expressava sua compreensão em relação às resistências dos seres humanos em submeter-se a processos comumente realizados em plantas e animais. O autor procurou descrever situações ocorridas na sociedade que configuravam processos de seleção: recrutamento de soldados, seleção de trabalhadores e exames escolares. Rebatia equívocos afirmando que a eugenia não se preocupava apenas em operar a eliminação de indivíduos tarados e anormais; grande parte do esforço da eugenia estava na promoção do número de nascimentos cada vez maior de tipos normais e melhores.

4. Prof. Dr. Victor Delfino

Membro da Academia de Medicina de Madrid, o médico também era membro da Academia de Medicina do Rio de Janeiro e de Lima (Peru). Sobre o atestado médico pré-nupcial, definia em seu artigo²⁴⁵ como uma medida acertada da eugenia preventiva porque fazia do matrimônio uma garantia verdadeira de que os cônjuges seriam pessoas sãs e isentas de qualquer tara ou estigma podendo transmitir aos seus descendentes a boa herança através do mecanismo estabelecido pelas leis mendelianas. Para que este objetivo de fato se realizasse, o autor identificava no médico e no higienista a responsabilidade de difundir estas informações com o apoio da imprensa e da estrutura política. Desta forma, em sua opinião, o capital biológico da raça seria elevado redimindo-se de possíveis máculas que impedissem a promoção de um saneamento social.

Em artigo resultante de uma transcrição do “El Siglo Medico”, o Prof. Victor Delfino fez referência a Renato Kehl destacando sua atuação e definindo-o como um grande entusiasta da eugenia na América Latina tendo grande importância para o movimento eugênico brasileiro²⁴⁶.

Reproduzindo um artigo publicado no Brasil Médico, o professor desenvolveu uma

²⁴⁵ Delfino, Victor. “O atestado médico pré-nupcial” in Boletim de Eugenia, Vol. 1, nº 12, Dezembro, 1929, pp. 2-3.

²⁴⁶ Idem, “A propósito de um livro sobre eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 21, Setembro, 1930, p. 4. Transcrição do El Siglo Medico, nº 3971, 18/01/1930, p. 53.

discussão no Boletim de Eugenia²⁴⁷ em que citava o projeto de assistência pública que criaria em Buenos Aires com a fundação dos institutos de eugenia e maternidade na defesa da maternidade consciente e do cuidado desde a concepção até a criação com o acompanhamento das crianças e difundindo a conscientização de que a maternidade deveria ocorrer com a possibilidade de gerar descendentes eugênicos; não bastava gerar descendentes eugênicos, mas também criar as condições necessárias para a criação de uma geração que além de proteger suas características eugênicas herdadas, seriam formadas com a idéia de que manter as gerações saudáveis era uma responsabilidade social.

5. Prof. Dr. H. Lundborg

O diretor do Instituto de Eugenia de Upsala (Suécia) discutiu num artigo traduzido por W.F.K., que o progresso nem sempre trazia vantagens. Algumas teorias eram errôneas e prejudicavam a administração dos elementos oferecidos pelo progresso. Entre essas teorias, o autor destacou a crença na onipotência do meio e a aceitação da teoria da herança de caracteres adquiridos. Refutando tal crença e recorrendo às recusas da experiência moderna, o autor afirmava que um bom meio ambiente em si mesmo não interferiria nos povos, ou seja, a melhoria do meio não exerceria nenhuma influência. Criticando o que denominou “falso humanitarismo” o autor mostrou que amparar os indivíduos mal dotados promovia seu fortalecimento e permitia que se reproduzissem possibilitando a continuidade de atributos que deveriam ser eliminados em prol da boa constituição da população. Esta contra-seleção (termo já descrito anteriormente em uma nota deste trabalho) também era uma responsabilidade dos legisladores sociais que não dimensionavam os efeitos de suas ações em prejuízo à sociedade. Com a frase “*Das condições do material humano dependem as possibilidades de progresso de cada nação*”²⁴⁸, o autor defendeu que a higiene racial não poderia ser ignorada para o bem das gerações futuras e não apenas para os indivíduos existentes na sociedade numa determinada geração. Finalizando, o autor apresentava sua tese: “*Os indivíduos morrem,*

²⁴⁷ Idem, “Instituto de Eugenia e Maternidade” (artigo do Brasil Médico nº 25, 1931) In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 33, Setembro, 1931, p. 8.

²⁴⁸ Lundborg, H. “*Biologia racial: perspectivas e pontos de vistas eugênicos*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 14, Fevereiro, 1930, p. 3

mas a raça sobrevive; prejudicá-la de qualquer modo é um sacrilégio”²⁴⁹.

Em outro artigo publicado no Boletim de Eugenia²⁵⁰ e traduzido por W. F. K., o autor enfatizava que as idéias que afirmavam que a causa decisiva das variações humanas era o meio ainda persistiam. Usando uma linguagem mendeliana, o autor diferenciou o que originava-se do fenótipo e do genótipo negando que intervenções médicas ou pedagógicas fossem capazes de modificar fatores hereditários. As combinações genéticas eram capazes promover a modificação das condições de vida de um indivíduo porque tratavam de sua constituição. Encerrando seu artigo, definia, numa frase, seu posicionamento sobre caracteres adquiridos:

*“Toda capacidade civil e espiritual, toda criação enfim, todo valor sócia de um homem cresce sobre a base das disposições herdadas da família, linhagem e raça. Todo o exercício e educação por mais importante que seja, tem nas condições hereditárias o seu ponto de partida e o seu fim. Essa capacidade herdada pode perder-se”*²⁵¹.

Em outro artigo²⁵² o autor iniciou com uma afirmação em letras garrafais: “MATERIAL HUMANO DE BOA COMPOSIÇÃO RACIAL CONSTITUI A MAIOR RIQUEZA DE UM PAÍS”. Referindo-se aos estudos realizados em animais e vegetais, o autor discutia a miscigenação definindo-a como uma faca de dois gumes. Expondo dois exemplos, o autor procurou ilustrar sua afirmação citando a defesa do cruzamento de raças próximas que resultaram bem ao contrário do seu oposto. Por outro lado, também mencionou outra idéia defendida que afirmava que o cruzamento entre raças superiores e inferiores promoveriam a melhoria da segunda pela dominância dos caracteres da raça superior. Em relação às idéias que expôs, o autor referiu-se a uma citação do autor A. Thomsen, em 1925, que definia qual era a sua idéia sobre a miscigenação:

²⁴⁹ Ibidem.

²⁵⁰ Lundborg. “Eugenia – hereditariedade e meio” (trad. De W. F. K.) In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 17, Maio, 1930, pp. 3-5.

²⁵¹ Idem, p. 5

²⁵² Idem, “Cruzamento de raças” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 34, Outubro, 1931, pp. 1-2

“A. Thomsen (1925) acentua a importância dos conhecimentos fundamentais da eugenia para os estadistas e a sua aplicação prática: existirá para o político de vistas largas, tarefa mais bela e ao mesmo tempo mais importante do que a de impedir que as forças naturais deixem perecer os povos eleitos, criados por elas mesmas e – por outro lado – de criar novas populações mais vivazes e quiçá mais felizes e benfazejas que as criadas livremente pela natureza.”²⁵³”

6. Dr. John A. Mjoen

Presidente do Vinderen Biologiske Laboratorium de Oslo, publicou um artigo²⁵⁴ em que destacava o crescente interesse nas formas de combate aos caracteres que promoviam o que o autor definia como o abastardamento da espécie. Referindo-se a países que já aplicavam medidas eugênicas para a proteção racial, citou a Suécia e a Noruega. Com base num programa de eugenia apresentado ao público pela Medicine Association (Mediciner Foreninger) em 1908 na cidade de Oslo e já adotado pela Eugenics Meeting de Paris, o autor propunha-se a descrever medidas que segundo sua apreciação já produziam resultados consideráveis. No que se referia a definição de eugenia negativa²⁵⁵, as práticas implementadas foram segregação de criminosos em colônias de correção e esterilização não compulsória de elementos raciais inferiores. Já as práticas definidas pelo autor como sendo referentes à eugenia positiva²⁵⁶, descreveu ações que incluíam a colonização com caráter seletivo para prevenir o povoamento dos campos

²⁵³ Idem, p. 2

²⁵⁴ Mjoen, John A. “Um moderno programa de política eugênica” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 22, Outubro, 1930, p. 4

²⁵⁵ Termo que define ações para redução dos indivíduos considerados inaptos pela redução dos caracteres considerados disgênicos, ou seja, prejudiciais a melhoria progressiva dos indivíduos.

²⁵⁶ Termo que define ações para promover a expansão dos indivíduos considerados aptos por seu valor racial com o incentivo de ações que aumentam os caracteres considerados eugênicos, ou seja, favoráveis a melhoria progressiva dos indivíduos.

permitindo com isso que a vida rural fosse independente dos centros urbanos²⁵⁷. A educação deveria seguir uma orientação que promovesse informações necessárias para que as mulheres fossem aptas para a maternidade; a existência de um departamento de infância (clearing house) garantia o fornecimento de informações sobre alimentação, saúde e movimentação da população nas cidades e controle de hábitos considerados adequados para a promoção de condições que preservassem os indivíduos aptos; outra ação foi a criação do Centro Cultural da Ciência Eugênica cuja comissão composta por profissionais nacionais e internacionais, realizava consultas com o objetivo de resolver questões referentes aos problemas apresentados pela população.

Um trabalho apresentado pelo autor na reunião da International Federation of Eugenics Organization foi traduzido especialmente para o Boletim de Eugenia por R. K.²⁵⁸. O texto, extenso, apresentava, contudo, um ponto a destacar: os híbridos e sua instabilidade, ou seja, o cruzamento de raças e seus resultados foram analisados e identificados como responsáveis pela mudança da fisionomia racial que adquiriu um caráter amorfo. No artigo, a apresentação de um heredograma como ilustração da teoria defendida e na conclusão do artigo, o resumo de sua compreensão da ciência do aprimoramento:

“De resto, devemos-nos prevenir contra todos os exageros. Biologia racial e a sua filha – eugenia ou higiene racial – não devem ser postas a serviço de preconceitos de raça. Não devemos perseguir outras raças mas apenas salvaguardar a nossa. Amemos a nossa própria raça do mesmo modo que todos amam seus pais e mães – não porque ela seja melhor que as outras mas porque é a “nossa” raça”²⁵⁹.

²⁵⁷ Para incentivar a permanência dos indivíduos no campo, promoveu-se o aumento progressivo dos salários e redução de impostos para os chefes de família rural. Com este incentivo, seria possível fixar indivíduos no campo sem criar necessidade de deslocamento para a área urbana em busca de melhores condições de vida porque estas seriam providas no próprio campo.

²⁵⁸ Mjoen, John Alfred. “Cruzamento de raças” (tradução de R. K.) In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 32, Agosto, 1931, pp.1-6

²⁵⁹ Idem, p. 6

7. Outros colaboradores

Além dos colaboradores destacados na primeira parte deste anexo, outros colaboradores também ofereceram sua contribuição para as discussões desenvolvidas pelos eugenistas. As colaborações internacionais representavam o canal de comunicação dos eugenistas brasileiros com idéias difundidas em outros países sobre as questões do aprimoramento humano.

C.C. traduziu um artigo em que o Dr. Bauer, diretor do Instituto de Berlim marcava o quanto a seleção dos elementos inferiores era eficiente no reino animal ao contrário do que ocorria no gênero humano uma vez que muitos indivíduos definidos como inferiores permaneciam na sociedade e em condições de reprodução pelas facilidades e pelo apoio oferecido pelos efeitos da civilização que melhoravam suas condições de vida²⁶⁰. Sua grande preocupação era a queda da taxa de natalidade entre os indivíduos considerados aptos ao contrário do que ocorria entre os inaptos cujas taxas de natalidade eram altas e aumentavam continuamente. A comparação utilizada pelo autor para ilustrar o significado de tal constatação foi a de um agricultor que reservava as piores sementes para plantar moendo e desfazendo-se das boas sementes²⁶¹.

Trechos de uma conferência realizada num curso e proferida por Luiz Jiménez de Asua foram registrados numa edição do Boletim de Eugenia. O Catedrático de Direito Penal da Universidade de Madrid privilegiou, em sua conferência, a relação da eugenia com as práticas de seleção conferindo à mulher um papel relevante para a promoção de descendências sadias e fortes. A maternidade consciente deveria ser um tema de destaque na sociedade porque orientava e conscientizava as mulheres da importância de limitar a prole porque esta limitação promoveria a análise de condições favoráveis à

²⁶⁰ Vê-se mais uma crítica às práticas sociais que favoreciam o fortalecimento dos inaptos incentivando-os a casarem e reproduzirem-se; este contexto era a ilustração da tão criticada contra-seleção que permitia a contribuição indesejada de indivíduos que embora merecessem assistência, deveriam ser conscientizados de que por uma obrigação nacional, não deveriam procriar evitando que gerações nascessem apresentando os mesmos problemas apresentados pela geração anterior uma vez que as medidas de higienismo e as mudanças no ambiente não eram capazes de mudar os caracteres hereditariamente transmitidos.

²⁶¹ Bauer (Trad. C.C.) “O problema eugênico da população” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 2, Fevereiro, 1929, p. 2

criação de descendentes com as características consideradas aptas e determinadas de forma racional. Outro assunto discutido foi a prática do aborto compreendida em três categorias ou tipos informando que o aborto necessário (quando havia colisão entre a vida da mãe e do feto) e o aborto eugênico (quando a grávida era uma pessoa de mentalidade inferior, demente ou idiota) deveriam ser recomendados e indicados por médicos cabendo ao juiz apenas a decisão sobre o aborto sentimental (aquele em que houve violação de mulheres)²⁶².

Luiz Huerta (Madrid) escreveu um artigo no Boletim de Eugenia demonstrando grande preocupação com a vulgarização da doutrina biológica provocando, em sua análise, preconceitos populares e proporcionando um folclore em torno do tema. Sua iniciativa para evitar que esta situação permanecesse foi a criação do 1º Curso Eugênico Espanhol cujo objetivo principal era orientar a opinião pública de forma correta e objetiva sobre o papel da eugenia como uma “arma” científica que promoveria o progresso. Achou importante mostrar através de um breve histórico que os ideais de aprimoramento e o impedimento da inferioridade humana eram antigos; a eugenia, contudo, representava uma ciência atual que preocupava-se em estudar a herança biológica e seus mecanismos para a promoção de boas gerações cujos ascendentes apresentassem as melhores características para a promoção do progresso da sociedade; encerrando, o autor ressaltou uma discussão já em voga entre os estudiosos da eugenia: o meio apresentava peso assim como a herança fosse fundamental a compreensão do peso de cada elemento²⁶³.

C. C. traduziu um artigo de W. Schraenen publicado nos “Annales d’Eugénique”. O autor referia-se à ciência galtoniana como o futuro reconhecendo esforços que visavam o prolongamento da vida humana pelo aumento do nível de saúde. A eugenia poderia promover uma economia humana que segundo o autor seria proporcional à economia política ou social que referia-se às complexidades e fenômenos da vida social e econômica. Contudo, a eugenia não tinha o acesso à opinião pública suficiente para oferecer o máximo de sua contribuição à sociedade. Para o autor, a eugenia foi apresentada como um ideal social sem clareza do caminho para atingi-lo; afirma o

²⁶² Asua, Luiz Jiménez de. “Aspecto jurídico da maternidade consciente” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 6-7, Junho/Julho, 1929, pp. 1-3

²⁶³ Huerta, Luiz. “*Os fundamentos científicos da eugenia*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 8, Agosto, 1929, pp. 1-3

autor: “*Ora, a Eugenia não é somente uma teoria social; é uma ciência e tem um caráter objetivo. Pelo menos apóia-se sobre outras ciências como a biologia, a genética, a antropologia, a psicologia e não se constitui senão agrupando os elementos dessas ciências*”. O autor afirma que a eugenia apresentava íntima dependência com a genética e a hereditariedade²⁶⁴.

O Dr. José de Albuquerque escreveu especialmente para o Boletim de Eugenia um artigo em que desenvolveu no que consistia uma doença familiar na intenção de marcar a importância do exame pré-nupcial. Caracterizando doença hereditária como aquela que atinge indivíduos de uma mesma família na mesma geração ou em gerações sucessivas, independente de qualquer fator adquirido e podendo ainda ser transmitida de ascendentes para descendentes (direta) ou para colaterais (indiretas), o autor afirma que o exame pré-nupcial seria a realização de uma profilaxia porque com o conhecimento dos mecanismos de hereditariedade, é possível evitar a reaparição de doenças familiares permitindo, inclusive, que membros de famílias portadoras de doenças familiares pudessem casar-se sem o risco de perpetuar a doença dos antepassados. Entre os dados que deveriam contar numa ficha de exame, duas se destacavam: existência de aptidão individual para o casamento e o exame das condições eugênicas de um cônjuge em relação ao outro²⁶⁵.

Uma tradução de C. C. de um artigo do “Le Journal Méd. Français” do Dr. E. Apert mostrava que a hereditariedade permanecia um assunto que gerava muitas discussões. O autor preocupa-se em diferenciar o mecanismo de hereditariedade de outros mecanismos como contágio, educação e aquisição de hábitos. A força e o poder da hereditariedade foi destacada no artigo porque o autor pretendia mostrar o quanto os caracteres hereditários determinam os indivíduos regulando sua constituição e mostrando-se como um mecanismo de grande importância²⁶⁶.

A genética mendeliana aparece num artigo traduzido por C.C, resultante de uma

²⁶⁴ Schraenen, W. (trad. De C. C.) “*A eugenia como ciência e como ideal social*” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 15, Março, 1930, p.1

²⁶⁵ de Albuquerque, José. “Doenças familiares e exame pré-nupcial” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 20, Agosto, 1930, pp. 3-4.

²⁶⁶ Apert, E. “A hereditariedade em patologia” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 21, Setembro, 1930, pp. 1-3

conferência realizada na Sociedade de Biologia de Barcelona pelo Prof. Julius Bauer da Faculdade de Medicina de Viena²⁶⁷. O autor preocupa-se em definir o mecanismo da hereditariedade como “*mecanismo biológico que produz a transmissão de caracteres e qualidades muito diferentes e particulares de pais para filhos*”²⁶⁸. Após esta definição, os créditos são dados a Mendel não deixando de citar o esquecimento da ciência dos cruzamentos até que em 1900 foi redescoberta. O autor descreve a experiência de Mendel com as ervilhas passo a passo enfatizando que nos seres humanos, fatores paternos e maternos são transmitidos e a qualidade destes fatores determina a qualidade dos caracteres do descendente. Este artigo continua em outro número do Boletim em que o autor discute conceitos da genética mendeliana como cromossomos, mutações e heterocromossomos. A intenção do artigo é explorar ainda mais as descobertas de Mendel²⁶⁹.

O Dr. Giuliano Perondi, docente de eugénica da Universidade de Florença teve um artigo publicado no Boletim de Eugenia com tradução de C.C. O autor discute dois termos semelhantes, porém, com diferenças fundamentais: eutenia e eugenia. A eutenia era definida como a melhoria da qualidade das condições atuais da vida de um indivíduo; esta prática favorecia a geração atual sem cuidar das conseqüências às gerações futuras, ou seja, aumentavam as probabilidades dos elementos considerados fracos conseguirem reproduzir-se transmitindo suas fraquezas piorando a qualidade das gerações futuras uma vez que as ações higiênicas e de caridade atenuam a responsabilidade do indivíduo em relação sua prole e fortalece os inaptos. Já em relação à eugenia, o autor é claro: promove a melhoria da raça porque procura fazer prevalecer os fatores da seleção natural melhorando gradativamente as gerações futuras²⁷⁰. Em continuação a este artigo, o autor publicou outro²⁷¹ em que mostra que um a

²⁶⁷ Bauer, Julius. “*As leis mendelianas*” (tradução de C.C.) In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 23, Novembro, 1930, pp. 1-2

²⁶⁸ Idem, p. 1

²⁶⁹ Bauer, Julius. “*As leis mendelianas (Continuação e fim)*”. Tradução de C.C. da Revista Médica de Barcelona In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 23, Novembro, 1930, pp. 5-7

²⁷⁰ Perondi, Giuliano G. “O problema da tuberculose do ponto de vista da eugenia” (Trad. C.C.) In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 27, Março, 1931, pp. 3-4

²⁷¹ Perondi, Giuliano G. “O problema da tuberculose do ponto de vista da eugenia (Continuação e fim)” (Trad. C.C. da “La Rivista Medica, nº 8, Agosto, 1930) In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, pp. 2-4

tuberculose, de um problema clínico havia tornado-se um problema social porque além do tratamento dispendioso e trabalhoso, discute a conveniência de favorecer socialmente o tratamento da doença. Prosseguindo seu raciocínio, mostra que a seleção natural perdia sua importância a cada ação higiênica profilática aumentando a temida contra-seleção. Preocupado com um tom pouco humano ou caridoso, o autor completa que não se opõe ao tratamento dos doentes e sim sua procriação após a recuperação. O autor afirma: “*Os doentes e os suspeitos de tuberculose não devem casar; se casam e um dos cônjuges adoecer, não devem procriar!*”²⁷². Segundo o autor, o tuberculoso seria um peso morto sob o ponto de vista econômico-social mas constituía-se numa fonte de reprodução.

E. R. traduziu uma página do livro de Leonard Darwin (filho de Charles Darwin) intitulado “What is eugenics?” O eugenista afirmava que toda a população sofria com a presença dos incapazes e inferiores na sociedade tornando a interdição da procriação destes indivíduos uma ação imprescindível. O autor não negava o fornecimento de assistência social a massa popular mas se era humanitário por um lado, por outro, criava um grande entrave aos propósitos eugênicos por seus efeitos de subsistência dos inaptos. Como o Estado fornecia esta rede, criava problemas para si mesmo uma vez que mantinha e fortificava uma grande massa de fracos, degenerados e inferiores²⁷³. Em continuação a tradução que começou a ser publicada em outro número do Boletim de Eugenia, Leonard Darwin defende o controle da procriação justificando que trata-se de um dever; explica melhor, diz que o direito de alguém implicava obrigação para com a outra procurando desenvolver a idéia de que mesmo tendo os indivíduos definidos como inaptos, o direito á vida e à assistência social, tinham por obrigação à sociedade e ao bem das gerações futuras que comporiam a nação, evitar sua procriação evitando o aumento de gerações cujos indivíduos herdavam caracteres considerados disgênicos²⁷⁴.

Trechos da obra “Hygiene dès races” do Prof. Dr. H. Werner Siemens da Universidade

²⁷² Idem, p. 3

²⁷³ Darwin, Leonard. “What is Eugenics?”, cap XIV, p. 68 (tradução de E.R com o título “A eugenia no futuro”) In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 31, Julho, 1931, p. 1

²⁷⁴ Idem, Vol 3, nº 32, Agosto, 1931, pp. 1-6

de Muenchen compuseram um artigo publicado no Boletim de Eugenia²⁷⁵. A primeira conclusão do autor era a que relacionava o sucesso da eugenia com a aceitação das pessoas cultas que compunham a opinião pública. Para que a raça branca pudesse ser conservada, os conhecimentos da eugenia deveriam ser difundidos e conferir à política de natalidade, não mais o objetivo de aumentar a população, mas de conservar o nível dos indivíduos. A referida política favoreceria o futuro da raça porque seria uma orientação da fecundidade privilegiando os capazes em detrimento dos indivíduos definidos como incapazes. Para destacar e marcar a importância de sua linha de raciocínio e defender que o ensino da eugenia deveria ser ampliado, o autor afirma:

“De todos os conhecimentos cujo conjunto constitui as ciências naturais, nenhum tem pela vida da família, da raça e do Estado uma significação mais profunda do que as teorias da hereditariedade da seleção e a sua aplicação, A EUGENIA OU HIGIENE DA RAÇA”²⁷⁶.

Eldon Moore, diretor da “Revista de Eugenia de Londres” discute num artigo feito para o Boletim de Eugenia²⁷⁷ que o panorama futuro é a diminuição da população a partir de ações que impeçam a procriação de indivíduos inaptos assim como pela crescente queda das taxas de natalidade na Europa. Citando um censo social realizado pela Universidade de Liverpool, o autor infere que possibilidades de controle da população se faziam cada vez mais importantes e adiciona outra informação à afirmação já aceita de que a biologia deve ser uma área de intensa contribuição para a realização dos propósitos eugênicos: referindo-se a um professor chamado Fairchild, concorda com sua teoria de que a eugenia necessita de sociólogos para contribuir com seus conhecimentos. O controle que ao autor referiu-se anteriormente relacionava-se com as redes assistenciais que ofereciam incentivos aos indivíduos inaptos; controlando as ações e em especial os resultados de campanhas assistenciais, o caráter humanitário não se desvinculava das

²⁷⁵ Siemens, H. Werner. “O que todos precisam compreender” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 33, Setembro, 1931, p. 6

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ Moore, Eldon. “A Eugenia na Inglaterra” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 35, Novembro, 1931, pp. 2-3.

idéias eugênicas, mas imprimia às ações de aprimoramento da população um caráter racional e principalmente nacionalista uma vez que mesmo que os indivíduos considerados inaptos recebessem assistência, obtivessem melhorias em suas condições de vida e de saúde, deveriam compreender que sua contribuição à nação seria não procriar evitando que seus caracteres inadequados fossem perpetuados nas gerações seguintes como estava acontecendo; ao receberem os incentivos, os indivíduos inaptos se consideravam aptos, casavam-se e procriavam caracterizando a tão combatida contra-seleção.

Uma conferência realizada na Sociedade Médica tornou-se um artigo traduzido por C.C. no Boletim de Eugenia. O autor, Prof. E. Baur, declarou como a genética representou uma contribuição à prática médica e afirma ser necessário que um número maior de médicos dominem os conceitos da genética porque até mesmo as patologias eram muito bem explicadas pela hereditariedade. Considerando que a eugenia busca identificar características desfavoráveis aos indivíduos, a capacidade de identificar uma patologia representava uma referência importantíssima para que as práticas eugênicas fossem eficientes.²⁷⁸

Uma tradução da *Eugenics Review* (nº 4, Janeiro, 1932) compôs um artigo no Boletim de Eugenia²⁷⁹. Segundo introdução, o artigo resulta de uma memória dirigida pelo Prof. Riggles Gates ao Centenary Meeting of the British Association. O texto retoma práticas eugênicas para ilustrar que os efeitos eugênicos já eram produzidos há muito tempo. Reafirmando que a seleção produz melhores elementos físicos e mentais, o autor chama a atenção para o fato de que o processo seletivo tomou rumos que favoreceram a decadência da raça. Comparando as práticas atuais de seleção com as já citadas ações gregas, o autor destaca o papel dos inaptos na sociedade. Criticando bastante a pouca limitação imposta aos incapazes, o autor afirma que estes se perpetuavam contrariando os ideais de aprimoramento constante e progressivo da população. Analisando o contexto britânico, o autor registra que o pauperismo em Londres já estava presente em 1910. O progresso esperado só ocorreria, segundo o autor, se as gerações resultantes da

²⁷⁸ Baur, E. "*Importância da genética para a patologia humana*" In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 36, Dezembro, 1931, pp. 4-5.

²⁷⁹ Gates, R. Ruggles. "*Eugenia e educação: as práticas da sociedade antiga, primitiva e medieval*" In Boletim de Eugenia, Vol 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, pp. 55-59.

seleção eugênica recebessem apoio para manterem e desenvolverem suas qualidades sugerindo uma oposição entre eugenia e educação ressaltando que a primeira relacionava-se com o inato e caracteres hereditários transmissíveis de geração para geração; a segunda, por sua vez, representa um auxílio, um benefício, algo que não seria capaz de interferir nos elementos a serem herdados por ascendentes embora fornecessem mais recursos para seu desenvolvimento na sociedade. A crítica do autor residia no alto custo dispendido na Inglaterra com a educação de crianças deficientes afirmando que leis, educação e medidas sanitárias não seriam capazes de transformar uma estirpe degenerada e débil numa sã reafirmando que a seleção da raça era o mecanismo para promover tanto o melhoramento eugênico quanto a degradação das estirpes dependendo da forma pela qual fossem conduzidas as ações em relação aos aptos e inaptos.

O Prof. John Edgar, da Universidade de St. Andrews colabora com um artigo em que expressa sua definição de eugenia como *“uma ciência que estuda os fatores que sob controle social poderão prejudicar ou beneficiar as qualidades raciais das futuras gerações tanto física como mentalmente”*. O autor preocupa-se em definir a eugenia como *“uma ciência; perspectivas claras e indiscutíveis; coleciona e investiga fatos para construir seus princípios”*; em contrapartida, define o eugenismo como um culto, um sistema prático, aplicação sociológica da ciência eugênica inspirando-se e aplicando o estudo da eugenia para fins patrióticos e sociais”. Havia uma preocupação em mostrar que a ciência eugênica não era inviável nem desumana e sim objetiva e muito clara em seus propósitos e ações:

“O eugenista moderno não erra, reconhecendo a importância do meio e dos ideais, embora o seu objetivo principal seja o controle da espécie humana, no sentido de obter uma proporção maior de indivíduos equilibrados, com qualidades congênitas capazes de adaptação exigidas por uma sociedade mais elevada. Em outras palavras, a eugenia quer não só homens mais sadios e fortes, como melhores cidadãos, com toda a variedade de altas qualidades exigidas pela

cidadania”²⁸⁰.

Colaboradores nacionais

Os colaboradores nacionais são o foco principal deste trabalho uma vez que o interesse de minha investigação concentra-se na forma pela qual as idéias sobre a ciência eugênica foram propagadas no Brasil através de um veículo de comunicação escrito e periódico. Mesmo as contribuições apresentadas anteriormente referentes aos colaboradores internacionais apresentam subsídios que servem a esta dissertação mostrando a série de colaboradores que contribuíram com suas idéias para o Boletim de Eugenia. Estrangeiros ou cidadãos brasileiros, considero importante mostrar a diversidade de contribuições destacando alguns assuntos que se tornaram mais recorrentes como, por exemplo, a crítica às ações de contra-seleção e a preocupação em esclarecer as diferenças entre eugenia e eugenismo.

O empenho em traduzir alguns artigos e a atenção dada aos institutos de eugenia internacionais demonstrava o interesse do intercâmbio assim como o quanto era importante relatar experiências ocorridas em outras sociedades para analisá-las sob o ponto de vista da viabilidade de aplicação no Brasil ou afirmar a importância de determinadas ações e defesas de intelectuais brasileiros.

Apesar da importância conferida a todos os colaboradores do Boletim de Eugenia, alguns receberão um destaque diferente de minha parte para a análise das discussões empreendidas sobre a eugenia e seus propósitos no Brasil. Renato Kehl e Octávio Domingues são os autores que destacarei neste capítulo. O primeiro, editor e proprietário do Boletim de Eugenia, citado em praticamente todos os textos que se referem ao movimento eugênico no Brasil e considerado por Nancy Stepan (uma das principais referências teóricas desta dissertação) como um dos personagens que mais contribuiu com o movimento eugênico no Brasil assim como esforçou-se para que a ciência de Francis Galton tivesse a propaganda adequada. É o grande colaborador do Boletim de Eugenia com o maior número de artigos públicos e editoriais que embora sem sua autoria declarada, têm em seu tom, indícios de pertencimento (embora não seja

²⁸⁰ Edgar, John. “*Eugenia e patriotismo*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 3, Março, 1929, p. 2

meu objetivo comprovar tal autoria). Octávio Domingues, por sua vez, contribuiu com artigos que traziam a genética como grande contribuição a compreensão dos mecanismos de hereditariedade e orientação para ações com propósitos eugênicos. O autor procurava, em seus artigos, não apenas esclarecer do que se tratava a ciência da hereditariedade sob o ponto de vista da genética mendeliana, como defendia ações importantes para a ação da hereditariedade entre os indivíduos brasileiros criticando muito duramente as ações que considerava equivocadas e prejudiciais aos propósitos do aprimoramento contínuo da espécie humana.

Ernani Lopes

Quando citado num artigo do Boletim de Eugenia²⁸¹ por ter publicado na “A ordem” seu posicionamento sobre um projeto entregue ao desembargador Virgílio de Sá Pereira para o Código Penal a ser elaborado, Ernani Lopes era presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). O autor solicitava reparos sobre os indivíduos que seriam inimputáveis. No entendimento do jurista, o Estado poderia internar um louco por caridade quando fosse inofensivo e quando houvesse um perigo para a sociedade garantindo a preservação social. Temendo que tais palavras promovam alguns equívocos, Ernani Lopes faz algumas considerações utilizando-se de seu cargo como presidente de uma instituição cujo objetivo era a prevenção de distúrbios mentais e assistência aos alienados:

“Não nos é possível deixar de lastimar que com esses conceitos excluisse o autor para sempre das atribuições do Estado a possibilidade de internação para fins eugênicos. De fato, quem como o ilustre penalista brasileiro tão adiantado se mostra, acentuando em vários passos de seu trabalho, a relevância da orientação preventiva da defesa social deveria admitir que a finalidade de internação dos loucos inofensivos muitas vezes não se limita a eles próprios – atinge os seus possíveis descendentes, candidatos à degeneração e, assim, não é somente caridade, é também defesa social, é

²⁸¹ “A psiquiatria em nossas leis penais” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 14, Fevereiro, 1930, pp. 4-5

defesa da raça e da espécie, é numa palavra – eugenia”²⁸²

Oliveira Vianna

O artigo do autor tem referência de publicação no “Correio da Manhã” e parece ter sido transcrito para o Boletim de Eugenia²⁸³. Utilizando-se de uma colocação do filósofo Nietzsche: “*a humanidade não é senão um meio de que a natureza lança mão para chegar a seis ou sete homens de gênio*” para afirmar que o mesmo raciocínio deveria ser utilizado na compreensão de uma massa social: um meio pelo qual a história produziria uma pequena elite de tipos superiores caracterizando, então, um povo realmente grande²⁸⁴. Para o autor, independente da sociedade, era possível encontrar os indivíduos eugênicos nas camadas dirigentes e superiores. Entre as qualidades que compunham o que o autor definiu como individualidade eugênica, a ambição era a principal. Na verdade, o autor era mais específico: a amplitude da ambição permitiria a busca constante de sucesso e novas possibilidades de desenvolvimento. O eugênico²⁸⁵ era definido como um indivíduo incansável na busca de novos desafios e almejava sempre maior sucesso e desenvolvimento. A amplitude da ambição²⁸⁶, embora distinguida entre as demais características de um indivíduo eugênico era, de fato, eficaz, se as qualidades de caráter e inteligência permitissem a realização dos propósitos do indivíduo apto. O autor refere-se a modalidades de associação de qualidades para explicar que o indivíduo eugênico não é único e resulta tanto do acaso da

²⁸² Idem, p. 4

²⁸³ Vianna, Oliveira. “*Os tipos eugênicos*” (do Correio da Manhã)” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 15, Março, 1930, p 3.

²⁸⁴ Para o autor, apenas as sociedades que fossem capazes de promover o surgimento de indivíduos eugênicos, poderiam ser consideradas grandes e desenvolvidas porque estes indivíduos é que possuíam as qualidades necessárias para promover o progresso e o desenvolvimento.

²⁸⁵ O autor informa que o eugênico é o que ele define com eugênico psíquico; síntese bem-sucedida de qualidades superiores do temperamento e da inteligência. Entre as qualidades de temperamento o autor cita audácia, coragem, paciência, tenacidade, energia moral, aptidões de comando, em suma, “prestígio pessoal”. As qualidades de inteligência também foram descritas: força, robustez, amplitude de pensamento, lucidez, clarividência, intuição, senso das realidades, senso das combinações e de organização, imaginação e originalidade. Ambas as categorias de qualidades eram complementares e caracterizavam os indivíduos eugênicos.

²⁸⁶ O autor relaciona personalidades condutoras de massa, guias, chefes e grandes organizadores sociais com o fato de serem eugênicos e daí estes indivíduos serem responsáveis pelo triunfo alcançado por tais indivíduos. Como exemplos, cita Napoleão Bonaparte e Mussolini.

hereditariedade quanto de leis (na verdade, em meu entendimento, o autor fala da mesma coisa uma vez que as leis da hereditariedade afirmam a variabilidade interpretada aqui, pelo autor como acaso da hereditariedade). O eugênico superior compõe a elite que toda sociedade necessita para progredir, prosperar e conquistar limites e vitórias.

Em outro artigo²⁸⁷ o autor esclarecia que a grandeza de um povo era reconhecida por sua elite de eugênicos e não por sua massa de indivíduos. Mesmo afirmando que um indivíduo eugênico não pertenceria naturalmente à uma classe superior, suas qualidades eugênicas, segundo o autor concluía, sua ascensão era inevitável. Outra observação feita referia-se ao fato que a totalidade de indivíduos pertencentes à classe superior não era de indivíduos eugênicos uma vez que era possível fazer parte desta classe por motivos como riqueza, nascimento e até mesmo sorte. Analisando as classes no Brasil, Oliveira Vianna identificou que a classe política não era privilegiada de indivíduos eugênicos o que para ele explicava muita coisa que acontecia no Brasil e que era desfavorável e contrariava os ideais de progresso e desenvolvimento; contudo, afirmava que os indivíduos eugênicos costumavam concentrar-se na elite das letras, das artes, das ciências, da indústria, da propriedade e do comércio. Mesmo reforçando que era possível encontrar indivíduos eugênicos em classes sócias diferentes, o autor apresentou proporções em que a classe denominada camada inferior oferecia menos destes indivíduos porque contemplava os resíduos da seleção dos indivíduos eugênicos que ascenderam²⁸⁸. A classe média é identificada pelo autor como a grande origem da maioria dos indivíduos eugênicos apresentando taxas de fecundidade suficientes para a formação de uma classe superior organizada e próspera. Acompanhando as conclusões dos sanitaristas e higienistas, Oliveira Vianna identifica que os maiores índices eugênicos encontram-se nas classes superiores dos campos e das cidades litorâneas e do centro. Ao contrário desta realidade, identificava que havia poucos indivíduos eugênicos nas classes urbanas pobres e baixíssimo número na plebe rural dos sertões brasileiros.

²⁸⁷ Vianna, Oliveira. “*O eugenismo das elites: fragmento de capítulo*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 29, Maio, 1931, p. 2

²⁸⁸ O autor justificou a presença do que chamou de resíduos nas classes populares (inferiores) porque aqueles que possuíam características eugênicas, ascenderam por ser uma tendência natural dos eugênicos querer ascender; em função disto, quem permanecia nas classes inferiores, não foi capaz de ascender com as características que possuíam representando o que restou dos indivíduos considerados aptos, logo, inaptos.

Por esta análise, o autor afirma que cabe às camadas superiores da sociedade a direção geral das atividades econômicas, intelectuais e das atividades políticas.

J. Porto Carrero

Referindo-se a uma proposta feita pelo Boletim de Eugenia de realizar uma pesquisa a partir de um inquérito sobre educação sexual, Porto Carrero escreve um artigo em que destaca dois pontos importantes sob seu ponto de vista: as crianças deveriam ser acompanhadas por seus pais desde o nascimento para que houvesse balizamento das tendências apresentadas impedindo excessos e exageros; o outro ponto destacado pelo autor era a responsabilidade atribuída a pais e professores que deveriam dividir a instrução de crianças e jovens no intuito de que ambos os sexos compreendessem a importância da escolha de um bom parceiro ou parceira para que houvesse uma procriação saudável, ou seja, eugênica²⁸⁹.

Em resposta à uma consulta pré-nupcial publicada no Boletim de Eugenia, Porto Carrero deu seu parecer desfavorável a um casamento após análise das características da moça e do rapaz além do levantamento dos ascendentes e irmãos.

Cunha Lopes

Seu artigo é escrito com referência ao autor como membro da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal. A respeito de pesquisas genealógicas, o autor afirma que além dos fenômenos biológicos que devem ser considerados, a complexidade encontra-se ao adicionar o meio social (cultura e educação)²⁹⁰.

Cunha Lopes elaborou um parecer sobre uma consulta para casamento e após fazer uma análise das características dos noivos, constatava que a noiva descendia de uma família sadia e também era sadia; contudo a família do noivo apresentava uma tara o que

²⁸⁹ Porto Carrero, J. “Resposta de um especialista” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 24, Dezembro, 1930, pp. 5-6

²⁹⁰ Lopes, Cunha. “Pesquisas Genealógicas” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 27, Março, 1931, p. 5.

despertava muita atenção implicando na recusa da recomendação do casamento²⁹¹.

Outros colaboradores

O Dr. Albert Govaerts proferiu conferências sobre a eugenia e no que denominou 1ª lição, falou sobre a hereditariedade. Referindo-se a famílias nobres e históricas que sucedem-se, o autor lembra que qualquer família tem a mesma responsabilidade para com as suas gerações seguintes; a descendência dependia do compromisso de cada família em perpetuar-se. Além de características físicas que podem ser vistas reproduzidas em várias gerações, o autor afirma que sob o ponto de vista moral, os caracteres dos descendentes também são resultado do que existia nos ascendentes (espíritos enérgicos ou débeis, inteligentes ou obtusos, tenazes ou caprichosos). A influência pessoal não representava nulidade porque o autor compreendia que a ação do meio e da educação possuíam seu lugar; cada descendente era o tronco de uma nova família que assemelhava-se aos seus precedentes podendo, apesar disto, diferir destes. Para explicar melhor esta colocação, o autor afirma que as semelhanças devem-se à hereditariedade e as diferenças representavam a marca do meio em que o indivíduo viveu. A responsabilidade que isto implicava era receber dos antepassados uma saúde perfeita poder vivê-la num meio são; a tarefa de cada indivíduo era transmitir sua herança de forma pura sem qualquer mancha para que a boa raça continuasse e o compromisso com a sociedade permanecesse²⁹².

João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, publicou no Jornal do Brasil de 17-7-1929, uma análise do livro de Renato Kehl “Lições de Eugenia”. Esta publicação do jornal foi registrada no Boletim de Eugenia. Para o autor, a constituição da prole humana apresenta uma vertente social. Referindo-se a Renato Kehl como um dos fundadores da Eugenia no Brasil, o livro foi definido como uma exposição metódica, clara e objetiva. A complexidade da eugenia concentrava-se nos muitos assuntos que discutia: religião, vida conjugal e liberdade; a grande importância estava na administração dos interesses sociais em detrimento de interesses individuais. O grande

²⁹¹ Idem, “Parecer do Dr. Cunha Lopes – consulta para casamento” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 36, Dezembro, 1931, pp. 2-3

²⁹² Govaerts, Albert. “Conferências escolares sobre eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 1, Janeiro, 1929, p. 4

objetivo de um indivíduo deveria ser gerar a prole mais adequada evitando degenerações; a educação seria um instrumento para que vícios, preconceitos e equívocos não interferissem na geração de proles²⁹³.

João do Norte, membro da Academia Brasileira de Letras, publicou um artigo na “Ordem” de 4-8-1929 e tornou-se um artigo publicado no Boletim de Eugenia. Em seu texto, observou o quanto as condições físicas dos brasileiros havia mudado conferindo a este fenômeno, uma série de fatores: novos sangues, imigrações européias, cruzamentos melhores, uma higiene melhor, uma alimentação mais adequada, menos uso de álcool e maior prática de esportes. Faz uma menção honrosa a Renato Kehl por reconhecer e admirar sua participação neste quadro que se apresentava em melhoria:

“Nenhum país precisa mais de melhorar a sua raça do que o Brasil e como ele hoje se curva para si próprio, interessando-se pelos seus problemas vitais de toda a ordem, serão beneméritos todos os esforços por uma cruzada pró-melhoramento da espécie. À frente dela, felizmente, se encontra um sábio e um “bandeirante” de rara envergadura de lutador e de rara fibra de patriota, o Dr. Renato Kehl. Há 15 anos, ele combate pela eugenia, entre nós (...) E, tendo sido taxado de utopista, no alvorecer de sua campanha, tem a dita de vê-la nos nossos dias vencedora em todos os espíritos porque somente os cegos poderão negar a “imperiosa necessidade da defesa eugênica da família e da nacionalidade”.

Mencionando o livro “Lições de Eugenia” de Renato Kehl, o autor afirma o propósito da ciência de Galton em promover o enobrecimento físico, moral e mental do homem através da conservação de boas estirpes e convertendo as avariadas em sãs. Sobre o cruzamento das raças, registra o que confere ser uma opinião de Renato Kehl que

²⁹³ Ribeiro, João. “Renato Kehl – Lições de Eugenia”. In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 6-7, Junho/Julho, 1929, p. 6

contrário à mestiçagem de raças diferentes considera os mestiços fracos, feios e inferiores. O autor vislumbra este contexto no Brasil e questiona como fazer no Brasil esperando que brevemente Renato Kehl possa publicar outra produção em que explique como evitar a mestiçagem que produz indivíduos eugenicamente inferiores²⁹⁴.

O Dr. Geraldo de Andrade apresentou uma tese no V Congresso Brasileiro de Higiene realizado em Recife. Num primeiro capítulo, “Mortalidade infantil e seleção natural”, criticava todos os métodos que contrariavam a seleção natural por meio de práticas que favoreciam aos *inviáveis*²⁹⁵. No capítulo II, “Uma lei aterradora: a fecundidade das mães está em relação direta com a mortalidade dos filhos”, o autor demonstra que pais mal preparados e desinformados não contribuía com o bem social porque causava índices consideráveis de mortalidade das proles²⁹⁶. No número seguinte do Boletim de Eugenia, apresentou “maternidade consciente e tipo-população”, onde procurou expressar sua preocupação com os altos índices de natalidade não pela superpopulação mas pela qualidade das proles; referindo-se a países em que a superpopulação era uma realidade (China e Japão), o autor esclarece que no Brasil a queda da natalidade não deve ser unificada e todas as classes e sim naquelas que não representavam contribuição nacional precisando, ainda que o poder público educasse os pais para o custo e a importância, para o país, de cada criança que nascesse com caracteres eugênicos²⁹⁷. Ainda houve a apresentação de alguns pontos da tese apresentada pelo Dr. Geraldo de Andrade num terceiro artigo publicado no Boletim de Eugenia. Em “Limitação racional da natalidade e eugenia”, o autor conclui que a limitação racional da maternidade é uma prática eugênica afirmando que: “*Devaldès chegou a definir a Eugenia como a “aplicação racional à espécie humana dos princípios de seleção derivados da doutrina da evolução formulada por Lamarck e Darwin”*”²⁹⁸. A restrição da natalidade era relacionada diretamente com a capacidade das famílias garantirem à sua prole,

²⁹⁴ Norte, João do. “O Brasil e a raça” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 8, Agosto, 1929, p. 4

²⁹⁵ Termo usado pelo autor em sua tese.

²⁹⁶ de Andrade, Geraldo. “*Concepcionismo inconsciente e mortalidade infantil*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 12, Dezembro, 1929, p. 7

²⁹⁷ Idem. Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 13, Janeiro, 1930, p. 3

²⁹⁸ Idem. Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 14, Fevereiro, 1930, p. 3

alimentação adequada e terapêutica efetiva²⁹⁹. Encerrando, “Relação entre a profliguidade das mães e a mortalidade das crianças de 0 a 2 anos em Recife”, o autor conclui que presenciou que apesar de gerarem muito filhos, pela ignorância e pelo despreparo, os níveis de mortalidade eram altos³⁰⁰.

Gaton tem um artigo traduzido no Boletim de Eugenia originário do “Inquiries into Human Faculty”. Usando o termo “laço de família”, o autor esclarece que embora o termo sugira um descendente como prolongamento de todos os antepassados, a grande freqüência refere-se a indivíduos que representam mosaicos onde observava-se semelhanças de um ou outro antepassado. O fato mais importante e que o autor registrou foi o fato de que as histórias de vida dos ancestrais profetizavam o futuro dos descendentes. Embora muito pudesse ser vislumbrado, a investigação da eugenia humana, para o autor falhava na investigação das condições sob as quais os homens superiores se formavam porque faltava o registro das histórias familiares que abrangessem, pelo menos, 3 gerações; o que tornava-se fácil na eugenia animal pelo curto espaço entre as gerações, a compilação de dados tornava-se uma medida fundamental para a existência de uma formação de histórias individuais e familiares³⁰¹.

E. R. escreve um artigo em que classifica dois grupos: bons elementos e elementos sofridos e maus; o segundo grupo, para o autor era a maioria apesar dos esforços profiláticos. O autor afirmava que a maioria dos indivíduos era de fracos, doentes e degenerados sobrecarregando, à medida que aumentava, os indivíduos que constituíam o grupo bom e produtivo. A eugenia era uma ciência que permitiria o impedimento da degeneração favorecendo a saúde física e psíquica. Para afirmar que era preciso proteger o grupo saudável, logo eugênico, o autor afirma que: *“Assim como há núcleos de indivíduos habitando certas regiões, os quais pela saúde, pela moralidade e pelo trabalho de seus componentes constituem exemplos de paraísos terrestres poderemos*

²⁹⁹ O autor define boa alimentação e terapêutica como grau de eugenismo supondo que apenas as famílias que pudessem oferecer tais condições às suas proles (sadias, é claro) deveriam fazê-lo. Defende que a racionalidade na natalidade permite que osãos possam viver em boas condições e preserve seus caracteres.

³⁰⁰ de Andrade, Geraldo. “Concepcionismo inconsciente e mortalidade infantil” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 14, Fevereiro, 1930, pp. 3-4

³⁰¹ Gatton. “A história da família e genealogia” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 16, Abril, 1930, p. 1

ampliar tais núcleos, evitar que os maus se multipliquem e mesmo concorrer para o seu desaparecimento sem que para isso sejam necessárias medidas cruéis". Criticando que a seleção de sementes antes do plantio promoviam boas colheitas e selecionando reprodutores que cruzavam de forma adequada, raças belas e fortes eram geradas, o autor expressava seu estranhamento do fato de que na espécie humana, apesar da degradação visível e crescente, o escrúpulo promovia a existência de uma massa de doentes e degenerados. A eugenia poderia ser aplicada sem qualquer ação radical ou desumana uma vez que assentava-se numa ciência e baseava-se na racionalidade³⁰².

Em outro artigo, E. R. destacou a relação da sexualidade com a proteção racial; segundo o autor, era preciso que a procriação fosse sã e racional. A educação sexual promoveria as informações necessárias para que os indivíduos compreendessem seu dever perante a raça para beneficiar a coletividade. Os jovens deveriam ser orientados quanto a importância da escolha de um cônjuge assim como de prover gerações sãs. Para não caracterizar um problema unicamente brasileiro, o autor referia-se a um médico americano, Dr. Popenoe, que expressava a dificuldade do país com as questões de educação sexual. As falhas apontadas abalavam as bases familiares influenciando em sua organização porque havia equívocos sobre os deveres matrimoniais. A idéia de E. R. era aprender com os fracassos americanos a fim de que não se repetissem no Brasil permitindo uma orientação correta e eficaz da importância da educação sexual para os indivíduos³⁰³.

Em outro artigo E. R. registrou uma publicação da "Human Betterment Foundation" (Califórnia) de um boletim com informações minuciosas sobre a prática de esterilização em quase todos os estados da América do Norte para impedir a procriação de tarados e degenerados sob a proteção de leis e acompanhamento de médicos. O boletim não registrou operações de 5.000 a 6.000 homens esterilizados de 1899 até a adoção da primeira lei em 1907; também não registrou as esterilizações feitas em instituições particulares nos estados em que as leis não existiam sobre esterilização. Os estados de Nevada e New Jersey possuíam a lei mas ainda não a aplicavam. De 24 estados que

³⁰² E. R. "*O animal homem*". Idem, p. 4

³⁰³ Idem. "Causas da desorganização matrimonial (falhas da educação moderna)" In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 19, Julho, 1930, pp. 1-3.

possuíam a lei em vigor sobre esterilização, apenas 4 não forneceram dados estatísticos. Reunindo os demais estados, registrou-se um total de 10.833 operações até 1º de janeiro de 1930 sendo 5.192 homens e 5.731 mulheres. Estes números eram interpretados pelo autor como valorização da proteção racial por meio de práticas eugênicas na América do Norte³⁰⁴.

E. R. identificou, num artigo publicado no Boletim de Eugenia, o quanto a educação sexual, sob o ponto de vista eugênico era importante, mas constituía-se num problema por estar sendo mal conduzida. Segundo o autor, os jovens apresentam muita ignorância prejudicando sua avaliação no que diz respeito à escolha de um cônjuge adequado podendo, com isso, promover uma geração sem as qualidades desejadas para o progresso nacional. O lar era o local mais apropriado identificado pelo autor para que a formação dos jovens fosse mais efetiva; esta efetividade viria com uma educação desde a infância com ênfase na integridade moral vinda da orientação dos pais. Sem estas iniciativas, muito pouco seria feito em prol dos bons casamentos; esta tarefa constituía-se num desafio de toda a sociedade e principalmente das instituições responsáveis pela educação e transmissão de conhecimentos:

“A educação sexual incluindo, naturalmente, no programa educativo, o ensino sobre o mecanismo da reprodução, a verdadeira significação do casamento, o combate às doenças venéreas, o problema da prostituição, higiene social, etc, exige para ser eficiente, a cooperação dos lares, das escolas, das igrejas, da imprensa, das instituições públicas e particulares”³⁰⁵.

E. R. citou um exemplo que em sua concepção deveria ser inspiração para outras sociedades: o Instituto de Defesa da Família, fundado na Califórnia pelo Dr. Popenoe. O autor brasileiro afirma que as ações do instituto representavam a primeira tentativa de

³⁰⁴ Idem. “Esterilização para fins eugênicos praticada nos Estados Unidos em instituições estaduais e sob leis estaduais até 1º de Janeiro de 1930” In Idem, p. 5

³⁰⁵ R. E. “O lar e a educação sexual das crianças” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 22, Outubro, 1930, pp. 1-2.

empregar os recursos da ciência eugênica nos Estados Unidos com o objetivo de solucionar problemas familiares. Entre as ações, não há tratamento e sim orientação e aconselhamento em propaganda aos casamentos eugênicos e à paternidade digna esclarecendo e educando para que as proles fossem cada vez mais saudáveis desenvolvendo programas de educação sexuais e pré-nupciais. Aproveitando a apresentação de uma iniciativa estrangeira, o autor encerra seu artigo informando uma nova prática a ser acionada no Brasil:

“O “Boletim de Eugenia”, desejando auxiliar os seus leitores, concorrendo, ao mesmo tempo, para a melhoria eugênica de nosso povo, pretende fundar uma seção de consultas sobre questões do sexo, casamento e hereditariedade na qual procurará orientar aqueles que se acharem em dificuldades para resolver tais problemas. As cartas de caráter mais íntimo serão respondidas ao endereço fornecido pelo consulente enquanto as consultas de ordem mais científicas serão respondidas pelo próprio “Boletim” a fim de que os seus leitores possam aproveitar os conselhos dados”³⁰⁶.

O Dr. Edgard Braga, da clínica de partos da Faculdade de Medicina de São Paulo, escreve um artigo em que defende a obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial destacando os benefícios que traria, citando aprovação de semelhante lei em 1926 na Argentina e afirmando que o brasileiro não era refratário às boas idéias. O médico resume sua idéia da seguinte forma:

“O sentimento que nos inspira, no momento, é sincero e patriótico; por isso que entresonhamos um Brasil sadio, homogêneo, povoado por uma gente forte. É tempo, sem dúvida, de abandonarmos à patina do passadismo – o nosso decantado e

³⁰⁶ R. E. “Exemplo a ser imitado: uma utilíssima instituição que todas as cidades deviam possuir” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 23, Novembro, 1930, pp. 5-6

*improdutivo sentimentalismo. Deixemos, no alto, que os astros continuem o seu esplendor e volvamos o pensamento para as coisas desse mundo e desses brasis onde vivem as nossas esperanças, afetos e cuidados”*³⁰⁷

O Prof. Luiz L. Silva da Faculdade de Farmácia e de Odontologia de Santos publicou um artigo expressando sua discordância com o cruzamento entre brancos e pretos considerando sua compreensão sobre a hereditariedade. Por considerar o branco como raça superior, exemplificava o quanto o homem poderia evoluir psiquicamente desprezando os instintos; estes abundavam na raça negra, indiscutivelmente segundo o autor, uma raça inferior. A eugenia seria a ciência que estabeleceria o equilíbrio entre a individualidade e a personalidade unindo adequadamente no homem, moral e físico. Termina seu artigo relatando um casamento inter-racial ocorrido em Campina Grande onde o padre pronunciou: “preto com preto e branco com branco”³⁰⁸.

O Dr. Alberto Farani proferiu uma conferência na Liga Brasileira de Higiene Mental que foi transformada num artigo do Boletim de Eugenia³⁰⁹. A idéia defendida pelo autor era a relação entre o indivíduo e a raça; esta relação era colocada como importante porque em nome da preservação da coletividade, a instituição social deveria defender-se. Para favorecer a raça, o indivíduo deveria ser sacrificado em muitas oportunidades. Para não provocar qualquer mal-entendimento, o autor afirma que não se refere à pena de morte e sim ações que impeçam o nascimento de indivíduos degenerados. Referindo-se à religião católica, o autor critica sua postura por contrariar os controles propostos pelas ações da eugenia (em especial a eugenia negativa que empenhava-se em impedir a reprodução dos indivíduos considerados inaptos). A educação poderia resolver problemas e atenuar resistências porque esclareceria de que forma a eugenia e suas ações favoreceriam a população. O tom do artigo propõe a responsabilidade social no que se refere a melhoria constante das gerações; a eugenia era defendida como a ciência

³⁰⁷ Braga, Edgard. “Fundamentos do exame médico pré-nupcial” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 8

³⁰⁸ Silva, Luiz L. “Cruzamento do branco com preto” In Boletim de Eugenia, vol 3, nº 30, Junho, 1931, pp. 3-4

³⁰⁹ Farani, Alberto. “Como evitar as proles degeneradas?” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 34, Outubro, 1931, pp. 3-6.

que promoveria o progresso por permitir que os indivíduos, melhorando progressivamente, pudessem resultar na população forte, sadia e próspera que traria o progresso à nação brasileira:

“A eugenia quer a procriação e procriação intensiva mas de produtos são capazes de cumprir satisfatoriamente suas funções físicas e sociais. Os homens não são criados para uma finalidade individual ou restrita a seus próximos. Eles têm papel mais saliente a representar, devem ser úteis à sociedade de que são membros. Por esta razão é que a sociedade, por sua vez, deve assegurar-lhe proteção a seu direito de viver. Uma vez que o Estado preveja indesejáveis possíveis, ele tem o direito de precaver-se contra eles. Tanto mais quanto estes indivíduos se são indesejáveis para a humanidade, também o são para si próprios. São parias e nem sequer lhes aproveita a felicidade póstuma pois são condenados de antemão por infratores de todas as leis morais”³¹⁰.

Em continuação à este artigo no número seguinte do Boletim de Eugenia³¹¹, o Dr. Farani descreve métodos contraceptivos que embora condenados pela igreja representavam um bem social como por exemplo, a ligadura de trompas. O autor enfatiza que o bem da coletividade deve sempre prevalecer contrariando a caridade religiosa que parecia ao autor favorecer a reprodução de inaptos; conclamando que promover a reprodução de indivíduos saudáveis era uma tarefa importante, o autor ressalta que ainda mais importante era controlar os nascimentos, melhor dizendo, controlar a procriação para evitar que caracteres considerados prejudiciais ao indivíduo fossem transmitidos aos descendentes. Sem moralismo, o autor afirma que o bem da nação era uma causa justa e nenhuma ação que prejudicasse um indivíduo seria sugerida

³¹⁰ Idem, p. 5

³¹¹ Idem In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 35, Novembro, 1931, pp. 5-7

pelos eugenistas; contudo, parecia que os indivíduos inaptos recebiam mais apoio e melhores condições de vida do que os indivíduos aptos contrariando os princípios de favorecimento da procriação de indivíduos fortes e saudáveis (eugênicos). Em resumo, o autor procura afirmar as múltiplas perspectivas das ações eugênicas em prol da sociedade:

*“Todos sabem que o ato sexual tem dois fins: a procriação, **fim da espécie**; o organismo, **fim do indivíduo**. A esterilização impede a concepção prejudicial, fim do eugenista; em nada influi sobre o orgasmo que mais importa ao indivíduo. Ambos se satisfazem e o que melhor é, satisfaz-se à sociedade impedindo um mal maior, **fim da moral**”³¹².*

Em sua segunda lição, o autor afirmava que a hereditariedade permitia que as mesmas tendências fossem transmitidas justificando que “tal pai tal filho”. Quem demonstrava preocupação eugênica tinha a moral como norte; era a forma para que o nível social aumentasse assim como fosse diminuído o número de incapazes. O autor utilizou-se de uma citação de Galton para sua conclusão: “*O melhoramento da raça humana que não se resume apenas em estabelecer casamentos judiciosos (aliás, muito importantes), mas em se esforçar por discernir os fatores sociais capazes de dar às raças melhor dotadas o maior número de probabilidades para prevalecer sobre as menos boas*”³¹³.

³¹² Idem, p. 7. (grifos do autor)

³¹³ Idem, “Segunda lição de eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 3, Março, 1929, pp. 3-4

ANEXO 3 – Outros artigos de Renato Kehl publicados no Boletim de Eugenia

Após apresentar o Boletim de Eugenia como o primeiro periódico dedicado à ciência eugênica, Renato Kehl expôs o que chamou de “Propósitos”³¹⁴ constatando que a realidade no Brasil consistia em poucas pessoas dedicadas especialmente ao estudo da ciência galtoniana, importante porque caracterizava-se como a chave magna da regeneração humana sendo preciso estudá-la muito bem para dominar o conhecimento da influência de fatores como hereditariedade, descendência, evolução, meio ambiente, condições econômicas, condições sociais, educação, costumes, mestiçagem e demais fatores identificados como passíveis de agir sobre o ser humano e sua constituição; apenas com o domínio do conhecimento pelo estudo da eugenia permitiria que ações fossem direcionadas de fato para o aprimoramento constante das descendências. O autor sintetizou sua compreensão do ideal eugênico: “aperfeiçoar as qualidades e reduzir ao mínimo as imperfeições humanas”³¹⁵. Contudo, o autor destacava que a ciência criada por Francis Galton não ignorava os princípios humanitários utilizando-se de métodos de seleção com fundamentos científicos e preceitos humanos.

Renato Kehl insistia que a institucionalização da eugenia era uma necessidade que a criação de um Instituto Brasileiro de Eugenia supriria a contento. Referindo-se ao Instituto de Eugenia de Berlim, Kehl ressaltava o propósito da instituição em prezar pelo cuidado à nacionalidade germânica e destacava o sucesso obtido com iniciativas de incentivo a procriação de indivíduos aptos aproveitando-se destas informações para expressar como imaginava a estrutura de uma instituição eugênica no Brasil. Nesta exposição, três seções contemplariam as responsabilidades conferidas a uma instituição com fins eugênicos: uma seção seria responsável pelas ações de propaganda pelos diversos veículos existentes para popularizar ao máximo a ação eugênica; uma segunda seção reuniria os responsáveis pela promoção de ações eugênicas e promoveria um contato estreito com autoridades constituídas pelo Estado no intuito de que medidas legais de combate à degeneração fossem estabelecidas e bem desenvolvidas; a terceira e última seção seria dedicada a estudos científicos que englobariam a formação de um

³¹⁴ Kehl, Renato. “*Propósitos*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 1, Janeiro, 1929, pp. 1-2

³¹⁵ Idem, p. 1

arquivo genealógico, estudos sobre genética e pesquisas sociais e biológicas relacionadas aos problemas eugênicos³¹⁶.

O grande destaque do artigo publicado por Renato Kehl em Maio de 1929 foi o 1º Concurso de Eugenia. O autor descreveu o concurso e suas etapas (inscrições de crianças entre 3 e 5 anos; usando critérios resultantes de sindicância dos ascendentes dos inscritos, enfermidades físicas e mentais foram investigadas tendo classificado-se 70 candidatos; numa segunda seleção, outras crianças foram eliminadas e sucessivas seleções desenvolveram-se até que restaram apenas 3 crianças para o julgamento final). Destacando a criança vencedora, o artigo de Renato Kehl traz a foto da mesma na primeira página do periódico (em anexo) e uma breve apresentação: Adenir, uma menina de 3 anos, possuía 8 irmãos vivos, 6 tios maternos e 7 tios paternos saudáveis caracterizando a linhagem da vencedora como excelente e de acordo com os princípios de Galton:

“Um dos mais importantes problemas da ciência de Galton consiste na seleção dos “bem dotados”, isto é, na escolha dos melhor preparados física e mentalmente. Dessa seleção derivam várias conseqüências de valor: em primeiro lugar, concorre para aumentar o interesse público, fazendo com que os pais se esclareçam no tocante à constituição de proles sadias e belas; em segundo lugar, serve para a organização de um ensaio de patronagem da futura elite nacional de eugenizados; finalmente, contribui com preciosos elementos para importantíssimos estudos relativos à hereditariedade, ao meio social e familiar, ao cruzamento de raças, etc³¹⁷”.

³¹⁶ Idem, “Instituto Brasileiro de Eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 2, Fevereiro, 1929, p. 1

³¹⁷ Kehl, Renato. “Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 5, Maio, 1929, p. 1.

Outro concurso citado no mesmo número do periódico foi o da Senhorita Brasil, um concurso de beleza em que jovens foram analisadas sob o ponto de vista eugênico com o objetivo de premiar a jovem que melhor representasse o modelo de mãe segundo os propósitos eugênicos: bons antecedentes familiares, saúde perfeita e consciência da importância da maternidade e da escolha de um bom marido³¹⁸.

No mesmo número em que registrou o fato do Boletim de Eugenia passar a ser um suplemento da revista médica “Medicamenta”, Renato Kehl escreve um artigo³¹⁹ em que apresenta o panorama peculiar do Brasil no que dizia respeito às condições mesológicas, sociais e étnicas dificultando as investigações sobre o cruzamento de raças no país. Estas poderiam ser justificativas para os estudos insipientes existentes sobre o assunto segundo a análise do autor que definia o Brasil como “um grande e completo laboratório no qual se fundem várias raças (...) Dessa mistura étnica surgiu uma miscelânea racial, de tal forma confusa, que só com o tempo se poderá saber o resultado final”. Este panorama multirracial foi apresentado com base em fichas antropológicas de médicos militares que examinavam indivíduos para o serviço militar: 50% de mestiços, 39% de brancos, 10% de pretos e 1% de caboclos (índios). Como perspectiva, o autor enfatizava a tendência de desaparecimento gradual de índios e negros em estado de pureza racial por morte e por cruzamentos predominando o elemento branco; os imigrantes europeus eram uma esperança de presença maciça de elementos brancos no Brasil. Mulatos e caboclos também apresentavam tendências ao desaparecimento gradual pelos mesmos motivos apontados anteriormente provocando uma modificação acentuada da população brasileira que adquiriria um aspecto “europeu”.

Em relação aos mestiços brasileiros, Renato Kehl colocou-se com clareza:

“Os mestiços brasileiros de branco e preto (mulatos) são, na maioria, elementos feios e fracos, apresentando, com freqüência, os vícios de seus ancestrais. Apresentam grande instabilidade de caráter e constituem elementos perturbadores de

³¹⁸ Idem, “Concurso de beleza: senhorita Brasil” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 5, Maio, 1929, p. 3.

³¹⁹ Idem, “Questões de raça” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 6-7, Junho-Julho, 1929, pp.3-4.

progresso nacional, sob o ponto de vista étnico e social. Os mestiços brasileiros de índio e branco (mamelucos) são superiores aos mulatos; fisicamente mais bem conformados e mais fortes; psiquicamente muito inteligentes, vivos e de caráter mais equilibrado. Ambos, porém, são em geral, muito sôfregos, impacientes e pouco amigos da disciplina”³²⁰.

Corroborando sua opinião, Renato Kehl recorre a Oliveira Vianna, que escreveu em 1922, “Populações Meridionais”³²¹, uma análise sobre as assimetrias física e moral dos mestiços que causavam muitas dificuldades e implicavam a impossibilidade de qualquer ação educativa e de conscientização da importância de não gerarem novos descendentes; restava a Renato Kehl a esperança da predominância do elemento branco na nacionalidade mestiça brasileira. Renato Kehl também refere-se a Paulo Prado que em “O retrato do Brasil”³²² afirmava existirem mestiços que contribuía com a sociedade de forma positiva embora a população apresentasse, em geral, fraqueza física e muitos vícios; tudo indicava que esse estado era resultante dos cruzamentos desregulados entre raças e subraças. Para o autor, apenas com o tempo seria possível analisar os resultados da miscigenação no Brasil.

Renato Kehl encerrou seu artigo demonstrando otimismo em relação ao futuro étnico brasileiro em função da entrada de novas correntes européias no Brasil que pelos processos de cruzamento e pela ação da seleção natural, promoveriam a melhoria do estado geral da população delineando, assim, um caminho que apontava para a consolidação étnica brasileira. Neste artigo podemos ver que Renato Kehl mostra descontentamento com a miscigenação embora confira a alguns cruzamentos o poder de redenção; o estado dos mestiços presentes no Brasil não era o ideal por configurar-se como resultado de cruzamentos sem qualquer controle. Com a corrente imigratória européia, o processo de soberania do elemento branco permitiria uma constituição mais

³²⁰ Ibidem.

³²¹ Idem apud Vianna, Oliveira. “Populações Meridionais”, 1922, p. 117.

³²² Idem apud Prado, Paulo. “O retrato do Brasil”, s.d., p. 192.

forte e mais adequada dos descendentes. A idéia do branqueamento pelos cruzamentos sucessivos foi cogitada por Renato Kehl neste artigo como um futuro possível para o Brasil.

Ainda no mesmo número do Boletim de Eugenia, Renato Kehl discute a importância de boas escolhas entre os jovens que pretendiam casar-se e constituir família. Afirmado que nenhum casal possuía intenção de gerar filhos que definia como “estúpidos”, Renato Kehl afirma que havia um grande descuido por parte dos jovens que ignoravam a importância de analisar o grau de inteligência da metade com a qual iria unir-se em matrimônio influenciando na formação intelectual da prole; as disposições hereditárias, segundo o autor, determinam o nível intelectual dos indivíduos. Casos esporádicos ocorrem e era possível uma inteligência superior como descendente de um casamento sem análise dos cônjuges pela união de um cônjuge da classe cultivada e o outro da plebe. Como sugestão Renato Kehl encerra seu artigo com uma indicação: “Todo indivíduo que pretender se casar deve preocupar-se em escolher sua “metade” dentro do círculo de sua comunidade, tendo em mente garantir não só a felicidade do casal como o futuro nível intelectual e social da prole”³²³.

Um editorial sem autoria foi publicado em Novembro de 1929. O movimento em prol da Eugenia foi destacado pelas ações em alguns estados da Federação. O mês de outubro foi destacado como um período em que iniciativas demonstraram o progresso das idéias e do interesse pelas questões do melhoramento físico e mental por parte das classes cultas do país. Em São Paulo, havia notícias da realização de um segundo Concurso de Eugenia; em Piracicaba, Octávio Domingues foi citado por uma conferência que seria proferida sobre eugenia para os estudantes das Escolas de Agricultura, Farmácia, Odontologia e Normal. No Rio de Janeiro, por iniciativa do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Fernando Magalhães, inaugurou-se um curso de eugenia intitulado “As realizações da Eugenia”. O 5º Congresso de Higiene realizado em Recife (17 a 22 de outubro de 1929) debateu pontos referentes à ciência de Galton e reafirmou-se a necessidade de uma lei sobre o exame médico pré-nupcial.

³²³ Kehl, Renato. “*Hereditariedade e inteligência*” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 6-7, Junho-Julho, 1929, p. 8.

Trabalhos e artigos referentes à eugenia surgiram sendo interpretados como um interesse crescente por assuntos relacionados ao melhoramento da nacionalidade³²⁴.

Uma preocupação constantemente presente nas discussões eugênicas era a natalidade nas diversas classes sociais porque era uma constatação que as classes em que se encontravam indivíduos aptos, as taxas de natalidade eram baixas ao contrário do que ocorria nas esferas mais baixas da sociedade. A preocupação com o crescimento da população de inaptos e a diminuição das classes média e superior foi expressa por Renato Kehl num artigo em dezembro de 1929³²⁵:

“(...) Em toda parte e em todos os tempos existe uma minoria selecionada amparando uma grande plêiade improdutiva e atrasada. No Brasil, é difícil calcular a porcentagem correspondente a um e a outro lado, podendo-se, entretanto, admitir que cada brasileiro útil carrega com o peso morto de vinte ou mais parasitas, tendo em conta a nossa produção econômica comparada com a de Cuba, por exemplo, que com pouco mais de três milhões de habitantes exporta algumas vezes mais do que o Brasil que conta cerca de 40 milhões de indivíduos!”³²⁶.

Renato Kehl prosseguia em seu artigo defendendo a restrição à natalidade dos inaptos argumentando que de três camadas sociais existentes no Brasil, havia uma muito leve (de brancos); uma leve (tipos médios) e a última camada, composta por uma massa de inferiorizados que deveriam ser impedidos de procriar. A classe pobre deveria ser informada sobre a necessidade de restringir a natalidade. Para exemplificar práticas de limitação da natalidade, referiu-se a países como o Japão (a propaganda era facultada

³²⁴ Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 11, Novembro, 1929, p.1

³²⁵ Kehl, Renato. “Limitação da natalidade” In Boletim de Eugenia, Vol 1, nº 12, Dezembro, 1929, pp. 1-2

³²⁶.Idem, p. 1.

para combater o excesso de natalidade) e a Alemanha (a propaganda para limitação de natalidade era realizada num contexto de dois milhões de desocupados e prescrições de medidas anticoncepcionais também eram feitas). Na América do Norte, a propaganda da limitação da natalidade refere-se às vantagens de um povo de boa qualidade física e moral em detrimento de uma massa mal selecionada. A adoção de medidas anticoncepcionais e esterilização de tarados e criminosos eram admitidas pelos eugenistas americanos que lutavam contra a má procriação; 23 estados americanos adotaram a esterilização com fins eugênicos dos considerados fracos de espírito, alienados, epiléticos, ébrios, criminosos e doentes portadores de males transmissíveis por herança. Referindo-se a corrente imigratória que chegava ao Brasil (italianos, portugueses, alemães e espanhóis), Renato Kehl afirmava mais uma vez que a miscigenação destes imigrantes com a população brasileira promoveria a melhoria das condições da nacionalidade brasileira. A frase que encerra o artigo resume sua idéia: “Precisamos de gente – mas gente boa, eugenicamente boa”³²⁷.

Um artigo intitulado “Inquérito eugênico” apresentou inicialmente a afirmação de que a eugenia, quando aplicada, constituía-se na higiene da raça. Em função disto era muito importante identificar os fatores sociais que favoreciam a procriação dos bem dotados e promover práticas que eliminassem progressivamente a eliminação dos inaptos. A preocupação dos eugenistas era conferir à hereditariedade um significado valoroso que despertasse no público a importância da higiene da raça com a defesa das proles mantendo a saúde e o vigor para os descendentes. Entre os meios utilizados pelo eugenista, observações de qualidades físicas e mentais eram realizadas e classificadas para a determinação dos fatores hereditários. Renato Kehl admitia que uma prática como esta precisava de contribuições como higiene e assistência social sempre com um foco na aplicação das práticas eugênicas e do compromisso da coletividade com as referidas práticas. Autor procurou demonstrar que o método eugênico possibilitava evidenciar índices de hereditariedade, identificação dos bem dotados e dos tarados; o método eugênico previa que o desenvolvimento de uma criança dependia de três condições: hereditariedade (a importância do casamento e da escolha do cônjuge determina o sucesso deste mecanismo), da saúde dos pais no momento da concepção (considerava-se que desta forma bons caracteres seriam transmitidos) e a saúde da mãe

³²⁷ Idem, p. 2.

durante a gestação (preservação do bebê além de evitar características adquiridas durante a gravidez).

O método eugênico também investigava e identificava as famílias consideradas perigosas por suas taras procurando controlar sua capacidade de procriação e perpetuação. A formação de um corpo de investigadores capazes de identificar as famílias deveria ser uma prioridade porque seriam os responsáveis por identificar famílias bem-dotadas e as taradas:

“O investigador eugênico não pode descuidar-se de nenhuma fonte de informações: autoridades civis e religiosas, escolas, asilos, prisões e hospitais. A redação da lista das pessoas perigosas pelas suas taras ou notáveis pelas suas qualidades constitui o ponto de partida do inquérito. O trabalho consistirá, por fim, na visita a cada habitante inscrito nessa lista, na averiguação de seus parentes diretos, de seus colaterais, de seus descendentes, etc. Como remate, organizar-se-ão fichas dos descendentes em que se anotarão os seus caracteres físicos, as suas medidas antropométricas, os dados sobre os seus caracteres mentais por meio de testes e as suas filiações hereditárias”³²⁸.

O artigo termina esclarecendo a parte de organização e arquivamento das fichas preenchidas com os dados dos indivíduos das famílias; uma classificação seria feita e agrupariam-se de acordo com a classificação dada à família, profissões, categorias sociais e elementos étnicos aproveitando alguns dados para métodos biométricos³²⁹ que determinariam graus de variação e semelhança das camadas e de sua descendência. Para exemplificar a proposta, foi apresentado um inquérito realizado nos Estados Unidos (Long Island) pelo Dr. Rosanoff e subsidiado pela Fundação Rockefeller. Com duração

³²⁸ “Inquérito eugênico” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 13, Janeiro, 1930, p. 3

³²⁹ Na biometria, as características físicas são identificadas, classificadas e agrupadas depreendendo destas análises, diferenças, semelhanças, fraquezas, riquezas e principalmente, definir que características eram consideradas apropriadas para a melhor composição da população brasileira.

de 4 meses, o inquérito, numa população de 10.000 habitantes, identificou 1.592 débeis mentais que eram troncos de famílias em que se observava atrasos mentais; de fato, havia 600 atrasados entre os 2.732 colaterais. Como fonte, o “Office Belge d’Eugénique” onde escreveram os Drs. A. Govaerts e W. Schaenen³³⁰.

Este artigo mostra o quanto Renato Kehl procurava distinguir os caracteres transmissíveis dos caracteres herdados; contudo, na descrição das possíveis heranças, alguns fatores não se configuravam como genéticos segundo nosso conhecimento atualmente. Em meu entendimento, ainda não havia subsídios suficientes nas pesquisas realizadas pela ciência mendeliana que determinassem, àquele contexto, os caracteres passíveis de transmissão genética. Seu interesse, contudo, permanecia num artigo procurava discutir de que forma caracteres mórbidos não observados em descendentes apareciam numa geração. Ainda que o artigo procurasse descrever o mecanismo da hereditariedade mórbida, Renato Kehl privilegiou a crítica à ineficácia da influência do ambiente sobre caracteres genéticos:

"Sabe-se que as influências do meio (nurture) têm ação indubitável tanto para auxiliar como para entravar e mesmo orientar o desenvolvimento de certas anomalias como dos caracteres normais de família. Sabe-se, também, que as influências do meio são, não obstante, incapazes de criar uma anomalia ou novos caracteres familiares fixos, isto é, transmissíveis através de gerações”³³¹.

Renato Kehl encerra seu artigo afirmando que era possível intervir na criação de gerações seguindo princípios eugênicos de forma racional e objetiva:

“Assim como teoricamente se podem criar anormais, podem-se criar normais – normais

³³⁰ “Inquérito eugênico” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 13, Janeiro, 1930, p. 3

³³¹ Idem, “Qual o mecanismo da hereditariedade normal e mórbida?” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 16, Abril, 1930, pp.2-3

superiores ou pelo menos – normais com determinado caráter elevado. A zootecnia criando pombos-correio e cavalos de corrida; a agricultura criando espécimes estupendos de vegetais belos e úteis, aí estão para reforçar o que afirmamos. Convenhamos, entretanto, que será mais consciencioso evitar pelas leis e regras da eugenia, o aparecimento de bastardos morais e de degenerados físicos deixando ao acaso o Fiat dos gênios que de tempo em tempo vem enriquecer a humanidade com a sua genialidade. Subordinemo-nos, pois, às leis naturais auxiliando-as a bem dos nossos semelhantes – segundo os ditames da ciência de Galton”³³².

O meio ambiente foi bem delimitado como um solo que proporcionava um melhor desenvolvimento das sementes se possuísse boas condições; caso contrário, atrapalharia ou inviabilizaria o florescer das sementes. Em nenhum momento, contudo, as condições do solo poderiam interferir no conteúdo da semente. O eugenismo era responsável por assegurar, com suas práticas, a conservação do solo e a manutenção de boas condições que proporcionassem o desenvolvimento das características presentes nas sementes. Mesmo que as condições ambientais fossem favoráveis, o importante eram os caracteres presentes na semente que originaria uma nova geração; para isto, ações efetivas de aprimoramento genético deveriam ser desenvolvidas.

Utilizando-se da frase bíblica “crescei e multiplicai-vos”, Renato Kehl destaca em um artigo³³³, a necessidade de avaliar quem estava se multiplicando e cita o exemplo dos malefícios de um casamento consanguíneo. Mais uma vez, expressou sua crítica às práticas de assistência e afirmava que os propósitos eugênicos eram mais efetivos:

"Não é por meio de estacas, por meio de podas e de

³³² Idem, p. 3.

³³³ Idem, “Crescei e Multiplicai-vos” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 18, Junho, 1930, pp. 1-2.

simples artifícios deste gênero que se obtém belos espécimes de árvores frutíferas e ornamentais – mas sim pela seleção das sementes, pelos enxertos convenientemente feitos, pelo trato da terra e proteção da planta. Não é por simples meios legais e educativos e nem sempre por processos corretivos que se obtém tipos fortes, belos e moralizados de homem – mas sim, pelos frutos de uniões matrimoniais entre indivíduos sadios portadores, portanto, de sementes eugenizadas e em seguida pela proteção pré-natal dos mesmos (...) As bases do melhoramento dos homens não se assentam em leis nem em medidas de ordem paliativa, mas no terreno sólido da hereditariedade”³³⁴.

Outro editorial sem autoria trazia o sugestivo título “Não basta gritar: viva o Brasil!”, que reforçava mais uma vez a necessidade da constituição de uma instituição que pudesse reunir os eugenistas brasileiros (a idéia seria a criação do Instituto Brasileiro de Eugenia) e definia como dever nacional a preservação da saúde da população:

“É preciso ser bom brasileiro auxiliando por todos os modos o melhoramento físico, psíquico e moral dos nossos patrícios. É preciso ser também um bom cidadão zelando eugenicamente pelo futuro das gerações que povoarão o Brasil de amanhã. Eis porque devemos todos estudar, pregar e praticar as leis ditadas pela eugenia”³³⁵

Ainda no número em que um edital convoca a população a contribuir como cidadãos em prol da nação, um inquérito sobre educação sexual da infância e da mocidade foi lançado para que os leitores respondessem à algumas perguntas e enviassem suas respostas para Renato Kehl assinadas ou com pseudônimo. A seguir, as perguntas:

³³⁴ Idem, p. 2.

³³⁵ Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 19, Julho, 1930, p. 1

1º) Conhece livros sobre educação sexual que possam ser indicados às mães e aos professores? Quais?

2º) Será mais conveniente que as mães tratem da educação sexual das crianças de acordo com as perguntas curiosas e inocentes que elas fazem sobre o assunto ou deixar aos mestres a incumbência de ensinar-lhes de um modo didático?

3º) No caso dessas incumbências caberem às mães, poderá V. S. dar um esquema ou exemplo do modo de proceder essa educação?

4º) Na escola, depois de que idade devem os professores iniciar o ensino das questões de reprodução vegetal, animal e humana?

5º) De que forma? (Conferências, projeções luminosas, apresentação de imagens, visitas aos museus, leitura)?

6º) Deverá este ensino ser ministrado aos meninos e às meninas separados ou conjuntamente?

7º) A quem confiar o ensino? Ao professor, a professora ou ao médico inspetor escolar?

8º) Deve a educação sexual fazer parte obrigatória do programa de ensino aos professores (ensino normal)?

A idéia do inquérito relacionava-se com a certeza de que a educação sexual era importante para a orientação dos jovens, mas opiniões seriam pedidas aos leitores para investigarem e discutirem a melhor forma de realizar esta educação³³⁶.

O combate aos venenos raciais era um objetivo muito importante sob o ponto de vista de um artigo publicado no Boletim de Eugenia sem autoria. Entre os venenos, estavam as doenças (em especial as venéreas) e o alcoolismo. O Estado possuía uma grande responsabilidade na realização de ações que impedissem a disseminação das doenças nacionais e raciais; o exame pré-nupcial era uma prática muito acessível e eficiente por desaconselhar cruzamentos que pudessem originar proles degeneradas. Outra prática mencionada era a criação de um registro biológico em que dados sobre as qualidades transmissíveis seriam registrados e conferidos às famílias que as apresentassem. Enquanto estas medidas representavam um projeto, o controle da imigração e até

³³⁶ Idem, p. 4.

mesmo o expatriamento eram apresentados como medidas de controle biológico da população brasileira. A nota é concluída com uma crítica ao pouco comprometimento dos homens do Estado às questões eugênicas³³⁷.

Um artigo de Renato Kehl trazia alguns questionamentos à teoria de Mendel e seu mecanismo de hereditariedade enfocando a variabilidade das gerações. Como base, transcreve em francês o resumo e as conclusões sobre o mesmo assunto realizados pelo Dr. Pizza³³⁸. No mesmo número, Renato Kehl publica um artigo em inglês justificando esta ação em função da circulação do Boletim de Eugenia no estrangeiro “(...) e para que se faça nos países de língua inglesa melhor juízo do nosso clima...”³³⁹.

Um outro editorial sem autoria foi publicado tendo como assunto principal o inquérito sobre educação sexual sugerido em número anterior aos leitores para colaborações. O artigo apresentava um tom de esclarecimento afirmando que não se confirmava a impressão de que o Boletim de Eugenia havia tratado de seara alheia. Referindo-se à eugenia preventiva, o artigo enfatizava que encerrava todas as iniciativas de preservar a espécie humana do abastardamento físico e da corrupção moral abrangendo o que definia-se como eugenismo confundindo-se com a higiene. A educação sexual era um elemento que contribuía muito com a defesa humana porque incutia a consciência na população a respeito da responsabilidade dos indivíduos para com sua família.

Logo após este edital, Renato Kehl publicou um artigo³⁴⁰ em que enaltece a importância da educação sexual apesar de preconceitos e temores da sociedade. O autor afirmava que pedagogos e médicos estimulavam a educação sexual, mas os pais temiam que seus filhos recebessem esse tipo de informação por considerarem que os filhos não compreendiam o assunto. Renato Kehl conclamava pais, médicos e educadores como

³³⁷ “Eugenia profilática da raça: proteção pré-natal eugenia preventiva” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 22, Outubro, 1930, p. 4

³³⁸ Kehl, Renato. “Nova teoria sobre a hereditariedade” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 23, Novembro, 1930, p. 3.

³³⁹ Idem, “Brazil’s Sun” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 23, Novembro, pp. 7-8.

³⁴⁰ Kehl, Renato. “O problema da educação sexual. Importância eugênica da educação sexual: falsa compreensão e falsos preconceitos. Como, quando e por quem ela deve ser ministrada” In Boletim de Eugenia, Vol 2, nº 24, Dezembro, 1930, pp. 1-3.

responsáveis pela efetivação da educação sexual. A importância de estudar e identificar características presentes e transmitidas para descendentes em cada família era uma forma de permitir aos aptos que se reproduzissem e identificar aqueles indivíduos que deveriam receber assistência embora deveriam ser conscientizados, em contrapartida, a não permitirem que seus vícios e doenças fossem perpetuados.

Renato Kehl começa seu artigo³⁴¹ afirmando que “Ninguém pode jamais renegar seus antepassados”. O autor declarava sua esperança em que a reprodução humana tornar-se-ia um assunto diretamente relacionado com os propósitos eugênicos e o combate à degeneração passando a ser um processo orientado por interesses da espécie humana. Em outras palavras, Renato Kehl reafirma que a escolha dos cônjuges e a firmeza na proibição da procriação dos inaptos eram decisões fundamentais para o aprimoramento contínuo das gerações sendo superior a qualquer interesse individual retomando seu discurso de que a preservação da saúde da população e a garantia da transmissão de caracteres sadios eram um dever nacional de todos os cidadãos.

Outro ponto foi ressaltado pelo autor neste artigo; citando Davenport, o diretor do Eugenics Record Office, Renato Kehl relatava que o pesquisador americano investigou o grau de influência dos fatores genéticos (hereditários) e dos mesológicos. A partir do estudo de milhares de indivíduos, Davenport procurou identificar que variações eram resultado de influências hereditárias e quais resultavam de fatores como alimentação, hábitos e costumes³⁴². Recorrendo aos dados levantados por Davenport, Renato Kehl registrava que em artigo já publicado no Boletim de Eugenia afirmou-se a dominância da hereditariedade e as limitações da alimentação e dos hábitos na influência sobre a constituição dos indivíduos na perspectiva da reprodução e do mecanismo da hereditariedade. O autor afirmava ainda que cada indivíduo tem sua constituição determinada por fatores inatos anulando qualquer esforço para modificá-los. Renato Kehl encerrou seu artigo afirmando que cada indivíduo apresentava, “(...) em definitivo, o prêmio mendeliano que nos coube por sorte jogado por nossos pais”³⁴³

³⁴¹ Idem, “*Tal Pai Tal Filho? Filhos de gordos e filhos de magros*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 26, Fevereiro, 1931, pp. 2-4.

³⁴² Idem, p. 2.

³⁴³ Idem, p. 4.

Em um editorial³⁴⁴ sem autoria, houve o anúncio de uma realização há muito solicitada e constantemente presente nos artigos de Renato Kehl no Boletim de Eugenia: a constituição de uma entidade científica com o fim de intensificar o estudo e a propaganda da eugenia no Brasil. A grande novidade apontada no texto era o fato de que a organização seria permanente tornando-se um centro de irradiação de ideais e ensinamentos práticos como existia em todos os países considerados civilizados. O artigo referia-se a criação da Comissão Central Brasileira de Eugenia que pretendia garantir uma vida produtiva e duradoura relacionando-se diretamente com os interesses nacionais. A nova instituição era uma agremiação cujo número de membros era limitado a 10 elementos³⁴⁵ que propunham-se a “a) manter no país o interesse pelo estudo das questões de hereditariedade e eugenia; b) propugnar pela difusão dos ideais de regeneração física, psíquica e moral do homem; c) prestigiar ou mesmo auxiliar os empreendimentos científicos ou humanitários de caráter eugênico e dignos de apreço”³⁴⁶.

A forma de funcionamento da Comissão consistiria em não realizar reuniões periódicas e sim remeter a todos os membros as consultas recebidas que seriam estudadas e respondidas cabendo ao presidente comunicar a opinião da maioria dos membros que responderem a consulta. Ainda segundo o editorial, a Comissão seria incorporada à Federação Internacional das Associações Eugênicas sediada em Londres para que houvesse estudo, propaganda da eugenia e colaboração em projetos governamentais cujo interesse fosse eugênico ou até mesmo para os assuntos para-eugênicos (imigração, povoamento, saneamento, educação sexual, controle pré-nupcial e fundação de laboratórios para estudos eugênicos)³⁴⁷. Nos estatutos, destacam-se alguns artigos: o 2º

³⁴⁴ Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 27, Março, 1931, pp. 1-2

³⁴⁵ Renato Kehl (Presidente), E. Penna Kehl (Secretário), Belisário Penna (Diretor geral do Departamento Nacional de Saúde Pública), Gustavo Lessa (Assistente do Departamento Nacional de saúde Pública), Ernani Lopes (Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental), Porto Carrero (Professor de Medicina Pública da Universidade do Rio de Janeiro), Cunha Lopes (Assistência Nacional de Alienados), S. de Toledo Piza Jr. (Professor de Zoologia da Escola Agrícola Superior de Piracicaba), Octávio Domingues (Professor de Genética e Zootecnia da Escola Agrícola Superior de Piracicaba), Achilles Lisboa (Higienista e Eugenista), Phco Caetano Coutinho (Inspetor de Farmácia do Departamento Nacional de Saúde Pública).

³⁴⁶ Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 27, Março, 1931, p. 1.

³⁴⁷ Ibidem.

deixa claro que opiniões individuais de seus membros não serão responsabilidade da Comissão a não ser o que for assinado por mais da metade dos membros; no 3º, após a resposta dos componentes da Comissão à consulta, o Presidente reenvia aos membros a conclusão e estes assinam corroborando ou não. Toda correspondência destinada à Comissão deveria ser dirigida a Renato Kehl.

Logo após o editorial que anunciou a fundação da Comissão Central Brasileira de Eugenia, uma entrevista concedida por Renato Kehl ao Jornal do Brasil foi publicada no Boletim de Eugenia³⁴⁸. No artigo Renato Kehl expressou a sua grande preocupação em organizar um centro irradiador de estudo e propaganda da eugenia de forma convergente admitindo que até então, era desconexa. Apesar disto, as reuniões periódicas seriam dispensadas por compreender que discussões cujo conteúdo despertasse paixões eram improdutivas em coletividade. A consulta, em que cada questão era encaminhada aos membros e quando devolvidas, seriam apuradas pelo presidente, apresentava-se como uma solução viável para as deliberações.

O trecho da reportagem concedida por Renato Kehl em que expressava seu desejo de criar uma instituição em que os interessados pelas questões eugênicas pudessem reunir-se e estudar confirmava sua reivindicação. Por outro lado, mostrou uma opinião curiosa sobre as influências da paixão nas discussões científicas. Estaria Renato Kehl afirmando que o orgulho e a vaidade de alguns intelectuais impedia a prática eugênica e a propagação de seus propósitos? Renato Kehl parecia expressar a convicção de que o exercício científico constituía-se num longo processo que exigia dedicação. Contudo, muitos fatores poderiam favorecer ou não a propagação da eugenia. Nesta reportagem, encerra registrando a perspectiva da campanha eugênica no Brasil dali em diante:

“A Comissão poderá prestar, silenciosamente, sem discursos – nem banquetes bons serviços a nossa pátria e a nossa gente. Ela não ignora que os frutos nem sempre aparecerão com a presteza desejada. Propagar a eugenia em muitos sentidos, mal

³⁴⁸ Kehl, Renato. “Por que se fundou a C.C.B.E.” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 27, Março, 1931, p. 2.

comparando, equivale a plantar o coco babaçu – que normalmente leva um século para dar frutos. Esperemos que para a solução de muitos dos problemas da eugenia não seja necessário tão dilatado espaço de tempo”³⁴⁹.

A mediocridade foi assunto de um artigo em que Renato Kehl afirmava que a tecnologia e o desenvolvimento haviam tirado os medíocres da marginalidade e proporcionado o seu aumento. Valendo-se de outros países, o autor confirmava o aumento de tal população que tinha adicionado a seu quadro, indivíduos aptos, mas desfavorecidos economicamente que eram jogados à marginalidade. Além disto, Renato Kehl mostrava-se muito preocupado porque os medíocres reproduziam-se com maior rapidez e em maior quantidade do que os indivíduos aptos. A preocupação com este crescimento era relacionada com um contexto político liberal que, para Renato Kehl, nivelava os indivíduos e diluía a influência e o poder das elites³⁵⁰.

A Comissão Central Brasileira de Eugenia publicou um inquérito no Boletim de Eugenia³⁵¹ cujo objetivo era obter a opinião de estudiosos dedicados à sociologia, educação, antropologia, higiene e eugenia para apreciação. As perguntas eram as seguintes:

1. Como julga V.S. o povo brasileiro do ponto de vista físico, mental e moral encarando-o em cada uma das 3 classes: a elite, a média e a proletariada?
2. Quais as suas qualidades e defeitos mais acentuados?
3. A que se pode atribuir os estigmas mais comuns de degeneração observados no povo brasileiro?
4. Quais as medidas aconselháveis para melhorar eugenicamente a nossa condição racial?

Ainda neste número do Boletim de Eugenia, alguns artigos foram publicados em inglês

³⁴⁹ Ibidem.

³⁵⁰ Kehl, Renato. “A vitória da mediocridade” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, pp. 1-2.

³⁵¹ “Campanha da eugenia no Brasil: um interessante inquérito” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 2.

reproduzindo textos já publicados em português em outros números do periódico. Um artigo descreve um breve histórico do movimento eugênico brasileiro tendo como o contato inicial com a ciência galtoniana ter assistido o 1º Congresso Internacional de Eugenia realizado em 1912 em Londres e encerrando com a menção a publicação do Boletim de Eugenia, com 27 edições publicadas e distribuição gratuita no Brasil e para eugenistas de outros países³⁵².

Em outro artigo havia uma análise de uma série de iniciativas para propagar os propósitos eugênicos³⁵³. Outros textos em inglês reproduziam artigos já publicados em português no Boletim de Eugenia: “Brazilian Institute of Eugenics”³⁵⁴, “A New Scientific Association Organized: Brazil Central Committee of Eugenics”³⁵⁵ e “Brazilian Central Committee for the Study and Propaganda of Eugenics”³⁵⁶.

Preocupado com a necessidade de educar as crianças desde cedo quanto aos propósitos eugênicos, Renato Kehl afirmava que a consciência eugênica deveria ser incentivada. O artigo³⁵⁷ publicado em Junho de 1931 trazia uma sugestão de programa didático a ser ensinado para os alunos da escola secundária. Ao justificar sua preocupação, Renato Kehl, contudo, expressou com clareza a distinção entre os papéis da eugenia e da higiene:

“A higiene, como disse em um dos meus livros “A Bíblia da saúde” constitui a arte de conservar a saúde e “sendo verdadeira a sabedoria antiga que diz representar esta o primeiro dos bens, ipso facto, deve a higiene ser considerada a primeira das

³⁵² Kehl, Renato. “The first eugenics movements in Brazil” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 5.

³⁵³ “Eugenics in Brazil” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 6.

³⁵⁴ “Brazilian Institute of Eugenics” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 6.

³⁵⁵ “A New Scientific Association Organized: Brazil Central Committee of Eugenics” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 6.

³⁵⁶ “Brazilian Central Committee for the Study and Propaganda of Eugenics”. In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 28, Abril, 1931, p. 7.

³⁵⁷ Kehl, Renato. “O ensino da eugenia nas escolas secundárias” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 30, Junho, 1931, p. 5.

artes”. A eugenia, por sua vez, criada por Francis Galton constitui verdadeira ciência-religião: harmoniza e concretiza idéias e intuítos regeneradores esforçando-se para a formação de caracteres ótimos transmissíveis por herança e concorrendo ao mesmo tempo para a eliminação das taras e degenerações. Ela visa, pois, a elevação física e moral dos homens de modo a que se constituam e se multipliquem os elementos de paz na família, na sociedade e na humanidade”.

Ainda no mesmo artigo, Renato Kehl utiliza-se de uma frase que atribuiu à Galton: “O que a natureza realiza às cegas e impiedosamente, deve o homem fazer precavida, rápida e suavemente”. A natureza era impiedosa e cega porque costumava poupar aqueles que melhor se adaptavam às condições de vida e eliminava os menos aptos. A eugenia permitia a identificação dos aptos promovendo a procriação e permitindo que os caracteres eugênicos fossem transmitidos para as gerações seguintes. Aos inaptos, a eugenia garantia a sobrevivência e promovia, inclusive, sua melhoria dentro das possibilidades, embora fossem impedidos de transmitir seus caracteres disgênicos para a sua descendência. Renato Kehl, em sua conclusão, referia-se mais uma vez às dificuldades que podiam ser encontradas por aqueles que acreditavam na eficácia da eugenia para o aprimoramento dos indivíduos no Brasil:

“(…) para atingir tal escopo, bem o sei, são necessários muitos esforços, muitos sacrifícios, a marcha far-se-á lenta mas firme através de mil empecilhos, mil estorvos, mil preconceitos como que desbastando uma enorme floresta cujos troncos são representados pela ignorância, pela rotina, pela obstinação, pelo desalento, pela descrença e falta de altruísmo...”

Renato Kehl escreveu um artigo³⁵⁸ em que falava sobre o meio de promover a melhoria das propriedades genotípicas da coletividade: a seleção matrimonial. A educação poderia auxiliar os indivíduos a promoverem a escolha de cônjuges aptos eugenicamente; contudo, o autor destacou que a educação em si não era suficiente porque em muitas situações ela motivava indivíduos inaptos principalmente quando aliada às práticas de higiene. Para resolver o problema da liberdade de procriação dos inaptos, era preciso estabelecer a proibição matrimonial para inaptos ou até mesmo usar a esterilização porque são práticas que ao contrário da educação e da higiene vão diminuir anomalias, vícios e crimes. O processo de seleção matrimonial se fortaleceria com o incentivo da paternidade digna, ou seja, era preciso incentivar a procriação dos indivíduos sãos. Criticando a sociedade, Renato Kehl afirmava que a degeneração avançava a passos largos enquanto a coletividade era prejudicada pela demora em realizarem a seleção da semente germinal em detrimento de ações educativas.

Ainda criticando a prevalência do sanear sobre o eugenizar, Renato Kehl publicou um artigo³⁵⁹ em que afirmava que enquanto a sociedade empenhava esforços para proteger medíocres, débeis e degenerados com as ações de eugenismo, descuidavam-se dos indivíduos aptos que não possuíam condições favoráveis para desenvolverem-se e prestarem seu dever para com a coletividade mantendo e transmitindo para seus ascendentes suas características eugênicas. A filantropia limitava-se a prestar assistência aos doentes e degenerados criando hospitais, asilos e dispensários, mas os indivíduos aptos desfavorecidos socialmente apresentavam dificuldade para constituir família e perpetuar suas boas qualidades. O autor, para marcar sua discordância com a filantropia dedicada aos inaptos afirma que “a filantropia, mal orientada, é um fato de viciação, de inteligência, de degradação social”. Promover boas condições aos inaptos provocava uma desigualdade de condições sociais deixando-os em vantagem na relação direta com as condições dos indivíduos aptos que não constituíam-se na clientela destas práticas. A sociedade estava contribuindo para sua própria decadência incentivando inaptos a perpetuarem suas deficiências. Renato Kehl elaborou um desenho do contexto social que vislumbrava:

³⁵⁸ Kehl, Renato. “*Só há um caminho...*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 31, Julho, 1931, p. 1.

³⁵⁹ Kehl, Renato. “*Os erros da filantropia: filantropia contra-seletiva*” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 32, Agosto, 1931, p. 1.

“Pode-se calcular que cada homem válido arca com o peso morto de quatro indigentes tal a sua contribuição pessoal, direta ou indireta por meio de impostos e de outros recursos que sustentam esses elementos inúteis ou quase inúteis. Impõe-se, pois, à sociedade, o dever de orientar melhor a sua filantropia a fim de não agravar a mediocrinização do gênero humano. Cabe-lhe dedicar mais atenção aos filhos sadios de pais empobrecidos, amparando-os, educando-os e favorecendo-os na luta pela existência bem como aos jovens animosos, mas desamparados que desejam estudar ou aperfeiçoar-se numa profissão que lhes faculte constituir um lar próspero e feliz. Os medíocres infelizmente são muito mais prolíficos do que os normais superiores”³⁶⁰.

Renato Kehl ao terminar seu artigo, defendeu a idéia de que mesmo a filantropia deveria ser seletiva; no momento, funcionando como um mecanismo de contra-seleção, a idéia de que o aprimoramento dos indivíduos estava sendo promovido, era um equívoco.

Renato Kehl³⁶¹ afirmou num artigo que a preocupação de estudiosos e governos era o crescimento da miséria fiscal, psíquica e moral evidenciando-se a necessidade de uma solução para manter os incapazes que dificultam e oneram os indivíduos sãos e produtivos da sociedade. Medidas como construção de colônias e albergues para mendigos, penitenciárias e prisões para os criminosos e manicômios e hospitais para loucos e degenerados prejudicavam a administração dos incapazes que era ainda mais prejudicada pelas ações da higiene social, da medicina e da filantropia porque impediam que a seleção natural ocorresse plenamente aumentando o peso morto que a sociedade

³⁶⁰ Ibidem.

³⁶¹ Kehl, Renato. “A campanha da eugenia no Brasil” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 33, Setembro, 1931, pp. 1-2.

deveria carregar.

O autor usa duas frases de Pittard, catedrático de antropologia da Universidade de Genebra: “O ideal eugênico afeta os interesses mais elevados dos indivíduos e das nações”³⁶². A outra citação do referido catedrático foi usada para demonstrar o quanto as ações eugênicas eram eficazes, embora específicas não oferecendo possibilidade de ser confundida com práticas contra-seletivas:

“(...) por uma má interpretação do que devia ser uma seleção eficiente, a sociedade faz esforços consideráveis de toda sorte para conservar os tipos inferiores. Nunca foram tão numerosos como hoje os auxílios sentimentais e econômicos que se prestam às enfermidades físicas e sociais. Os próprios Estados esforçam-se, aumentando as cargas contributivas para fazer viver e triunfar (graças à sua ativa reprodução) os degenerados físicos, psíquicos e os criminosos”³⁶³.

Renato Kehl continuou em seu artigo expondo o mal da filantropia e das ações de saneamento antes da efetiva ação da eugeniização. O autor procurou marcar que as prioridades daqueles que se empenhavam em ações de aprimoramento dos indivíduos estavam equivocadas e provocavam o efeito contrário do que se esperava, ou seja, o panorama social não aumenta em qualidade e sim em quantidade com a predominância de degenerados, inúteis aos propósitos da coletividade em prol do progresso:

“(...) Em toda parte são criadas e prosperam as associações destinadas à conservação destes resíduos humanos. Onde existem, porém (à exceção dos institutos científicos que carecem ainda do valor social que lhes corresponda) sociedades para

³⁶² Idem, p. 1.

³⁶³ Ibidem.

proteger e alentar os elementos mais úteis à humanidade? Muitos, dentre os fortes, os sadios, os inteligentes, os honrados, dentre os que estão por si e por sua descendência mais capacitados para realizar progressos não encontram qualquer apoio útil devido aos erros sociais que via de regra, os sacrifica à humanidade degenerada”³⁶⁴.

Este contexto do aumento do número de inaptos e degenerados na sociedade justificava, segundo Renato Kehl, a atitude dos eugenistas em prol dos aptos e o combate a ações humanitárias que impedissem a ação da seleção natural. Uma campanha mundial em prol dos sadios deveria ser deflagrada para que fosse possível propor leis de preservação social e medidas que atenuassem os efeitos das práticas humanitárias. Temendo, contudo, uma má compreensão de seus propósitos, Renato Kehl procura esclarecer os objetivos eugênicos desvinculando-os de qualquer conotação desumana ou nazista :

“(...) Os eugenistas não pretendem, como pode pensar muita gente, perseguir os fracos, os degenerados com medidas incompatíveis com os nobres sentimentos de humanidade ou abandoná-los impiedosamente. O fim da eugenia é exatamente guiar “os bons intuitos”, as nobres instituições de caridade, de modo a que não concorram para o prejuízo coletivo.”³⁶⁵

Renato Kehl ponderava, em sua última parte do artigo, que a necessidade das nações possuírem um grande número de indivíduos extinguiu-se com o fim da guerra. Desde então, a qualidade dos indivíduos deveria ser a preocupação central dos Estados. Esta preocupação estava relacionada com os propósitos eugênicos, uma vez que, para a melhoria contínua destes indivíduos, era preciso promover o controle dos caracteres a serem transmitidos para os descendentes. No Brasil, a situação era preocupante e

³⁶⁴ Ibidem.

³⁶⁵ Ibidem.

merecia a atenção das autoridades e da sociedade:

“(...) No Brasil há muito que ponderar eugenicamente a bem do futuro da nacionalidade. País de intensa mestiçagem e imigração, ambas processadas a “la diable”, encontra-se hoje numa confusa situação racial e social, nada brilhante, não obstante a opinião suspeita de alguns panegiristas da nossa policrômica e babélica constituição étnica cuja situação foi posta a nu por Paulo Prado³⁶⁶ para só citar um autor nacional insuspeito. Espero que o nosso meio culto compreenda as louváveis intenções da Comissão Central Brasileira de Eugenia que surge modesta em seus intuitos, concorrendo, também, com o seu valioso auxílio e sobretudo com a sua simpatia para a consecução dos seus elevados propósitos”³⁶⁷.

Renato Kehl insistia em outro artigo³⁶⁸, os malefícios que as ações de assistência aos inaptos em detrimento dos aptos promoviam. Em benefício da sociedade, o autor afirmava que os indivíduos sadios embora desprotegidos socialmente deveriam receber maior atenção para o bem da coletividade. A queda da natalidade entre os aptos era preocupante e agravava-se com a constatação de que os inaptos (definidos como parte residual) aumentavam sua prole com grande intensidade: “Devemos, pois, tudo fazer

³⁶⁶ Em sua publicação de Junho / Julho de 1929, Renato Kehl citou o escritor Paulo Prado. O artigo era “Questões de raça” e o tema principal era o cruzamento das raças. Esta miscigenação estava promovendo o fim das linhagens puras no Brasil (índios e negros) e uma conformação “européia” da população brasileira começava a surgir. Identificando os mestiços como elementos perturbadores do progresso nacional sob o ponto de vista étnico e social, Renato Kehl os descrevia como “elementos feios e fracos, apresentando com freqüência, os vícios de seus ancestrais”. As conseqüências da mestiçagem eram observadas desde os primeiros anos da colonização e, segundo Renato Kehl, tornava o problema racial brasileiro muito complexo, dependendo do tempo para ser solucionado com uma nacionalidade mestiça, embora com predominância do elemento branco. Neste momento, Renato Kehl recorre ao livro “O Retrato do Brasil”, no qual Paulo Prado afirmava ser o mestiço brasileiro, por um lado, inteligente e com valor cultural embora, por outro lado, apresentasse fraquezas físicas e em relação aos vícios. O tempo, para o autor, diria os possíveis efeitos da miscigenação no Brasil. O artigo de Renato Kehl encerrava-se com a expressão de otimismo em relação ao futuro étnico brasileiro porque acreditava na eficácia dos cruzamentos, da seleção natural e da crescente imigração de correntes européias.

³⁶⁷ Idem, p. 2.

³⁶⁸ Kehl, Renato. “Medidas eugênicas” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 34, Outubro, 1931, pp. 7-8.

para facilitar a vitória dos capazes a fim de evitar a progressiva decadência do gênero humano”. Para evitar má interpretação, o autor completava seu raciocínio afirmando que não estava defendendo o abandono dos fracos e degenerados; contudo, voltava a afirmar que a maior parte das ações assistenciais deveria privilegiar os elementos úteis à sociedade: “Os problemas sociais não consistem, pois, apenas em socorrer os degenerados e doentes; mas, sobretudo, em atender os indivíduos capazes, porém deserdados da fortuna”³⁶⁹. Boas estirpes perderam-se porque faltou o auxílio para sua subsistência e Kehl sugere, à luz de legislações estrangeiras para a proteção eugênica da família, medidas que resguardassem o futuro das populações. A sociedade e o Estado eram responsáveis pela conjuntura existente cabendo também a solução para o problema do crescimento descontrolado dos inaptos.

Com o aumento da rede social implantada pelo Estado com o objetivo de prestar assistência aos indivíduos considerados desfavorecidos, Renato Kehl insistia nas conseqüências malélicas desta estratégia do governo brasileiro. Um dos problemas identificados por Renato Kehl e que apresentava grande importância para as ações de melhoramento do gênero humano era o crescimento das classes inferiores em proporções maiores que a classe média principalmente porque o foco das ações assistenciais eram os fracos e desfavorecidos. Em um artigo³⁷⁰, Renato Kehl mostrava números que representavam obstáculos para o melhoramento dos indivíduos; o fato era o retardo do casamento da classe média e a precocidade dos casamentos das classes que definia como inferiores. O autor afirmava que estes não agiam com racionalidade pensando no futuro que poderiam dar aos filhos nem seu papel social; com as melhorias alcançadas pelos benefícios sociais, os indivíduos da classe inferior se motivavam a casar quando apresentavam condições mínimas de alimentação e moradia sem controlar perspectivas para os filhos, caracteres a serem transmitidos e o número de filhos, que podia ser de 3 a 15. O autor ponderava que além dos indivíduos da classe média casarem-se mais tarde, praticavam o “birth control” tendo um número de filhos que consideravam capazes de criar em condições adequadas ao contrário dos indivíduos da classe inferior que se casavam mais cedo e procriavam sem qualquer compromisso com

³⁶⁹ Idem, p. 8.

³⁷⁰ K. R. “Casamentos e natalidade nas classes média e inferior” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 35, Novembro, 1931, p. 1.

a sociedade.

Algumas frases encerravam um dos números do Boletim de Eugenia³⁷¹; em comum, as frases apresentavam como tema a importância de privilegiar a ciência do aprimoramento humano:

*“Se quisermos viver não simplesmente a nossa própria vida, mas a vida altruística de nossa raça, urge guiarmos nossos propósitos não mais por equívoca comodidade de insidiosa ideologia sentimental e sim pelo código admirável da eugenia”*³⁷².

*“Parece que ainda não penetrou em todas as consciências e se torna necessário repetir, a cada hora, que a primeira riqueza de uma nação é o homem, o seu sangue, o seu cérebro, os seus músculos e que ela está fatalmente condenada à decadência quaisquer que sejam os tesouros que encerre, quando o homem que a habita não os merece”*³⁷³.

“A eugenia é o pedestal da religião que tem por escopo a regeneração integral da humanidade. Não

³⁷¹ “Saibam todos...” In Boletim de Eugenia, Vol 3, nº 36, Dezembro, 1931, p. 8.

³⁷² Cunha Lopes era membro da Comissão Central Brasileira e destacava na frase o quanto era preciso que as medidas assistenciais, mesmo que praticadas, não ferissem o compromisso social de promover o aprimoramento dos indivíduos.

³⁷³ Miguel Couto era professor da Academia Nacional de Medicina e defendia a tese de que de nada adianta um bom terreno se as sementes não forem selecionadas; a riqueza que a nação brasileira apresentava não seria bem utilizada se os indivíduos não soubessem como lidar de forma adequada, logo, a eugenia permitiria aos indivíduos sadios, administrar os recursos do país e produzirem os elementos necessários para o progresso e o desenvolvimento nacional.

visa perseguir fracos, doentes nem degenerados. Ao contrário: ela quer evitar o aparecimento desses infelizes que nascem para morrer, para sofrer e para sobrecarregar a parte produtiva da coletividade. Constitui a verdadeira ciência da felicidade porque se esforça pela elevação moral e física do homem a fim de dotá-lo de qualidades ótimas, de fornecer-lhe elementos de paz na família, na sociedade, na humanidade”³⁷⁴.

“O credo dos eugenistas é um credo viril, cheio de esperanças que apela para os sentimentos mais nobres da nossa natureza”³⁷⁵.

No artigo, Renato Kehl³⁷⁶ escreveu como Presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia. Inicialmente, colocou que diante das circunstâncias, uma organização social só seria alcançada se a prioridade fosse reduzir o que definia como resíduos humanos (inaptos, degenerados e criminosos). Naquele momento uma grande massa de aptos não seria a solução se a reprodução dos inaptos não fosse interrompida. Destacando os americanos, mas referindo-se aos eugenistas de todo o mundo, Renato Kehl sugere a adoção de mais uma medida: a segregação. Como vantagem, a segregação preservava a sociedade do contato com os indivíduos considerados nocivos ao contrário dos medíocres e menos perigosos que receberiam a assistência necessária para viverem em sociedade embora sem qualquer possibilidade de procriação.

Exemplificando como esta prática era realizada, Renato Kehl informava que todos os

³⁷⁴ O Presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia destacava que a eugenia era uma ciência e não promoveria a eliminação de nenhum indivíduo e sim impedir que se reproduzissem evitando que seus vícios e degenerações se perpetuassem. O objetivo da ciência galtoniana era o aprimoramento constante da população precisando para isto, que os indivíduos considerados inaptos não fossem maioria na sociedade.

³⁷⁵ O fundador da Eugenia, Francis Galton, expressava o otimismo de sua ciência assim como a certeza de que realizaria suas ações com nobreza e seguindo sentimentos nobres da natureza humana.

³⁷⁶ “Renato Kehl – Presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia” In Boletim de Eugenia, Vol 4, nº 39, Julho-Setembro, 1932, pp. 54-55.

Estados americanos votaram leis de segregação de atrasados mentais e criminosos em função de inferioridade mental; o internamento era prescrito com separação de sexos e a lei era executada após um julgamento em que uma comissão médica encarregada de promover o exame mental do indivíduo se pronunciava. Já na Inglaterra, a segregação era aceita com naturalidade por eugenistas considerados moderados e segundo o autor, promovia-se o internamento dos indesejáveis para impedir reprodução e prejuízo à sociedade (impedimento da reprodução inclusive de mendigos com separação dos sexos; internamento ou vigilância dos débeis mentais que poderiam causar dano a terceiros ou que necessitavam de proteção). O assunto era tratado com tal seriedade que as autoridades escolares deveriam informar às autoridades locais crianças de 7 a 16 anos que pareciam anormais já que a lei permitia internação e proteção a mulheres e jovens que não deveriam procriar³⁷⁷.

Embora tenha citado a prática da segregação, Renato Kehl admitia que sua eficiência relacionava-se com uma boa organização estatal (o que não era o caso do Brasil). Contudo, acreditava que era possível, no Brasil, aplicar medidas com o mesmo fim principalmente no que dizia respeito ao registro de todas as crianças anormais que freqüentavam as escolas para que fossem afastadas do convívio com os normais àqueles que se mostrassem perigosas ou incompatíveis com a vida social, mas conferindo-lhes ensino adequado mesmo no asilamento. Isto restringiria progressivamente a procriação de elementos que causavam perturbação social e degradação da sociedade prevenindo crimes e desgraças que se registravam a todo o momento³⁷⁸.

Renato Kehl insistiu em mais um artigo³⁷⁹ sobre a importância do conhecimento da ciência eugênica. Inicialmente, o autor afirma que o indivíduo que se esforça para manter o organismo vivendo higienicamente não pratica a eugenia. Afirmando que não era possível confundir higiene com eugenia, definia esta como mais exigente do que aquela. Enquanto a higiene objetivava melhorar as condições suscetíveis ao meio (cuidado com o corpo), a eugenia melhorava e corrigia condições hereditárias (cuidado

³⁷⁷ Idem, p. 55.

³⁷⁸ Ibidem.

³⁷⁹ Kehl, Renato "A eugenia na prática individual" In Boletim de Eugenia, Vol 4, nº 40, Outubro-Dezembro, 1932, pp. 80-82.

com as células reprodutoras). Quem cuida do corpo e goza de uma vida saudável tratava-se higienicamente, mas não das gerações futuras. O autor propunha-se a responder à seguinte pergunta: **De que modo então cada pessoa pode praticar a eugenia?**

O primeiro cuidado apontado pelo autor era evitar qualquer causa maléfica que atue sobre o plasma germinal evitando assim que as sementes reprodutoras se deteriorassem. Ilustrando as causas Renato Kehl falava de doenças cuja evolução era crônica e também referiu-se aos tóxicos euforísticos (álcool, tabaco, cocaína). Este poderia ser um exemplo da confusão teórica que Nancy Stepan afirmava estar presente no discurso de Renato Kehl; contudo, se lermos o texto com atenção, percebe-se que o autor afirmava influência embora não confirmasse mudança do plasma:

“As principais causas nocivas são as doenças de evolução crônica e certos tóxicos euforísticos (álcool, tabaco, cocaína, etc) que determinam desordens blastofóricas (de hereditariedade induzida, portanto sem influência decisiva na organização ancestral das referidas células) as quais não obstante, devem ser com todo o interesse evitadas”³⁸⁰.

Renato Kehl foi claro ao explicar que nas condições relatadas em relação a doenças e vícios que degeneravam, o cuidado era higiênico porque dependendo do tratamento e de sua evolução, estes indivíduos poderiam ficar inibidos temporariamente de procriar se fosse constatado que o plasma germinal não havia sido afetado com o fim da influência tóxica (vícios) e / ou mórbida (doenças); a partir desta certeza, estes indivíduos poderiam procriar gerando descendentes sadios e fortes³⁸¹.

No caso de indivíduos portadores de taras hereditárias a procriação era terminantemente proibida. A investigação destas taras incluiria a análise dos antepassados e colaterais;

³⁸⁰ Idem, p.80.

³⁸¹ Idem, pp. 80-81.

em caso de cônjuges, investigavam-se ambos e na constatação de que havia uma tara, recomendava-se métodos para evitar a concepção privilegiando a esterilização do cônjuge que possui a tara. Renato Kehl teve o cuidado de definir a operação de esterilização seja do homem seja da mulher como uma operação banal que não influenciaria no prazer sexual do casal³⁸².

Em relação aos indivíduos sadios, a responsabilidade era muito grande. Renato Kehl sugeria uma escolha criteriosa do (a) cônjuge para que boas sementes não fossem lançadas em maus terrenos ou terrenos mal preparados. As recomendações eram não casar sem um exame médico prévio que pesquisaria constituição e tendências hereditárias; evitar casar-se com pessoas muito jovens ou acima de 40 anos (a idade ideal estava entre 20 e 35 anos); evitar casamento com indivíduos de classe inferior, raça diferente e mestiço por tratarem-se de casamentos disgênicos que geravam descendentes inferiores física, psíquica e moralmente; evitar casamentos com parentes até terceiro grau ou com pessoas que apresentam caracteres anormais; escolher o melhor momento para procriar evitando fazê-lo se a mãe passou por enfermidade debilitadora ou se há problemas econômicos; realizar casamentos da mesma classe social³⁸³.

Renato Kehl afirmava que quando os jovens escolhessem seus cônjuges de forma racional, gradativamente o mundo seria composto de melhores elementos e a humanidade estaria mais harmoniosa: “(...) Ainda não se generalizou a idéia de que cabe, a cada indivíduo, o dever de superar-se na descendência e que o mundo, em realidade, só pertence aos normais, isto é, aos bem-nascidos eugenicamente. Impõe-se a cada indivíduo colaborar para esse grande ideal”³⁸⁴.

Este artigo de Renato Kehl usa conceitos referentes à genética mendeliana (fenotípicas e genotípicas). A genética foi um assunto que recebeu destaque nas publicações do Boletim de Eugenia (vide gráfico apresentado na página 61) embora o periódico apresentasse o propósito de propagar a ciência eugênica. O eugenista afirmava que sanear não era eugenizar. Sanear era prover boas condições de saúde e eugenizar era

³⁸² Idem, p. 81.

³⁸³ Idem, pp. 81-82.

³⁸⁴ Idem, p. 82.

promover a melhoria de caracteres transmissíveis. Apesar da variedade de assuntos discutidos nos artigos publicados no Boletim de Eugenia, alguns temas foram recorrentes e mereceram grande destaque por parte de Renato Kehl: a definição e a diferenciação dos conceitos de eugenia e eugenismo, a preocupação com o crescimento da população de inaptos, o desejo de institucionalização como meio de fortalecimento dos intelectuais estudiosos da eugenia e a introdução da genética nos estudos eugênicos.